

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA GREGA

LUCIANO FERREIRA DE SOUZA

PLATÃO

Crátilo

Estudo e Tradução

Exemplar Revisado

São Paulo
2010

PLATÃO

Crátilo

Estudo e Tradução

Luciano Ferreira de Souza

Exemplar Revisado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves
Torrano

São Paulo
2010

“Para ser imortal, uma obra precisa ter tantas qualidades, que não é fácil encontrar alguém capaz de valorizar todas; entretanto, uma qualidade é reconhecida e valorizada por determinada pessoa, outra qualidade, por outra pessoa. Assim, no decorrer dos séculos, em meio a interesses que variam continuamente, obtém-se afinal a cotação da obra, a medida que ela é apreciada ora num sentido, ora em outro, sem nunca esgotar-se por completo.”

Schopenhauer, A Arte de Escrever

AGRADECIMENTOS

Ao professor José Antônio Alves Torrano, que desde o início apontou os caminhos, na maioria das vezes os mais difíceis.

À Camila Zanon, minha “amiga do grego”, mente compatível, que dispensou momentos preciosos de seu tempo para aguentar as lamúrias extremadas de quando pensava em desistir, e de excitação máxima, quando nove entre dez frases vinham acompanhadas da palavra *Crátilo*, que sempre acreditou no meu trabalho como tradutor, que me deixa as melhores lembranças do árduo caminho de aprendizado da língua grega, sempre disposta a encarar horas ininterruptas de estudo, que facilmente resume o que se entende por amizade.

Ao Jerry, amante de Platão, que durante todo o percurso prometeu que leria o diálogo para discuti-lo comigo... pois é, acabaram-se as desculpas.

À Lívia, linguista promissora, que contribuiu neste trabalho com seus comentários mais sutis, sem se dar conta que contribuía.

Aos professores Daniel Rossi Nunes Lopes e Adriano Machado Ribeiro, participantes da banca de qualificação, pelas críticas e sugestões.

Àqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta pesquisa, que já agradeço de alguma forma, mas mantereí o anonimato.

À CAPES, por viabilizar financeiramente a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo oferecer uma interpretação sobre o problema da chamada “correção dos nomes”, presente no diálogo *Crátilo* de Platão. Partindo da discussão entre Sócrates e seus interlocutores, Hermógenes e Crátilo, sobre a questão, que aparentemente está apenas num âmbito linguístico, veremos como se dá a transição para o plano ontológico e gnoseológico da questão dos nomes. Minha proposta de leitura, portanto, é mostrar como Platão faz surgir, a partir de cada uma das teses apresentadas, a sua própria teoria sobre a questão dos nomes. Por fim, apresento a tradução do diálogo como complemento do trabalho.

Palavras-chave: Platão – Filosofia – Linguagem – Ontologia – Tradução

ABSTRACT

The present work aims to offer an interpretation on the issue of so called “correction of names” present in Plato's *Cratylus*. From the discussion between Socrates and his interlocutors, Hermogenes and Cratylus, which is apparently a linguistic context, we will see how is the transition to the ontological and gnoseological level on the issue of names. My proposal of reading, therefore, is to show how Plato, from each of the arguments put forward, raises his own theory on the subject. Finally, I present a translation of the dialogue as a complement to the work.

Key-words: Plato – Philosophy – Language – Ontology – Translation

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	08
1. SOBRE A CORREÇÃO DOS NOMES, OU O ORÁCULO DE CRÁTILLO (383a – 391c)	09
1.1 <i>As duas teorias de nomeação</i>	12
1.2 <i>Primeiro argumento sobre verdade e falsidade nos nomes</i>	16
1.3 <i>O Relativismo de Protágoras</i>	18
1.4 <i>Nomes x Essência: um esboço da Teoria das Formas?</i>	20
2. SOBRE ETIMOLOGIAS, OU O ORÁCULO DE SÓCRATES (391d – 427c)	24
2.1 <i>Etimo[mito]logias (391d – 401a)</i>	27
- Zeus, Crono e Urano.....	32
- Onomatomançia, ou a inspiração de Êutifron.....	34
- Deuses, Numes, Homens e Heróis.....	35
- Alma e Corpo.....	39
2.2 <i>Etimo[teo]logias (401b – 407d)</i>	41
- Héstia.....	41
- Reia e Tétis.....	42
- Poseidon, Plutão e Hades.....	43
- Deméter e Hera.....	44
- Perséfone, Apolo e a onomatofobia popular grega.....	46
- Leto e Ártemis.....	49
- Dioniso e Afrodite.....	50
- Palas e Atena.....	51
- Hefesto e Ares.....	52
2.3 <i>Etimo[logo]logias, segundo argumento sobre verdade e falsidade nos nomes (407e – 408d)</i>	53
2.4 <i>Etimo[cosmo]logias (408e – 410e)</i>	56
2.5 <i>Noções morais (411a – 421e)</i>	58
- As aporias da justiça.....	58
- Outras etimologias.....	59
- A virtude, o vício, o movimento e a alma.....	60
- O nome, a verdade, a falsidade e o ser.....	64
2.6 <i>Etimo[tipo]logias, ou os nomes primitivos (422a – 427c)</i>	65
3. SOBRE O CONHECIMENTO DOS NOMES, OU O SONHO DE SÓCRATES (427d – 440e)	69
3.1 <i>Terceiro argumento sobre verdade e falsidade nos nomes</i>	72
3.2 <i>Onomatomimese</i>	74
3.3 <i>O Sonho de Sócrates</i>	77
4. CONCLUSÃO	81
<i>Platão – Crátilo: Tradução</i>	83
<i>Bibliografia</i>	193

INTRODUÇÃO

O presente trabalho sobre o *Crátilo* possui dois objetivos claros. Por um lado, ele oferece a tradução integral do diálogo; de outro, ele propõe a sua interpretação que, em linhas gerais, pretende discutir como os temas que nele são tratados articulam-se em função de uma estrutura que permite uma compreensão total do diálogo. Evidentemente, falamos em “uma interpretação”, pois sabemos que a bibliografia dedicada ao diálogo, além de extensa, mostra-se extremamente variada, e não pretendemos com esse estudo apresentar um comentário que seja definitivo, objetivo que seria inalcançável a qualquer comentador ou tradutor de qualquer texto, seja ele antigo ou moderno, mas uma “outra interpretação”, que somada àquelas existentes, possa contribuir de algum modo para os estudos platônicos.

Tendo em vista que o *Crátilo* pode ser comodamente dividido em três partes, este estudo também será assim dividido. No primeiro capítulo, intitulado “*Sobre a correção dos nomes, ou o oráculo de Crátilo*”, o objetivo é mostrar como as duas teses acerca da correção dos nomes são apresentadas, definidas e defendidas por cada um dos interlocutores de Sócrates, e qual a sua reação face a elas, ao indicar, após passá-las pelo crivo do exame dialético, seus pontos positivos e seus pontos falhos.

O segundo capítulo, “*Etimologias, ou o oráculo de Sócrates*”, fará a investigação do excuro central do diálogo, analisando-o a serviço da compreensão de suas duas outras partes. Não faremos o exame detalhado de cada etimologia proposta, pois, a meu ver, privilegiar o comentário, ao invés da investigação linguística, mostrar-se-á mais profícuo aos objetivos pretendidos. Para tanto, cotejar essa parte central com outras obras literárias se fará necessário, observando como a prática etimológica também se dá em outros autores e, partindo da comparação, extrair dela o conteúdo filosófico que acreditamos existir, sem ater-se ao âmbito puramente linguístico.

A proposta do terceiro capítulo, “*Sobre o conhecimento dos nomes, ou o sonho de Sócrates*”, é investigar como a partir de um contexto aparentemente linguístico, Sócrates argumentará a favor de uma teoria com consequências ontológicas e gnoseológicas. A conclusão do trabalho se dará na tentativa de ligar as três partes acima descritas, focando a unidade do diálogo enquanto instrumento de reflexão filosófica, numa perspectiva de integrá-lo como peça fundamental ao *corpus platonikum*.

I

Sobre a correção dos nomes, ou o oráculo de Crátilo

(383a - 391c)

Comparando o início do *Crátilo*¹ a outros diálogos platônicos, deve-se primeiramente observar o seu começo um tanto inconventional. Em nosso diálogo, o encontro entre as personagens se dá por afinidade temática, pois sabemos, a partir de sua primeira frase, que a discussão, τὸν λόγον, já se iniciara antes que Sócrates tomasse parte nela, indício que nos é dado pelo uso da partícula “οὖν”, frequentemente traduzida por “então”, cuja função é retomar algo que se dissera anteriormente, de modo a concluí-lo. Embora não tenhamos acesso conteúdo da conversa – nem a forma como se realizava, nem os seus detalhes – é Hermógenes, com a anuência de Crátilo, o responsável por compartilhá-la conosco, ἀνακοινωσώμεθα, aos leitores do diálogo e a Sócrates, permitindo-nos conhecer o conteúdo desse λόγος que trata da “correção dos nomes”.

Antes de entrarmos definitivamente no objeto do diálogo, convém conhecer quem são seus personagens. O que sabemos a respeito do Crátilo “histórico” nos foi transmitido pela *Metafísica* de Aristóteles. Em seu texto², o Estagirita relata que Platão, em sua juventude, teria se tornado primeiramente familiar a Crátilo e às opiniões de Heráclito, συνήθης γενόμενος πρώτον Κρατύλῳ καὶ ταῖς Ἡρακλειτεῖσι δόξαις, opiniões que atestavam que todas as coisas sensíveis estariam sempre em fluxo, πάντων τῶν αἰσθητῶν ἀεὶ ῥεόντων, e que não existiria o conhecimento a respeito delas, καὶ ἐπιστήμης περὶ αὐτῶν οὐκ οὔσης. Em outra passagem³, Crátilo teria levado ainda às últimas consequências a ideia do fluxo perpétuo contida na máxima heraclitiana de “ser impossível entrar duas vezes em um mesmo rio”, “δις τῷ αὐτῷ ποταμῷ οὐκ ἔστιν ἐμβῆναι”, pois ele acreditava que “nem mesmo uma vez”, “αὐτὸς γὰρ ᾤετο οὐδ' ἅπαξ”, “se poderia nele entrar”.

A crença na mobilidade das coisas sensíveis, tal como cria Heráclito, acarreta, veremos, a impossibilidade de um discurso verdadeiro, ou seja, nada poderia ser verdadeiramente afirmado, ou conhecido. Curiosamente, Crátilo, partidário radical de suas

1 Parte das traduções apresentadas são minhas, salvo quando indicado em nota.

2 Aristóteles *Metafísica*, A.6, 987a31.

3 Aristóteles *Metafísica*, A.5, 1010 a7.

teorias, teria abandonado o uso das palavras e, dado o testemunho de Aristóteles, limitado-se “somente a apontar o dedo”, τὸν δάκτυλον ἐκίνει μόνον, quando quisesse referir-se às coisas por elas nomeadas. É interessante notar que tal afirmação a seu respeito ganha uma certa notoriedade em nosso texto, por uma indicação que nos é dada por seu autor. Na maior parte das vezes em que Crátilo participa da discussão, Platão faz uso de um pronome demonstrativo junto ao seu nome, como que indicando, ou apontando para ele no momento da fala, afim de deixar claro que Crátilo está presente, Κρατύλος ὄδε. Nestes casos, o uso de tal demonstrativo seria gramaticalmente dispensável, uma vez que sabemos que os debatedores se conheciam, e a forma para referir-se ao outro não necessitaria de tal construção, sutileza que entendemos como uma forma de ironia platônica-socrática para caracterizar o personagem que dá nome ao diálogo. Além disso, outro traço marcante de sua “personalidade”, consequência desse abandono do uso das palavras, é a sua permanência em silêncio durante quase todo o diálogo, elemento importante para a sua composição dramática, que também será, em momento oportuno, alvo da ironia socrática. Quanto à sua defesa das opiniões de Heráclito, basta-nos, por ora, citar sua última frase no diálogo, onde ele, após a conclusão do debate, atesta explicitamente sua simpatia por tais, confirmando o que Aristóteles escrevera a seu respeito: “mas eu, [Crátilo] tendo investigado as coisas, mais elas me parecem ser da maneira que Heráclito diz”, “ἀλλά μοι σκοπούμενῳ καὶ πράγματα ἔχοντι πολὺ μᾶλλον ἐκείνῳ φαίνεται ἔχειν ὡς Ἡράκλειτος λέγει”.

Embora esteja presente como debatedor com Sócrates, Hermógenes já figurara em outros textos⁴. No *Fédon* 59b⁵, ele aparece como um dos acompanhantes de Sócrates nos últimos momentos que antecederam a sua execução. Xenofonte, em seu *Simpósio* I 3 ss.⁶, também o cita com seguidor de Sócrates. Hermógenes, entretanto, não se assemelha aos interlocutores dos primeiros diálogos. Sua aparente ingenuidade em relação à defesa de sua tese, transforma-o num personagem de extrema relevância no *Crátilo*, já que devemos ressaltar que em sua segunda parte, a ordem das etimologias examinada é proposta por ele e

4 Uma descrição mais precisa de Hermógenes e sua ligação com Sócrates pode ser encontrada em Delibes, F. S. “Hermogenes Socraticus”, *Faventia* 21, 1999, p. 57-64.

5 “οὗτός τε δὴ ὁ Ἀπολλόδορος τῶν ἐπιχωρίων παρῆν καὶ Κριτόβουλος καὶ ὁ πατὴρ αὐτοῦ καὶ ἔτι Ἑρμογένης”
 “Além de Apolodoro, de sua terra, estavam presentes Critóbulo e seu pai, e ainda Hermógenes”

6 “Ἰδὼν δὲ ὁμοῦ ὄντας Σωκράτην τε καὶ Κριτόβουλον καὶ Ἑρμογένην”
 “Sabendo que estavam na companhia de Sócrates, Critóbulo e Hermógenes”

seguida por Sócrates sem contestação.

Mas do que trata nosso diálogo? Como indicado em seu subtítulo, a investigação se dá acerca da “correção dos nomes”, *περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος*. Devemos, de antemão, entender qual significado é atribuído por Platão a esses dois termos: “correção” e “nome”. Quanto ao primeiro, “ὀρθότητος”, não devemos pensá-lo no sentido de que algo estaria errado e devesse ser apresentado de maneira correta ou corrigida, mas sim em seu sentido de retidão, de caráter probo, verdadeiro. O que se investiga no diálogo é essa “correção dos nomes”, essa verdade dos nomes cuja unicidade temática – a descoberta de sua verdade – se manifesta na multiplicidade oriunda dessa mesma unicidade, ou seja, a infinitude dos nomes existentes, o que nos leva a entender esses dois termos como análogos, ou seja, todas as vezes em que o termo “correção” é empregado por Sócrates, devemos entender que ele fala da “verdade” dos nomes, concepção diferente daquela apresentada por seus interlocutores.

Estabelecida assim a sinonímia entre correção e verdade, segundo termo que serve de subtítulo da obra, falta-nos ainda explicar como Platão compreendia o seu primeiro membro, “ὀνομάτων”, dos nomes. O que era, afinal, para o autor do *Crátilo*, aquilo cujo peso da tradição consagrou traduzir por “nomes”?

A resposta é aparentemente simples. Não há um termo grego correspondente àquilo que em português entendemos pelo termo genérico “palavra”. O grego “ὄνομα” agrupa desde nomes próprios, substantivos, adjetivos e até mesmo verbos, e Platão fará uso indistinto dele ao referir-se tanto a uns quanto a outros, chamando-os todos por “ὄνομα”⁷. Assim, ao estabelecermos a mesma relação de sentido entre os vocábulos “correção” e “verdade”, e termos em mente que quando o filósofo refere-se a “nomes”, ele refere-se ao que compreendemos por “palavra”, podemos afirmar que o objetivo do diálogo, em seu sentido mais amplo, é saber o que vem a ser a “verdade dos nomes”, independente daquilo que entendemos hoje por uma categoria gramatical específica atribuída a qualquer termo.

7 A distinção entre nomes e verbos, no sentido de predicação, será exposta e resolvida posteriormente no diálogo *Sofista 262a*.

1.1 As duas teorias de nomeação

Duas teses aparentemente contrárias são apresentadas no início do diálogo: a primeira, defendida por Crátilo, sustenta a existência de uma correção “φύσει πεφυκυῖαν”, que traduzo por “nascida por natureza” (383a). A expressão, formada a partir de dois termos cuja origem comum é o verbo grego “φύω”, que em seu sentido primeiro significa “brotar”, “fazer crescer”, apesar de sua redundância verificada também quando traduzida para o português, literalmente “natural por natureza”, torna-se para Crátilo reveladora do caráter essencial de sua tese. Para ele, a relação entre o nome e a coisa nomeada se manifesta por algo intrínseco ao ser, que faz parte dele, e somente por ele, pelo nome, pode ser revelado; tal correção se dá quer entre os gregos, quer entre os bárbaros, καὶ Ἕλλησι καὶ βαρβάροις, termo que nada tem de pejorativo em Platão, pois indica os não falantes da língua grega, tanto do ático como dos outros dialetos. A tese naturalista de Crátilo é, podemos dizer, universal, já que é atribuída à relação nome/coisa⁸ em qualquer que seja a língua pela qual se manifeste.

Por outro lado, a tese reivindicada por Hermógenes diz que a correção dos nomes não se faz de outra maneira senão por “convenção” e “acordo”, “συνθήκη καὶ ὁμολογία”(384d). Basicamente, esta teoria nos diz que existe a possibilidade de se atribuir qualquer nome a qualquer coisa, exemplificada pelos nomes dados aos escravos, cuja mudança para outro poderia ser feita sem que houvesse qualquer prejuízo nem para a coisa nomeada, nem para aquele que nomeia. Assim como a tese defendida por Crátilo, a relação nome/coisa, segundo Hermógenes, também tem pretensões de ser universal, embora ela tenha o homem como limitação.

Talvez por isso a tese de Crátilo seja formada a partir da negação de um dos princípios da tese de Hermógenes, ou seja, aquilo que alguns determinam nomear qualquer objeto, por “convenção”, “συνθέμενοι”, não é um nome, οὐ τοῦτο εἶναι ὄνομα. O nome dado a Sócrates e o seu próprio nome seriam corretos, pois revelariam a natureza de seus possuidores, uma semelhança intrínseca entre o nome e a coisa nomeada, verificada na raiz dos nomes que lhes foram atribuídos: “κρατ”, do grego “κράτος” – poder, autoridade; no entanto, que poder ou autoridade seriam esses comuns a Sócrates e Crátilo, ocultos no significado de seus nomes, de

8 A relação “nome/coisa” deve ser entendida como a denominação de tudo aquilo que existe ou possa existir, e não somente da “coisa” como um objeto, ou seja, o uso do termo em nosso estudo se estende à domínios diversos, além daqueles limitados materialmente.

acordo com teoria de nomeação cratiana, é mera conjectura; por outro lado, Crátilo afirma que o nome dado a Hermógenes não é “Hermógenes” e, por isso, não é um nome correto por natureza. No entanto, nenhuma explicação para tal afirmação lhe é dada, mas apenas um tratamento irônico, εἰρωνεύεταιί, de sua parte, que em seu silêncio, não esclarece o significado desta obscura assertiva. A entrada de Sócrates no diálogo, atendendo ao pedido de Hermógenes, é justamente para resolver essa aporia inicial, ou seja, decifrar “o oráculo de Crátilo”, “τὴν Κρατύλου μαντείαν” (384a), à qual Sócrates propõe uma investigação em conjunto, εἰς τὸ κοινὸν (384c), afim de que se verifique qual dos dois tem razão, Hermógenes ou Crátilo.

Entretanto, o estudo do nomes pela via socrática está além de decidir entre uma ou outra tese. A posição socrático-platônica em relação a forma como se dará o exame já está clara em sua primeira fala no diálogo. Fazendo uso de um provérbio que diz que “é difícil aprender como são as coisas belas”, “χαλεπὰ τὰ καλά ἐστὶν ὅπῃ ἔχει μαθεῖν”, ele menciona Pródico de Céos⁹, que ensinaria algo sobre a correção dos nomes ao preço de cinquenta dracmas. Não dispondo do valor – e talvez de interesse – para tal exibição, Sócrates propõe investigar o que ele teria aprendido com a exibição de uma dracma, a *verdade* acerca da correção dos nomes, τὴν ἀλήθειαν περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος (384b), desfazendo assim o caráter antilógico das teorias apresentadas e abrindo via para a formulação de uma nova visão sobre o estudo dos nomes que, como acima mencionado, foi estabelecida a partir da correlação entre correção e verdade, ambas significando a mesma coisa.

Quanto à afirmação de Crátilo de que o nome dado a Hermógenes não seria o nome de Hermógenes, Sócrates, por ora, a explica como sendo mera zombaria. O nome “Hermógenes” indicaria uma descendência divina, cuja origem seria o deus Hermes, divindade mitologicamente conhecida por sua relação com o ganho e a riqueza. Hermógenes, em contrapartida ao seu rico irmão Cális, também citado no diálogo, não teria sido o herdeiro dos bens paternos, de onde surgiria, segundo a tese de Crátilo, a impossibilidade de denominar-lhe de tal maneira, pois se não existe essa ligação natural entre ele e a divindade,

9 Conhecemos Pródico de Céos do diálogo *Protágoras*, onde ele é apresentado como um especialista na arte dos sinônimos. Creio que a sua presença no *Crátilo* não seja gratuita, uma vez que a atividade etimológica que Platão desenvolverá adiante poderia muito bem ser confundida com a atividade sinônímica do primeiro. O fato de Sócrates não ter presenciado a sua exibição de cinquenta dracmas mantém um afastamento entre os dois modos de tratar os nomes, um afastamento entre a logomania do primeiro e as analogias propostas pelo outro.

não existiria também um vínculo entre ele e seu nome¹⁰. A resposta de Sócrates é visivelmente irônica. Na verdade, creio que ela não é dirigida a Hermógenes, mas sim a Crátilo, pois, de uma forma velada, ela apresenta a primeira etimologia do diálogo, aparentemente com o objetivo de amenizar a angústia causada em Hermógenes. No entanto, creio que o objetivo real de Platão aqui é silenciar momentaneamente os dois debatedores de Sócrates, para que se inicie o exame dialético da questão. Primeiramente a Crátilo, a quem Sócrates dá a pista de que desenvolverá uma investigação dos nomes cuja “naturalidade” estará presente, ou seja, se fará de acordo com os princípios de sua teoria de nomeação, o que lhe permite portar-se apenas como ouvinte. Em seguida a Hermógenes, que deverá assumir o papel de debatedor, mas que não deverá, por enquanto, questionar a respeito da formação dos nomes.

Apesar da proposta de Sócrates de investigar a verdade acerca dos nomes como uma terceira opção à questão, é necessário expor qual o significado de cada uma das duas teses apresentadas por seus debatedores. Em teoria, elas aparecem como sendo contrárias; na prática, elas apresentam elementos que as tornam estruturalmente semelhantes: ambas tratam da relação nome/coisa e o seu modo de atribuição (natural ou convencional); ambas se exemplificam através de nomes próprios (os nomes dados aos personagens do diálogo e os nomes dados aos escravos), e ambas levam em consideração aquele que nomeia (gregos ou bárbaros, Sócrates, Crátilo ou Hermógenes). O que as diferem, entretanto, são as suas bases: uma está centrada no conceito de *phýsis*, natureza; a outra, no conceito de *nómos*, costume.

Estes dois termos já se faziam presentes no pensamento grego antigo anterior a Platão. O termo *phýsis*, comumente traduzido por “natureza”, encontra suas primeiras definições desde Homero e também entre os filósofos pré-socráticos. Deve-se, entretanto, compreender que não existem paralelos entre o que hoje se entende por *natureza* e o que o conceito representava na época. *Phýsis*¹¹ indica aquilo que por si brota e por si cresce, surgindo como princípio de tudo, permitindo a compreensão dos seres em diversos aspectos, tanto divinos quanto humanos. Assim, as relações humanas (nas cidades, com os deuses e com o cosmo) era explicada com base nesse preceito original, de onde as coisas surgem.

Quanto ao termo *nómos*, um dos primeiros sentidos que lhe é atribuído é o de “uso”,

10 Além dessa relação com os bens materiais, o nome “Hermes”, por extensão de sentido, significa aquilo que é difícil de interpretar, obscuro ou ininteligível, de onde poderíamos deduzir que o comportamento “oracular” de Crátilo em relação ao nome “Hermógenes” talvez seja oriundo dessa dificuldade de compreensão.

11 O termo também possui a mesma raiz do verbo φύω, citado anteriormente.

“costume”, e posteriormente a “lei escrita”. A oposição entre os dois termos é clara: o *nómos* tem algo de convencional, de arbitrário, e sua arbitrariedade equivale a uma artificialidade, que não se mantém da mesma forma, ligada sobretudo ao homem; a *phýsis*, por sua vez, se revela como algo imutável, que independe da influência humana, agindo de maneira autônoma. Esses termos, enfim, são os pilares que sustentam tanto a teoria de nomeação de Hermógenes quanto a de Crátilo.

Retornando ao texto, Hermógenes reformulará a sua tese e negará a existência de uma correção natural do nome, afirmando que tal procedimento só é possível “por costume e por uso dos que o empregam e estabelecem o uso do nome”, “ἀλλὰ νόμῳ καὶ ἔθει τῶν ἐθισάντων τε καὶ καλούντων” (384d). Sua posição pode ser assim entendida: um falante qualquer, ao identificar um objeto, pode selecionar um termo em seu vocabulário e atribuir-lhe como nome. Assim, ele poderia atribuir um nome a um objeto e logo em seguida mudá-lo para outro, e do mesmo modo Sócrates ou qualquer outro homem. Embora sua afirmação seja categórica, Hermógenes não parece estar muito confiante nela, pois se mostra disposto a aprender e a ouvir, quer com Crátilo, quer com qualquer outro, ἔτοιμος ἔγωγε καὶ μανθάνειν καὶ ἀκούειν οὐ μόνον παρὰ Κρατύλου, ἀλλὰ καὶ παρ' ἄλλου ὅτουοῦν, caso exista um outro modo de correção.

A argumentação conduzida por Sócrates tomará outro viés. Para refutar a tese de Hermógenes, ele precisa também estabelecer algumas bases para a sua exposição: primeiramente, deve-se definir o que é um nome, que para seu interlocutor é “aquilo por que uma coisa é chamada”, ὃ ἂν φῆς καλῆ τις ἕκαστον, τοῦθ' ἐκάστῳ ὄνομα (385a). Em seguida, ele quer saber de Hermógenes se existe algum tipo de variação entre a forma como nomeiam um indivíduo particular, ἰδιώτης, ou uma cidade, πόλις; a tese de Hermógenes se mostra inconsistente quando ele admite como premissa de sua defesa que qualquer indivíduo – independente da comunidade a qual ele pertence – pode modificar a seu bel-prazer o nome atribuído a determinado objeto, ou seja, a teoria convencionalista de correção dos nomes foge do padrão aceitável pela convencionalidade socrática dos nomes, de que deve haver uma convenção pública. Sócrates refutará tal raciocínio admitindo um relativismo na atribuição dos nomes, variável de indivíduo a indivíduo e de cidade para cidade, exemplificando-o com a maneira de nomear um cavalo ou um homem. Tal argumento poderá – e será – assimilado à tese do homem-medida de Protágoras. Entretanto, antes de contestá-lo, um outro argumento é intercalado: a possibilidade do discurso verdadeiro ou falso.

1.2 Primeiro argumento sobre a verdade e a falsidade nos nomes

O tema do discurso falso e do discurso verdadeiro aparece em três partes distintas do *Crátilo*. Além da tratada agora, ele será apresentado na discussão sobre as etimologias dos deuses “Hermes” e “Pan” e na argumentação final entre Sócrates e Crátilo. Apesar de tratá-las separadamente, para manter a sequência da leitura, veremos, em nossa última exposição, como elas se completam. Em resumo, elas podem ser entendidas assim: de 385b a 385c, Sócrates definirá como se dá o reconhecimento do discurso falso e do discurso verdadeiro; após defini-lo, ele recorrerá ao mito para exemplificá-lo e contextualizá-lo; na última discussão, uma aparente aporia se revelará, e tentaremos mostrar como as consequências que surgem dela serão importantes para a compreensão do diálogo.

O trecho onde o tema é exposto não trata somente do discurso tomado como um todo, ὅλος, mas também de suas partes, τὰ μέρη¹². O argumento de Sócrates baseia na possibilidade de se dizer algo verdadeiramente ou falsamente, τι ἀληθῆ λέγειν καὶ ψευδῆ, ou seja, na existência de um discurso verdadeiro, λόγος ἀληθῆς, e outro falso, λόγος ψευδῆς. Logo, o discurso que diz como são os seres, ὡς ἔστιν τὰ ὄντα, seria verdadeiro, e o seu contrário, que diz como eles não são, ὡς οὐκ ἔστιν, falso. O discurso, neste caso, abriria duas possibilidades: a primeira, dizer aquilo que é, a outra, aquilo que não é. O discurso, tomado como um todo, segundo Sócrates, permite que isso ocorra. No entanto, ele vai além ao afirmar que também o nome, por ser a menor parte do discurso, λόγου μικρότερον μέρος, também pode ser verdadeiro ou falso. Como uma parte do discurso, verdadeiro ou falso, os nomes também são enunciados, λέγεται, ou de modo verdadeiro, ou de modo falso, e passam a ser o nome da coisa nomeada uma vez atribuídos. Até aqui, Hermógenes concorda com toda a linha de raciocínio apresentada; entretanto, ela gera algumas dificuldades.

A primeira delas se refere ao nome que diz a coisa como ela é ou como ela não é. “Dizer” como é o nome é descrever o ser nomeado-o de forma verdadeira; o contrário, dizer como ele não é, é descrevê-lo de forma falsa. O nome traria consigo então a descrição do ser. Dessa descrição resulta uma dificuldade ontológica: fazer com que Hermógenes aceite, como ele de fato aceita, que é possível descrever um ser através de seu nome, quer ele seja verdadeiro ou falso. Se voltarmos ao início do argumento, onde Sócrates havia perguntado

12 A questão da divisão entre o “todo” e a “parte” é discutida em detalhes no *Teeteto*, 204a e ss.

sobre a possibilidade de *dizer* de maneira verdadeira ou falsa, constataremos que Hermógenes está, na realidade, concordando com a possibilidade de dizer o não-ser, aquilo que não é. Mas não sabemos que a atribuição do ser ao não-ser – a possibilidade de dizer aquilo que não é – é resolvida por Platão somente no diálogo *Sofista*, na célebre cena do parricídio?

Goldschmidt¹³ resolve assim a questão: “o nome, tomado isoladamente, não é nem verdadeiro, nem falso. É somente enunciado no conjunto do discurso, que ele participa da verdade e do erro”. O argumento do autor explica que somente o discurso, visto como um todo, pode ser verdadeiro ou falso¹⁴. Mas por que Platão incluiria aqui essa discussão? Creio que, de certa forma, essa passagem explica muito o processo que Sócrates desenvolverá no tratamento das etimologias, justificando-o. Os nomes lá analisados são descrições dos seres, ou seja, eles indicam o mundo extralinguístico por meio do signo linguístico. Ao descrevermos Crátilo no início do diálogo, chamamos a atenção ao uso que Platão faz do pronome demonstrativo que acompanha o seu nome. Lá o processo era o mesmo, ou seja, para indicar algo exterior ao mundo linguístico – antes de iniciar-se a discussão sobre os nomes – Hermógenes, para referir-se a ele, à coisa nomeada, faz uso do pronome para indicar o ser junto ao nome, que é o meio linguístico para indicar algo que lhe é exterior. Os nomes, na seção etimológica, são tomados isoladamente, (eles não fazem parte do λόγος inicial discutido entre Crátilo e Hermógenes, questão que é introduzida por Sócrates)¹⁵ e, embora alguns deles possam parecer falsos, eles na verdade não o são, pois apenas podem descrever de um modo falso o ser ao qual faz referência. O autor supracitado, no entanto, não leva em consideração essa característica dos nomes, de descrever os seres, o que achamos ser primordial para o entendimento do diálogo. A recorrência ao mito, para explicar a afirmação oracular inicial de Crátilo, de que “Hermógenes” não seria o nome dado a Hermógenes, por exemplo, tornar-se-á mais clara quando tratarmos das etimologias de Hermes e Pan, pois através da descrição proposta para os nomes desses deuses, poderemos constatar que o nome atribuído a Hermógenes pode realmente descrevê-lo de uma maneira falsa.

13 GOLDSCHMIDT, Victor. *Essai sur le Cratyle*: Contribution à l'histoire de la pensée de Platon. Vrin, Paris, 1940, p.52.

14 Essa é a posição de Platão no *Sofista*.

15 Apesar de ignorarmos o conteúdo prévio discutido entre Crátilo e Hermógenes, creio que podemos afirmar que não se tratava do exame etimológico dos nomes, pois poderemos verificar a surpresa que algumas análises causarão em Hermógenes, quando o processo for feito adiante por Platão .

Constatamos, então, que há uma espécie de justificativa à teoria de Crátilo neste argumento, relativa à sua afirmação de que “Hermógenes” não seria o nome de Hermógenes. Uma vez que há a possibilidade de atribuir um nome a algo de maneira falsa, Crátilo tem razão ao afirmar, pelo que vimos, que o nome de Hermógenes não seria correto. Entretanto, essa é, como veremos, uma justificativa socrática, pois para Crátilo é impossível existir um nome que seja atribuído de maneira falsa. Como este está confinado ao silêncio, é necessário que ele aguarde a sua vez de falar, para expor aquilo que ele pensa a respeito de tal raciocínio. Contudo, podemos entrever, a partir daqui, que a defesa socrática da correção natural do nome ganhará ares platônicos, e não se mostrará tão condizente com a formulação inicial de Crátilo.

1.3 O relativismo de Protágoras

Admitida a possibilidade do falso e do verdadeiro nos nomes, Hermógenes reforçará a sua tese partindo do princípio que havia sido anteriormente negado por ele, de que haveria uma convenção pública (385d-e):

Ερμολόγης: οὐ γὰρ ἔχω ἔγωγε, ὦ Σώκρατες, ὀνόματος ἄλλην ὀρθότητα ἢ ταύτην, ἐμοὶ μὲν ἕτερον εἶναι καλεῖν ἑκάστῳ ὄνομα, ὃ ἐγὼ ἐθέμην, σοὶ δὲ ἕτερον, ὃ αὖ σὺ. οὕτω δὲ καὶ [385e] ταῖς πόλεσιν ὀρῶ ἰδίᾳ [ἑκάσταις] ἐνίοις ἐπὶ τοῖς αὐτοῖς κείμενα ὀνόματα, καὶ Ἑλλησι παρὰ τοὺς ἄλλους Ἑλληνας, καὶ Ἑλλησι παρὰ βαρβάρους.

Hermógenes: Eu ao menos, Sócrates, não conheço outra correção do nome que esta: cada coisa pode ser chamada por mim pelo nome que eu atribuí, e por ti por um outro, que tu atribuíste. Desse modo, [e] também vejo, às vezes, cada uma das *idades*¹⁶ atribuindo nomes distintos às mesmas coisas, tanto os gregos diferentemente de outros gregos, quanto estes dos bárbaros.”

Sócrates estabelecera uma atribuição do nome que deveria ser feita tanto por um particular quanto por uma cidade. Seu interlocutor retoma esta premissa, alegando que a arbitrariedade do nome pode estar tanto nele quanto em Sócrates, na maneira como cada um nomeia, e também dentre os gregos, que o fazem diferentemente de outros gregos e estes dos

16 Grifo meu.

bárbaros. Hermógenes, para justificar a sua tese – e podemos ver aqui outra sutileza platônica para fazer com que Sócrates continue a refutá-lo – a conduz para fora dos muros de Atenas, talvez por saber que seria impossível a Sócrates saber como seria a forma de nomear entre os bárbaros, já que ele jamais havia deixado a cidade. A tentativa de exteriorizar os preceitos de sua tese será contestada por Sócrates pela via contrária, ou seja, pela interiorização conceitual que ele promoverá, o que dará início a refutação da tese de Protágoras.

A tese protagoriana que diz que o homem é “a medida de todas as coisas”, “πάντων χρημάτων μέτρον” εἶναι ἄνθρωπον, é colocada no *Crátilo* de maneira um pouco diferente, não tão completa, como quando é colocada no *Teeteto* (166d). Os seres, se são possuidores de uma essência particular, denunciaria um certo relativismo variável de indivíduo a indivíduo, e tal como cada um visse a verdade de uma coisa, tal essa verdade apareceria para ele. Hermógenes afirma encontrar-se em aporia, ἀπορῶν, em relação aos dizeres de Protágoras, e Sócrates o fará ver porque. No *Crátilo*, a tese protagoriana será explicada a partir da divisão entre homens nobres e vis, sensatos e insensatos, e tal como as coisas lhes pareçam ser, tal elas pareceriam (386b). Ora, se a verdade é para cada indivíduo aquilo que ele pensa que ela é, como realmente saber o que é a verdade, se os seres não se assemelham a si mesmos, sendo uns sensatos e nobres, e outros insensatos e maus?¹⁷. De que forma a verdade proferida por um insensato é tão verdadeira quanto àquela proferida pelo sensato? Como um nome, proferido por quem quer que seja, revelará a verdade da coisa nomeada, se essa muda de homem para homem, todos eles afirmando aquilo que lhes parece ser a verdade? Diante dessa impossibilidade, é necessário afastar-se dos dizeres de Protágoras para a continuidade da investigação.

Mas Protágoras não será o único a ser refutado. A posição sustentada por Eutidemo¹⁸, a saber, que as coisas são semelhantemente e sempre para todos, também será recusada por Hermógenes. Platão não entra em detalhes sobre os dizeres de Eutidemo, nem sobre a sua formulação, nem quanto à sua refutação, mas a utilizará sobretudo para concluir que as coisas possuem uma essência estável, οὐσίαν ἔχοντά τινα βέβαιόν ἐστι τὰ πράγματα (386e), que

17 Em *Protágoras* (290), a fórmula apresenta uma pequena variação: “todas as suas crenças são verdadeiras para você e todas as minhas crenças são verdadeiras para mim, não importando se eu nomeio um objeto com um nome e outra pessoa com outro nome”. Não existe, pela tese protagoriana, alguém que seja mais sábio do que outro, assim como não há, em nossa passagem, alguém que seja mais sensato que outro.

18 *Eutidemo*, 293cd e 297e e ss.

independe da imaginação, φαντάσματι, dos homens, por possuírem, dando crédito a Crátilo, uma essência que é por natureza, οὐσίαν ἔχοντα ἥπερ πέφυκεν.

1.4 Nomes x Essência: um esboço da Teoria das Formas?

Para justificar que, longe da opinião dos homens, as coisas possuiriam uma essência estável, que seria por natureza, Sócrates leva o conceito de estabilidade ao campo das ações, πράξεις, ou seja, dentre as mais diversas atividades desenvolvidas pelo homem, a sua realização, πράττονται, há de ser segundo a natureza, κατὰ τὴν φύσιν (387a). Os exemplos dados são as ações de cortar e queimar. Existiria um modo correto e natural para cortar ou queimar cada coisa, e cada coisa deveria ser cortada ou queimada a partir desse modo natural, conferindo-lhes um modo eficiente de realização. Por outro lado, se cortada ou queimada contra a natureza, παρὰ φύσιν, não desempenharia bem o papel proposto, ou seja, a plena realização de sua função.

Assim como o cortar e o queimar são ações que devem ser realizadas de um modo natural, também há de existir um instrumento que lhe é concebido naturalmente, com o qual se realizará a ação. O falar, enquanto ação, também deverá ser realizado de um modo natural, e com um instrumento que lhe é natural. Assim, a analogia é feita tomando o falar como ação e, do mesmo modo que para outras atividades, como o tecer ou o furar, existe um instrumento com o qual a ação se faz bem – para tecer, existe uma lançadeira que separa e distingue os fios da trama; para furar, existe um furador – deve existir também para o falar, um instrumento pelo qual a ação é realizada. Esse instrumento é o nome, τὸ ὄνομα, que enquanto instrumento, ὄργανον, também possuiria uma função. Mas qual seria a função do nome enquanto instrumento? Segundo Sócrates, sua função é distinguir a essência e ensinar uns aos outros, ὄνομα ἄρα διδασκαλικόν τί ἐστὶν ὄργανον καὶ διακριτικὸν τῆς οὐσίας (388c), de maneira semelhante à lançadeira, que separa os fios da trama, ὥσπερ κερκὶς ὑφάσματος, transformando-o em um instrumento mediador a verdade, através do qual é possível discernir as coisas que são.

Qualquer instrumento deverá possuir alguém que faça uso dele; assim como o tecelão deverá utilizar bem a lançadeira, o nome também deverá ser bem utilizado por alguém. O ponto colocado agora por Platão é o tema da tecnicidade, ou seja, a maneira de utilizar um

instrumento qualquer deve ser feita por alguém capacitado para a tarefa, ou seja, por alguém que possui a arte, ὁ τὴν τέχνην ἔχων, para bem utilizá-lo. A lançadeira deverá ser utilizada por um tecelão que, por sua vez, depende do trabalho do carpinteiro, construtor do objeto e possuidor da arte, ou técnica; o usuário do furador dependerá do trabalho do forjador, aquele que fará, com arte, o objeto utilizado; da mesma forma, o instrutor, ὁ διδασκαλικὸς, fará bom uso do nome, que deve ter sido criado por aquele que possui a arte para tal fim. Mas quem é aquele que pode ser considerado como o artesão dos nomes e, uma vez tendo-os feito, os atribuiu às coisas?

Diante da ignorância de Hermógenes em reconhecer quem seria tal artífice, ou demiurgo dos nomes, Sócrates o indaga se não seria “ὁ νόμος” (388e) que nos lhes transmitiria, e a resposta de seu interlocutor vem sob a forma de um “é provável”, ἔοικεν. Não deveríamos esperar aqui uma resposta tão vacilante, uma vez que sabemos que “νόμος” é o pilar da tese convencionalista por ele defendida. O que Platão faz nessa passagem é jogar com os dois significados de “νόμος”, que ora pode ser compreendido por “lei”, ora por “costume”. Neste trecho, creio que esteja em questão o primeiro sentido, o de lei, pois, do contrário, se pensarmos que o que ele tem em mente é o significado costume, a resposta de Hermógenes não seria marcada pela indecisão, uma vez que esta é a posição que ele vem defendendo desde o início do diálogo. Devemos compreender que a tradução correta para “ὁ νόμος” nesta fala de Sócrates é, portanto, “a lei”, pois é aqui que ele introduz o legislador dos nomes, “ὁ νομοθέτης”, que se confunde agora com a função do artesão. Em resumo, o argumento pode ser assim esquematizado:

AÇÃO (tecer, falar) → INSTRUMENTO (lançadeira, nome) → USUÁRIO (tecelão, instrutor) → ARTESÃO (carpinteiro, νομοθέτης).

Uma vez que cada instrumento é concebido por natureza para a fabricação de cada objeto, também o nome deverá ser concebido por natureza para nomear as coisas. De onde se tira tal conclusão? É em torno da forma do nome, τὸ τοῦ ὀνόματος εἶδος, que gira a argumentação. Se aquele que cria qualquer instrumento contempla “a forma em si” do instrumento fabricado, por exemplo, “a lançadeira em si”, αὐτὸ ὃ ἔστιν κερκίς, será a partir dessa forma que ele criará um outro instrumento caso esse se quebre. Assim, mantendo a analogia, o legislador dos nomes deverá contemplar aquilo que é “o nome em si”, αὐτὸ ἐκεῖνο ὃ ἔστιν ὄνομα, e a partir dessa forma, criar os outros nomes.

Esse argumento tem sido muitas vezes apresentado como um esboço da Teoria das Formas desenvolvida em *República*¹⁹. Entretanto, Platão irá além de reconhecer apenas o criador dos nomes, indo de encontro também àquele que faz uso deles. O conhecedor da forma adequada de cada objeto, tanto em território helênico, quanto entre os bárbaros, é o seu usuário. Assim como no caso do fabricante de liras, cujo conhecedor da forma adequada que lhe foi colocada é o citarista, aquele que também saberá qual a forma adequada de um leme produzido por um carpinteiro será o seu usuário, o piloto; da mesma maneira, aquele que saberá quem fará bom uso do nome, criado pelo legislador, será aquele que melhor fará uso dele, usuário que Sócrates nos apresenta como sendo “o homem que hábil em perguntar e responder”, τὸν δὲ ἐρωτᾶν καὶ ἀποκρίνεσθαι ἐπιστάμενον, ou seja, o homem dialético, διαλεκτικόν (390c). Ora, ao afirmar que o melhor usuário dos nomes é o dialético, Platão, primeiramente, limita o bom uso deles àqueles que o utilizam em busca da verdade, excluindo todos aqueles que, como os sofistas, os empregam com o fim de persuadir o ouvinte a aceitar aquilo que eles consideram como sendo verdade; em segundo lugar, podemos ver neste trecho a importância que Platão dá ao uso das palavras, pois é a partir delas, enquanto instrumentos, que surge a possibilidade do exame dialético.

Além da relação criador/usuário, Platão destaca também o tipo de material empregado por cada artesão na elaboração de seu instrumento. Assim como o tipo de madeira empregado pelo carpinteiro para a confecção de uma lançadeira não será importante, pois o que está em questão é o modo como instrumento será produzido e utilizado, a atribuição do nome também não levará em conta as letras e as sílabas, τὰ γράμματα καὶ τὰς συλλαβάς, utilizadas em sua composição, pois o que deve prevalecer é a forma primeira, aquela contemplada por seu criador.

A partir de tais analogias, Sócrates concluirá que a criação e atribuição do nome, ἡ τοῦ ὀνόματος θέσις (390d), não pode ser assunto para qualquer um, nem para homens desprezíveis, nem para quem calha, οὐδὲ φαύλων ἀνδρῶν οὐδὲ τῶν ἐπιτυχόντων,²⁰ mas para aquele que conhece a forma natural de concebê-los e atribui-los às coisas, dando razão a

19 Sigo aqui a leitura proposta por Luce, “The theory of ideas in the *Cratylus*”, onde ele compara essa passagem do *Crátilo*, da “lançadeira em si”, com a definição de “a cama em si”, e “mesa em si” em *República*, 596b.

20 Ora, se a atribuição do nome não pode ocorrer por acaso, não pode ser feita de modo arbitrário, podemos dizer que a fraca teoria convencionalista de Hermógenes nessa foi refutada em quase sua totalidade por Platão.

Crátilo, que sustenta a tese da naturalidade existente entre o nome e as coisas nomeadas. Essa concordância, como veremos, é apenas aparente, pois o que Sócrates está fazendo é refutar a tese convencionalista de Hermógenes, e não defender explicitamente a tese naturalista de Crátilo que, como vimos, deve permanecer em silêncio durante a exposição. Se esse deve, por um lado, silenciar-se, Hermógenes pede para que ele sim seja persuadido por Sócrates, sob a condição de que este lhe mostre o que vem a ser a correção natural de um nome.

Temos, nessa primeira parte do diálogo, as bases para a discussão que se seguirá: sabemos quais são as teses defendidas por cada um dos interlocutores de Sócrates, já podemos entrever qual será a sua posição frente a eles, mas uma questão, aquela inicial do diálogo, que tanto incomoda Hermógenes, a de que Sócrates lhe revele no que consiste a formulação oracular de seu nome, esta ainda não nos foi revelada. Será a partir da análises etimológicas que Sócrates mostrará, também de maneira oracular, como se (de)compõem os nomes gregos em diversas áreas do conhecimento.

II

Sobre etimologias, ou o oráculo de Sócrates

(391d - 427c)

*“Quem de palavras tem experiência sabe que delas se deve esperar de tudo”**José Saramago*

Variadas são as interpretações concernentes à grande parte central do diálogo, destinada às análises etimológicas, assim como são variados os temas ali tratados. O motivo desta controvérsia repousa sobretudo no impasse gerado por seu caráter enigmático. Sócrates, para decifrar o oráculo de Crátilo, propõe um novo oráculo, um enigma que tem desafiado os comentadores e tradutores do diálogo. Embora muitas respostas tenham sido dadas para a questão – saber qual era o objetivo de Platão ao escrevê-la – ela permanece em aberto. As hipóteses já levantadas são inúmeras, e as principais podem ser assim resumidas: alguns tentam demonstrar que Platão, de uma forma velada, ataca a doutrina de um determinado filósofo; outros, alegando que Platão teria forjado uma grande parte das etimologias, apresentaria nessa seção um esquema fantasioso, pois, por não encontrarem paralelos nos estudos de filologia clássica ou de linguística histórica, considerariam o excursus como desnecessário para compreensão do diálogo, tornando-se objeto por eles ignorado, sobretudo àqueles da chamada escola analítica. Além desses²¹, há os que creem que ela pode ser vista como uma grande enciclopédia, onde são discutidas noções religiosas e morais; há ainda aqueles que afirmam existir entre as etimologias algum dogma secreto cujo conteúdo real estaria confinado aos frequentadores da Academia.

Afirmar que Platão ataca veladamente algum filósofo não me parece ser condizente nem com sua personalidade, nem com seu modo de exposição, uma vez que seus “alvos” aparecem sempre nomeados. No *Crátilo*, por exemplo, Pródico, Protágoras, Eutidemo,

21 Entre os que consideram que as etimologias não possuem qualquer significado filosófico cf. KAHN, Charles H. “Les mots et les forms dans le Cratyle de Platon”. In: *Philosophie et Grammaire dans l'Antiquité*. (org. Henri Joly). Bruxelles: OUSIA, 1986. Quanto à defesa de que elas, ao contrário, podem ser interpretadas filosoficamente, ou possuem um “caráter enciclopédico”, cf. SEDLEY, David. “Plato's *Cratylus*”. *Cambridge Studies in the Dialogues of Plato*. Cambridge, 2003 e GOLDSCHMIDT, Victor. *Essai sur le Cratyle*: Contribution à l'histoire de la pensée de Platon. Vrin, Paris, 1940, respectivamente.

Anaxágoras e Heráclito – ou os seguidores de suas doutrinas – no momento da crítica, nos são apresentados por seus nomes. Ora, se Platão não se mostra parcimonioso no uso de seus nomes, por que haveria de fazê-lo em relação a outros?

Sabemos também que a análise dessa parte do diálogo sob a luz da ciência linguística pouco tem crescido para a sua elucidação. Tomar o termo “etimologia”, tal como praticado por Sócrates, por aquilo que entendemos como “etimologia” é também um caminho perigoso. Hoje, etimologizar significa buscar o significado e o sentido de uma palavra ou um nome recorrendo a uma linha evolutiva do termo, propondo paralelos com a língua que seria aquela de sua origem. Assim, para examinar a etimologia de uma palavra em português, por exemplo, o etimólogo deve buscar a sua origem remontando-a ao latim, ao grego, ou a outras línguas que compõem o nosso vernáculo. Esse procedimento não é, de forma alguma, o que Platão está fazendo em seu diálogo; aliás, a palavra “etimologia” não aparece em nenhum momento no *Crátilo*, pois, se aparecesse, e a interpretássemos por seu significado atual, o filósofo, na verdade, haveria de escrever um tratado sobre o indo-europeu, tronco linguístico que remontaria à origem do grego. Assim, por falta de um termo condizente com a investigação praticada por Sócrates, é que abusaremos do uso do termo “etimologia” neste estudo, seguindo as ressalvas acima.

A interpretação que diz que as etimologias consistiriam em uma grande enciclopédia parece ser mais aceitável. Platão, ao analisar um número considerável de nomes, que abrangem diversos campos do conhecimento, do mitológico ao cosmológico, do moral ao ético, esgota as possibilidades existentes de nomeação em diversos níveis, revelando ao leitor do diálogo questionamentos da sociedade grega da época. Saber se era esse ou não o seu objetivo, enquanto filósofo, parece ser mais difícil. Quanto à outra, que diz que a seção traria consigo algum dogma secreto, restrito aos frequentadores da Academia, deve ser considerada como mera especulação, pois se realmente existia algo que se confinava aos limites do círculo dos seus frequentadores, ele lá jaz.

Embora essa seja a principal discussão entre os comentadores, e as opiniões dadas por eles sejam tão discrepantes, tão diferenciadas uma das outras, antes de analisá-las, acredito que devemos tentar responder uma outra questão que parece ser tão central quanto saber qual o objetivo de Platão ao descrevê-las no *Crátilo*. Qual é o significado que tem para Platão esse etimologizar, esse arguto trabalho de dissecar uma palavra, atingindo às vezes as suas unidades mínimas, constatando que elas também podem ser plenas de significados?

Creio que tudo o que foi escrito por Platão possua algo que devemos ter como filosófico. Todos os diálogos, inclusive aqueles onde ele recorre ao mito a favor de sua argumentação, estão indubitavelmente relacionados ao seu pensamento e ao seu filosofar. Interpretando a passagem dessa forma, devemos estabelecer o que há de filosófico no estudo dos nomes. Se observarmos o diálogo desde seu início, constataremos que o par mobilidade – estabilidade se encontra explícita ou implicitamente em todo o texto. As coisas, como disse Sócrates anteriormente, devem possuir uma essência estável. Entretanto, a análise etimológica nos mostrará que muito daquilo que se apresenta nos nomes está impregnado de movimento e fluxo. O representante maior da teoria do fluxo que conhecemos é Heráclito, e Crátilo, como vimos, teria sido um seguidor extremado de suas doutrinas; assim, nada mais cômodo para Platão do que refutar a tese convencionalista de Hermógenes fazendo uso da teoria da mobilidade dos seres de Heráclito. Desse modo, a meu ver, se existe alguém que certamente podemos dizer que exerce o papel de “alvo” de Platão no diálogo, esse é Heráclito, e isso não apenas pela ligação histórica que existiria entre ele e Crátilo, mas também pelo fato de que o que está em jogo no diálogo é principalmente o estabelecimento das noções de movimento e repouso nos nomes, tanto na forma de concebê-los, como na forma de conhecer os seres através deles.

Por isso, o estudo dessa parte do diálogo se fará em duas vias: a primeira será, quando possível, recorrer a passagens da literatura grega, como forma de justificar que a prática da etimologia não pode ser considerada fantasiosa ou somente como uma criação platônica sem fim determinado. A outra, é evidenciar a oposição entre movimento e estabilidade, verificando quais suas consequências – lógicas, ontológicas e gnoseológicas – para a compreensão do diálogo.

Para nossa análise, tomaremos os significados existentes para o termo *étimo*, como base para a formação de uma palavra, que pode fazer uso de uma forma mais antiga do grego, de outro dialeto grego ou de outra língua, da qual a forma recente, apresentada por Sócrates, se originou; em outros termos, veremos que Platão acrescentará ao radical das palavras prefixos, infixos e sufixos, para dar origem a uma forma hipotética, ou como descrita nos dicionários, “forjada pelo filósofo”; outras vezes, veremos que apenas a aproximação fonética dos termos será suficiente para que deles surja o significado pretendido por Platão. O uso dessas formas hipotéticas, que muitas vezes tem sido criticado pelos comentadores do diálogo, pois por serem inventadas estariam longe de possuir qualquer significado filosófico,

não deve, acredito, ser considerado inválido, pois fazer uso de uma forma hipotética na prática etimológica, para explicar uma forma não hipotética, era um recurso utilizado na Antiguidade como forma de conceber a verdade do nome. Dessa forma, a leitura que proponho para as etimologias pretende abranger, como dissemos acima, três níveis: a partir dos nomes analisados no *Crátilo*, nosso objetivo será produzir uma apreciação lógica (relação nome/coisa nomeada), ontológica (os nomes possuem ou não a mesma essência estável que os seres que nomeiam) e gnoseológica (possibilidade de se conhecer os seres através de seus nomes).

Voltando ao diálogo, vemos que a continuação do exame se faz diante da insistência de Hermógenes em querer saber o que Sócrates entende por correção natural dos nomes. A solução que lhe será proposta é que este faça como o seu rico irmão Cálías, e vá aprender tal assunto com os sofistas, pagando-lhes dinheiro e rendendo-lhes graças. O pedido, entretanto, mostra absurdo a Hermógenes, já que a sugestão socrática o faz lembrar tanto de sua já descrita condição financeira, como da desconfiança que ele possuía face às doutrinas proferidas pelos sofistas. Diante da impossibilidade financeira de seu interlocutor, Sócrates lhe sugerirá tomar Homero e outros poetas como guias para a descoberta da correção dos nomes, afirmando ser esse o meio de investigação mais correto.

2.1 Etimo[mito]logias (391d - 401a)

Recorrer a Homero e a outros poetas do período arcaico grego é sobretudo fazer uso do que eles próprios tinham como fonte para a composição de seus poemas; recorrer a Homero não é senão recorrer ao mito, à essas narrativas heroicas que encarnam, sob a forma de um relato simbólico, aspectos reais da condição humana²².

Já se verifica o uso de etimologias em Homero e Hesíodo, talvez como algo requerido pelo poeta e exigido pelo aedo como parte de um processo mnemônico, onde o jogo de palavras com sonoridades semelhantes poderia fazer parte de um estoque de fórmulas, tal como os epítetos, para conduzir a narração do poema. Citemos, como exemplo, algumas ocorrências desses jogos de palavras tanto em um quanto em outro poeta:

22 Ou, como nos diz Monique Dixsaut em seu artigo “La rationalité projetée à l'origine, ou: de l'étymologie” o recurso ao mito trata-se de uma “'boa persuasão', um suplemento necessário àqueles que nada sabem”

...οὐ νύ τ' Ὀδυσσεὺς
 Ἀργείων παρὰ νηυσὶ χαρίζετο ἱερὰ ῥέζων
 Τροίῃ ἐν εὐρείῃ; τί νύ οἱ τόσον ὠδύσασο, Ζεῦ;"

“não te era grato Odisseu,
 quando na ampla Troia te sacrificava vítimas junto
 às naus Argivas? Por que o odeia tanto, Zeus?”

Odisseia, I, 60-62.

θῆκε θεῶν κῆρυξ, ὀνόμηνε δὲ τήνδε γυναῖκα
 Πανδώραν, ὅτι πάντες Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες
 δῶρον ἐδώρησαν...

O mensageiro dos deuses aí pôs, e a esta mulher nomeou
 Pandora, porque todos os que tem Olímpia morada
 deram-lhe um dom...

Os trabalhos e os dias, 80-82

Τοὺς δὲ πατὴρ Τιτῆνας ἐπὶ κλησὶν καλέεσκε
 παῖδας νεικείων μέγας Οὐρανός, οὗς τέκεν αὐτός·
 φάσκε δὲ τιταίνοντας ἀτασθαλίῃ μέγα ῥέξαι
 ἔργον, τοῖο δ' ἔπειτα τίσιν μετόπισθεν ἔσεσθαι.

O pai com o apelido de Titãs apelidou-os:
 o grande Céu vituperando filhos que gerou
 dizia terem feito, na altiva estultícia,
 grã obra de que castigo teriam no porvir²³.

Teogonia, 207-210

Nos exemplos acima, os poetas fazem uso da repetição de uma sílaba, semelhante ao tema central do verso, afim de que o leitor – ou ouvinte, uma vez que tratamos de poesia oral – se voltasse ao que era primordial no verso, chamando a atenção aos jogos com palavras de

23 Todas as passagens da *Teogonia* citadas neste estudo se referem à tradução de Jaa Torrano. Grifos meus.

sonoridade ou origem semelhantes, para apresentar características dos personagens descritos, afim de nomear-lhes. Embora este seja também o método empregado muitas vezes por Platão no *Crátilo*, ressaltamos que nosso objetivo aqui não é portar-se como filólogos, analisando morfológicamente cada palavra, mas verificar que o procedimento adotado pelo filósofo no diálogo não está distante daquele praticado pelos poetas, o que nos leva a concluir que o uso de etimologias, atestado na literatura grega, era um procedimento comum, que revela a habilidade daquele que as emprega como um recurso estilístico viável.

Antes de entrar no modo específico de análise, Platão distingue dois modos distintos de nomeação: aquele feito pelos deuses e o feito pelos homens. Os exemplos retirados da *Iliada* são os nomes dados a um rio, denominado pelos deuses “Xanto” e pelos homens “Escamandro”²⁴; os outros dois se referem a um determinado tipo de pássaro e a uma colina²⁵, e Sócrates deixa claro que cabe à primeira forma de nomeação o modo correto de nomear. Conhecemos as reservas que Sócrates tem em falar dos deuses, pois o processo que lhe fora movido tinha entre as acusações a introdução de novos deuses na cidade e o não respeito os deuses locais e, talvez por isso, a forma divina de nomear seja grande demais para ser por ele investigada, o que o leva a recorrer a nomes mais humanos, ἀνθρωπινώτερον, ou seja, os nomes dados ao filho de Heitor na *Iliada*, nomes ligados ao domínio da opinião e, portanto, mais próximos dos homens. Assim, será pela investigação desses dois termos que se iniciará o exame etimológico propriamente dito.

Os dois nomes analisados são, a saber, Astíanax e Escamândrio (392d). Conhecer qual dos nomes é o correto segue agora um critério diferente daquele empregado anteriormente: se antes a questão foi colocada na dicotomia nomear humano e nomear divino, o par aqui analisado é posto em termos que se distinguem dentro de uma sociedade, ou seja, a relação homem/mulher. Segundo Sócrates, os homens descritos nos poemas homéricos seriam mais sensatos, φρονιμωτέρους, que as mulheres, e por isso, por serem mais sábios, σοφωτέρους, nomeariam corretamente o menino de Astíanax ao invés de Escamândrio. Aqui, é a opinião de Homero que é levada em conta, e antes de explicar como isso ocorre, Sócrates testará seu interlocutor indagando-o se ele recorda-se onde encontram-se, no texto homérico, os versos aos quais faz referência, sem citá-los no diálogo. Platão provavelmente os conhecia de cor e,

24 Para as diferenças entre esses nomes cf. Aristóteles, *História dos animais*, III, 12 519a 11-19 e IX, 12 615b 8-11, respectivamente.

25 *Iliada* II, 814 e ss.

contando com a ingenuidade do interlocutor de Sócrates, promoveu a inversão deles em sua explicação, de acordo com os seu propósitos. Ora, como podemos verificar na própria *Iliada*, é Heitor quem nomeia o menino por Escamândrio e não uma mulher:

τόν ῥ' Ἑκτωρ καλέεσκε Σκαμάνδριον, αὐτὰρ οἱ ἄλλοι
 Ἀστυάνακτ'· οἷος γὰρ ἐρύετο Ἴλιον Ἑκτωρ.

a quem Heitor chamava Escamandrio, enquanto os demais
 Astíanax, pois somente por Heitor se salvava Ílio.

Iliada VI, v.402-403

Mas saber o motivo de usar um nome ao invés de outro parece ainda fora do alcance de compreensão de Sócrates e Hermógenes. Contudo, alegando ter sido o próprio Homero quem atribuíra tais nomes, para dar seguimento ao exame, Sócrates analisa o nome de Heitor (393a), e sua etimologia indicará uma relação de igualdade entre ele e seu filho, expressa através de seus nomes. “Heitor”, Ἑκτωρ, possui em sua raiz o verbo ἔχω, que em grego significa ter, ou seja, Heitor é aquele que possui ou detém a cidade, em contrapartida a “Atíanax”, Ἀστυάναξ, composto das palavras gregas “ἄναξ”, senhor, e “ἄστυ”, cidade, que faria dele, assim como o pai, o “senhor da cidade”. Trata-se aqui de diferenciar duas formas de nomeação, que Goldschmidt chama de “geração natural”, quando o descendente apresenta características semelhantes ao genitor, em oposição a uma geração não natural, onde o resultado da geração, ou seja, a descendência, não apresenta características comuns ao genitor. O processo é exemplificado assim no diálogo: um animal qualquer, por exemplo um leão ou um cavalo, deve necessariamente gerar descendentes que se assemelhem a eles e, por outro lado, se descendesse de um cavalo aquilo que naturalmente seria o rebento de um boi, o resultado seria uma forma monstruosa. Platão quer, com esse argumento, justificar a existência de uma certa naturalidade nos nomes, de modo que, se o resultado de uma geração natural é produzir descendentes semelhantes, o nome dado ao filho de Heitor está correto, uma vez que se assemelham. Embora não possuam exatamente as mesmas letras, o que vimos ser desnecessário para o legislador produzir os nomes, a revelação da essência do ser nomeado se faz através de seus nomes, e ambos, “Astíanax” e “Heitor”, significam o mesmo, indicando o papel que cada indivíduo desempenha dentro de um contexto social ou familiar,

como uma das categorias existentes para justificar o uso do método etimológico no *Crátilo*, sobretudo no que diz respeito aos nomes próprios.²⁶

Sócrates dará continuidade a análise tendo em vista agora a casa dos atridas. O primeiro nome analisado é o dado a Orestes, Ὀρέστης (394e), nome atribuído corretamente, ὀρθῶς, quer tenha sido dado ao acaso, quer tenha lhe atribuído algum poeta. A origem deste nome é aquele habita as montanhas, o alpestre, ὀρεινὸν, que revela a brutalidade e o caráter selvagem de seu possuidor, trocadilho que Platão faz com as três primeiras letras de seu nome. Seguindo as categorias propostas por Levin, o nome de Orestes revelaria uma característica individual, expressa sob a forma de um estado emocional do indivíduo.

O nome dado ao pai de Orestes também revela a sua natureza. Agamêmnon, Ἀγαμέμνων (395a), é admirável, ἀγαστός, por sua permanência, ἐπιμονήν, durante os dez anos de campanha frente aos muros de Troia, revelador, de acordo com a autora, de uma “habilidade ou capacidade” relacionada a uma ação onde o indivíduo nomeado toma parte. O nome “Atreu”, por outro lado, que planejou coisas desastrosas, ἀτηρὰ, contra Tiestes, não revela em sua totalidade a natureza de seu possuidor, pois o seu sentido está encoberto, ἐπικεκάλυπται, mas àqueles que conhecem os nomes, o modo que Platão o caracteriza, a saber, por sua obstinação inflexível, audácia e desastrosos (ἀτειρὲς, ἄτρεστον e ἀτηρὸν, respectivamente), é suficiente para deduzir que o nome que lhe foi colocado corretamente. A mesma correção se aplica também aos nomes dados a Tântalo e Pélops. Quanto ao primeiro, seu nome viria daquele que mais suporta males, τάλαντατον, cujo mito nos narra que ele se encontra no Hades, onde uma pedra pesa, τελευτήσαντι, sobre sua cabeça. O segundo, por ver somente o imediato, derivado da raiz do verbo ver, presente na última sílaba do nome – **ops** – possuiria também um nome correto. O exame desses primeiros nomes revelou, em parte, uma relação lógica entre o nome e a coisa nomeada. Entretanto, como dissemos acima, Platão nos mostrará que além deste vínculo, outros dois podem estar presentes nos nomes, um ontológico e outro gnoseológico, que veremos, se tornará mais frequente nos outros nomes analisados. Por isso, Sócrates deixa de lado a análise dos nomes mitológicos, ao menos os nomes próprios atribuídos aos heróis gregos, para continuar o exame tendo em vista a genealogia hesiódica, investigando os nomes dados a Zeus, Cronos e Urano.

26 Sigo, para a análise dos nomes próprios, as categorias propostas por Susan Levin, “Greek conceptions of naming: three forms of appropriateness in Plato and the literary tradition”. *Classical Philology*, v. 92, n. 1, 1997, p. 46-57.

Zeus, Cronos e Urano

A leitura proposta para as etimologias pretende preencher, como dissemos, o quesito lógico-ontológico-gnoseológico presente nos nomes. Nos antroponímicos analisados anteriormente, a relação lógica prevaleceu, ou seja, dos nomes extraídos do contexto mitológico-literário, verificamos que a relação nome/coisa nomeada revelou, em certa medida, a natureza de seus possuidores. Veremos, a partir daqui, como se desenvolvem também os outros dois itens propostos e, a medida que avançarmos, como eles se fazem presentes para a compreensão do valor filosófico das etimologias.

O nome de Zeus (396a), primeiramente, será visto como um λόγος, uma pequena sentença que pode ser dividida em duas partes, “Ζῆνα” e “Δία”²⁷. Essas duas formas, declinadas no acusativo grego do nome divino, revelariam a sua natureza. “Ζῆνα” é aproximado do substantivo “ζῆν”, vida, enquanto “Δία” é homógrafo para a preposição grega “διά”, através; logo, Zeus é “aquele através do qual”, “δι’ ὄν”, todos os que vivem obtêm a vida, “ζῆν”. A relação de causalidade entre Zeus e os demais seres é relatada em outras passagens da literatura grega, das quais tomamos duas, à guisa de exemplo:

Μοῦσαι Πιερίηθεν ἀοιδῆσιν κλείουσαι
 δεῦτε, Δί’ ἐννέπετε, σφέτερον πατέρ’ ὑμνείουσαι·
 ὄντε διὰ βροτοὶ ἄνδρες ὁμῶς ἄφατοὶ τε φατοὶ τε,
 ῥητοὶ τ’ ἄρρητοὶ τε Διὸς μέγαλοιο ἔκητι.

Musas Piérias, que glórias com vossos cantos,
 vinde! Dizei Zeus vosso pai hineando.
 Por ele mortais igualmente desafamados e afamados
 notos e ignotos são, por graça do grande Zeus.

Os trabalhos e os dias, 1-4

²⁷ Um λόγος, como vimos, é formado por sua partes, os nomes.

ὦ ἢ διὰ Διὸς
 παναιτίου πανεργέτα·
 τί γὰρ βροτοῖς ἄνευ Διὸς τελεῖται;

Foi Zeus,
 que tudo faz e causa tudo,
 pois nada acontece aos mortais sem Zeus.

Ésquilo, *Agamêmnon* 1485-1487

Assim como para o pai de Orestes houve um nome atribuído corretamente, também para o genitor de Zeus haveria um nome revelador não somente de sua natureza, mas também de sua origem. A genealogia prossegue de forma inversa à hesiódica, de filho para pai: Zeus é fruto de uma grande inteligência, “διανοίᾳς”, palavra formada a partir de *nous* – pensamento, inteligência – e da mesma preposição vista acima, *δια*. Aqui, como nos versos de Hesíodo, o exame se faz sobretudo pela semelhança existente entre a pronúncia²⁸ das palavras. Assim, o nome de Cronos será decodificado a partir de dois termos onde a mudança do acento os diferenciara, embora saibamos o uso dos acentos nos textos gregos é posterior à época na qual os diálogos foram escritos.

Cronos, nos diz Sócrates, não tem o significado de criança, *κόρον*, mas de um adjetivo que por si é puro e não admite mistura – *κορός* – acentuado na última sílaba, revelador de sua natureza divina, a inteligência sem mistura, pura, *τὸ καθαρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκήρατον τοῦ νοῦ* (396b).

Este é filho do céu, *Οὐρανοῦ υἱός*, de onde os que estudam as coisas celestes, *οὐρανία*, julgariam o nome como correto. Não somente os estudiosos das coisas celestes, mas também os que contemplam as coisas de cima, *ὄρωσα τὰ ἄνω*, compõem o nome analisado (396c). Platão, em relação aos usuários dos nomes que relatam um conhecimento específico, também os denominará com um termo específico, como para esta etimologia, onde os que tratam de tais assuntos são chamados *οἱ μετεωρολόγοι*.

Os três nomes analisados, por fazerem referência a deuses, e portanto à entidades

28 Apesar de utilizarmos o termo “pronúncia”, devemos ter em mente que aquilo que sabemos sobre a forma como o grego clássico era falado é mera conjectura, pois o seu registro se limita ao campo da escrita. Entretanto, tal emprego pode ser justificado pela própria fala de Sócrates ao explicar o termo.

estáveis, preencheram os quesitos propostos: há uma relação lógica entre a maneira como são descritos e os nomes que lhes são atribuídos, ou seja, verifica-se em seus nomes uma identidade formal entre a representação do ser e a maneira como ele é denominado; por serem eternos, possuem uma estabilidade em seu ser, ou seja, uma essência imutável, livre da ideia de mobilidade e, por suas descrições, podemos (re)conhecer-lhes como as divindades que são.

Onomatomania, ou a inspiração de Êutifron

Ao justificar as etimologias precedentes, Platão recorreu ao mito, tal como descrito nos versos de Homero, de Hesíodo e nas tragédias. Como ainda são muitos os nomes a serem analisados, ele busca uma outra fonte para cumprir tal tarefa, e faz com que Sócrates nos informe a necessidade de pôr a prova uma sabedoria que lhe surge repentinamente, sem que ele saiba a sua origem. A resposta de Hermógenes, ao perceber a mudança de tom de seu interlocutor, será afirmar que, tal como os inspirados, οἱ ἐνθουσιῶντες, Sócrates se põe a proferir oráculos.

Sabemos por outros diálogos que a inspiração divina é um recurso utilizado por Platão para manter um afastamento necessário de Sócrates da questão tratada, como para justificar algo não condizente com o método dialético. Em sua fala final, Sócrates admite ser necessário fazer uso desta inspiração divina para a análise dos nomes restantes, embora deixe que se deva expurgá-la posteriormente, seja com um sacerdote ou com um sofista (396e – 397a).

A intervenção de Êutifron, responsável por essa inspiração que encheira os ouvidos e alma de Sócrates em algum momento anterior ao diálogo, é uma das mais peculiares do diálogo. Por que introduzir aqui um personagem que aparentemente está distante da questão discutida? Qual é o seu verdadeiro papel no diálogo, uma vez que em diversos momentos Sócrates alega ser ele o causador dos desdobramentos etimológicos praticados?

Conhecemos Êutifron do diálogo homônimo que põe em cena o adivinho e Sócrates a conversarem frente ao pórtico dos reis, no momento em que ele toma conhecimento da acusação que lhe é feita, conversa cujo objetivo é descobrir o que é a piedade. Uma vez que os temas discutidos nos dois diálogos não possuem qualquer relação, a discussão entre os comentaristas é de ordem cronológica. Sócrates, ao dizer que passara a manhã conversando com o adivinho, nos autoriza a dizer que o *Crátilo* foi escrito por Platão imediatamente após o

Êutifron? A resposta tende a ser negativa. Acreditamos que Platão faz uso aqui de tal episódio apenas para justificar a presença do adivinho no diálogo, e se seu objetivo é apresentar-nos um Sócrates “oracular”, nada mais conveniente ao filósofo que introduzir a figura de um vaticinador.

Entretanto, fazer uso desta inspiração divina para descobrir a verdade em relação aos nomes possui uma limitação imposta pelo próprio Sócrates. Como um alerta, o entusiasmo de Êutifron será utilizado somente naquele dia, e apenas durante a investigação etimológica, uma vez que no dia seguinte haverá a necessidade de procurar aquele que é capaz de realizar uma purificação, seja ele um sacerdote ou um sofista, sendo este último aquele que Platão, no *Sofista*, 227 e ss., define como um purificador de opiniões, que é justamente o domínio em que se encontram as etimologias.

Esse entusiasmo provocado por Êutifron e seus seguidores, veremos, estará presente em diversas partes da seção que agora examinamos, tendo fim somente em 428d, quando Sócrates parece retomar a sua posição questionadora habitual, livre da mediação do adivinho, que parece agora o dominá-lo. Por isso, cremos que essa investigação onomástica, pelo viés mântico, justifique o que acima afirmamos, de que Sócrates, para explicar o oráculo de Crátilo, recorre ao mesmo expediente, ou seja, a produção de oráculos, mas se aproveita da figura do adivinho para não comprometer o exame dialético.

Deuses, Numes, Homens e Heróis

A hierarquia deuses, numes, heróis e homens organiza no *Crátilo* em função do destino que é dado a cada um deles: dos deuses imortais aos numes, imortais porque são sempre; dos heróis identificados aos semi-deuses, que gozam de um destino particular, e finalmente os homens, que cientes de sua condição mortal, faz com que Sócrates creia que ele os demais homens fazem parte de uma raça de ferro tendo o Hades como destino²⁹.

Os deuses, θεοὶ (397c), são analisados a partir do que os antigos, apresentados como astroteólogos, consideravam como deuses e, segundo Sócrates, ainda permanecem como

²⁹ A sequência apresentada é a mesma que vemos tratada no mito das raças em Hesíodo e também em *República* III, 392a.

divindades cultuais de alguns bárbaros, associadas ao deslocamento que o sol, a lua, a terra e os astros fazem ao cruzar o céu, correndo, *θέοντα*. É evidente aqui a associação entre o nome “deuses” e a ideia de mobilidade. Entretanto, dela surge um paradoxo, pois, se as divindades são aquelas que por excelência apresentam o que há de mais estável, como associá-las diretamente à ideia de mobilidade? Creio que o que subjaz nessa definição é de ordem gnoseológica. Sócrates afirma em diversas passagens sua ignorância acerca das divindades, e que conhecê-las, a si mesmas ou as formas pelas quais se chamam, só se realiza quando se leva em consideração a opinião dos homens, ou seja, aquilo que existe de mais instável. Ora, se são os bárbaros que assim as nomeiam – e também os gregos, visto que tratamos de *θεοὶ* – associar o nome, e não a coisa nomeada, ao conceito de mobilidade é plenamente justificável, pois nos parece que as divindades estão fora do alcance da compreensão humana. O objetivo de Platão é, recordemos, ver o que há de instável nos nomes dados aos seres, e não nos seres, pois sabemos que estes não de ter uma essência estável.

Assim como recorrera a Homero para a explicação dos nomes próprios, será a vez de Hesíodo tornar-se o responsável pela investigação do termo “numes”, *δαίμονες* (397e). Antes de analisá-lo, uma ressalva em relação ao manuscrito deve ser feita. A fala de Hermógenes traz entre colchetes a sequência de nomes a ser investigada, proposta pela edição utilizada em nossa tradução:

δῆλον δὴ ὅτι [δαίμονάς τε καὶ ἥρωας καὶ ἀνθρώπους] δαίμονας.

É evidente que [os numes, os heróis e os homens] os numes.

Para melhor entendimento do texto, creio que o último “*δαίμονας*” de sua fala está aí colocado erroneamente, pois ele deve ser entendido como uma réplica de Sócrates à sugestão de análise de Hermógenes. Logo, a passagem, na fala de Sócrates em 397e, deve ser lida da seguinte maneira:

δαίμονας; καὶ ὡς ἀληθῶς, ὃ Ἑρμόγενης, τί ἄν ποτε νοοῖ τὸ ὄνομα οἱ “δαίμονες”;

Os numes? O que afinal poderá significar, verdadeiramente, Hermógenes, o nome “numes”?³⁰

Feita esta importante ressalva textual, voltemos ao seu exame. Sócrates descreve a

30 Essa é a versão utilizada por Louis Méridier, para a tradução francesa do diálogo.

origem da palavra “numes”, associando-a à sabedoria, δαίμονες, de onde teria surgido o termo δαίμονας, referência feita por Sócrates a uma ocorrência do termo mais antiga que a utilizada agora, verificada na mudança do η para ι. Recorrendo a Hesíodo para justificá-la, Platão cita seus versos, com uma pequena alteração:

Os trabalhos e os dias, 121-123

αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ τοῦτο γένος κατὰ γαῖ' ἐκάλυψε,
τοὶ μὲν δαίμονες ἄγνοι ἐπιχθόνιοι καλέονται
ἔσθλοί, ἀλεξίκακοι, φύλακες θνητῶν ἀνθρώπων

Em seguida, quando a terra a esta raça cobriu
são chamados numes sagrados epictônios,
nobres, repele males, guardiões dos homens mortais

Crátilo, 398a

αὐτὰρ ἐπειδὴ τοῦτο γένος κατὰ μοῖρ ἐκάλυψεν,
οἱ μὲν δαίμονες ἄγνοι ὑποχθόνιοι καλέονται,
ἔσθλοί, ἀλεξίκακοι, φύλακες θνητῶν ἀνθρώπων

Em seguida, quando o destino a esta raça cobriu
são chamados numes sagrados epictônios,
nobres, repele males, guardiões dos homens mortais

Os versos hesiódicos, que descrevem o mito das raças, são explicados por Sócrates por colocarem em polos opostos os constituintes da categoria agora descrita, distante um dos outros pela correspondência metálica que os caracterizam, a saber, de um lado os que pertencem à raça de ouro, boa e bela, agrupando portanto os portadores de uma virtude inerente ao deuses, inalcançável aos homens; do outro lado os homens, indício para Sócrates que ele deve pertencer a raça de ferro, por distanciar-se do par virtuoso bom/ belo. Além disso, Sócrates estende a etimologia de numes, entendidos como sábios, ao destino do homem bom após a sua morte, pois este, graças àquilo que o caracterizou durante a vida, pode tornar-se nume.

Duas etimologias distintas serão propostas para “heróis”, ἥρωες (398c). Sócrates inicia a explicação aproximando o nome a “semideuses”, ἡμίθεοι, analogia relevante, na medida que explica a divisão existente para os gregos entre as divindades e os homens. O herói é aquele ser divinizado após a sua morte, enquanto o semideus, fruto da relação de um deus com uma mortal, ou vice-versa, já traz consigo esse caráter divino. Embora se situem entre os campos da imortalidade e da mortalidade, os heróis se inserem num mundo intermediário entre deuses e homens, possuindo características de ambos, mas sem que haja uma identificação com nenhum dos dois polos. Esse caráter transitório é o mesmo apresentado em *Os trabalhos e os*

dias de Hesíodo, v. 159-160:

ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἱ καλέονται
ἡμίθεοι, προτέρη γενεῇ κατ' ἀπείρονα γαῖαν.

A raça divina de homens heróis, os quais são chamados
semi-deuses, geração anterior sobre a terra sem limites.

Acreditando que o tratamento etimológico dos nomes tem por objetivo revelar a verdade do nome, a possibilidade de buscar diferentes verdades em um mesmo termo – associando-o a um mito, por exemplo – autoriza Sócrates a propor, tanto aqui como em outros nomes analisados, mais de uma etimologia. Não acreditamos que isso mostre uma certa inconsistência metodológica por parte de Platão. Se em alguns casos o resultado possa parecer inconsistente, devemos atentar que ele se mostra eficaz enquanto método, enquanto revelação da essência do nome analisado. Por tal razão, uma nova etimologia será proposta para “heróis”.

Assim como estes ocupam uma posição intermediária entre deuses e homens, os heróis assumiram posição semelhante quando associados a “hábeis oradores e dialéticos”, ῥήτορες [καὶ] δεινοὶ καὶ διαλεκτικοί, definição que Sócrates já havia dado na primeira parte do diálogo, ao descrever o homem dialético como aquele que sabe perguntar e responder; caracterizá-los como um gênero de sofistas, σοφιστῶν γένος, é o mesmo que colocá-los em uma posição intermediária entre o filósofo e os homens, correspondência estabelecida com o verbo εἶπεν, dizer, semelhante a outro, λέγειν, falar. Os heróis, tomados como sofistas, ocupam essa faixa intermediária que separaria aquele que conhece, e portanto sabe, figurado no filósofo, e os detentores do senso comum, que habitam o mundo das opiniões, os homens.

Aliás, será esse o próximo termo investigado, e Sócrates, alegando estar ainda inspirado por Êutifron, e correndo o risco de tornar-se mais sábio, alerta seu interlocutor acerca das possíveis alterações que um nome pode sofrer – inserção ou retirada de letras – sobretudo quando oriundo de uma sentença. Segundo Sócrates, os outros animais, por não examinarem como atenção as coisas por eles vistas, diferem-se do homem, ἄνθρωπος, pois este é capaz de examinar aquilo que viu, ἀναθρῶν ἃ ὅπωπε (399c).

Alma e Corpo

O grupo de palavras analisado por Sócrates apresenta, segundo Hermógenes, uma sequência natural dos nomes precedentes. Para ele, existe algo do homem que podemos denominar alma e corpo, sendo que para o primeiro termo duas etimologias serão dadas: uma, sendo explicada face à sua condição divina, outra, à sua condição humana. O questionamento de Platão sobre a condição do homem e seu destino, além de discutido em outros diálogos, sobretudo no *Fédon*, também tem lugar no *Crátilo*, na descrição dos termos que agora analisamos.

A primeira explicação de “alma”, ψυχή (399e), é considerada por Sócrates uma definição grosseira, φορτικόν, que lhe vem assim de momento. Segundo aqueles que assim a nomearam, a alma seria a causa da vida quando presente no corpo, animando-o, ἀναψύχων, e o corpo morreria quando esta o deixasse. Tal definição revela a condição divina da alma, pois, se a compararmos ao que havia sido dito em relação à etimologia de Zeus, verificamos que os dois nomes possuem uma relação intrínseca de causalidade. Todavia, Sócrates vê no nome algo mais inspirador e, face aos seguidores de Êutifron, sugere que uma outra explicação lhe deva ser dada.

A análise do termo faz referência àquilo que Anaxágoras acreditava ser a definição de alma. Segundo o filósofo, a natureza de todo o corpo seria organizado e mantido através de um pensamento e de uma alma, de modo a fazer viver e circular, καὶ ζῆν καὶ περιέειν (400a). Assim, a alma seria chamada φύσιν, pois veicula e mantém a natureza, φύσιν ὅχει καὶ ἔχει, mas por uma mudança de pronúncia foi chamada alma. Essa explicação para “alma”, tendo em vista o pensamento de Anaxágoras, também é dada no *Fédon*, 97c:

“Ora, certo dia ouvi alguém que lia um livro de Anaxágoras. Dizia este que “o espírito é ordenador e a causa de todas as coisas”. Isso me causou alegria. Pareceu-me que havia, sob certo aspecto, vantagem em considerar o espírito como causa universal. Se assim é, pensei, eu, a inteligência ou o espírito deve ter ordenado tudo e tudo feito da melhor forma.”³¹

Para explicar a palavra “corpo” (400c), nome que teve o seu sentido um pouco

31 *Fédon*, tradução de Jorge Paleikat.

alterado, Sócrates recorre a três etimologias: (a) o corpo é o túmulo da alma; (b) o corpo é o sinal da alma; (c) segundo os órficos, o corpo é o cárcere da alma.

A definição apresentada em (a) joga com a semelhança existente entre as palavras σῶμα e σῆμα, paralelo encontrado também no *Górgias* 492e-493a:

Sócrates — Todavia, como tu dizes, a vida seria prodigiosa. Pois eu não me admiraria se Eurípides diz a verdade nesses versos, ao afirmar que:

*Quem sabe se viver é morrer,
e morrer é viver?*

E talvez estejamos realmente mortos, pois uma vez escutei de um sábio que nós, neste instante, estamos mortos, e o corpo, [*soma*], é o nosso sepulcro, [*sema*]³²

Em (b) Sócrates nos diz que é o corpo é uma espécie de instrumento da alma, através do qual indicaria, σημαίνει, e portanto deve ser chamada “sinal”, σῆμα, trocadilho com o verbo indicar, σημαίνει. Em (c) Platão atribui o sentido da palavra àquele que deram os Órficos, onde o corpo seria não apenas aquele que põe a alma a salvo, σώζεται, mas também um cárcere ou claustro, σῶμα, local de sua punição, sem que haja necessidade de mudar sequer uma letra³³.

32 *Górgias*, tradução de Daniel Rossi Nunes Lopes, In: O Filósofo e o Lobo, Filosofia e Retórica no *Górgias* de Platão. Tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2008.

33 Uma análise detalhada desta etimologia e suas implicações para a filosofia platônica, sobretudo em relação a outros diálogos onde o tema também é discutido, pode ser encontrada em FERWERDA, R. “The meaning of the word ΣΩΜΑ in Plato's *Cratylus*”. *Hermes*. CXIII, 1985, p. 266-279.

2.3 Etimo[teo]logias (401b - 407d)

*os descendentes dos deuses,
parentes de Zeus, a quem pertence o altar
de Zeus ancestral no Monte Ida, lá nas alturas
(República, III)*

Ao tratar a linhagem anterior aos atridas, Sócrates investigara uma parte da descendência divina desses heróis (Orestes-Agamênon-Atridas) cuja não lembrança da genealogia hesiódica o impediu que remontasse às divindades que lhe antecederam, Zeus – Crono – Urano. Hermógenes, cuja crescente avidez por conhecer a correção dos nomes o tomara, pede a Sócrates que assim como fizera a respeito do nome de Zeus, passe em vista agora os nomes dados aos outros deuses, investigando o modo de sua correção. O pedido será aceito sob duas condições: a primeira, que o exame se faça tendo em mente que nada de nada é sabido em relação aos deuses, nem sobre seus nomes, nem da forma que chamam a si mesmos; a segunda, se se quer fazer a investigação de seus nomes, que seja feita tendo em conta a opinião dos homens.

A primeira condição traz consigo duas consequências: nada se sabe e nada se pode saber a respeito de tais deuses, incluindo o modo como se chamam ou devem ser chamados; entretanto, o modo de analisar a sua correção é seguir a opinião dos homens e utilizar a forma como os deuses são chamados nas preces.

Héstia

O exame do primeiro nome dado a uma divindade olímpica deve, segundo Sócrates, ser feito κατὰ τὸν νόμον (401b), ou seja, de acordo com o costume ou com a lei; assim, se é pela deusa Héstia, Ἑστία, que se iniciam os sacrifícios, é por ela também que se deve iniciar o exame dos nomes divinos. Duas etimologias contrárias serão propostas: por um lado, Héstia princípio de estabilidade, por outro, Héstia princípio de movimento. Quanto à primeira, o nome provém da “essência”, οὐσίαν, que antigamente era chamada de ἐσσίαν, e aquilo que participa da essência deve ser nomeado como o que “é”, ἔστιν, representando a fixidez e a imutabilidade dos seres. A outra etimologia remete aos que pensam como Heráclito, que

afirmam que as coisas estão em movimento perpétuo, e portanto não permanecem para sempre. Segundo seus defensores, o princípio e a causa de todas as coisas é a “impulsão”, ὠθοῦν, de onde poderiam denominá-la ὠσίαν (401d).

No *Fedro* Héstia é apresentada, contrastada às divindades que caminham, como a única que permanece imóvel no centro da casa, como ponto fixo que orienta e organiza o espaço humano, concordando com a sua primeira etimologia³⁴. Entretanto, a necessidade de Platão em apresentar a ideia de movimento nos nomes analisados, faz com que ele associe o nome Héstia ao impulsionar de Heráclito, primeira citação do pré-socrático no diálogo. Esse impulsionar seria a causa ou princípio da filosofia heraclitiana do movimento perpétuo do universo. Ora, o objetivo de Platão aqui, e também em outras passagens, é criticar a tese mobilista de Heráclito através de um falso paradoxo entre o nome dado à deusa, que indicaria o movimento, e a natureza estável da deusa, representada como a lareira imóvel no centro do culto.

Reia e Tétis

Tendo ainda a crítica da teoria mobilista como pano de fundo para sua exposição, os próximos nomes investigados serão “Reia”, “Cronos” e “Tétis”. O segundo já havia sido analisado junto ao “Zeus” e “Urano”. “Tétis”, como veremos, será o único do trio a ser decomposto. Quanto a “Reia”, Πέα, o trocadilho em grego é evidente. Ao citar uma lembrança de que já ouvira em algum lugar Heráclito dizer que “tudo passa e nada permanece” (402a) - o verbo “passar” aqui é χωρεῖ - Sócrates declara que aqueles que atribuíram os nomes pensavam tal como Heráclito, e o fizeram tendo em mente os fluxos, ῥευμάτων.

O nome “Tétis”, Τηθῆς, é tratado a partir do filtrado e do peneirado, διαττώμενον καὶ τὸ ἠθούμενον (402d), e seu nome teria sido formado a partir desses dois, remetendo-o à imagem de uma fonte. Para justificar a etimologia que lhe é dada, Sócrates cita fragmentos de Homero, Hesíodo e Orfeu, todos eles fazendo referência ao matrimônio da deusa com Oceano que, segundo ele, condizem com a teoria mobilista de Heráclito.

34 Cf. Vernant, J.P. *Mito e Pensamento entre os gregos*.

Poseidon, Plutão e Hades

Se já se falou da etimologia do deus soberano, Zeus, nada impede agora que Sócrates exponha aquelas dadas a seus irmãos, Poseidon, Plutão, ou outro nome pelo qual ele é designado, Hades. Três etimologias são apresentadas para o primeiro. Inicialmente, para estabelecer um contraponto entre fluxo e estabilidade, Sócrates afirma que a natureza do mar – princípio do fluxo – teria retido aquele que primeiro o nomeou, impedindo-lhe de caminhar, criando a imagem de uma corrente em seus pés – princípio de estabilidade – o que o teria levado a denominar-lhe “trava-pés”, “ποσίδεσμον”, onde, para tornar o nome mais belo, teria sido acrescentado um segundo ε, entre o σ e o ι, recurso que Sócrates já afirmara como válido para a formação dos nomes (402e). Por isso mesmo, a segunda etimologia do nome também emprega tal expediente, onde o acréscimo de dois lâmbidas, λλ, no lugar do sigma, σ, de Ποσειδῶν, revelaria um deus que “sabe muitas coisas”, “πολλὰ εἰδότος” (403a). Além desta característica intelectual da divindade, seu nome também pode ser entendido a partir de uma ação por ele praticada, que se transformou num de seus atributos, isto é, através de seu “tremar”, “σειεῖν”, o deus seria reconhecido como “o que faz tremar”, “ὁ σειῶν”, acrescentando, de acordo com o mesmo princípio anterior, um pi, πεῖ, e um delta, δέλτα, para originar Ποσειδῶν.

“Plutão”, Πλούτων, é um nome ligado à riqueza, πλοῦτος, dom que o deus enviaria aos homens. Entretanto, este nome é um eufemismo para uma outra denominação divina, a de Hades, cuja etimologia apresentada no *Fédon* 80 d, Platão descarta no *Crátilo*. No primeiro diálogo, “Hades” é aproximado de αἰδῆς, invisível, como sendo a morada da alma após a morte, que estaria fora do campo de visão dos que ainda vivem, e portanto, sendo motivo de temor:

“Mas então a alma, aquilo que é invisível e que se dirige para outro lugar, um lugar que lhe é semelhante, lugar nobre, lugar puro lugar invisível, o verdadeiro país de Hades...”³⁵

Embora Sócrates diga que o nome do deus está longe de expressar o “invisível”, a explicação dada a seguir está bem próxima daquela do *Fédon*, onde Platão se preocupa com o

destino que pode ter a alma após a morte do corpo. A convivência com o Hades daqueles que morrem manifesta-se no *Crátilo* através da imagem δεσμὸς, laço, representado através do “desejo” ou da “necessidade” (403d). Para Sócrates, o Hades laça aqueles que vão para lá através do desejo, laço mais poderoso, pois seu objetivo é tornar o homem melhor, encantando-os com os belos discursos que sabe proferir. Por ser produtor de belos discursos, Hades é um benfeitor dos que estão junto dele, e também um sofista. Apesar de qualificá-lo primeiramente como sofista, é pelo nome de filósofo que o Hades deve ser reconhecido, pois somente após a purificação da alma, ao mostrar-se livre dos corpos e dos desejos que o cercam, é que aquele que morre encontra a verdadeira virtude, mas antes de tal purificação, ou seja, livrar-se do cárcere que o corpo representa para alma, atingir a filosofia é impossível. O tema da purificação e o destino da alma para o Hades também se encontra no *Fédon*, logo após o trecho que expomos acima:

“Ora, se tal é o seu estado, é para o que se assemelha que ela se dirige, para o que é invisível, para o que é divino, imortal e sábio; é para o lugar onde sua chegada importa para ela na posse da felicidade, onde divagação, irracionalidade, terrores, amores tirânicos e todos os outros males da condição humana cessam de lhe estar ligado, e onde, como se diz dos que receberam a iniciação, ela passa na companhia dos deuses o resto do tempo!”

Assim, por ser um sofista – e ao mesmo tempo filósofo – esse deus foi nomeado “Hades” pelo legislador, por conhecer todas as coisas belas, πάντα τὰ καλὰ εἰδέναι (404b).

Deméter e Hera

(...) Δημήτηρ θεά
 γῆ δ' ἐστίν, ὄνομα δ' ὀπότερον βούλη κάλει·
 αὕτη μὲν ἐν ξηροῖσιν ἐκτρέφει βροτούς·
 (...) Deméter Deusa
 ou Terra, chama-a pelo nome que preferes,
 ela com sólidos nutre os mortais

A descrição dada por Eurípides³⁶ nos versos acima para o nome de Deméter se assemelha àquela que encontramos no *Crátilo*, onde seu nome é derivado daquela que dá como mãe, διδοῦσα ὡς μήτηρ, ligado ao dom da nutrição, τὴν δόσιν τῆς ἐδωδῆς, revelador da dimensão de seu domínio, de sua natureza fértil (404b). Não somente o atributo da deusa, mas também a forma de nomeá-la é colocada pelo tragediógrafo, que admite a possibilidade de chamá-la “Terra”, o que mostra a impossibilidade de dissociar, na época, os nomes dados aos deuses e os seus atributos, fato recorrente no diálogo para os nomes de tais natureza.

Λοισθοτάτην δ' Ἥρην θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν
 ἦ δ' Ἥβην καὶ Ἄρηα καὶ Εἰλείθυιαν ἔτικτε
 μυχθεῖσ' ἐν φιλότῃ θεῶν βασιλῆι καὶ ἀνδρῶν.

Por último tomou Hera por florescente esposa,
 ela pariu Hebe, Ares e Ilitía
 unida em amor ao rei dos Deuses e dos homens.

Teogonia, 921-923

Duas etimologias são destinadas a revelar a natureza do nome da esposa e irmã de Zeus, representada como causa e consequência de sua relação com o deus soberano, expressa por duas palavras cujas três letras iniciais lembram o seu nome: ἐρατή, o seu caráter sedutor, e ἐρασθεῖς, verbo que indica a paixão que ela despertara em Zeus. A segunda a associa um fenômeno natural, o ar, ἀέρ, etimologia que teria tido origem com Empédocles e os estoicos³⁷, e Platão a teria reproduzido no *Crátilo*. Sócrates, privilegiando aqui a maneira de pronunciá-lo, sugere sua inversão e repetição contínua, para que se reconheça nele o nome de Hera (404c).

36 Eurípides, *Bacas*. Tradução de Jaa Torrano.

37 CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris, Éditions Klincksieck, 1968/1980.

Perséfone, Apolo e a onomatofobia popular grega

A ignorância dos homens em relação a correção dos nomes revela o seu temor diante dos próximos nomes analisados, “Pherraphata” e “Apolo”. Para o primeiro, Φερρέφαττα (404c), Sócrates prefere utilizar um outro nome pelo qual a deusa é conhecida, e mudando-o para Perséfone, μεταβάλλοντες τὴν “Φερσεφόνην,” afirma que denominá-la desta maneira também é motivo de receio aos que desconhecem a sua correção. Embora Platão não diga explicitamente o motivo, pode-se supor a razão de tal temeridade, pois o nome é composto pela palavra “φονή”, “morte”, e enunciá-lo seria como evocá-la.

Entretanto, como em todos os nomes analisados, Platão quer provar que a questão da mobilidade está sempre presente, e faz com que Sócrates lhe dê outra etimologia, dizendo que o nome deriva do “toque daquilo que se põe em movimento”, τὴν ἐπαφὴν τοῦ φερομένου (404d), o que revelaria a sabedoria da deusa e, recordando o seu mito, Platão afirma ser essa a razão do Hades ao querê-la em sua companhia, o que podemos confirmar também pelos dois versos hesiódicos que lhe fazem menção:

Ἐνθα θεοῦ χθονίου πρόσθεν δόμοι ἠχήεντες
 ἰφθίμου τ’ Αἶδεω καὶ ἐπαινῆς Περσεφονείης
 ἐστᾶσιν.

Defronte, o palácio ecoante do Deus subterrâneo
 o forte Hades e da temível Perséfone
 eleva-se.

Teogonia, vv. 767-769

Αὐτὰρ ὁ Δήμητρος πολυφόρβης ἐς λέχος ἦλθεν,
 ἦ τέκε Περσεφόνην λευκώλενον, ἦν Αἰδωνεὺς
 ἤρπασε ἥς παρὰ μητρός· ἔδωκε δὲ μητίετα Ζεὺς.

Também foi ao leito de Deméter nutriz
 que pariu Perséfone de alvos braços. Edoneu
 raptou-a de sua mãe, por dádiva do sábio Zeus.

Teogonia, vv. 912-914

A explicação de “Apolo” será dada tendo em vista os atributos do deus (404e). Porém, antes de analisá-lo, Sócrates, assim como fizera com a etimologia precedente, alerta seu interlocutor para o receio que este nome desperta entre os homens, pois ele também seria a indicação de algo terrível, não explicado por Platão, embora uma suposição pode ser feita: o nome do deus estaria, por uma semelhança de grafia, ligado ao verbo “ἀπόλλυμι”, que quer dizer “perecer”, “morrer”, ou seja, assim como a ideia de morte revelaria a natureza de Perséfone, o mesmo se passa com o nome do deus, o que demonstra, de certa maneira, que os antigos já “etimologizavam” os nomes de acordo com suas crenças.

“Apolo”, segundo Sócrates, apesar de ser um nome único, torna visível os quatro atributos do deus, ἔν ὄν τέτταρσι δυνάμεσι ταῖς τοῦ θεοῦ, a saber, a música, a mântica, a medicina e a arte do arco (405a). Hermógenes vê essa explicação inicial do nomes como espantosa, ἄτοπον³⁸, mas, segundo Sócrates, harmoniosa, εὐάρμοστον, pois um dos aspectos que distingue o deus é justamente o fato de ele ser músico. Embora este também seja um dos atributos da divindade, será pela medicina e pela mântica que Sócrates iniciará a exposição. Essas duas práticas, segundo ele, tem como objetivo tornar o homem puro, em seu corpo e em sua alma, e o método empregado para isso é o uso de drogas medicinais e fumigações, banhos e aspersões. Por ser o deus um médico e também um adivinho, Sócrates conclui que ele é o deus que purifica, lava e liberta os homens de tais males e, aproximando o seu nome a tais métodos, “Apolo” poderia ser compreendido como aquele que lava, Ἀπολούων, devido às libertações, ἀπολύσεις, e abluções, ἀπολύσεις, relação estabelecida com a arte da medicina. O tema da purificação já havia sido mencionado quando tratamos da etimologia da “alma” e do “corpo”, e do destino dado à primeira por ocasião da morte. Retomar essa explicação aqui, com menciona Dixsaut³⁹ nos faz lembrar o *Fédon* (67a e ss.) onde, por ocasião da condenação e execução de Sócrates, há uma profunda discussão em torno do tema, sendo impossível dissociá-lo do deus agora tratado.

Quanto à arte divinatória, a explicação que lhe é dada considera a pronúncia tessálica do nome do deus, Ἄπλουν, indicando que o deus é simples, ἀπλοῦν, onde Platão opera uma pequena modificação somente na aspiração do alfa inicial do nome. Relacionando-o à arte do

38 O primeiro significado de ἄτοπον é “absurdo”, mas não creio que esta seja a melhor tradução, pois uma vez que Sócrates ainda não explicou o que quer dizer o nome, a reação esperada de Hermógenes deve ser de surpresa, não de desconfiança.

39 Dixsaut, M. *Le naturel philosophie: Essai sur les Dialogues de Platon*. Paris: Vrin, 1985.

arco, terceiro atributo do deus, o nome indica que Apolo é o sempre vertente, ou mestre em lances, ἀειβολῶν, e pode ser chamado Ἀειβάλλον.

A última análise do nome do deus se mostra um pouco mais complexa, pois é nela que Platão introduz a ideia da mobilidade, onde o jogo entre as palavras apresentadas requer uma explicação mais elaborada, dada a dificuldade de reconhecê-lo na tradução (405d). Primeiramente, Sócrates o diferencia em duas termos, dois prefixos que possuem o mesmo significado, ambos indicando aquilo que há em comum, o “ἄλφα”, e o “ὄμοῦ”. Em palavras como “companheiro de viagem”, ἀκόλουθόν, e “consorte”, ἄκοιτιν, ambos indicam aquele que acompanha, portanto em movimento. Se substituirmos seus prefixos pelo segundo que indicamos, teremos o mesmo nome, embora com grafia diferente, ὄμοκέλευθον e ὄμόκοιτιν. Procedendo da mesma maneira com o nomes do deus, teremos no lugar de Ἀπόλλωνα, ὄμοπολῶν, onde um segundo λ, deve ser acrescido para que o nome não se torne, como afirma Sócrates, homônimo de uma palavra difícil de explicar, referência ao verbo acima citado, “ἀπόλλυμι”.

Contudo, lembremos que um outro atributo ainda não foi investigado, aquele que o liga à música. Será por essa explicação que a segunda parte do nome do deus será examinada. Sócrates dirá que, comparando a música à astronomia, existe algo na primeira que se chama sinfonia. Essa mesma harmonia, em relação ao céu, é chamada “circundação”, πόλους, oriunda de uma “conversão simultânea”, ὄμοῦ πόλησιν, que para aqueles que são versados em música e em astronomia, essas coisas “volvem-se simultaneamente”, πολεῖ ἅμα. O deus, por ser músico, também deve ser versado em harmonia, o que faz com que ele “dirija todas coisas”, ὄμοπολῶν, quer entre os deuses, quer entre os homens. Dessa forma, ao fazer todos os jogos de palavras possíveis para esclarecer o nome do deus, Sócrates, retomando sua ideia inicial, conclui que o nome atribuído à divindade toca todos os seus atributos, e nos faz reconhecer neles a sua natureza.

Quanto às Musas, Μούσας, Sócrates as associa diretamente à música, e à busca, μῶσθαι, da pesquisa e da filosofia, unindo-a à harmonia encontrada na primeira, como requisito para a sua realização.

Leto e Ártemis

Φοίβη δ' αὖ Κοίου πολυήρατον ἦλθεν ἐς εὐνήν·
 υσαμένη δὴ ἔπειτα θεὰ θεοῦ ἐν φιλότῃτι
 Λητῶ κυανόπεπλον ἐγείνατο, μείλιχον αἰεῖ,
 μείλιχον ἐξ ἀρχῆς, ἀγανώτατον ἐντὸς Ὀλύμπου,
 ἦπιον ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσιν.

Febe entrou no amoroso leito de Coios
 e fecundou a Deusa o Deus em amor,
 ela gerou Leto de negro véu, a sempre doce,
 boa aos homens e aos Deuses imortais,
 doce dès o começo, a mais suave no Olimpo.

Teogonia, 404-408

Assim como na *Teogonia*, “Leto” é um nome explicado a partir da doçura e bondade da deusa, que diante da necessidade humana, consente de bom grado, ἐθελήμονα. Entretanto, uma outra etimologia é proposta, baseada na pronúncia estrangeira do nome, alterando o ático Λητῶ para Ληθῶ, evidenciando na deusa e em seu nome, sua serenidade de caráter, λεῖον τοῦ ἦθους (406a).

“Ártemis” também terá duas etimologias, a primeira, fazendo derivar o nome do incólume, ἀρτεμῆς, ou seja, daquilo que permanece sem alteração, dado o seu desejo de manter-se virgem, τὴν τῆς παρθενίας ἐπιθυμίαν, que a fazia odiar o ato sexual, ἄροτον μισησάσης, e outra, talvez consequência desta, que mostra a deusa como a conhecedora da virtude, ἀρετῆς ἴστορα (406b). Eurípides, nos versos 61 e ss. da tragédia *Hipólito*, nos dá paralelos que justificam a etimologia proposta por Platão:

πότνια πότνια σεμνοτάτα,
 Ζηνὸς γένεθλον,
 χαῖρε χαῖρέ μοι, ᾧ κόρα
 Λατοῦς Ἄρτεμι καὶ Διός,
 καλλίστα πολὺ παρθένων,
 ᾧ μέγαν κατ' οὐρανὸν
 ναίεις εὐπατέρειαν αὐ-
 λάν, Ζηνὸς πολύχρυσον οἶκον.

χαῖρέ μοι, ὦ καλλίστα
καλλίστα τῶν κατ' Ὀλυμπον.

Santa, santa, augustíssima,
Filha de Zeus,
Salve, oh donzela, salve
Oh Ártemis, prole de Leto e Zeus,
mais bela entre as virgens,
que pelo imenso céu
habitais o magnífico átrio da áurea casa de Zeus.
Salve, oh belíssima
a mais bela dentre as do Olimpo.

Dioniso e Afrodite

Καδμείη δ' ἄρα οἱ Σεμέλη τέκε φαιδιμον υἱὸν
μυθεῖσ' ἐν φιλότητι, Διώνυσον πολυγηθέα,
ἀθάνατον θνητή· νῦν δ' ἀμφοτέροισι θεοῖσιν εἰσιν.

Sêmele filha de Cadmo unida a Zeus em amor
gerou o esplêndido filho Dioniso multialegre
imortal, ela mortal. Agora ambos são Deuses.

Teogonia, 940-942

É por estes dois deuses que Hermógenes pretende que Sócrates agora discorra. Sócrates, entretanto, o adverte que talvez seja com seriedade ou com zombaria, σπουδαίως καὶ παιδικῶς (406c), que os nomes são atribuídos aos deuses, ficando a explicação séria a cargo de outros, pois ele o explicará pela segunda via. Podemos ver nessa passagem, assim como muitos comentadores do diálogo, uma advertência para que não se leve tão a sério assim o desenvolvimento desta seção etimológica, uma vez que está claro que o que se fará é expor o modo que “por brincadeira” estes nomes são atribuídos? Dioniso, o “deus multialegre” de Hesíodo, é descrito no *Crátilo* como aquele que dá o vinho, ὁ διδοῦς τὸν οἶνον, sendo chamado, “Dadivinoso”, “Διδοίνυσος”. Apesar desta afirmação de Sócrates, o que há de

zombaria nesta etimologia? O deus, tradicionalmente conhecido como o deus do vinho, não pode ter a sua natureza revelada através do elemento que mais o caracteriza? E este elemento, οἶνος, que Sócrates diz fazer ter na mente dos que bebem o muito que eles não tem, num genial trocadilho entre o nome da bebida e a inteligência, νοῦς, também não é algo bastante revelador da natureza humana, sobretudo se lembrarmos um outro diálogo, o *Banquete*, onde se tentava definir, numa reunião regada a vinho, o que seria o amor?

É justamente aquela conhecida como “a deusa do amor”, Afrodite, o próximo nome investigado. Evidentemente, não podemos também dizer que seu nome é analisado de maneira que se leve a crer em uma brincadeira, pois é sob a autoridade de Hesíodo que Sócrates deriva seu nome da espuma do mar, ἀφροῦ (406d), assim como fez o próprio poeta:

ποσσὶν ὕπο ῥαδινοῖσιν ἀέξετο· τὴν δ' Ἀφροδίτην
 [ἀφρογενέα τε θεὰν καὶ εὐστέφανον Κυθήρειαν]
 κικλήσκουσι θεοὶ τε καὶ ἄνδρες, οὔνεκ' ἐν ἀφρῷ
 θρέφθη· ἀτὰρ Κυθήρειαν, ὅτι προσέκυρσε Κυθήροις·

crescia sob esbeltos pés. A ela, Afrodite
 Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
 apelidam homens e Deuses, porque da **espuma**
 criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Teogonia, 195-198

Palas e Atena

Αὐτὸς δ' ἐκ κεφαλῆς γλαυκώπιδα Τριτογένε
 δεινὴν ἐγρεκύδοιμον ἀγέστρατον ἀτρυτώνη
 πότνια, ἧ̃ κέλαδοί τε ἄδον πόλεμοί τε μάχαι τε,

Ele da própria cabeça gerou a de olhos glaucos
 Atena terrível estrondante guerreira infatigável
 soberana a quem apraz fragor combate e batalha.

Teogonia, 924-926

Os versos acima, que descrevem o nascimento de Atena, são suficientes para explicar a etimologia que lhe é dada no *Crátilo*. Lembrando a Hermógenes que a deusa é também conhecida entre os gregos por outro nome, Palas, Sócrates fará derivar o nome da dança com armas, ressaltando o caráter guerreiro, paladino da deusa. Desse modo, o dançar ou fazer dançar, *πάλλειν/πάλλεσθαι*, além de destacar o atributo guerreiro da deusa, revela a intenção implícita de Platão de fazer ver nos nomes a oposição mobilidade/estabilidade. Além disso, segundo o poeta, a deusa foi gerada da própria cabeça de Zeus, e é representada no *Crátilo* (407b) como a Inteligência Divina, *θεοῦ νόησιν*, chamada *Θεονόην*, por seu conhecimento das coisas divinas, *τὰ θεῖα νοούσης*. Ora, o conhecimento das coisas divinas, que sempre são, implica um conhecimento daquilo que é o ápice da estabilidade, que por ser eterno, permanece imutável em si mesmo. Ao propor etimologias diferentes para o que representaria um mesmo ser, Platão já dá indícios de que os nomes, quaisquer que sejam, podem ser analisados ora tendo como base a mobilidade, ora a estabilidade.

Hefesto e Ares

Ἥρη δ' Ἥφαιστον κλυτὸν οὐ φιλότητι μγεῖσα
γείνατο, καὶ ζαμένησε καὶ ἤρισε ᾗ παρακοίτη,
ἐκ πάντων τέχνησι κεκασμένον Οὐρανίωνων.

Hera por raiva e por desafio a seu esposo
não unida em amor gerou o ínclito Hefesto
nas artes brilho à parte de toda a raça do Céu.

Teogonia, 925-927

Hesíodo novamente justificará a etimologia dada ao nome de Hefesto que, no *Crátilo*, mostra-se aparentemente simples. O deus, cujo nome Sócrates faz derivar de *Φαῖστος*, Faiscante, para lembrar a sua função metalúrgica, acrescentando uma letra eta, *τὸ ἦτα προσελκυσάμενος*, indicaria o “nobre conhecedor da luz”, *τὸν γενναῖον τὸν “φάεος ἴστορα”* (407c). Além disso, sabemos que o deus é reconhecido mitologicamente como do deus do fogo e, quando tratamos das etimologias dos nomes homéricos, vimos esse mesmo deus

travando “um combate singular com o rio Escamandro”, indicando, alegoricamente, o combate entre o fogo e a água, de onde se pode inferir, dada a oposição dos termos, o combate entre a estabilidade dos seres, representada por Hefesto, e a teoria heraclitiana do fluxo, representada pelo rio Escamandro. Entretanto, Platão vai além, pois ao caracterizar o deus como “o nobre conhecedor da luz”, não nos deixa alternativa senão traçar, a partir desta etimologia, um paralelo com a alegoria da caverna descrita na *República*, onde aquele que avista a luz é o que ascende ao plano inteligível, o que conhece como são as coisas. Antevendo que o assunto estaria fora dos limites tratados no *Crátilo*, e diante da percepção de Hermógenes de que haveria uma outra explicação para o nome, Sócrates esquiva-se, fazendo com que o exame avance e o nome dado a outro deus seja investigado.

O deus da guerra, “Ares”, Ἄρης, terá duas explicações: primeiramente seu nome será associado à masculinidade, ἄρρεν, à virilidade, ἀνδρεῖον; em seguida, à dureza e à inflexibilidade, qualidades que permitem que seja chamado, indestrutível, ἄρρατον⁴⁰, qualificativos que bem caracterizam, segundo Sócrates, aquele que é conhecido com o deus da guerra (407d).

2.3 Etimo[logo]logias, segundo argumento sobre verdade e falsidade nos nomes (407e - 408d)

Ζηνὶ δ' ἄρ' Ἀτλαντὶς Μαίη τέκε κούδιμον Ἑρμῆν,
κῆρυκ' ἀθανάτων, ἱερὸν λέχος εἰσαναβᾶσα.

Maia, filha de Atlas, após subir no leito sagrado
de Zeus pariu o ínclito Hermes arauto dos imortais.

Teogonia, 938-939

Vimos, no primeiro argumento sobre verdade e falsidade, que o nomes seriam uma

40 Este termo só foi registrado duas vezes em prosa grega, ambas em Platão. Além desta passagem, ἄρρατον caracteriza os guerreiros no livro VII da *República*, 535c.

descrição do ser e, enquanto descrição, eles poderiam ser ou verdadeiros ou falsos. Quando a exposição analítica dos nomes divinos parece ter chegado ao fim, Hermógenes se mostra ansioso para investigar ao menos mais um nome. Alegando que Crátilo, no início do diálogo, afirmara que Hermógenes não era o seu nome, ele crê necessário examinar a natureza de tal tal nome – e de tal deus – para que se verifique ou não a veracidade de sua afirmação. Como temos insistido, a correção do nome de Hermógenes – e portanto aquela de Hermes – deverá ser correlata à verdade. Descobrir essa verdade levará Sócrates a retomar uma questão que já fora discutida no início do diálogo, a veracidade do *logos*.

Sócrates, para explicar-lhe a natureza do nome, inicia por apontar as semelhanças existentes entre os atributos do deus e o discurso. Primeiramente, Hermes é descrito como hermeneuta, τὸ ἑρμηνεύα, e também como divindade negociante, furtiva, enganadora, qualidades que estariam relacionadas ao “poder do discurso”, “περὶ λόγου δύναμίν”. O nome seria formado a partir do “inventar”, “ἐμύσατό”, e do “dizer”, “εἶρειν”, ao qual o legislador dos nomes teria ordenado que chamássemos “εἰρέμης” ao inventor do discurso. O deus seria então o representante não somente dos que se mostram hábeis em relação ao discurso, pois se tomarmos o primeiro atributo do deus – hermeneuta – ele também deve ser, levando em conta o significado jurídico do termo, especialista na interpretação da lei, que para Platão é a base da tese de nomeação de Hermógenes. A descrição do deus proposta por Sócrates leva Hermógenes a concordar com Crátilo, já que ele não se diz hábil nos discursos e, subentendido, não muito confiante no princípio de sua própria tese.

Embora não tenha sido perguntado por Hermógenes sobre o deus Pan, Sócrates introduzirá aqui a sua etimologia, como uma explicação do primeiro argumento sobre a verdade e falsidade nos nomes. É clara a artimanha de Platão aqui. No argumento apresentado anteriormente, Sócrates trata da verdade e da falsidade dos nomes enquanto partes do discurso. Apresentar a etimologia de Hermes, apesar de relacioná-lo ao discurso, satisfaz somente a primeira definição, a de que existiriam nomes que podem ser atribuídos de maneira falsa ou verdadeira. Assim como no primeiro argumento, onde Sócrates definira o que era um nome falso ou verdadeiro, exemplificando e justificando-o aqui, a necessidade agora é definir o discurso falso ou verdadeiro, para concluir a sua possibilidade quando retomar a questão com Crátilo. Para tanto, Platão recorrerá a descrição imagética da divindade para atestar a existência de um discurso verdadeiro ou falso.

Pan, o filho do deus Hermes, é apresentado como sendo irmão do discurso ou o próprio

discurso, significando o todo⁴¹, τὸ πᾶν, numa óbvia associação entre os nomes. Lembremos que Sócrates fora chamado para discussão justamente num momento de impasse entre Crátilo e Hermógenes, em que o *logos* deveria ser colocado em comum, ou seja, deveria circular⁴². É precisamente essa a primeira definição que lhe é dada, já que o discurso, segundo Sócrates, sempre circula e gira, κυκλεῖ καὶ πολεῖ ἀεί. Além disso, há uma correlação entre a dupla natureza descrita no nome do deus e aquela do discurso, verdadeiro e falso. A representação imagética⁴³ do deus o mostra como polido em sua parte superior e grosseiro em seu oposto e, assim como o discurso, uma parte estaria ligada ao verdadeiro, que habitaria acima com os deuses, e a outra ao falso, que habitaria abaixo com os homens. Assim posto, o discurso verdadeiro estaria fora do alcance humano, limitado a uma esfera celeste cuja participação humana se faria impossível. A possibilidade restante aos homens é a de ter em seu convívio o discurso falso, grosseiro como a parte inferior do deus e que habita entre nós, expresso em sua maior expoência através da tragédia, onde se encontrariam os mitos, representantes de falsidades.

Essas explicações, entretanto, não encerram o problema da verdade e da falsidade nos nomes, pois delas não se pode tirar nenhuma conclusão sem que se caia num paradoxo. Após Sócrates dizer que as maiores falsidades encontram-se nos mitos, como alegar que o problema do discurso falso e verdadeiro encontrou sua solução, se é justamente através de um mito que Platão pretendeu explicar a sua natureza?

Sócrates, ironicamente utilizando um epíteto usado somente para fazer referência a um deus na tragédia, μακάριε, pede prudentemente a Hermógenes o afastamento dos deuses, pois ele, novamente, diz temer falar a respeito deles.

41 Lembremos da divisão do discurso que comporta também as suas partes – os nomes.

42 Sigo aqui a interpretação de Monique Dixsaut para a primeira frase do diálogo, embora ela não a associe à etimologia apresentada.

43 A representação iconográfica usualmente dedicada a Pan o apresenta portando pés de bode, animal que era sacrificado antes das apresentações teatrais, de onde teria derivado o nome dado ao gênero trágico.

2.4 Etimo[cosmo]logias (408e - 410e)

Saindo do campo da análise dos nomes atribuídos aos deuses, Hermógenes sugere que a investigação se dê em torno daqueles que, como Sócrates havia destacado anteriormente, também são considerados deuses, ao menos dentre os bárbaros. Os nomes investigados são aqueles do âmbito cosmológico, ou seja, aqueles que definem tanto os astros propriamente ditos, por exemplo o sol e a lua, como também os fenômenos de outra ordem, como as estações e o ano. O valor dessa passagem, se tivermos em mente que há, à medida que a apresentação das etimologias se desenvolve, um declínio da questão da estabilidade e uma ascensão do conceito de movimento, centra-se sobretudo nas teorias filosóficas que tinham como pilar tais elementos naturais, que explicariam a ordem do mundo.

A coleção de astrônimos apresentada no diálogo não faz menção ao que hoje conhecemos como os nomes próprios dos astros, mas o faz em vista de uma nomenclatura comum, embora, vimos, sejam considerados por alguns como verdadeiras divindades. É sobre essa verdade acerca dos nomes dos fenômenos cosmológicos, disso que chamo de etimo[cosmo]logias, que tratamos a seguir.

O primeiro nome investigado será aquele dado ao sol. A base utilizada para sua decodificação não será a sua forma ática – *hélíos* – mas a sua forma em dialeto dórico – ἄλιος, forma aceitável para os padrões de correção tanto de Crátilo quanto de Hermógenes, pois ambos concordaram, no início do diálogo, que a correção poderia dar-se entre os gregos falantes de dialetos diferentes. Para este termo, Platão dará três etimologias distintas: a primeira diz que o sol é aquele que agrupa as pessoas, ἀλίζειν, quando nasce. Sabemos que o sol, tomado metaforicamente, corresponde à ideia do Bem descrita na imagem da sol na *Republica*. Ora, Platão nos diz aqui, uma vez que tomamos o excursus etimológico também como um caminho para que se desenvolva uma teoria gnoseológica, que o sol, enquanto está entre os homens, deveria agrupá-los sob o seu domínio, ou seja, deveria direcionar todos os seres em vista do conhecimento do Bem, da tentativa de ascender ao conhecimento inteligível.

A segunda etimologia nos diz que o sol é aquele que “roda sem cessar”, ὀεὶ εἰλεῖν, em torno da terra, e que “colore”, ποικίλλει, as coisas que nascem dela. Devemos dividir essa definição em duas partes: uma, relacionando o nome “sol” a questão do movimento perpétuo, e portanto à teoria heraclitiana; outra, como o responsável pelas coisas nascidas da terra, ou seja, por tudo que é sensível. A luz do sol permite que se conheça somente essas coisas que

são geradas, ou seja, aquelas que se encontram no mundo sensível, uma vez que ele representa o inteligível em seu absoluto.

Quando é perguntado pela etimologia da palavra “lua”, Sócrates faz referência a Anaxágoras, o que pode ser confirmado pela leitura de seu fragmento (DK 59B 18), que diz que o “sol fornece à lua o seu brilho”. Sócrates mostra que existe uma sinonímia entre as palavras “brilho”, σέλας, e “luz”, φῶς, indicando que ela, ao revestir a lua, é sempre nova e velha, ou seja, existe para o astro uma ideia de movimento eterno, pois “gira sem cessar”, κύκλω γάρ ἀεὶ, em sua volta. O fato de possuir sempre esse “brilho novo e velho”, σέλας νέον καὶ ἔνουν ἔχει ἀεὶ, o nome mais justo que poderia lhe ser dado é “Σελαενονεοάεια”, mas a justaposição dos termos nos faz chamá-la “Σελαναία”, nome que soa como ditirâmico a Hermógenes, dado ao excesso praticado por Sócrates.

Quanto à análise de “mês”, devemos previamente notar que o termo não consta na lista sugerida por Hermógenes, sendo introduzido por Sócrates com duas intenções: a primeira, continuar a sua crítica à noção de movimento existente em todas as palavras analisadas – endereçada a Crátilo e a Heráclito – e em seguida censurar àqueles que fazem uso dos nomes, mudando-os para uma outra forma, afim de torná-los mais belos, o que entendo como uma crítica ao convencionalismo de Hermógenes. Assim, para explicar-lhe, Sócrates dirá que “mês”, μεις, provém de diminuir, μειοῦσθαι.

Curiosamente, quando deve tratar da etimologia da palavra fogo, Sócrates simula uma hesitação, oriunda da dificuldade de analisá-lo. Apesar de não propor uma etimologia ao termo, Platão joga com os seus sons – fogo, πῦρ e aporia, ἀπορῶ – alegando ser ele um nome difícil de ser analisado, o que o leva a recorrer a um expediente para esses nomes que o deixam em aporia: alegar a sua origem bárbara, no caso específico, Frígia. Mas não só esse nome, mas também “água”, “cão” e muitos outros. O argumento dado é a não necessidade de combater com violência tais nomes, insistindo em procurar-lhes uma origem, mas simplesmente descartá-los.

O tema do fluxo perpétuo de Heráclito se mostrará dominante nas etimologias restantes deste grupo. O primeiro termo, o “ar”, ἀήρ, é diretamente relacionado ao “fluir sem cessar”, ἀεὶ ῥεῖ, tema central do mobilismo; quanto ao “éter”, αἰθέρα, há uma semelhança entre a sua etimologia e a que havia sido dada quando da descrição dos deuses: ambas possuem sua origem no verbo correr, θεῖ. Sabemos, por definição, que o éter representa o sublime, o elevado e, por isso, num sentido figurado, está relacionado ao divino. Quanto à

terra, γῆ, sua compreensão seria mais clara se o tomássemos por γαῖα, pois Platão o associa diretamente à sua função “geradora”, γεννήτειρα, ao qual Homero denominaria, γεγάασιν.

As quatro estações do ano estão descritas na palavra grega ὄραι, mas Sócrates previne Hermógenes que, para conhecer precisamente o seu significado, é necessário pronunciar ὄραι, pois elas são responsáveis por definir, ὀρίζειν, a produção correspondente a cada uma delas. O mesmo processo utilizado na análise do nome de Zeus, que fora dividido em dois, volta a ser utilizado para explicar o termo “ano”, ἐνιαυτόν, sendo o que “controla ele mesmo em si mesmo”, ἐν ἑαυτῷ ἐτάζον, entendido como uma única sentença, ἐνὸς λόγου.

2.5 Noções Morais (411a - 421e)

A ideia de movimento, de fluxo e de devir caracteriza todo este grupo de etimologias, pois, assim como dissemos anteriormente, à medida que a análise etimológica avança, saindo do domínio divino para adentrar ao mundo da *dóxa*, ou seja, mais próxima da opinião dos homens, a mobilidade existente nos nomes atribuídos aos seres se evidencia. Diferentemente do que propomos para os termos precedentes, onde cada termo foi analisado individualmente, para os nomes a seguir privilegiaremos o comentário, ao invés da análise propriamente dita. Assim, a razão, φρόνησις, o juízo, γνώμη, o entendimento, νόησις, a moderação, σωφροσύνη, a ciência, ἐπιστήμη, a compreensão, σύνεσις, a sabedoria, σοφία e o bom, ἀγαθόν, todos esses termos estão ligados à ideia de movimento – e também a de conhecimento – que levaria a alma a reconhecer os seres através deles, uma vez que todos esses termos estão todos ligados ao pensamento.

As aporias da justiça

Mostra-se aparentemente simples explicação de Sócrates a respeito da *justiça*, δικαιοσύνη: esta é a “compreensão do justo”, “δικαίου συνέσει”. Entretanto, a explicação do justo parece ser mais difícil e Sócrates explicará o porquê. Expor o que se compreende por justo necessita de um desenvolvimento maior, pois implica aquilo que outros, que não são nomeados por Platão no diálogo, pensam a seu respeito, sendo motivo de discordância entre

eles. A primeira definição de justo, δίκαιον, é aquilo que perpassa todo o universo e que coloca as coisas em movimento, fazendo com que todas elas sejam geradas e, por ser o mais tênue e o mais ligeiro, pode atravessá-las. Derivando o termo daquele que perpassa, διαίων, o justo teria sido formado a partir do acréscimo do “poder da letra k”, τὴν τοῦ κάππα δύναμιν, afim de melhorar-lhe a pronúncia, recurso que Platão já usara em outras passagens. O justo seria também a causa, τὸ αἴτιον, através do qual todos os seres são gerados, o que nos faz retornar à etimologia de Zeus, onde ele também era a causa de vida para todos os seres.

Platão não se contenta apenas com essa definição, e diz que o justo seria também o sol, sendo o único que perpassa todos os seres, esquentando-os, διαίωντα καὶ κάοντα. Tal definição levantaria um problema, pois ao admitir que o sol e o justo são o mesmo, o justo não se encontraria entre os homens quando ele se escondesse. Outra opinião seria a de que o justo não é o fogo em si, mas o calor contido no próprio fogo. A quarta opinião é atribuída ao *lógos* de Anaxágoras, que declara ser o justo e o próprio pensamento, independente e não misturado a coisa alguma, o que nos remete a etimologia de Cronos. Apesar de elencar tais opiniões sobre o justo, Sócrates diz então encontrar-se em aporia quando a questão é descobrir o que afinal ele significa.

Outras etimologias

Antes de explicar a coragem, Sócrates faz uma pequena observação acerca da injustiça, ἀδικία, como sendo um obstáculo aquilo que perpassa, διαίωντος, ou seja, o contrário à etimologia apresentada para a justiça, inserindo um alfa privativo, para indicar o seu contrário. É basicamente pelo mesmo processo que se dá a explicação da palavra coragem, ἀνδρεία, de onde se retirando a letra delta, δ, teríamos ἀνρεία, ou um contra-fluxo.

O viril e o varão, τὸ “ἄρρεν” καὶ ὁ “ἀνήρ”, seriam o fluxo para cima. A mulher, γυνή, e o feminino, θήλυ, estariam ligados ao engendrar, ao fazer crescer. O florescer, θάλλειν, primeiro verbo analisado, representaria o crescimento das coisas, e foi formado a partir de duas palavras diferentes, o correr e o saltar, θεῖν καὶ ἄλλεσθαι. Essas etimologias servem como um interlúdio, pois apesar delas apresentarem a ideia de mobilidade, elas se mostram fora de uma ordem lógica, aquela que proporia a análise dos nomes ligados ao pensamento e à virtude. Embora ocorra essa desordem, todas elas estão de acordo com a teoria de Heráclito,

de oposição entre pares: masculino/ feminino, coragem/ covardia.

Quanto à “arte”, τέχνην, Sócrates o deriva da “posse da razão”, ἔξιτιν νοῦ, com a inserção e a mudança de posição de algumas letras para formar o nome, afirmando que os responsáveis por tais alterações seriam aqueles que não se preocupam com a verdade, mas aqueles interessados somente em uma boa pronúncia. Sócrates aqui parece se contradizer, uma vez que ele já havia afirmado como válido a inserção ou retirada de letras para a formação dos nomes. Entretanto, ele começa a afastar-se de tal procedimento, por considerar tal expediente uma escapatória fácil àqueles que desejassem adaptar os nomes às coisas. Sócrates, que diz chegar ao ápice da investigação etimológica, sugere ainda que outros nomes sejam analisados, entre eles a habilidade, μηχανή, nome formado a partir da “produção”, ἄνειν, e do “comprimento”, μήκους. Seguindo o objetivo de atingir o auge de sua explanação, a investigação irá em direção de nomes como a virtude, o vício e aqueles cuja ideia de movimento apresenta ligada à alma.

A virtude, o vício, o movimento e a alma

O ápice da investigação etimológica é, segundo Sócrates, examinar o que querem dizer a virtude e o vício, embora ele deixe claro que, quanto ao primeiro, ainda não percebe o seu significado. A análise do outro se dá a partir do deslocamento das coisas, ἰόντων τῶν πραγμάτων, referente à alma, ou seja, tudo o que se move mal, κακῶς ἰόν, pode ser considerado vício, κακία. O significado deste “mover-se mal” só pode, de acordo com Sócrates, ser analisado através da “covardia”, nome que ele ignorara, uma vez que deveria tê-lo investigado junto com a “coragem”.

Assim, haveria na alma um laço forte, um excesso, λίαν, o que faz da covardia, δειλία, um laço excessivo na alma. Vimos, na etimologia de Poseidon, que também existia um laço, δεσμὸς, que impedia o deslocar-se. Trata-se aqui desse mesmo laço, que representa um obstáculo ao movimento. Para Sócrates, tudo aquilo que representa uma dificuldade à progressão de algo, que o impede de avançar, é considerado um mal, e isso pode ser visto na análise de “aporia”, ἀπορία, pois representa um obstáculo ao deslocar-se, πορεύεσθαι, e tudo isso, por impedir o movimento, torna a alma plena de vícios. O contrário ao vício, a virtude, ἀρετή, seria a “boa marcha”, εὐπορίαν, indicando um deslocamento sem qualquer

impedimento na alma, que por conta do seu “fluxo incessante”, ἀεὶ ῥέον, pode ser chamada a sempre-fluente, ἀειρείτην. Mas não somente pela ideia do fluxo o nome é analisado, pois Sócrates ainda dirá que a virtude é a “mais desejável”, αἰρετωτάτης, mas depois de forjado, foi chamado ἀρετή.

Essa análise traz alguns pontos semelhantes com a etimologia que havia sido dada ao “Hades”, sobre o desejo da virtude que faz com que os que vão para lá não queiram retornar. Essa busca da virtude é o desejo do filósofo e, lembremos, o próprio Hades havia sido assim denominado, como uma referência aos grandes bens que podem ser alcançados após a morte, quando a alma, separada do corpo, portanto sem qualquer impedimento, pode vislumbrar esse outro mundo.

Um nome difícil de interpretar, embora tenha entrado na composição dos precedentes é, segundo Sócrates, o “mal”, κακόν, que será deixado de lado por ser de origem bárbara. Entretanto, Sócrates não se intimida em analisar outros dois termos opostos, o belo e o feio. Quanto ao “feio”, αἰσχρόν, ele é o que “sempre impede o fluxo”, ἀεισχοροῦν, e o “belo”, καλόν, um nome mais difícil de compreender, pois implicaria uma alteração vocálica em sua última sílaba. Como o objetivo de Platão não é a investigação semântica dos termos, ele o analisa buscando algo que seja comum a todas as denominações, e ao próprio ato de nomear, que ele julga como causa da inteligência humana ou divina. Dessa forma, a inteligência seria a causa daquilo que “se nomeou”, καλέσαν, e daquilo que ainda “nomeia”, καλοῦν, propondo uma separação entre o que seria louvável, ou produzido por essa inteligência, daquilo que seria censurável, não produzido por ela. Uma vez que o “nomear produz coisas belas”, τὸ καλοῦν ἄρα καλά, o “belo”, καλόν, seria assim bem denominado.

Por tratar dos nomes ligados ao bom e ao belo, Sócrates examinará o “vantajoso”, συμφέρον, irmão do conhecimento, indicando o “movimento”, φορὰν, simultâneo da alma com as coisas, produzindo coisas “vantajosas, concorrentes e que se movem junto e ao redor”, συμφέροντά, σύμφορα e συμπεριφέρεσθαι. Quanto ao “lucrativo”, κερδαλέον, sua origem seria o “lucro”, κέρδος, o qual, por inserção de outras letras, também nomearia o bom, pois indicaria a “mistura” de todas as coisas, κεράννυται.

Conforme avança a análise, intensifica-se a questão da mobilidade contida nos nomes dos seres, e isso é verificável no exame de “proveitoso”, λυσιτελοῦν, que por representar algo mais rápido nos seres, impede que eles se fixem, sendo expresso pelo que “impede o fim”, λύον τὸ τέλος, do movimento. Apesar de dizer que o “útil”, ὠφέλιμον, é um nome estrangeiro,

Sócrates o analisa a partir de um termo que Homero utiliza, ὀφέλλειν, aumentar e criar, cuja tradução por “empolar” parece-me, além de guardar ambos os sentidos, manter uma crítica velada de Platão ao poeta. Embora seja perguntado por Hermógenes sobre os contrários destes nomes, Sócrates, sem esclarecer o motivo, não vê razão em analisá-los, mas propõe que outros sejam investigados.

Sócrates dá então a etimologia de “nocivo”, βλαβερόν, como o que “prejudica o fluxo”, βλάπτων τὸν ῥοῦν e, uma vez que “prejudica”, βλάπτων, pode ser visto como o que mais “deseja prender”, βουλόμενον ἄπτειν, chamado por ele de βουλαπτεροῦν, causando espanto em Hermógenes, que vê no nome uma construção talvez demasiadamente fantasiosa, que ele compara a um prelúdio a Atena, dando indícios de que ele já desconfia, em parte, dos nomes compostos por Sócrates.

Para a análise de “prejudicial”, ζημιῶδες, Sócrates retomará o expediente já utilizado no início de suas análises, dizendo que a inserção e retirada de letras dos nomes se fazem, às vezes, necessárias para o seu entendimento. Esse método, entretanto, faz com que ele se lembre de uma outra palavra, cujo significado é “o que liga”, δέον, termo que, assim como o primeiro, foi alterado por uma “uma nova língua”, que esconderia o seu significado, mas a recorrência à antiga língua pode tornar manifesto o que eles querem dizer.

Ao recorrer a essa antiga maneira de pronunciar as palavras, Platão evidencia sobretudo aquela forma utilizada pelas mulheres, que empregavam o “i” e o “d”, no lugar do “e” e do “z”. Aplicando o método, Sócrates diz que a pronúncia antiga para o que hoje se entende como “dia”, ἡμέραν, uns pronunciavam “έμέραν”, outros, “ήμέραν”, e os de antigamente, “ίμέραν”. Para Sócrates, somente a forma antiga de pronunciar o nome revela o seu significado real, pois aqueles que “desejavam”, ἰμείρουσιν, que a luz surgisse das trevas, denominavam o dia “ίμέραν”, homônimo de “desejo”.

A segunda mudança – aquela do d em z – é demonstrada pela palavra “parelha”, que os antigos denominavam “δυογόν”, ao invés de “ζυγόν”. A parelha representa o conjunto de dois animais, especialmente os utilizados para o transporte de cargas, e é a partir desse sentido que Sócrates explica a origem do nome, pois o ato de emparelhar “dois”, δυοῖν, animais para “condução”, ἀγωγήν, resultaria em “δυογόν”, mas hoje, pelas alterações mencionadas, chama-se “ζυγόν”.

“O que liga”, δέον, caracterizado como sendo irmão do nocivo, é aproximado primeiramente de δεσμὸς, “amarra”, “laço”, termo que já havia sido empregado na etimologia

de Poseídon, como um impedimento ao movimento. Fazendo uso do método antigo de pronunciar, ou seja, de substituir o “e” pelo “i”, Platão faz com que surja de δέον, o termo “διῖον”, aquilo que perpassa (referente ao movimento), significando o bom, e por isso contrário ao termo que agora é empregado. Dessa maneira, todos os termos investigados nesse grupo, por revelarem aquilo que move, seriam, para Sócrates, motivo de elogio, enquanto aqueles que indicam o contrário, a estabilidade, seriam censurados. Voltando ao termo ζημιῶδες, “prejudicial”, o nome indica, ao trocar-se o “z” pelo “d”, aquilo que “impede o mover-se”, δοῦντι τὸ ἰόν, sendo chamado “δημιῶδες”.

Após a análise destes termos, Hermógenes questiona sobre aqueles que se ligam diretamente a estados, digamos, emocionais do homem, termos que, veremos, apresentam uma relação tanto com a alma quanto com o movimento. O primeiro será o “prazer”, ἡδονή, explicado como a ação que tende à “felicidade”, ἡ ὄνησις, onde teria sido inserido um “d” para a sua formação; a “mágoa”, λύπη, tem origem na “prostração”, διαλύσεως, do corpo; o “pesar”, ἀνία, é o que impede o movimento; a “dor”, ἀλγηδών, é para Sócrates um nome estrangeiro, denominado a partir “do infortúnio”, τοῦ ἀλγεινοῦ; a “aflição”, ὀδύνη, tem origem a partir da “penetração”, ἐνδύσεως, da dor; a “preocupação”, ἀχθηδών, representa o pesar do movimento; a “alegria”, χαρὰ, a dispersão do fluxo na alma; o “prazeroso”, τέρψις, viria do prazer e o “prazer”, τερπνόν, do “movimento lento”, ἔρψεως, da alma, como um sopro; a “disposição”, εὐφροσύνη, provém do “bem conciliar”, εὖ συμφέρεσθαι, da alma com as coisas; o “desejo”, ἐπιθυμία, nome fácil de analisar, segundo Sócrates, vem do poder que tende “contra a vontade”, ἐπὶ τὸν θυμὸν, e este, “θυμὸς”, de um grande estado de agitação na alma.

Sócrates continuará analisando outros termos, mas o que devemos salientar é que, embora nas etimologias precedentes a ideia de fluxo estivesse presente, talvez de uma forma velada, que exigisse do leitor uma interpretação dos nomes investigados, para o próximo grupo de palavras essa ideia se tornará explícita, e o verbo fluir, o mesmo da máxima de Heráclito, será encontrada em todas elas.

A “paixão”, ou “desejo”, ἕμερός, tem origem no “deslocamento, do fluxo, e da ação de dirigir-se contra”, ἰέμενος ῥεῖ καὶ ἐφιέμενος, arrastando a alma. A “ansiedade”, πόθος, nome ligado ao anterior, indica algo que nele está ausente e também no fluxo. O “amor”, ἔρως, é porque “flui”, εἰσρεῖ, exteriormente, e por “fluir para fora”, ἐσρεῖν, segundo a antiga pronúncia do nome, pode ser chamado “ἔσρος”.

A alma, porque “persegueia”, διώκουσα, conhecer como são as coisas, teria originado a “opinião”, δόξα, comparando-a ao lançamento com arco, de onde provém a “certeza”, οἴησις, nome semelhante ao “levar”, οἴσιν, a alma a todas as coisas. A “deliberação”, βουλή, também seria um “lançamento”, βολήν, nome que acompanha a opinião, embora seu contrário, a “indeliberação”, ἀβουλία, indique um “não lançamento”, οὐ βαλόντος.

Nesse momento da investigação, Sócrates frisa que a inspiração divina atribuída a Êutifron parece chegar ao fim, mas restam ainda nomes que merecem ser analisados, entre eles a “necessidade” e o “voluntário”, ἐκούσιον, que é “aquele que cede ao movimento”, εἶκον τῷ ἰόντι; quanto ao primeiro, ἀναγκαῖον, comparada a um “trajeto erosivo”, ἄγκη, impede o movimento.

O nome, a verdade, a falsidade e o ser

Hermógenes não está ainda satisfeito com a quantidade de nomes examinados por Sócrates e lhe propõe a investigação daqueles que lhe parecem ser os mais belos nomes: a “verdade”, a “falsidade”, o “ser” e aquele que tem sido o objeto do diálogo, o “nome”.

É exatamente por este último que Sócrates inicia a pesquisa. O “nome”, “ὄνομα”, para Platão, é forjado a partir de “uma sentença”, ἐκ λόγου, que diz que ele é “isso do qual por acaso a investigação é”, τοῦτ' ἔστιν ὄν, οὗ τυγχάνει ζήτημα. Esse argumento se apoia no que já fora dito anteriormente a respeito do nome de Zeus, também formado a partir de uma sentença, e esclarece algumas aporias internas do diálogo. Se anteriormente se questionava a relação entre ὄνομα e λόγος, o primeiro como parte do segundo, a dificuldade aqui é desfeita. O nome se mostra realmente como parte do discurso e Platão, notavelmente, o investiga juntamente aos termos verdade, falsidade e ser. A sua descrição se fará mais clara quando se toma como referência aquilo que no diálogo é chamado ὀνομαστόν, o “nominável”, ou ao pé da letra, o que se pode nominar. Ora, no decorrer da análise etimológica, vimos que tudo pode ser nomeado, tudo pode ser descrito. Se tivermos em mente que o que pode ser descrito diz o ser como ele é, a definição que Platão dá para “nome” justifica, e também esclarece, o exame que vem sendo feito. Na verdade, esse “ser do qual é a procura”, ὄν οὗ μᾶσμα ἐστίν, é o ser estável de cada coisa, de cada etimologia realizada por Sócrates. Vimos, contudo, que essa descrição pode ser verdadeira ou falsa, portanto, nada mais justo que sejam esses os próximos

termos a serem investigados.

A “verdade”, ἀλήθεια, é um nome que também teria sido forjado a partir de uma sentença, pois indicaria o movimento divino do ser, “como sendo a errância divina”, ὡς θεία οὔσα ἄλη. Platão parece contradizer-se nesta etimologia, ao atribuir ao divino a ideia de movimento. A meu ver, por tratar daqueles que seriam “os mais belos nomes”, o filósofo tem em vista um projeto maior, aquele que será tratado no *Sofista*, onde o movimento será reconhecido como um dos gêneros supremos e fará parte da formação do discurso. Temos que atentar que o texto nos diz que esse curso divino, tido como “verdade” é relativo ao ser, precisamente objeto do diálogo futuro, e não ao nome que lhe é atribuído, que indica a mobilidade .

A “falsidade”, ψεῦδος, é o contrário do movimento, pois indica aquele que permanece imóvel, semelhante aos que “dormem”, εὔδουσι, onde foi acrescentado um “ps”, ψεῖ, para dar-lhe o sentido atual. Para explicar “o ser e a essência”, τὸ δὲ “ὄν” καὶ ἡ “οὐσία”, Sócrates os associará à verdade, inserindo a ideia de estabilidade e mobilidade para eles e seus contrários. Assim, o “ser” é o “movente”, ἰὸν, e o “não-ser” o “não movente”, οὐκ ἰόν.

Falta ainda, para Hermógenes, analisar o que seriam esses nomes, o movente, o fluente e o que fixa. Sócrates recorrerá ao expediente já utilizado, afirmando que tais nomes são de origem bárbara. Embora soe como desculpa para não analisá-los, o próprio Sócrates fará surgir deles uma nova categoria de nomes. Tal como antes, ao analisar o bom, se dissera que este tinha sua origem no admirável e no ágil, e que ágil viria de algum outro nome, chega-se enfim numa classe de nomes que já não pode mais ser derivada de nenhum outro nome, o que Sócrates chamará de nomes primitivos, πρῶτα ὀνόματα.

2.6 Etimo[tipo]logias, ou os nomes primitivos (422a - 427c)

A última seção de análise etimológica revelou uma característica comum a todas elas: a presença do movimento em seus nomes em oposição a estabilidade dos seres. Terminada a exposição, em 421e, Hermógenes deseja saber de Sócrates o que deve ser dito sobre a correção desses outros nomes, que justamente indicam o movimento e seu oposto. Sócrates, vimos, põe em prática um método já utilizado, afirmando que a impossibilidade de se conhecer a proveniência de um nome se deve muitas vezes à sua origem bárbara. Além disso,

Sócrates impõe uma espécie de limite àquele que discorre a respeito dos nomes, onde aquele que delas fala, num dado momento, deve calar-se. O motivo para isso é a chegada aos nomes que, diferente daqueles primeiramente analisados, originados a partir de outros nomes, não possuem esses para que se possa referir. O exame, segundo Sócrates, exige esforço e é uma tarefa que não deve ser abandonada. Esses, os nomes primitivos, da mesma maneira que os anteriores, possuem uma mesma correção e uma função: fazer ver como são os seres.

O argumento de Platão para a explicá-los se inicia com o conceito de imitação. Assim como os mudos, na ausência da voz, indicam aquilo que querem indicar através de gestos, o nome deveria fazer reconhecer naquele que ouve algo que se relacionasse ao seu ser. Apesar desse exemplo, Sócrates não se mostra satisfeito, pois ao imitar dessa forma, aqueles que imitam o som produzido pelas ovelhas, por exemplo, estariam nomeando-as quando as imitam. Cabe então, distinguir que tipo de imitação seria esta produzida pelos nomes.

A música e a pintura serão os primeiros tipos de imitação que Sócrates comparará à existência dos nomes primitivos. Entretanto, elas serão de pronto descartadas, pois as partes que as constituem, a cor, a forma e o som, também não de ter, segundo Platão, que revelar a essência das coisas. A função dessas artes seria a mesma dada aos nomes, ou seja, revelar a essência das coisas nomeadas. Entretanto, cada uma delas o faz dentro do seu campo específico. Deve-se então procurar, na arte onomástica, qual é a correção que lhe aplica.

Tal como na pintura e na música, onde os especialistas que a elas se dedicam devem analisar seus elementos primordiais – o som e a cor – a imitação dos nomes se dará através do exame das sílabas e das letras. Assim como para as primeiras seu compositor faz uso das menores partes para chegar a um resultado completo – a música ou um quadro – também com relação ao nome, é necessário investigar as menores partes que o compõem, afim de que se chegue a obra completa – o discurso.

Apesar de considerar ridícula a tentativa de examinar a evidência dos nomes através dos elementos que os formam, Sócrates vê esse como o único recurso a ser seguido. Para escapar dos artificios utilizados pelos tragediógrafos, que fazem uso de artificios quando querem pôr em cena deuses em movimento, ele dirá que se deve enfrentar tal empreitada, e negar que a origem dos nomes seja divina, antiga ou bárbara. Para Platão, recusar a investigação dos nomes primitivos é renunciar tudo aquilo que foi dito anteriormente com relação os nomes derivados, pois o conhecimento deles depende da correção dos anteriores.

A análise se concentrará em algumas letras do alfabeto grego, embora não saibamos o

motivo de Platão ao escolher essas em detrimento de outras. Segundo Sócrates, a letra “r”, ῥῶ, é um instrumento indicador da alteração e, antecipando o que a linguística atualmente chama de ponto de articulação, ele mostra que o movimento feito pela língua no interior da boca, agitando-se, é suficiente para comprovar tal ideia, exemplificando-o não somente em palavras como o “fluir e o fluxo”, “ῥεῖν καὶ ῥοῆ” – termos centrais da teoria de Heráclito de deslocamento perpétuo – mas também em uma série de verbos (426e) que possuem essa mesma característica. A letra “i”, ι, por sua vez, indica a delicadeza através da qual todas as coisas se deslocam, imitada sobretudo no “mover e no ir”, “ιέναι καὶ τὸ ἴεσθαι”. Aqueles que imitam a ação dos ventos através dos nomes, fazem uso principalmente das letras que comportam uma aspiração, o “ph”, o “ps”, o “s” e o “dz”, “τοῦ φεῖ καὶ τοῦ ψεῖ καὶ τοῦ σῖγμα καὶ τοῦ ζῆτα”. É muito clara a oposição entre movimento e estabilidade presente nesta explicação: tais letras, quando relacionadas à mobilidade, nos fazem lembrar, por exemplo, a etimologia proposta para “Perséfone”, e quando Sócrates nos diz que o “d” e o “t” indicam a retenção e a estabilidade, de pronto recorreremos à etimologia dada a Poseidon.

Dando segmento à investigação, temos a revelação da letra “l”, λάβδα, também indicando um deslocamento, verificado em nomes como o “deslizar e o oleoso”, “ὀλισθάνειν καὶ τὸ λιπαρὸν”. A letra “g”, γάμμα, revela um poder, δύναμις, que se oporia a todo esse deslocamento, pois ao pronunciá-lo, a língua se detém, retendo o movimento. A internalidade, ou a nasalização dos sons, teriam sido imitados através da letra “n”, νῦ, nomeando o “dentro e o interior”, “ἔνδον καὶ τὰ ἐντὸς”. Três vogais encerram a análise dos nomes primitivos: a letra “a”, ἄλφα, que indica algo “grande”, μέγλω, o “e”, ἦτα, relacionado ao “comprimento”, μήκει e o “o”, que indica um “arredondamento”, “γογγύλον”.

Constatamos, desde o início da investigação etimológica, que Platão quer nos fazer ver que há uma relação entre nome/coisa nomeada, que será ontologicamente expressa pelo par movimento/estabilidade. Tal apresentação se faz em todos os nomes analisados, demonstrando, dentro de uma hierarquia, aquilo mais estável, representado pelos nomes dos deuses, e que descrece para o possuidor de uma maior alteridade, as letras. Hermógenes, no início do diálogo, incita Crátilo a compartilhar com Sócrates o *lógos* que discutiam. Da primeira parte da discussão, inferimos que o nome é a menor parte do discurso. Os nomes, quando tratados etimologicamente, também se revelaram como pequenos *lógoi*, e as suas partes – chegando aos seus constituinte mínimos, as letras – também se revelaram como possuidores de algum significado. Assim, podemos concluir que Platão, ao tomar o discurso

inicial de Hermógenes e Crátilo, propõe a sua desconstrução, resumida abaixo:

DISCURSO → NOMES → SÍLABAS → LETRAS

Ao mesmo tempo que os desconstrói estruturalmente, Platão, por outro lado, os constrói, pois ao revelar a natureza dos seres através de seus nomes, dando-lhes uma descrição, explica os termos que, de certa maneira, revelam a natureza de seus possuidores, o seu ser, embora o instrumento utilizado para cumprir tal função, o nome, esteja repleto da ideia de mobilidade. Embora essa explicação pareça paradoxal, e de fato é, a refutação da tese naturalista de Crátilo, que Sócrates até aqui defendera a sua maneira, levará a discussão a um outro rumo e, durante a “defesa” do convencionalismo proposto por seu outro interlocutor, Platão, ao concluir o que ele pensa ser a correção dos nomes, desfará tal contradição.

III

Sobre o conhecimento dos nomes, ou o sonho de Sócrates

(427d - 440e)

Após ter esgotado as possibilidades de análise dos nomes, que se estenderam desde os nomes homéricos até os chamados nomes primitivos, Sócrates conclui, face a Hermógenes, que reside aí a correção dos nomes, exceto se Crátilo, que em sua audiência silenciosa teve a chance de acompanhar todo o debate e tirar dele suas próprias conclusões, tenha algo a dizer acerca do que foi exposto, εἰ μή τι ἄλλο Κρατύλος ὅδε λέγει. Estruturalmente, a terceira parte do diálogo apresenta algumas semelhanças com a primeira. Inicialmente, é Sócrates, com a anuência de Hermógenes, que convida Crátilo a fazer parte da discussão.

A princípio, Hermógenes retoma sua (indis)posição inicial com Crátilo, que obscuramente pusera suas opiniões sobre a correção dos nomes. Dessa forma, Hermógenes incita Crátilo, na presença de Sócrates, ἐναντίον Σωκράτους, a expor aquilo que ele realmente crê ser a correção dos nomes, quer o faça instruindo-se com Sócrates ou ensinando a ambos. Discutir a questão de modo tão repentino, quer para aprendê-la, quer para ensiná-la, suscita em Crátilo uma hesitação injustificável, pois ele ouvira toda a conversa, e Hermógenes, assim como Sócrates, que anteriormente fizera uso de um provérbio, cita o poeta Hesíodo para dar continuidade ao debate.⁴⁴

Sócrates, que examinara a questão com Hermógenes, também o encoraja a falar, pois lhe parece que Crátilo, além de ter investigado pessoalmente, e também ter sido instruído por outros, pode ter algo melhor a dizer sobre o assunto. Sócrates alude aqui a tudo o que fora dito anteriormente, ou seja, o excuro etimológico. O exame feito com Hermógenes se baseava na opinião, isto é, tinha a δόξα como fundamento e, por serem diversas as opiniões dos homens, é justamente a opinião de Crátilo que deve agora ser ouvida.

No início do diálogo, Sócrates definira como função dos nomes, além da distinção dos

44 A citação (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, 361-362) é sobre a “atribuição do pouco sobre o pouco, que resultaria em algo proveitoso.

εἰ γάρ κεν καὶ σμικρὸν ἐπὶ σμικρῷ καταθεῖο
καὶ θαμὰ τοῦτ' ἔρδοις, τάχα κεν μέγα καὶ τὸ γένοιτο.

pois se um pouco sobre um pouco puseres
e continuamente o fizeres, logo virá a ser grande.

seres, a capacidade de ensino entre eles. A questão aqui também é retomada, quer na frase de Crátilo – “aprender e ensinar uma coisa qualquer que longe de ser pequena, está entre as mais importantes” – e também na fala de Sócrates, que ironicamente se mostra disposto a tornar-se um de seus discípulos sobre a correção dos nomes, ἕνα τῶν μαθητῶν περὶ ὀρθότητος ὀνομάτων.

Apesar de reafirmar o seu interesse pela questão e de concordar com a possibilidade de tornar Sócrates seu discípulo, Crátilo teme que ocorra o contrário e, fazendo uso de uma passagem das “Preces” da *Iliada* de Homero, cujos versos são reproduzidos por Platão, ele demonstra total aprovação ao que foi dito na seção etimológica, qualificado por ele mesmo como uma linguagem oracular, cujo responsável pode ter sido Êutifron ou alguma outra Musa⁴⁵ que habitara em Sócrates sem que dela ele tivesse conhecimento:

Αἴαν διογενὲς Τελαμώνιε κοίρανε λαῶν
πάντ᾽ ἅ τί μοι κατὰ θυμὸν εἴισαο μυθήσασθαι·

Ájax Telamônio, prole de Zeus, chefe das armadas,
tudo o que me dizes está conforme o meu espírito.

Iliada, IX, 644-645

Sócrates mostra a insuficiência do exame que precedeu a entrada de Crátilo na discussão, e propõe a sua continuidade, ironicamente surpreso pela desconfiança que ele possui de sua própria sabedoria, τὴν ἑμαυτοῦ σοφίαν καὶ ἀπιστῶν, afirmando ser necessário seguir os dizeres do poeta e ver “ao mesmo tempo atrás e adiante”, “ἄμα πρόσσω καὶ ὀπίσσω”⁴⁶. É interessante notar que no momento exato onde a questão oracular é posta, tanto para referir-se às etimologias, quanto para lembrar aquilo que Crátilo (não) expusera a Hermógenes no início do debate, Sócrates alega sua ignorância, referência clara à máxima délfica, oracular, do “tudo que sei é que nada sei”.

45 Goldschmidt relaciona essa Musa a Heráclito, referindo-se ao diálogo *Sofista*, onde Platão qualifica assim o efésio. Por outro lado, Barney, “*Socrates Agonistes*”, p. 86, relaciona o aparecimento dessa Musa, fonte de inspiração, ao excurso apresentado no livro II da *Iliada*, na descrição do catálogo das naus, como um escopo que “representa um material demasiado para um mortal, cuja exaustividade é uma questão necessária”. Dessa forma, a autora justifica não apenas a inspiração apresentada na parte anterior do diálogo, mas também a sua longa duração.

46 τοῦ ποιητοῦ: a expressão se refere a Homero

O argumento se inicia pela concordância de Crátilo sobre a existência de uma correção do nome que mostrará como é a coisa, ἥτις ἐνδείξεται οἷόν ἐστι τὸ πρᾶγμα, argumento que, segundo ele, foi dito de modo muito veemente, πάνυ σφόδρα, e cuja finalidade é a instrução. Essa mesma correção é uma arte que, como as outras existentes, possui seus artífices, δημιουργοὺς, mas diferentemente da analogia que Sócrates fizera em seu primeiro embate, onde o objetivo era mostrar uma certa relação de naturalidade entre aquele que produz um objeto, o material do qual ele é feito e o seu usuário, a intenção de Platão nesta passagem é qualificar a competência destes criadores, que em relação aos nomes, lembra Crátilo, são chamados legisladores, τοὺς νομοθέτας. A argumentação prossegue comparando a atividade desses legisladores àquelas como a pintura e a arquitetura, onde, havendo aqueles que são melhores ou piores, cujo resultado há de ser uma obra melhor ou pior, também o legislador, ao atribuir um nome, poderá tê-lo feito de um modo melhor ou pior. Quanto a essas, Crátilo concorda facilmente com o modo melhor ou pior de realizá-las, mas a negativa em relação aos nomes é logo posta. Para ele, não pode existir um nome que tenha sido atribuído de maneira incorreta, ou seja, todos os nomes, enquanto nomes, ὅσα γε ὀνόματά ἐστιν, são atribuídos corretamente, o que torna ainda mais obscura sua teoria de nomeação, pois Crátilo não define o que para ele vem a ser um nome.

A natureza da coisa nomeada, revelada em seu nome, é exemplificada no deciframento do oráculo de Crátilo, oráculo pronunciado no início do diálogo, quando o primeiro afirma não ser Hermógenes o nome de Hermógenes. Embora Sócrates veladamente o tenha explicado, ironizando as suas condições financeiras, é nesta parte da argumentação que ele proporá que um nome deve ser revelador da natureza do seu portador e, sendo revelador, será portanto verdadeiro, ou seja, será “Hermógenes” o nome de Hermógenes, se Hermógenes, cuja natureza é ser da raça de Hermes, for um nome bem atribuído.

Não é possível, para Crátilo, que “Hermógenes” seja o nome de Hermógenes, já que esse nome deveria ser atribuído a uma outra pessoa, àquela cuja natureza se fizesse visível no nome, ἡ φύσις [ἢ τὸ ὄνομα δηλοῦσα]. Esse é, a meu ver, o maior paradoxo da teoria de nomeação de Crátilo. Ora, se o nome “Hermógenes” não deve, por motivos por ele defendido, ser o nome atribuído a Hermógenes, o que leva Crátilo a utilizar “Hermógenes” quando ele quer referir-se a ele? Crátilo não está, ao utilizar o nome, utilizando-o de uma maneira falsa, de uma maneira que não revela a natureza de Hermógenes e, portanto, referindo-se a ele de um modo que ele não é?

3.1 Terceiro argumento sobre verdade e falsidade nos nomes

Se aquele que diz “Hermógenes”, referindo-se a Hermógenes fisicamente presente, Ἑρμογένηι τῷδε, o diz de forma verdadeira, o que acontecerá àquele, como Crátilo, que se refere a Hermógenes tendo como princípio a sua descendência divina, onde aquilo que caracteriza seu nome é ser aquilo que ele não é? Notemos que Sócrates joga com Crátilo ao passar da atribuição do nome – no sentido de nomear alguém ou algum objeto – para o dizer o nome, ou seja, referir-se ao homem ali presente. Nessa passagem, é introduzido novamente o tema da verdade e da falsidade nos nomes, afastando-se do campo linguístico – relação nome/coisa nomeada – e indo para o campo ontológico, ou seja, dizer como é ou como não é a coisa nomeada, já que o nome revela a essência da coisa.

Para Sócrates, o argumento da atribuição do ser ao não não-ser, do dizer algo que não é, se mostra uma questão “muito sutil”, tanto para ele quanto para a sua idade, pois são numerosos aqueles que antigamente defendiam a impossibilidade de dizer o falso. Essa fala de Sócrates levanta duas questões: quando ele diz que são muitos o que antigamente afirmam a impossibilidade do falso, provavelmente deve estar referindo-se à conversa descrita por Platão no *Parmênides*, onde a questão também fora discutida. Por outro lado, sabemos que será no diálogo sobre o ser, no *Sofista*, que o filósofo elaborará a cena do “parricídio”, possibilitando a atribuição do ser ao não-ser, passagem célebre que tem como alvo o próprio Parmênides.

Por motivos claros, Platão não faz com que Sócrates refute ou encerre a discussão sobre o tema da falsidade. Como sabemos, o problema encontrará sua solução adiante, no *Sofista*, sobretudo após a distinção entre nome e verbo, ou seja, após a abordagem do tema da predicação. A introdução deste tema aqui, creio, antecede em suas bases a discussão do *Sofista*, primeiramente, porque aqui, uma vez que todos os nomes são definidos como “nomes”, não há ainda uma teoria de predicação – e é somente aí que se encontra a possibilidade de dizer o falso; se ainda não se definiu claramente o que é o nome, e se é possível alcançar a verdade através dele, não se pode atribuir-lhe esse “poder” de revelar a verdade ou a falsidade de algo. Apesar de inconcluso, o argumento é bem construído por Platão. Se retomarmos as três passagens onde elas são discutidas, teremos em primeiro lugar a definição do discurso falso e do discurso verdadeiro; em segundo lugar, a aplicação dessa diferenciação tendo como exemplo o mito, o que chamamos de segundo argumento. Se o uso

do mito serviu para convencer seu primeiro interlocutor de tal possibilidade, para o segundo deve-se recorrer àquilo que ele usara como suporte para sua tese, ou seja, o nome dado a Hermógenes. Mas se fazer uso do nome “Hermógenes” ao referir-se a Hermógenes é dizer algo falso, e para Crátilo isso é impossível, Sócrates continuará a tentar convencê-lo, mas agora jogando com outros verbos, cujos significados estariam próximos àquele do dizer.

Sócrates então usará de um outro expediente para refutar a tese naturalista de Crátilo, questionando-o da possibilidade de alguém, em terra estrangeira, dirigir-se a ele pelo nome de Hermógenes, utilizando um patronímico que não é o de Hermógenes – este, como dito no início do diálogo, é filho de Hipônimo e não de Esmícion. Se não é possível dizer falsidades, pergunta Sócrates, é possível ao menos afirmá-las, enunciá-las ou dirigi-las a alguém e, para ilustrar a cena, ele sugere o encontro de Crátilo com Hermógenes em terras estrangeiras, onde se dirá: “Salve, estrangeiro ateniense, Hermógenes, filho de Esmícion⁴⁷”. A resposta de Crátilo é que este estaria simplesmente fazendo barulho, emitindo sons vãos e sem significados, mesmo quando Sócrates levanta a possibilidade de se poder enunciar tais barulhos de maneira falsa ou verdadeira. A intransigência de Crátilo é notória. Não pode existir para ele a atribuição incorreta de um nome para qualquer que seja a coisa nomeada.

Apesar das tentativas socráticas de solucionar a questão da falsidade, e Crátilo manter-se irreduzível, podemos dizer que a conclusão dos três argumentos é apenas aparentemente aporética. Evidentemente, a introdução do tema sobre a verdade e falsidade, quer no nome ou no discurso, era necessária em um diálogo que tem como tema o instrumento para que se ponha em discussão o *lógos*. O que quero dizer é o seguinte: seria impossível não colocar tal tema aqui, uma vez que se discute, como o próprio Platão coloca, o instrumento que se utiliza para examinar dialeticamente tanto essa como qualquer outra questão. Não discutir se o nome, como parte do discurso ou como discurso, pode ser verdadeiro ou falso, é não validar o método dialético, que também faz uso desses nomes para chegar à verdade do ser. Ora, chegar a essa verdade, através de instrumentos dos quais não sabemos, levando em conta o que se discutiu até aqui no diálogo, se são verdadeiros ou não, levará Sócrates a propor uma reconciliação entre ambos. Este acordo é proposto, a meu ver, não somente para ele e Crátilo, mas sobretudo a todos aqueles que, a princípio, ele dissera que discordavam da existência do discurso falso. Uma vez que a solução do problema está além do nosso diálogo, Sócrates

47 Alguns comentadores veem nessa passagem um outro dado biográfico do Crátilo histórico, sendo o Esmícion citado o seu pai.

deverá recorrer a outro expediente para continuar a investigação, propondo que os nomes são imitações daquilo que nomeiam.

3.2 Onomatimese

O momento da discussão, acerca da possibilidade da existência de nomes falsos e verdadeiros, é de confusão total. Uma conciliação entre o que Crátilo afirma e o que Sócrates pretende que ele afirme é então proposta. Uma teoria da imitação será então lançada como pilar para que isso se realize. Os nomes podem ser diferentes das coisas que eles nomeiam, da mesma maneira que o que é representado em uma pintura também é diferente, não correspondendo fielmente ao objeto. O argumento é assim construído: é possível atribuir a pintura de um homem a um homem e a de uma mulher a uma mulher, e também o contrário, atribuir a pintura de um homem a uma mulher e a de uma mulher a um homem, o que Crátilo concorda. Essas atribuições, ou distribuições, são reconhecidas por Crátilo como possíveis, mas somente uma dentre elas tende a ser correta, a saber, aquela que atribui o semelhante e adequado ao semelhante e adequado. Ora, se podemos atribuir uma imagem à alguém que não lhe necessariamente corresponda, também o podemos fazer com relação aos nomes; logo, se podemos atribuir algo de tal maneira, também podemos admitir falar de tal maneira.

Sócrates coloca que tal distribuição, do semelhante ao semelhante, não é somente correta, tanto em relação às pinturas como em relação aos nomes, mas também verdadeira, e a da distribuição do dessemelhante ao dessemelhante, falsa.

Crátilo dirá que tal distribuição se mostra correta e verdadeira com relação às pinturas, onde pode haver a distribuição daquilo que não é semelhante à coisa, mas se mostra impossível quando se trata dos nomes, uma vez que ele sustenta, incansavelmente, que os nomes devem ser sempre corretos. Sócrates leva então a argumentação adiante, dizendo que é possível apresentar ao sentido da visão de um homem a imagem de uma mulher e dizer que esta é a sua imagem, e da mesma maneira apresentar a imagem de uma mulher de um homem, e dizer-lhe que esta é a sua imagem. Ora, se o nome também é uma imitação da coisa nomeada, é possível apresentá-lo ao sentido da audição de um homem, dizendo-lhe que este é o seu nome, embora seja feminino, e da mesma maneira o contrário, apresentá-lo ao sentido da audição de uma mulher, dizendo-lhe que este é o seu nome, embora seja masculino. Essas

duas atribuições, para Sócrates, se mostram possíveis, e também para Crátilo, que concorda com o que lhe foi exposto, levando-os à conclusão que existe a possibilidade de uma atribuição do mesmo modo para os nomes. O discurso, que em seu conjunto corresponde a letras e sílabas, nomes e verbos, comparado às pinturas, cuja cor e forma podem ser inexatos, também poderá ser composto de elementos inexatos. Uma pintura, por ausência de uma substância, pode ser mal atribuída, e o nome, por ausência de uma letra, também pode ser mal atribuído, e portanto falso.

Temos nessa passagem duas formas de atribuição, uma que Sócrates chamará verdadeira e correta, e outra falsa e incorreta. Sendo possível atribuir dessa forma os nomes, Platão nos dirá que o mesmo é possível também para as frases e, do mesmo modo, também o será para os discursos. Levando para o campo dos nomes primitivos, ou seja, aquele aos quais não se pode mais remeter a outros, Sócrates fará como que Crátilo concorde que existe a possibilidade de, assim como nas pinturas, que imitam a essência das coisas, onde uma cor ou uma forma lhe era atribuída de forma exata ou inexata, também com relação às letras e sílabas que compõem os nomes, alguns serem bem ou mal estabelecidos, e sendo esses nomes oriundos do trabalho de um legislador de nomes, também haveriam legisladores que, assim como os pintores, seriam uns bons e outros ruins e, por consequência, o produto do seu ofício, os nomes, seriam eles também mal ou bem estabelecidos.

Embora Crátilo tenha concordado até aqui com os pressupostos da atribuição incorreta das imagens, e por consequência dos nomes, ele insiste que um nome não pode ser atribuído de forma incorreta, e para isso ele utiliza o mesmo argumento anteriormente apresentado por Sócrates em sua discussão com Hermógenes, de se poder inserir e retirar letras para compor os nomes.

O exame da questão, colocado nestes termos, não leva, segundo Sócrates, a lugar algum, pois Crátilo, ao afirmar que acrescentando ou retirando letras surgirá imediatamente um outro nome, diferente daquele que se colocou previamente, entra em contradição com a sua tese, e Sócrates comparará sua colocação com os números, uma vez que esses sim, acrescentando ou retirando, apresentariam imediatamente outro (por exemplo, se tomarmos o seis, teríamos o sete se acrescentarmos ou o cinco se subtraírmos).

É necessário então, ir além na argumentação, e Sócrates fará isso tomando seu próprio interlocutor como exemplo. Se imaginarmos Crátilo e a imagem de Crátilo, com todas as suas características, teríamos Crátilo e sua imagem, ou dois Crátilos? Para Crátilo, seriam duas

figuras distintas. Essa resposta é suficiente para que Sócrates continue sua refutação, pois, se a imagem não representa a mesma coisa da qual ela é imagem, o nome também, enquanto imagem, não se assemelharia à coisa nomeada em todos os pontos – letras e sílabas – pois se isso ocorresse, e todas as coisas se tornassem duplas, não haveria como distinguir o que é o nome e o que é aquilo que ele nomeia. Assim, Sócrates faz com que Crátilo concorde que um nome, enquanto imagem, pode ser ou bem ou mal estabelecido, bem quando possuir todas as letras que lhe são adequadas, e o também o contrário, quando não possuí-las. Contudo, apesar de concordar com tal argumento, Crátilo hesitará em dizer que possa existir um nome que todavia não fora bem estabelecido, embora há de concordar que o nome possa ser uma indicação da coisa nomeada.

As letras que compõem os nomes primitivos devem, segundo Sócrates, ser o mais semelhantes àquilo que é necessário nomear. Dessa forma, Sócrates toma como exemplo a letra “r” que, como vimos, convém ao movimento e à alteração, e também o “l”, que convém ao liso. Tais letras estão presente na palavra cujo significado é “dureza”, σκληρότης, embora ela seja pronunciada pelos habitantes de Erétria como “σκληροτήρ”. As letras finais destas duas palavras – o “r” e o “s” – se levado em conta o que foi dito dos nomes primitivos, indica o movimento, a alteridade. Entretanto, Sócrates lembra Crátilo de que há também na palavra uma letra “l”, que indica o contrário da dureza. Crátilo, para escapar da armadilha em que Sócrates o joga, afirmará que no lugar do “l” pronunciado deveria ser pronunciado o “r”. Mas não há de existir concordância entre ambos, quando alguém pronuncia σκληρόν, uma vez que Crátilo entende o que Sócrates quer dizer ao pronunciá-la? Crátilo demonstra seu consentimento, alegando que o reconhecimento daquilo que Sócrates pronuncia só se dá através do “uso” da palavra. Eis o suicídio de Crátilo! Seria o uso afirmado por ele diferente daquele que servia de base para a teoria convencionalista de Hermógenes? Diante do silêncio de Crátilo à questão, Sócrates inferirá a necessidade daquilo que ele chama de um expediente vulgar, a convenção, para o estabelecimento dos nomes.

Admitido que a convenção deva fazer parte na atribuição dos nomes, ou seja, após ter refutado em quase sua totalidade a tese naturalista, um outro tema é introduzido no diálogo, o do conhecimento das coisas. Para Crátilo, uma coisa é precisamente aquilo que ela nomeia e, por isso, só se pode conhecer como é realmente a coisa através do nome que lhe é dado, método que ele julga como sendo o único e o melhor, ou seja, aquele que estabeleceu os nomes, conhecia de antemão as coisas que nomearia, pois do contrário, nem seriam nomes.

Sócrates vê um grande risco nessa afirmação, pois, se o legislador dos nomes, que assim como os pintores podem ser tanto bons quanto maus em seu ofício, tivesse se enganado ao estabelecer os nomes primitivos, todos os outros nomes, que deles derivariam, não poderiam também terem sido estabelecidos de forma inexata?

Para que a argumentação seja válida, Sócrates novamente voltará a passar em vista alguns nomes, tratando-os etimologicamente. O que se pode observar nestas novas etimologias é que todas elas, sem exceção, são apresentadas tendo como pano de fundo para suas explicações a ideia de fluxo e de movimento, em oposição à estabilidade. Por outro lado, para retomar a questão do estabelecimento dos nomes, Crátilo continuará afirmando que o conhecimento das coisas só pode ser feita através de seus nomes. Mas, coloca Sócrates, como resolver esse impasse face aos nomes primitivos, uma vez que só se poderia conhecer as coisas através de seus nomes, e esses ainda não haviam sido estabelecidos? Como resolver o paradoxo que a tese de Crátilo coloca, de que o legislador atribuiu os nomes com conhecimento, se só é possível conhecer os seres através de seus nomes?

Crátilo dirá que o estabelecimento dos nomes há de ser fruto de uma divindade, de um poder que está além da compreensão humana, de modo que, se foram atribuídos por um deus, eles devem estar necessariamente corretos. De fato, essa é a última alternativa à qual Crátilo pode recorrer, pois sua tese de atribuição natural dos nomes já está definitivamente refutada. Resta, entretanto, uma outra questão a ser respondida: se o conhecimento dos seres deve ser feito sem o auxílio dos nomes, qual seria o melhor método de aprendizado: aprender a partir da imagem, que já se mostrou como falha, por não exibir exatamente aquilo que a coisa é, ou a partir da verdade, partindo das próprias coisas?

3.3 O sonho de Sócrates

Sócrates seguirá seu exame fazendo com que Crátilo atente ao que ele muitas vezes tem sonhado. Essa passagem é plena de significados filosóficos, cujas sutilezas textuais merecem uma atenção especial. Primeiramente, para referir-se a Crátilo, Sócrates faz uso de um epíteto, θαυμάσιε, espantoso, oriundo do verbo θαυμάζω, espantar-se, maravilhar-se. Dado o contexto em que se desenvolve a conversa, não há como não ligá-la ao *Teeteto*. Neste diálogo, à questão do maravilhamento Platão atribui o início da filosofia, ou seja, o pensar

filosoficamente surge a partir do maravilhamento que as coisas produzem naqueles que as observam. Crátilo pode não somente estar maravilhado pelas coisas ditas por Sócrates, mas também pode ser entendida como um convite que lhe é feito para filosofar, cujo objetivo aqui é ligar a estabilidade dos seres ao conhecimento dos seres, afastando-o da impermanência da doutrina de Heráclito, que vem dominando todo o diálogo.

A teoria de Sócrates é exposta sob a forma de um sonho, sonho que ele já tivera muitas vezes, ὃ ἔγωγε πολλάκις ὄνειρώπτω. Creio que por este verbo devemos entender algo que Sócrates tinha como intuição, e não como uma atividade onírica, de onde se poderia tirar um sentido pejorativo, descrevendo aqueles em estado de sonolência. O que é proposto nesta parte final do diálogo, encontra paralelos em outros textos platônicos, especialmente em relação àqueles nos quais os pesquisadores veem o filósofo desenvolver uma teoria do conhecimento, como no caso do *Teeteto*, diálogo que considero como sequência imediata ao *Crátilo*.

Sócrates inicia assim a sua exposição: existe para cada um dos seres aquilo que chamamos o belo em si e o bom em si, o que Crátilo concorda. A oposição se fará entretanto, diante daquilo que fora examinado em relação aos nomes na seção etimológica, referindo-se diretamente a Heráclito: os nomes, ao contrário de possuírem um estabilidade, tendem todos à mobilidade e ao fluxo. Por outro lado, explicar aquilo que é a coisa “em si”, que deve possuir uma essência estável, é o objetivo de Platão nas linhas finais do diálogo. Os nomes, estando em fluxo, vimos, não podem ser atribuídos às coisas. As coisas, por sua vez, por fazerem parte de um mundo sensível, e não serem as coisas “em si”, também são dotadas de movimento, ora sendo uma, ora outra, mudando a sua forma, o que impediria o seu conhecimento. A questão que se coloca é a seguinte: como é possível conhecer algo que muda sempre de forma, e ele, o objeto, ou a coisa, aproximando-se daquele que conhece, poderia ser por ele conhecido, se muda de forma e não é mais o primeiro?

Para Sócrates, o conhecimento de algo deve ser conhecimento de algo que não muda de forma, ou seja, que não se altera, pois dessa forma será sempre conhecimento. Se essa forma de conhecimento muda, muda também a coisa conhecida, e já não se poderá, dessa forma, haver conhecimento. Se a coisa conhecida e o conhecimento dessa coisa se alteram permanentemente, não é possível que haja conhecimento dessa coisa, nem aquilo que se conheça e nem aquele que conheça, já que tudo se altera. De modo contrário, havendo aquele que conhece, haverá a coisa que é conhecida e, uma vez existindo ambos, há a possibilidade

de conhecimento das coisas que são. As coisas que são, vimos, são aquelas que possuem uma essência estável, e não estão a mercê do fluxo e do movimento, pois se estivessem em tal condição, não seriam conhecidas, logo, não haveria conhecimento.

A oposição colocada por Platão, entre estabilidade e movimento perpassa todo o diálogo e pode, sobretudo, ser confirmada e exemplificada pela seção etimológica. As coisas não podem ser conhecidas através de seus nomes, pois esses, são mutáveis e plenos de significados. Os nomes, se possuíssem uma correção natural, como dizia Crátilo, teriam seus significados expostos como foram na seção etimológica, ou seja, pode-se atribuir à coisa um significado qualquer, desde que a definição para ele proposta se assemelhe de alguma forma ao nome. Por outro lado, se os nomes possuíssem uma correção convencional e arbitrária, e se se pudesse chamar qualquer coisa por qualquer nome, o conhecimento também se faria impossível, uma vez que se pode alterar esse nome para um outro sem que se leve em conta a coisa nomeada.

A conclusão a que chega Sócrates é que não se deve ter os nomes como guias, e sim procurar como são as coisas em si, independente dos nomes que lhes são atribuídos. Lembremos, entretanto, que se deve procurar esse “em si”, pois as coisas, como já afirmamos, por fazerem parte de um mundo sensível, também estão sujeitas à mudanças. Após essa conclusão final, Platão faz ainda mais duas citações a Heráclito, a primeira, pela boca de Sócrates, que põe em dúvida se as coisas ditas são ou não como dizem Heráclito e seus discípulos, o que pediria um exame continuado por parte de Crátilo, e que imporá uma dúvida em relação ao seu sonho. Esse, por sua vez, diz que ainda reflete sobre a conversa que agora finda, mas continua pensando como Heráclito. É interessante notar que o final do diálogo, dramaticamente, revela as posições adotada tanto por Sócrates quanto por Crátilo. Sócrates pede que Crátilo, levando Hermógenes em sua companhia, caminhe para o campo, ou seja, ponha-se em movimento, enquanto ele permanece parado vendo o deslocar dos seus dois interlocutores.

Resta ainda uma questão. O final do diálogo, tal como Platão nos apresenta, faz dele um diálogo aporético, ou seja, sem uma conclusão e sem uma resposta para a questão colocada em seu princípio? A resposta é não, o *Crátilo*, creio, não deve ser considerado um diálogo aporético. Primeiramente, a questão colocada no início do diálogo, que pretendia responder se haveria uma correção do nome que se fazia de modo natural ou convencional é logo abandonada por Sócrates, que se mostra disposto a investigar a verdade acerca da

correção dos nomes. O final do diálogo responde muito bem a questão: não se devem tomar os nomes como guias para que se conheçam as coisas. Ora, se os nomes não são os elementos confiáveis para o conhecimento das coisas, deve-se buscar outro meio para que haja conhecimento. A resposta de qual seria esse caminho não é dada, o que pode levar alguns a dizerem que, por isso, o diálogo seria aporético. Entretanto, a questão não era saber como se deve conhecer as coisas, mas sim se existia a possibilidade de conhecê-las através dos nomes que lhes eram dados. Se o próprio Sócrates conclui que tal investigação não deve ser feita através dos nomes, a questão tratada no *Crátilo* está encerrada e bem concluída, mesmo que tenha sido alcançada pela negativa, a não utilização dos nomes para o conhecimento das coisas.

Devemos ter em mente, assim, que o resultado negativo na conclusão do diálogo não está, a meu ver, ligado ao conceito de aporia, ou ao menos àquilo que entendo por aporia. Aporia, ou seja, a falta de resultado, ou o momento de impasse e sem resposta implica, necessariamente, a ausência de resultado e não necessariamente um resultado negativo. Visto dessa forma, e reiterando que foi dito acima, o diálogo não deve ser considerado aporético. Se o que lá não se resolve, é porque o tema ali discutido foi, de todas as maneiras, esgotado dentro das possibilidades que permitiam discutir a questão, e o resultado negativo, repito, a não necessidade dos nomes para conhecimento das coisas não resulta, necessariamente, em falta de resultado. O resultado final do *Crátilo* é, aliás, mais positivo do que negativo. Encerrada a questão do conhecimento das coisas através de seus nomes, abre-se uma nova via para o exame dialético, que deve ser feito fora dos limites do diálogo analisado, mas criticando o método que vinha sido empregado até então.

IV

Conclusão

O *Crátilo* se mostrou, devido à sua estrutura, como um diálogo complexo e com inúmeras possibilidades interpretativas.

No comentário que precede à tradução do diálogo, procurei mostrar, primeiramente, como as teses acerca do tema “correção dos nomes” são articuladas por seus defensores e, num outro momento, qual a posição que Platão, através de Sócrates, assume perante essas duas teorias, posicionando-se, a princípio, por aquela defendida por Crátilo. Creio que o objetivo do filósofo, na primeira parte do diálogo, foi demonstrar não as falhas que tal tese possuía, mas que o erro residia na maneira como seu interlocutor argumentava em sua defesa, o que fez com que Sócrates, de certo modo, a reformulasse tendo em vista os seus objetivos em relação aos nomes, ou seja, a busca pela “verdade” dos nomes, termo que colocamos como sinônimo para “correção”, preceito das duas teses de nomeação.

Na segunda parte do diálogo, sem dúvida a mais difícil e a que gerou o maior número de comentários, e que ainda hoje permanece como objeto desafiador dos estudiosos do diálogo, procurei mostrar como o método de análise etimológica dos termos propostos não estava tão distante daquele que era aplicado por outros autores da literatura grega, como Homero e Hesíodo. A crítica filosófica feita nessa extensa passagem foi, como vimos, ao mobilismo defendido por Heráclito, em oposição a uma teoria platônica de estabilidade dos seres, estabilidade que não podemos reconhecer através dos nomes que são dados às coisas.

Por fim, a terceira parte do diálogo, pondo em cena aqueles que teriam sido dois mestres de Platão, levou Sócrates a concluir que, para atingir o conhecimento das coisas, ou dos seres, é necessário conhecer o que são as coisas, e não tomar os nomes por guias, o que dissemos parecer contraditório, pois não há outro meio de realizar o método dialético senão através das palavras. Dessa forma, esperamos ter chegado ao objetivo a que nos propusemos no início deste estudo, mostrar que existe, no *Crátilo*, uma relação lógica, ontológica e gnoseológica entre os nomes e as coisas, mesmo se verificamos que, em parte, essa relação não se apresenta em sua totalidade no diálogo, uma vez que Platão não esgota a sua investigação nele, mas nos faz, como dissemos, vislumbrar a sua solução em diálogos posteriores.

PLATÃO

Crátilo

Tradução: Luciano Ferreira de Souza

*CRÁTILO*⁴⁸

(ou sobre a correção dos nomes)

HERMÓGENES CRÁTILLO SÓCRATES

[383a] *Hermógenes*: Então queres que compartilhemos a nossa discussão com Sócrates?

Crátilo: Se te parece bom.

Hermógenes: Crátilo aqui presente, Sócrates, afirma que existe uma correção do nome concebida por natureza para cada um dos seres, e que um nome não é isso que alguns, tendo convencionado chamar, chamam, ao pronunciar uma parte de sua voz; mas que existe [b] uma correção natural dos nomes, a mesma para todos, tanto aos gregos quanto aos bárbaros. Então, eu lhe perguntei se Crátilo era, na realidade, o seu nome ou não – o que ele concorda. “E o de Sócrates?”, disse eu. “Sócrates”, ele disse. “Então também para todos os outros homens, o nome que chamamos cada um, este é, para cada um, um nome?” “Seu nome – retorquiu ele – não é Hermógenes, mesmo que todos os homens o chamem assim”. E eu, afinal, perguntando e ansiando saber o que diz, [384a] ele não esclarece coisa alguma e me trata com ironia, fingindo refletir algo consigo mesmo, como se conhecesse a respeito aquilo que, se desejasse dizer claramente, me faria concordar e também dizer exatamente as coisas que ele diz. Então, se tu puderes interpretar, de alguma maneira, o oráculo de Crátilo, com prazer ouviria, e ainda mais prazerosamente aprenderia, se estiveres de acordo, como te parece ser a correção dos nomes.

Sócrates: Oh, Hermógenes, filho de Hipônico, um antigo provérbio diz [b] que “as coisas belas são difíceis” de aprender como são; com efeito, o estudo respeitante aos nomes não é, por acaso, de pouco valor. Porém, se eu já tivesse ouvido a exibição de cinquenta dracmas de Pródico, a qual, como ele diz, é suficiente aos seus ouvintes para instruírem-se a respeito disso, nada te impediria de conhecer bem, o quanto antes, a verdade acerca da correção dos nomes; todavia, eis que não a ouvi, mas somente a de uma dracma. [c] Por consequência, não sei qual pode ser a verdade a respeito de tais coisas; no entanto, estou disposto a investigar em conjunto, contigo e com Crátilo. Quanto a negar que seu nome seja, na verdade, Hermógenes, suponho que zomba de ti, pois talvez ele pense que tu, em toda ocasião, almejando a aquisição

48 As transliterações do grego para o português seguem as normas estabelecidas por Ana Lia Amaral de Almeida Prado.

de bens, não os obténs. Mas, como disse há pouco, saber tais coisas é difícil, e é necessário examinar, discutindo em conjunto, se é como tu dizes ser ou como Crátilo.

Hermógenes: De fato, Sócrates, eu mesmo estive discutindo muitas vezes com ele e com muitos outros, não me deixando persuadir **[d]** que a correção de um nome seja outra coisa senão convenção e acordo. Pois parece-me que se um nome qualquer é atribuído a algo, este é o correto; e, em seguida, se for mudado por outro, e não chamar mais aquele, o último não é menos correto do que o primeiro; assim como nós mudamos os nomes de nossos escravos, em nada o que foi mudado é menos correto que o colocado primeiro; pois nenhum nome foi concebido por natureza para coisa alguma, mas por costume e por uso dos que o empregam e estabelecem o seu uso. Mas, se há um outro **[e]** modo, eu estou disposto tanto a aprender quanto a ouvir, não somente de Crátilo, mas de qualquer outro.

Sócrates: **[385a]** Pode ser que tu dizes algo, Hermógenes, contudo, examinemos: afirmas que aquilo que por uma coisa é chamada, este é o seu nome?

Hermógenes: Parece-me.

Sócrates: Mesmo quando chama um particular ou uma cidade?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Por quê? Se eu nomeio qualquer um dos seres, por exemplo, ao que agora chamamos homem, se eu o nomeio cavalo, e ao que agora chamamos cavalo, se eu o nomeio homem, o nome será homem para a cidade e cavalo em particular? E, por outro lado, homem em particular e cavalo para a cidade? Tu dizes assim?

Hermógenes: **[b]** Para mim, parece ser assim.

Sócrates: Vejamos, diz-me o seguinte: tu chamas algo dizer a verdade, e outro a falsidade?

Hermógenes: Chamo.

Sócrates: Logo, existiria um discurso verdadeiro e um falso?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Ora, aquele que diz as coisas como são, é verdadeiro, e o que diz como elas não são, é falso?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Então é possível dizer, pelo discurso, as coisas que são e as que não são?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: **[c]** Acaso o discurso verdadeiro é inteiramente verdadeiro, não sendo verdadeiras as suas partes?

Hermógenes: Não, mas também as suas partes.

Sócrates: Qual das partes são verdadeiras: as maiores, e não as menores, ou todas?

Hermógenes: Eu, ao menos, penso que todas.

Sócrates: Existe, então, alguma parte do discurso que tu dizes ser menor que o nome?

Hermógenes: Não, mas este é o menor.

Sócrates: Portanto o nome, parte do discurso verdadeiro, também é dito?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: E é verdadeiro, como afirmas.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: E quanto a parte do discurso falso, não é falsa?

Hermógenes: Afirmo.

Sócrates: É possível então dizer um nome verdadeiro e falso, se também o é para o discurso?

Hermógenes: [d]Como não?

Sócrates: Portanto, o que cada um diz ser o nome de algo, este será o seu nome?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: E quantos nomes alguém disser que existem para cada coisa, tantos haverá e no momento que ele disser?

Hermógenes: Eu ao menos, Sócrates, não conheço outra correção do nome que esta: cada coisa pode ser chamada por mim pelo nome que eu atribuí, e por ti por um outro, que tu atribuíste. Desse modo, [e] também vejo, às vezes, cada uma das cidades atribuindo nomes distintos às mesmas coisas, tanto os gregos diferentemente de outros gregos, quanto estes dos bárbaros.

Sócrates: Vejamos então, Hermógenes. Acaso te parece também que os seres possuem uma essência particular para cada um deles, tal como dizia Protágoras, ao declarar que o homem é [386a] “a medida de todas as coisas”, de forma que, como as coisas pareçam ser para mim, tais elas são para mim, e como pareçam ser para ti, tais elas são para ti; ou te parece que eles possuem em si mesmos uma certa estabilidade em sua essência?

Hermógenes: De certo modo, Sócrates, eu particularmente já me encontrei aí em aporia e fui atraído ao que Protágoras diz; todavia, não me parece ser exatamente assim.

Sócrates: O quê? Tu já foste levado a este ponto[b], de sorte que não te pareça, absolutamente, existir algum homem vil?

Hermógenes: Não, por Zeus! Mas muitas vezes experimentei precisamente isso, de modo que

me parece existir homens muito vis e que são em grande número.

Sócrates: Por quê? Não te pareceu existir homens que são muito nobres?

Hermógenes: Muito poucos.

Sócrates: Mas pareceu?

Hermógenes: Sim, pareceu-me.

Sócrates: Como consideras isto, então? Porventura os completamente nobres são completamente sensatos, e os completamente vis são completamente insensatos?

Hermógenes: [c]Parece-me que é assim.

Sócrates: É possível então, se Protágoras dizia a verdade e é esta a verdade, que as coisas são tal como elas parecem ser para cada um, haver dentre nós os que são sensatos e os que são insensatos?

Hermógenes: Certamente não.

Sócrates: Por isso, como eu penso, bem te parece que, existindo a sensatez e a insensatez, não seja plenamente possível que Protágoras fale a verdade; pois, na realidade, um homem nunca seria mais sensato do que o outro, se aquilo que parece ser para cada um [d]for a verdade para cada um.

Hermógenes: É isso.

Sócrates: Mas penso que nem és da opinião de Eutidemo, que todas as coisas são semelhantemente ao mesmo tempo e sempre para todos, pois, desse modo, não existiriam uns que são nobres e outros vis, se a virtude e o vício existissem semelhantemente e sempre em todos.

Hermógenes: Dizes a verdade.

Sócrates: Logo, se nem todas as coisas são semelhantemente para todos, ao mesmo tempo e sempre, e nem cada um dos seres é para cada um em particular, é evidente que as coisas possuem em si[e] uma certa essência estável, que não nos é relativa nem depende de nós, deixando-se levar acima e abaixo por nossa imaginação, mas elas possuem em si mesmas uma relação com a sua própria essência, que é por natureza.

Hermógenes: Parece-me, Sócrates, ser assim.

Sócrates: Acaso elas seriam assim por natureza, e as suas ações não seriam do mesmo modo? Ou também elas, as ações, não são uma certa forma dos seres?

Hermógenes: É certo que também são.

Sócrates: [387a]Por consequência, as ações também se fazem segundo a sua natureza, e não

segundo a nossa opinião. Por exemplo: se nós empreendêssemos cortar um dos seres, acaso cada um deve ser cortado por nós como desejamos e com aquilo que desejamos ou, se desejarmos cortar conforme a natureza do cortar e do ser cortado e com aquilo que é natural, é que cortaremos e teremos êxito e faremos isso corretamente? E se contra a natureza, nos enganaremos e nada faremos?

Hermógenes: **[b]**Parece-me ser deste modo.

Sócrates: Se emprendermos, então, queimar algo, não será preciso queimar conforme qualquer opinião, mas segundo a correta? E esta é como cada coisa há de queimar e ser queimada e com o que lhe é natural?

Hermógenes: É isso.

Sócrates: Será assim também para as outras coisas?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Ora, o falar também não é uma dentre as ações?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Assim sendo, ou alguém falará corretamente, falando como lhe parece que deve falar, ou fará e dirá com mais êxito, se falar do modo e com aquilo que é natural de falar as coisas e que sejam faladas e, caso contrário, fracassará e não fará nada?

Hermógenes: É assim como tu dizes.

Sócrates: O nomear é uma parte do falar, não é? Pois, nomeando, dissemos os discursos.

Hermógenes: É certo.

Sócrates: O nomear, então, é também uma certa ação, se o falar também era uma ação acerca das coisas?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: **[d]**E as ações se mostraram para nós não nos sendo relativas, mas possuindo em si uma certa natureza particular?

Hermógenes: É isso.

Sócrates: Logo, deve-se também nomear as coisas como e com o que é natural para nomear e serem nomeadas, e não como nós desejamos, se realmente concordaremos com algo dito anteriormente? E, desse modo, teríamos êxito e nomearíamos, mas do contrário não?

Hermógenes: Parece.

Sócrates: Vejamos então. O que é preciso cortar, dizemos que é preciso cortar com algo?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: [e]E o que é preciso tecer, é preciso tecer com algo? E o que é preciso furar, é preciso furar com algo?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: E o que é preciso nomear, é preciso nomear com algo?

Hermógenes: [388a]É isso.

Sócrates: O que é aquilo com o qual é preciso furar?

Hermógenes: Um furador.

Sócrates: E o que é aquilo com o qual é preciso tecer?

Hermógenes: Uma lançadeira.

Sócrates: E o que é aquilo como qual é preciso nomear?

Hermógenes: Um nome.

Sócrates: Dizes bem. Dessa forma, o nome também é um certo tipo de instrumento.

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Se eu te perguntasse então: “Que instrumento era a lançadeira?” Não é com o qual tecemos?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: [b]E tecendo, o que fazemos? Não distinguimos o fio das tramas que estavam confundidas?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Tu poderias dizer o mesmo não somente a respeito do furador, mas também dos outros instrumentos?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: E podes dizer assim também a respeito do nome? Sendo o nome um instrumento, o que fazemos ao nomear?

Hermógenes: Não posso dizer.

Sócrates: Ora, não ensinamos algo uns aos outros, e discernimos as coisas como são?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: O nome é, então, um certo instrumento que instrui e discerne [c]a essência, tal como a lançadeira, o tecido.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: E a lançadeira é um instrumento de tecer?

Hermógenes: Como não?

Sócrates: O tecelão utilizará bem a lançadeira, e bem, ao modo dos tecelões. E o instrutor utilizará bem os nomes, e bem, ao modo dos que ensinam.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: O tecelão utilizará bem o trabalho de quem, quando fizer uso da lançadeira?

Hermógenes: O trabalho do carpinteiro.

Sócrates: E todos os homens são carpinteiros ou o que possui a arte?

Hermógenes: O que possui a arte.

Sócrates: **[d]**E o que fura utilizará bem o trabalho de quem, quando fizer uso do furador?

Hermógenes: O trabalho do forjador.

Sócrates: Ora, todos os homens são forjadores ou o que possui a arte?

Hermógenes: O que possui a arte.

Sócrates: Bem, e o instrutor se servirá do trabalho de quem, quando fizer uso do nome?

Hermógenes: Não sei o que dizer.

Sócrates: Nem sabes dizer isto, quem são os que nos transmitem os nomes que utilizamos?

Hermógenes: Certamente não.

Sócrates: Não te parece ser a lei que os transmite?

Hermógenes: É provável.

Sócrates: **[e]**Logo, quando utilizar os nomes, o instrutor se servirá do trabalho do legislador?

Hermógenes: Parece-me que sim.

Sócrates: Mas parece-te que todo homem é legislador ou o que possui a arte?

Hermógenes: O que possui a arte.

Sócrates: **[389a]** Então, Hermógenes, não é de todo homem instituir um nome, mas de um certo artesão de nomes, e este é, como é provável, o legislador, que dentre os artesãos vem a ser o mais raro dos homens.

Hermógenes: É provável.

Sócrates: Vamos, examine o que o legislador contempla ao instituir os nomes e reexamine partindo dos casos anteriores. O carpinteiro faz a lançadeira olhando para o quê? Não é em vista de algo tal, que seja natural ao tecer.

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: **[b]**E então? Se ao fazê-la, a lançadeira se quebrar, por acaso ele fará outra contemplando a quebrada, ou aquela forma a partir da qual ele também fez a que se quebrou?

Hermógenes: Parece-me que para esta.

Sócrates: Poderíamos então chamá-la, de modo justo, a lançadeira em si?

Hermógenes: Parece-me que sim.

Sócrates: Então, quando há necessidade de fazer uma certa lançadeira, seja para uma vestimenta fina ou grossa, de linho ou de lã, ou qualquer outra, hão de ter todas elas a forma da lançadeira, e há que aplicar a cada instrumento a forma natural, melhor concebida para cada objeto?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: E o mesmo a respeito dos outros instrumentos, descobrindo qual é o instrumento concebido por natureza para cada coisa, há que aplicá-lo à matéria de que se fará a obra, não como ele deseja, mas como é por natureza. Pois, como é plausível, é preciso saber produzir com o ferro um furador concebido por natureza para cada coisa.

Hermógenes: É certo.

Sócrates: E com a madeira, uma lançadeira concebida por natureza para cada coisa.

Hermógenes: É isso.

Sócrates: [d]Pois, como se supõe, cada lançadeira fora concebida por natureza para cada tipo de tecido, e do mesmo modo os outros.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Então, caríssimo, é preciso que o legislador também saiba produzir, a partir dos sons e das sílabas, o nome concebido por natureza para cada coisa[e] e, contemplando aquilo que é o nome em si, faça e estabeleça todos os nomes, se há de ser soberano criador de nomes? E se cada legislador não emprega as mesmas sílabas, nem isso é preciso ignorar, pois nem todo forjador cria com o mesmo ferro, produzindo o mesmo instrumento para o mesmo fim; mas, apesar disto, uma vez que transmite a mesma ideia, [390a] mesmo que por outro ferro, o instrumento é igualmente correto, quer alguém o faça aqui, quer dentre os bárbaros. Ou não?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Tu não julgas então digno o legislador, tanto o que está aqui, quanto o que está dentre os bárbaros, na medida em que ele transmite a forma do nome que é adequada a cada coisa, por quaisquer que sejam as sílabas, e em nada o legislador daqui será pior do que aquele que está alhures?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: [b]Quem é então aquele que saberá se a forma da lançadeira foi colocada

adequadamente em qualquer tipo de madeira? O fabricante, o carpinteiro, ou o seu usuário, o tecelão?

Hermógenes: Parece mais, Sócrates, que o seu usuário.

Sócrates: E quem é aquele que fará uso do trabalho do fabricante de liras? Não será o que saberia melhor supervisionar o trabalho enquanto está sendo feito e, uma vez acabado, reconhecer se ele foi ou não bem produzido?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Quem é ele?

Hermógenes: O citarista.

Sócrates: E quanto à obra do construtor de navios, quem será ele?

Hermógenes: [c]O piloto.

Sócrates: E quanto à obra do legislador, quem seria aquele que melhor supervisionaria o trabalho e julgaria, uma vez acabado, tanto aqui quanto entre os bárbaros? Não é precisamente aquele que se utilizará dele?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Ora, esse não é o que sabe perguntar?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: E o mesmo que também sabe responder?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Aquele que sabe perguntar e responder, tu o chamas de outro modo senão dialético?

Hermógenes: Não, mas disso.

Sócrates: [d]Assim, o trabalho do carpinteiro será fazer um leme, com o supervisão do piloto, se há de ser belo o leme.

Hermógenes: Parece.

Sócrates: E o do legislador, é provável, será fazer o nome, tendo por supervisor o homem dialético, se há de atribuir bem os nomes?

Hermógenes: É isso.

Sócrates: Assim, Hermógenes, a atribuição do nome corre o risco de não ser algo insignificante como tu supões, nem de homens desprezíveis nem de quem calha. E Crátilo diz coisas verdadeiras [e]ao afirmar que os nomes são naturais às coisas, e que nem todos os homens são artesãos de nomes, salvo aquele que contempla o nome que é por natureza para cada coisa, e é capaz de colocar a sua forma em letras e sílabas.

Hermógenes: Não sei, Sócrates, como devo objetar às coisas que tu dizes.[391a] Todavia, talvez não seja fácil assim, repentinamente, ser persuadido, mas creio que eu seria melhor persuadido por ti deste modo: se tu me mostrares o que dizes ser a correção natural de um nome.

Sócrates: Eu, afortunado Hermógenes, não digo coisa alguma, mas tu esqueceste do que há pouco eu disse, que não sabia, mas que examinaria contigo. Eis que, pelo que nós examinamos, eu e tu, algo já se mostra diferente do que foi dito no começo: o nome possui uma certa correção natural, [b]e não é de todo homem saber atribuí-lo bem não importa a qual coisa. Ou não?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Depois disto, não é necessário então investigar, se realmente desejas saber, o que é afinal a sua correção?

Hermógenes: Mas eu desejo saber.

Sócrates: Neste caso, examina.

Hermógenes: E como é necessário examinar?

Sócrates: O exame mais correto, meu amigo, é junto daqueles que sabem, pagando-lhes dinheiro e rendendo-lhes graças. E estes [c]são os sofistas, aos quais o teu irmão Cálias pagou muito dinheiro para parecer sábio. Mas, uma vez que não és tu o herdeiro dos bens paternos, será necessário importunar o seu irmão e pedir-lhe para ensinar-te a correção a respeito de tais questões, a qual ele aprendeu com Protágoras.

Hermógenes: O pedido, Sócrates, seria todavia absurdo para mim, se após rejeitar plenamente a Verdade de Protágoras, apreciasse as coisas que estão ditas nesta mesma verdade como dignas de valor.

Sócrates: Se, por sua vez, estas coisas não te agradam, é necessário aprender com Homero [d]e com os outros poetas.

Hermógenes: E o que diz Homero a respeito dos nomes, Sócrates, e onde?

Sócrates: Em muitos lugares! Mas as maiores e mais belas nas quais ele distingue, com relação às mesmas coisas, os nomes que lhes dão tanto os homens quanto os deuses. Ou tu não achas que ele diz algo grande e admirável em tais lugares a respeito da correção dos nomes? De certo, é evidente que os deuses, ao menos, chamam as coisas com correção e com nomes que são por natureza. [e]Ou tu não achas?

Hermógenes: Eu, particularmente, bem sei que se eles chamam, o fazem corretamente. Mas

quais são esses nomes que tu dizes?

Sócrates: Tu não sabes que a respeito do rio que existe em Troia, o qual combateu sozinho com Hefesto, ele diz:

“chamam-no os deuses Xanto e os homens Escamandro”

Hermógenes: Sei.

Sócrates: [392a]E então? Tu não achas que isto é algo venerável de se conhecer, o modo como é mais correto nomear aquele rio de Xanto e não de Escamandro? E se desejas, a respeito de um pássaro, ele diz:

“kháلكis”, chamavam os deuses, e os homens “kýmindis”.

Tu consideras insignificante conhecer quanto é mais correto chamar o mesmo pássaro “kháلكis” do que “kýmindis”? Ou Mirina ao invés de [b] Batieia, e muitos outros, tanto neste poeta quanto em outros? Mas descobrir tais coisas talvez seja grande demais, quer para mim quer para ti; no entanto, tenho a impressão que Escamândrio e Astíanax sejam mais humanos, e mais fácil de observar a fundo o que ele diz serem os nomes para o filho de Heitor, qual é afinal a correção que ele diz deles. Pois é claro que tu conheces os versos onde se encontram os nomes que eu digo.

Hermógenes: Com certeza.

Sócrates: Então, qual dos nomes dados ao menino tu achas que Homero considerava o mais correto: “Astíanax” ou “Escamândrio”?

Hermógenes: [c]Não posso dizer.

Sócrates: Observe o seguinte. Se alguém te perguntasse: qual dos dois tu achas que denominam mais corretamente, os mais sensatos ou os mais insensatos?

Hermógenes: Evidentemente, eu afirmaria que os mais sensatos.

Sócrates: E nas cidades, qual dos dois parecem ser mais sensatos, as mulheres ou os homens, por assim dizer, como um todo?

Hermógenes: Os homens.

Sócrates: Tu não sabes, então, que Homero diz que o filho [d]de Heitor é chamado Astíanax pelos Troianos e, evidentemente, é chamado Escamândrio pelas mulheres, uma vez que os

homens o chamavam Astíanax?

Hermógenes: É provável.

Sócrates: E Homero não considerava os Troianos mais sábios do que as suas mulheres?

Hermógenes: Acho que sim.

Sócrates: Então ele considerava mais correto dar ao menino o nome “Astíanax” ao invés de “Escamândrio”?

Hermógenes: Parece.

Sócrates: Observemos por qual razão. Ou ele mesmo não nos indica de forma admirável o porquê? Pois ele diz:

[e] “*de fato, ele protegeu sozinho a cidade e as longas muralhas*”.

Por isso, como é provável, pode-se corretamente chamar Astíanax o filho do protetor daquilo que seu pai salvou, como diz Homero.

Hermógenes: Parece-me assim.

Sócrates: Por que, afinal? Pois eu mesmo ainda não o compreendo, Hermógenes, e tu, o compreendes?

Hermógenes: Por Zeus, eu não!

Sócrates: [393a] Mas, meu amigo, não foi o próprio Homero quem atribuiu o nome a Heitor?

Hermógenes: Mas por quê?

Sócrates: Porque este também me parece ser algo muito semelhante a *Astíanax* e se supõe serem estes nomes gregos. Pois “*ánax*” e “*Héktōr*” significam quase a mesma coisa, ambos são nomes régios; de fato, se alguém é “*senhor*” (*ánax*) de algo, sem dúvida também o é “*mantenedor*” (*héctōr*); [b]e é evidente que o domina, o possui e o “*tem*” (*ékhei*). Ou dou-te a impressão de não dizer nada, e não me dou conta que estou supondo agarrar, como um traço, algo da opinião de Homero a respeito da correção dos nomes?

Hermógenes: Por Zeus, não! Mas parece-me que tu, talvez, te agarras a isso.

Sócrates: É certamente justo, como me parece, chamar leão ao rebento do leão, e cavalo ao rebento do cavalo. Não digo algo como se do cavalo surgisse outro que um cavalo, tal como um monstro, [c] mas o fosse conforme o mesmo gênero, isso eu digo; e se um cavalo gera contra a natureza um rebento que é natural de um boi – um bezerro – não deve ser chamado potro, mas bezerro. Penso que se nascesse de um homem um rebento que não fosse homem,

deveríamos dar-lhe outro nome que homem, e igualmente às árvores e a todas as outras coisas. Ou não concordas?

Hermógenes: Concordo.

Sócrates: Dizes bem! Mas cuidado para que, de alguma maneira, eu não venha induzir-te ao erro. Segundo o mesmo raciocínio, um certo rebento que nasça de um rei [d] deve chamar-se rei, e não importa que o mesmo sentido seja indicado por estas ou aquelas sílabas, nem se se insere ou se retira uma letra, isto não importa, contanto que a essência da coisa estiver revelada no nome.

Hermógenes: Como é isto que dizes?

Sócrates: Nada complicado. Tu sabes, por exemplo, que falamos os nomes das letras, mas não as próprias letras, exceto quatro: do *E*, do *U*, do *O* e do *Ó* [e]. Para as outras, vogais e consoantes, sabes que, circumpondo outras letras, formamos nomes; mas, uma vez que colocamos a que manifesta o valor, pode-se corretamente chamar aquele nome, o qual a mostrará para nós. Por exemplo a letra “beta” (*b*): vê que acrescentando o *e*, o *t* e o *a*, nada disto impede que a natureza desta letra não se revele pelo nome completo, tal como desejou o legislador, tão bem ele soube atribuir os nomes às letras.

Hermógenes: Tu me parecees falar a verdade.

Sócrates: [394a] Não será, então, o mesmo raciocínio a respeito do rei? Pois haverá um rei que nasça de um rei, um bom de um bom, um belo de um belo, e do mesmo modo todas as outras coisas, e de cada linhagem um rebento tal, ao menos que nasça um monstro; e é preciso que tenham os mesmos nomes. E poderá alternar as sílabas, de modo que parecerá ao que está alheio à questão que eles diferem entre si, sendo os mesmos; assim como as poções medicinais, preparadas com substâncias de cores ou odores variados nos parecem diferentes, sendo as mesmas coisas; [b]mas ao médico, que tem em vista o poder das poções, elas se mostram idênticas, e não é perturbado pelo que é acrescentado. Talvez o conhecedor acerca dos nomes também tenha em vista o poder deles e não se perturba se alguma letra é inserida, substituída ou retirada, ou se o poder do nome está absolutamente em outras letras. Tal como há pouco dizíamos, “*Astýanax*” e “*Héctōr*” não possuem exatamente as mesmas letras [c], exceto o *t*, *e*, no entanto, significam o mesmo.

E quais são as letras comuns em “*Arkhépolis*” (*Governante*)? Entretanto, significa o mesmo; e muitos são os nomes que significam apenas rei. Outros, por sua vez, significam estrategista, como “*Ágis*” (*Comandante*), “*Polémarkhos*” (*Polemarco*), e “*Eupólemos*”

(*Belígero*). Outros, que concernem à medicina, como “*Iatroclēs*” (*Médico Inclito*) e *Acsímbrotos* (*Curandeiro*). E talvez pudéssemos descobrir muitos outros que, diferindo-se absolutamente pelas sílabas e pelas letras, expressem o mesmo poder. Parece-te assim ou não?

Hermógenes: [d]Sim, certamente.

Sócrates: Logo, é preciso dar os mesmos nomes às coisas geradas segundo a natureza.

Hermógenes: É certo.

Sócrates: Mas, e quanto às coisas nascidas contra a natureza, que resultam numa forma monstruosa? Por exemplo, quando de um homem bom e pio nasce um ímpio, ora, não é como nos casos precedentes, quando um cavalo, ao gerar um rebento de boi, não devia ter o epônimo do que o gerou, mas do gênero ao qual pertencia?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: [e]E ao ímpio nascido do pio é preciso dar-lhe o nome do gênero.

Hermógenes: É isso.

Sócrates: Não “*Theófilos*” (*Caro a deus*), como é provável, nem “*Mnēsítneos*” (*Reminiscente de deus*), nem nenhum deste tipo, mas aquele que significa algo contrário a esses, se se vai atingir a correção dos nomes.

Hermógenes: É exatamente assim, Sócrates.

Sócrates: Assim também “*Orestes*” (*Oréstēs*) arrisca estar correto, quer o acaso denominou-lhe quer algum poeta, indicando pelo nome a brutalidade, a selvageria e a sua natureza alpestre (*oreinós*).

Hermógenes: [395a]Parece ser deste modo, Sócrates.

Sócrates: É provável que haja também ao pai dele um nome que lhe é por natureza.

Hermógenes: Parece.

Sócrates: De fato, como mostrará o nome, “*Agamêmnon*” arrisca ser algo deste tipo: por esforçar-se e perseverar, impondo termo às coisas que decidiu pela virtude. Prova disso é a longa *permanência* (*moné*) e obstinação da armada em Troia. Eis porque o nome “*Agamêmnon*” (*Agamémnōn*) expressa que este homem é *admirável* (*agastòs*) pela *persistência* (*epimonén*)[b].

Talvez “*Atrou*” também esteja correto. De fato, quanto à morte de Crisipo e as atrocidades que realizou contra Tiestes, tudo isso é prejudicial e *desastroso* (*atērá*) para a virtude. Na verdade, o nome que lhe é dado está um pouco dissimulado e seu sentido encoberto, de modo que a natureza do homem não se manifeste para todos; mas aos

conhecedores dos nomes, o que quer dizer “*Atreu*” se manifesta suficientemente[**c**]. Pois, de acordo com a sua *intransigência* (*ateirés*), *intrepidez* (*átrestos*) e o *desastroso* (*atēros*), de todos os modos, o nome lhe foi corretamente colocado. É provável que também a “*Pélops*” o nome tenha sido atribuído adequadamente, pois ele indica aquele que vê as coisas de perto, e é digno de ser chamado assim.

Hermógenes: Como assim?

Sócrates: Por exemplo: em algum lugar, conta-se que este homem, no assassinato de Mirtilo, não foi capaz de pressentir nem de prever nada ao futuro de toda a sua família, [**d**] quantas infelicidades acumularia, por ver somente o perto e o *imediate* – e isto é “*pélas*” – quando pelejava, de todo modo, desposar Hipodâmia. E para “*Tântalo*”, qualquer um consideraria que o nome foi estabelecido corretamente e segundo a natureza, se é verdade as coisas ditas a respeito dele.

Hermógenes: Quais coisas?

Sócrates: As que, de certa forma, infortúnios lhe aconteceram ainda vivo, dentre os quais, a total ruína de sua pátria e, depois de morrer, uma pedra *pesa* (*talanteía*) sobre a sua cabeça no Hades[**e**], em admirável concordância com o nome. É como se alguém simplesmente desejando nomear *o que mais tolera males* (*talántatos*), nomeasse e dissesse ao invés disso, “*Tântalo*”, um nome com tais qualidades que parece ter encontrado o revés da fama.

Parece também que para Zeus, seu pai, [**396a**] o nome está posto perfeitamente, mas não é fácil de se ter em mente. Pois o nome de Zeus é, sem artifício, como um enunciado: dividindo-o em dois, ora utilizamos uma das partes, ora outra, pois uns chamam-lhe “*Zēna*” e outros “*Día*”; mas, agrupando-os em um único, ele revela a natureza do deus, o que afirmamos ser conveniente para o nome ser capaz de expressar-se. Pois não há para nós e para todos os outros aquele que é a causa maior da *vida* (*zēn*), senão o comandante e o rei de tudo. Acontece então que este deus[**b**], *através do qual* (*di hòn*) todos os que vivem obtêm a *vida* (*zēn*), encontra-se nomeado corretamente; e o nome, sendo único, tal como eu digo, é dividido em dois: “*Día*” e “*Zēna*”. Dizer que ele é filho de *Crono* (*Krónos*), pareceria ser algo ultrajante aos que subitamente ouvem, mas que “*Zeus*” (*Día*) é prole de uma grande *inteligência* (*dianoías*) parece ser algo razoável, pois *kóros* não significa uma *criança*, mas a *pureza sem mescla* na *inteligência* (*noû*). E este é filho do “*Céu*” (*Ouranós*), segundo a tradição e, por sua vez, o olhar as coisas do alto pode ser corretamente chamado por este nome, “*celeste*” (*ouranía*), [**c**] *o que as coisas do alto* (*horōsa tà ánō*); de onde deriva,

Hermógenes, como dizem os que se ocupam das coisas celestes, a mente pura, e o nome foi atribuído corretamente para o “Céu” (*Ouranós*). Se estivesse lembrado da genealogia de Hesíodo, dos ancestrais que ele ainda diz destes deuses, não me cessaria de expor como corretamente lhes são postos os nomes, até eu ter colocado à prova esta sabedoria que agora me chegou subitamente[d], sem que eu saiba de onde, para ver se ela se sustentará ou não.

Hermógenes: De fato, Sócrates, tu me pareces tal como os inspirados pelo deus, a cantar oráculos repentinamente.

Sócrates: Eu acuso, Hermógenes, ela ter me sido precipitada principalmente por Êutifron de Prospalta, pois desde cedo estive com ele a escutá-lo. Arrisca-se então que ele, estando inspirado, encheu meus ouvidos não somente com sua a sabedoria numinosa, mas também tenha se apoderado de minha alma. Assim, parece ser necessário que nós façamos dessa maneira[e]: por hoje, utilizá-la para examinar o restante acerca dos nomes, e amanhã, se estiveres de acordo, a conjuraremos e nos purificaremos, descobrindo quem quer que seja [397a] hábil em purificar, quer dentre os sacerdotes, quer dentre os sofistas.

Hermógenes: Eu estou de acordo, pois muito prazerosamente ouviria o que resta sobre os nomes.

Sócrates: Eis o que é necessário fazer. Uma vez que nos comprometemos num certo plano, por onde tu desejas que comecemos examinar, para que vejamos se os próprios nomes não nos atestam que, longe de serem estabelecidos assim ao efeito do acaso, de fato possuem uma certa correção?[b] Os nomes que designam os heróis e os homens talvez pudessem nos enganar completamente, pois muitos são estabelecidos segundo uma denominação dos ancestrais e, tal como dissemos no início, alguns sequer são adequados, de modo que muitos são estabelecidos como votos solenes, por exemplo: “*Fortunato*”, “*Salvador*”, “*Teófilo*” e muitos outros. Assim, parece-me necessário deixá-los de lado, e é razoável descobrirmos aqueles que são corretamente atribuídos àquilo que é eterno e natural. Pois é sobretudo aí que convém[c] ocupar-se a atribuição dos nomes, e talvez alguns deles tenham sido atribuídos por uma força mais divina do que humana.

Hermógenes: Tu pareces dizer-me bem, Sócrates.

Sócrates: Ora, não é justo então iniciar pelos deuses, investigando de que maneira os “*deuses*” foram corretamente chamados por esse nome – “*theoí*”?

Hermógenes: É justo.

Sócrates: Eis o que eu particularmente suspeito. Parece-me que os primeiros homens da

região da Grécia consideravam apenas aqueles deuses[**d**] que agora são os de muitos bárbaros: o sol, a lua, a terra, os astros e o céu e, uma vez que viam todos sempre deslocando-se e *correndo* (*théonta*), a partir desta natureza, denominaram-lhes “*deuses*” (*theoi*). Depois, conhecendo todos os outros, já interpelavam-lhes por este nome. O que eu digo é ou não verossímil?

Hermógenes: Certamente é verossímil.

Sócrates: Qual poderíamos examinar depois deste?

Hermógenes: [**e**]: É evidente que os *numes*, os *heróis* e os *homens*.

Sócrates: Os *numes*? O que afinal poderá significar, verdadeiramente, Hermógenes, o nome “*numes*”? Observe se te parecerei dizer algo.

Hermógenes: Apenas dize.

Sócrates: Tu sabes quem Hesíodo diz serem os *numes*?

Hermógenes: Não tenho em mente.

Sócrates: Nem que ele afirma que era áurea a primeira raça dos homens?

Hermógenes: Isso ao menos eu sei.

Sócrates: Bem, a respeito dela, ele diz:

*“em seguida, quando o destino encobriu esta raça
[398a]foram chamados os numes sagrados epictônios
nobres, que repelem os males, guardiães dos homens mortais”*

Hermógenes: E então?

Sócrates: Eu penso que ele diz que a raça era áurea, não por ter sido concebida de ouro, mas por ser boa e bela. E o indício para mim é que ele afirma sermos uma raça de ferro.

Hermógenes: Dizes a verdade.

Sócrates: Tu achas então que se alguém dentre os de hoje fosse bom,[**b**] ele diria pertencer à raça de ouro?

Hermógenes: É provável.

Sócrates: E os bons são algo outro senão prudentes?

Hermógenes: São prudentes.

Sócrates: Neste caso, parece-me que ele diz principalmente isto dos *numes*: porque eram prudentes e *sábios* (*daémones*), foram nomeados “*numes*” (*daímones*), e o mesmo nome

ocorre em nossa antiga língua. Não apenas ele tem razão, mas também todos aqueles poetas que dizem que logo que alguém bom morre, tem grande quinhão e honra[c], tornando-se *nume*, nome dado conforme a prudência. Destarte, eu também estabeleço que todo homem sábio que for bom, estando vivo ou morto, é *numinoso* (*daémōn*), e pode ser corretamente chamado “*nume*”.

Hermógenes: Nisto, Sócrates, parece que estou de acordo contigo. Mas o que seria o nome “*herói*”?

Sócrates: Este não é muito difícil de se ter em mente. De fato, seu nome foi um pouco alterado, mas mostra um nascimento *erótico*.

Hermógenes: O que queres dizer?

Sócrates: Tu não sabes que os heróis são semi-deuses?

Hermógenes: E então?

Sócrates: [d]Todos, sem dúvida, são frutos de uma relação amorosa ou de um deus com uma mortal ou de um mortal com uma deusa. Se examinares este nome segundo a antiga língua ática, conhecerá melhor: ele te fará ver que o nome vem de *érōs*, de onde nasceram os “*heróis*” (*hērōs*), devido a uma pequena alteração no nome. Ou é por isso que se chamam heróis ou porque eram sábios, hábeis oradores e dialéticos, sendo capazes de *interrogar* (*erōtân*) e de *falar* (*eírein*), pois o *eírein* tem o mesmo sentido de *dizer*. Assim, os heróis[e], na língua ática, são chamados pelo nome que agora os chamamos, e assemelham-se a certos oradores e questionadores, de forma que a raça heroica se tornou um gênero de sofistas e oradores. Na verdade, este não é difícil de se ter em mente, mas sobretudo o é o dos *homens*. Por que afinal se chamam “*homens*” (*ánthrōpoi*), tu podes dizer?

Hermógenes: De onde, meu caro, eu poderia? Nem se eu fosse capaz de descobrir algo, não me esforçaria, por considerar que tu descobrirás mais do que eu mesmo.

Sócrates: [399a]Como suponho, tu acreditas na inspiração de Êutifron.

Hermógenes: É evidente.

Sócrates: Tens razão em acreditar, pois agora me parece vir à mente coisas engenhosas, e corro o risco, se não me acautelo, de ainda hoje vir a ficar mais sábio do que o necessário. Observe então o que eu digo: primeiramente, é preciso ter isso em mente que, a respeito dos nomes, muitas vezes inserimos letras, outras as extraímos, dando nomes diferentemente do que desejamos, e alteramos os acentos. Por exemplo, “*Diù phílos*” (*Amigo de Zeus*)[b]: para que esta sentença se torne para nós um nome, retiramos de onde está o segundo *i* para

pronunciarmos um som grave na sílaba do meio, ao invés de agudo. Em outros, ao contrário, acrescentamos letras e pronunciamos as mais graves como agudas.

Hermógenes: Dizes a verdade.

Sócrates: Assim, parece-me que o nome “*homens*” sofreu uma destas modificações. De fato, transformou-se num nome a partir de uma sentença e, retirando uma letra, o *a*, tornou a sílaba final grave.

Hermógenes: Como dizes?

Sócrates: [c]O seguinte: este nome, “*homem*” (*ánthropos*), significa que os outros animais não examinam aquilo que veem, nem raciocinam, nem *examinam com atenção* (*anathreîn*); mas o homem, tendo visto – e isto é “*ver*”, (*ópōpe*) – não só examina com atenção, mas ao mesmo tempo *raciocina* (*anathreîn*) sobre aquilo que vê. Por consequência, somente um dentre os animais, o *homem*, foi corretamente nomeado “*ánthrōpos*”, *aquele que examina o que viu*, (*anathrōn hà ópōpe*).

Hermógenes: Depois deste, posso perguntar-te algo que prazerosamente aprenderia?

Sócrates: Com certeza.

Hermógenes: Neste caso, algo que me parece ser uma sequência dos outros[d]. De certo, chamamos algo do homem “*alma*” e “*corpo*”.

Sócrates: Como não?

Hermógenes: Tentemos então explicar estes nomes tal como o precedente.

Sócrates: Tu dizes examinar como se acha este nome, a “*alma*”, e logo após o “*corpo*”?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Neste caso, para falar assim de momento, penso que os que nomearam a “*alma*” tinham isto em mente: quando ela está no corpo, é a causa de sua vida[e], fornecendo-lhe o poder para respirar e *animar* (*anapsýkhon*) e, uma vez que cessa de animá-lo, o corpo perece e morre, de onde me parece que a chamaram “*alma*” (*psykhé*). Mas, se desejares, tenha paciência, pois pareço contemplar em mim, face aos de Êutifron, algo mais[400a] inspirador que isto. Na verdade, parece-me que eles a menosprezariam e poderiam considerá-la insuportável por sua grosseria; mas observe se esta, naturalmente, poderia agradar-te.

Hermógenes: Apenas dize.

Sócrates: A natureza de todo corpo, de modo a fazer viver e circular, parece-te que contém algo outro senão a alma?

Hermógenes: Nenhum outro.

Sócrates: E então? Tu não confias em Anaxágoras que diz existir um pensamento e uma alma que a organizou e manteve natureza de todos os outros?

Hermógenes: Confio.

Sócrates: [b] Então ela teria bem este nome, “*que contém a natureza*” (*physékhē*), por esta capacidade que *veicula* (*okheî*), e *mantém* (*ékheî*) a *natureza* (*phýsis*), e pode ser chamada “*physékhē*”. Mas poderá agradavelmente chamá-la “*alma*” (*psýkhē*).

Hermógenes: Certamente este me dá a impressão de ter sido mais habilmente construído que o outro.

Sócrates: E de fato foi! Entretanto, mostra-se ridículo que foi nomeado verdadeiramente como foi posto.

Hermógenes: Mas depois deste, o que poderemos dizer do outro?

Sócrates: Tu dizes o “*corpo*” (*sōma*) ?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Este me parece de muitos tipos, [c]se alguém alterar um pouco mais o sentido. De certo, alguns dizem que ele é o *túmulo* (*sēma*) da alma, como se agora ela estivesse enterrada nele. Por ser através dele que a alma indica aquilo que indica, chamam-lhe corretamente “*sinal*” (*sēma*). Entretanto, parece-me que foram sobretudo os Órficos que estabeleceram este nome, e o deram como punição da alma, e é para *pô-la a salvo* (*sōzētai*) que possui este envoltório, à imagem de uma prisão; e ele é para a alma, tal como ele próprio designa, um “*cárcere*” (*sōma*), sem a necessidade de se mudar sequer uma letra.

Hermógenes: [d]Parece-me que estes nomes, Sócrates, foram ditos de modo considerável. Poderíamos, de algum modo, falar a respeito dos nomes dos deuses, tal como tu disseste há pouco acerca de *Zeus*, e investigar, do mesmo modo, sob qual correção se colocam seus nomes?

Sócrates: Por *Zeus*, Hermógenes, se nós fôssemos realmente razoáveis haveria um modo melhor: alegar que, no tocante aos deuses, nada sabemos; nem a respeito deles mesmos, nem a respeito dos nomes que chamam a si mesmos, pois é evidente que eles se nomeiam verdadeiramente; por outro lado, [e]um segundo modo de correção seria evocar-lhes, tal como nos é costume nas preces, dando os nomes que lhes satisfazem, seja lá qual for a sua origem, e chamar-lhes por estes nomes e jamais por outros, parece ser um belo hábito. [401a] Então, se desejares, examinemos, de modo que antes declaremos que acerca deles nós nada observaremos, pois não julgamos digno de como se deveria observar; mas a respeito dos

homens, ou de qual foi a opinião deles quando lhes atribuíram os nomes, isto não será censurável.

Hermógenes: Na minha opinião, Sócrates, tu dizes na medida, e assim façamos.

Sócrates: [b]Iniciemos por “Héstia”, então, como é costume?

Hermógenes: Sem dúvida é justo.

Sócrates: O que tu dirias que tinha em mente o que nomeou ao nomear “Héstia”?

Hermógenes: Por Zeus, não penso que isto seja fácil.

Sócrates: Os primeiros que estabeleceram os nomes, meu bom Hermógenes, arriscam-se a não serem vis, mas dissertam a perder de vista, e alguns são pensadores engenhosos.

Hermógenes: Por quê?

Sócrates: Ao que parece, o estabelecimento dos nomes é de tais homens, [c]e se fossem examinados os nomes em outros dialetos, não menos se descobriria o que cada um quer dizer. Por exemplo, àquilo que chamamos “essência” (*ousía*), há os que chamam “*essía*” e há os que, por sua vez, chamam “*ōsía*”. Primeiramente, há razão em chamar “Héstia”, de acordo com o segundo nome, à essência das coisas; nós, aliás, chamamos “é” (*éstin*) a participação da essência e, por isto, pode-se corretamente nomeá-la “Héstia”. É provável que nós também, antigamente, chamássemos a “essência” de “*essía*”. Enfim, se alguém tivesse em mente os sacrifícios, acreditaria que os que estabeleceram os nomes pensaram deste modo: antes de todos os deuses é conveniente [d]sacrificar primeiramente a Héstia, especialmente os que deram o nome “*essía*” à essência de todas as coisas; todos aqueles que, por outro lado, dizem “*ōsía*”, pensariam quase como Heráclito, que declara que todos os seres se movem e que nada permanece; assim, a causa e o princípio para eles é o *impulsionar* (*ōthoûn*), de onde é conveniente chamar-lhe “*ōsía*”. Mas terminemos por aqui como convém a quem nada sabe sobre o assunto; após Héstia [e], é justo examinar Reia e Cronos. O de Cronos, de fato, já o expusemos, todavia, talvez não digo coisa alguma.

Hermógenes: Por que, Sócrates?

Sócrates: Ah, meu bom, uma colmeia de sabedoria tem estado em minha mente.

Hermógenes: De que tipo isto?

Sócrates: [402a]É bem ridículo dizer, todavia eu penso ser muito verossímil.

Hermógenes: Qual é este?

Sócrates: Creio contemplar Heráclito dizendo coisas antigas e sábias, justamente as da época de Cronos e Reia, coisas que Homero também dizia.

Hermógenes: Como é isto que dizes?

Sócrates: Heráclito diz, em algum lugar, que “*tudo passa e nada permanece*” e, descrevendo os seres como a corrente de um rio, declara que “*duas vezes no mesmo rio não poderia entrar.*”

Hermógenes: É isso.

Sócrates: [b]E então? Aquele que atribuiu aos ancestrais dos outros deuses os nomes Reia e Cronos parecia-te pensar diferentemente de Heráclito? Tu pensas que ele atribuiu a ambos os nomes a partir dos fluxos ou do que por si mesmo se move? Tal como, aliás, Homero afirma: “*Oceano, genitor dos deuses e Tétis, a mãe*”. E penso que também Hesíodo. Orfeu também, em algum lugar, declara:

*“Oceano, de belas águas, primeiro a contrair matrimônio,
[c]que esposou Tétis, a irmã de mesma mãe.”*

Observe que estas coisas concordam entre si e se aproximam das de Heráclito.

Hermógenes: Tu pareces, Sócrates, dizer algo. Todavia, não tenho em mente o que quer dizer o nome “*Tétis*”.

Sócrates: No entanto, ele mesmo quase diz porque é um nome dissimulado de origem. Pois o *peneirado* (*diattómenon*) e o [d]filtrado (*ēthoúmenon*) são como a imagem de uma fonte. E, a partir destes dois nomes, é formado o nome “*Tétis*”.

Hermógenes: Isso, Sócrates, é artificioso.

Sócrates: E o que não há de ser? Mas qual virá após este? De Zeus já falamos.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Podemos falar de seus irmãos, *Poseidon* e *Plutão*, e também do outro nome pelo qual o designamos.

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Bem, o nome “*Poseidon*” me parece ter sido dado pelo primeiro [e]que nomeou porque a natureza do mar o deteve enquanto caminhava, impedindo-lhe prosseguir, tal como lhe surgisse uma *trava aos pés* (*desmòs tōn podōn*). O deus, princípio deste poder, foi chamado “*Poseidon*”, como sendo “*posídesmon*”, *trava-pés*, acrescentando talvez o *e* para torná-lo mais belo. [403a]Ou talvez não quisesse dizer isto, mas no lugar do *s*, se dissesse dois *l*, como sendo o deus *pollà eidōs*, que *sabe muitas coisas*. Ou talvez, por conta do seu *agitar*,

(*seiein*), tenha sido nomeado “agitador” (*ho seíōn*), e lhe acrescentaram o *p* e o *d*. No que diz respeito a “Plutão”, este nome lhe foi atribuído por dar a *riqueza* (*plouîtos*), pois ele envia para cima a riqueza da terra. Quanto ao “Hades”, a maioria dos homens parece conceber que por este nome se expressa o *invisível* (*aeidés*) e, temendo o nome, chamam-lhe “Plutão”.

Hermógenes: [b]E como te parece ser, Sócrates?

Sócrates: Para mim, muitos homens dão a impressão de terem se enganado completamente a respeito do poder deste deus e o temem sem motivo. De certo, o temem, pois quando um de nós morre, ele está sempre lá, e a alma, despida do corpo, permanece lá junto a ele, e por isso o temem. Mas parece-me que todas essas coisas, tanto a esfera de ação do deus, quanto o seu nome, convergem para um mesmo ponto.

Hermógenes: Como assim?

Sócrates: [c] Dir-te-ei o que me parece. Diz-me ao menos, dos laços que fazem com que qualquer ser vivo permaneça não importa onde, qual dos dois é mais forte, a necessidade ou o desejo?

Hermógenes: Conta muito, Sócrates, o desejo.

Sócrates: Tu não acreditas então que muitos não fugiriam do Hades, se ele não prendesse os que vão para lá com o laço mais forte?

Hermógenes: É evidente.

Sócrates: Então, ao que parece, ele os laça com o desejo, se realmente laça com o laço mais poderoso, e não com a necessidade.

Hermógenes: Parece.

Sócrates: Mas, por outro lado, não são muitos os desejos?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: [d]Então, dentre os desejos, é com o mais poderoso que ele os laça, se há de detê-los com o laço mais poderoso.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Existe algum desejo maior do que quando se considera estar junto a alguém pelo qual se tornará um homem melhor?

Hermógenes: Por Zeus, Sócrates, absolutamente não.

Sócrates: Por isso, Hermógenes, é que dizemos que nenhum deles quer retornar de lá para cá, nem as próprias [e]Sirenes, que certamente estão fascinadas por sortilégios, elas e todos os outros, tão belos são alguns discursos, como é provável, que sabe dizer o Hades; e este deus,

partindo deste argumento, é um sofista e um grande benfeitor aos que estão junto dele; e ele envia aos vivos inúmeras coisas boas, pois são muitas as que estão lá em torno dele; e, a partir disto, teve o nome “*Plutão*”. Ao mesmo tempo, por não querer conviver com os homens que têm os corpos[404a], mas só se relacionar com eles quando a alma for purificada de todos os males e desejos que o cercam; não te parece que é do filósofo bem ter concluído que desse modo poderia contê-los, laçando-os pelo desejo da virtude, mas enquanto possuem a paixão e a loucura do corpo, nem seu pai, Crono, é capaz de contê-los, detendo-lhes com seus laços lendários.

Hermógenes: Arriscas a dizer algo, Sócrates.

Sócrates: [b]O nome “*Hades*”, Hermógenes, está muito longe de ter sido dado a partir do invisível (*aeidoūs*), mas muito mais por *conhecer* (*eidénai*) todas as coisas belas, foi nomeado *Hades* pelo legislador.

Hermógenes: É certo. Mas o que diremos de Deméter, Hera, Apolo, Atena, Hefesto e de todos os outros deuses?

Sócrates: Deméter se mostra conforme o dom da nutrição e, *dando como mãe* (*didoúsa hos mētēr*), foi chamada “*Deméter*”. Hera [c] é alguém *sedutora* (*eratē*), de tal modo que se diz que Zeus *se encheira de amor* (*erastheís*), por ela. Mas talvez o legislador, discorrendo sobre fenômenos celestes, nomeou “*Hera*” ao *ar* (*aēr*), dissimulando-o e colocando o início no final; dar-se-ás conta disso se muitas vezes disseres o nome de *Hera*. Quanto a “*Pherrephata*”, muitos temem tanto este nome quanto o de “*Apolo*”, creio eu, por ignorância da correção dos nomes; pois se observa que mudando-o para “*Perséfone*”, também lhes parece terrível. [d]Mas ele indica que a deusa é sábia, pois, considerando o movimento das coisas, alcançá-las, ligeiramente tocá-las e a possibilidade de perto segui-las seria algo sábio; então a deusa seria chamada corretamente “*Pherépapha*” – ou algo semelhante – pela sabedoria e pelo *toque do que se põe em movimento* (*epaphē toû phetoménu*), e por isso o Hades, sendo sábio, convive com ela, pois tal ela é; mas agora recusam o seu nome, estimando mais uma bela pronúncia do que a verdade, de modo a chamá-la “*Pheréphatta*”. E o mesmo também[e] a respeito de “*Apolo*”, repito, muitos são receosos quanto ao nome do deus, como se indicasse algo terrível, ou não tens percebido?

Hermógenes: Perfeitamente, e dizes a verdade.

Sócrates: Por certo, ao que parece, o nome foi colocado tendo em vista o atributo do deus.

Hermógenes: Como assim?

Sócrates: Eu tentarei explicar o que me parece: não[405a] é que um nome inteiro, sendo único, estaria de acordo com os quatro atributos do deus, de modo a tocá-los e, de certo modo, torná-los perceptíveis: a música, a mântica, a medicina e a arte do arco.

Hermógenes: Continue! Pois é espantoso o que tu dizes ser o nome.

Sócrates: No entanto harmonioso, visto ser o deus músico. Em primeiro lugar, a purificação e os métodos purificatórios – seja na medicina ou na mântica – as drogas medicinais e fumigações, [b] e também os banhos e aspersões em tais ocasiões, todas elas teriam uma única função: tornar o homem puro, quer no corpo, quer na alma. Ou não é?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Então não seria este o deus que purifica, lava e liberta de tais males?

Hermógenes: Com certeza.

Sócrates: Assim sendo, conforme as *libertações* (*apolýseis*) e as *abluções* (*apoloúseis*), que as realiza [c] como médico, pode-se chamá-lo corretamente de “*Apoloúōn*” (*O que lava*). Pela arte divinatória e por ser verdadeiro e *simples* (*haploúin*) – pois são o mesmo – poderia se chamar mais corretamente como os Tessálios o chamam, pois todos os Tessálios designam este deus “*Áploun*”. Em virtude de ser sempre mestre em lances, pela arte do arco, ele é o *sempre vertente* (*aei ballōn*). Quanto à música, deve-se compreender que, tal como em *akólouthos* – *companheiro de viagem* –, e *ákoitis* – *consorte* –, o *a* indica o que é *comum a dois* (*homo*); também ai, a *conversão simultânea* (*homoú pólēsin*), tanto em relação ao céu, que chamam “*circundução*” (*pólos*), quanto em relação [d] à harmonia do canto, chamada *sinfonia*; pois tudo isso, como dizem os que são hábeis em música e astronomia, *volem-se simultaneamente* (*polei háma*) para uma certa harmonia. E este deus é versado em harmonia, *dirigindo ao mesmo tempo* (*hómopolōn*) todas elas, quer com os deuses, quer com os homens; então, assim como chamamos “*akólouthos*” e “*ákoitis*” de “*homokéleuthos*” e “*homokoitin*” – *companheiro de viagem* e *consorte* –, pondo no lugar do “*homo*” um “*a*”, [e] da mesma maneira chamamos “*Apóllōn*” o que era “*Homopolōn*”, colocando um segundo *l* para que não se torne homônimo de um nome difícil de explicar, que é exatamente o que agora alguns suspeitam, por não examinarem corretamente o poder do nome, e o temem como indício [406a] de alguma ruína. Mas o nome, tal como há pouco dizia, foi colocado tocando todos os atributos do deus: *simples*, *sempre vertente*, *o que lava* e *o que converge simultaneamente*.

Quanto às “*Musas*”, e para dizê-lo numa só nome, a “*música*”, receberam estes

nomes, é provável, a partir do *almejar* (*mōsthai*), da pesquisa e da filosofia. “*Leto*” vem da bondade da deusa, pois se alguém necessita de algo, ela *consente de bom grado* (*tò ethelémon*); ou talvez seja o nome que lhe deram os estrangeiros, pois muitos a chamam “*Lethó*”. É provável que tenha sido chamada “*Lethó*” pelos que assim o fizeram não pela rudeza, mas por sua doçura e *serenidade de caráter* (*leíon toû éthous*)[b]. “*Ártemis*” mostra ser o *incólume* (*artemés*) e o decente, por causa do seu desejo da virgindade; mas talvez o que deu os nomes a chamou assim pois a deusa era *conhecedora da virtude* (*aretēs hístōr*), ou talvez porque ela *odiava a copulação* (*ároton misésasa*), do homem na mulher. Ou por alguma destas, ou por todas elas, aquele que estabeleceu os nomes atribuiu este à deusa.

Hermógenes: E quanto a “*Dioniso*” e a “*Afrodite*”?

Sócrates: Ah, filho de Hipônico, perguntas por grandes nomes. De fato, a forma dos nomes para estes deuses é dita ou com seriedade[c] ou por zombaria. A intenção séria, pergunte aos outros; quanto à zombaria, nada impede de expô-la, pois os deuses também são amantes de brincadeiras. “*Dioniso*” seria o *que dá o vinho* (*didoús tòn oínon*), chamado “*Dadivinoso*” por brincadeira; o “*vinho*” (*oínos*), que faz pensar ter na *mente* (*noús*) dos vinolentos o muito que eles não tem, muito justo chamaríamos “*oiónous*”. Quanto a “*Afrodite*”, não há motivo para contradizer Hesíodo[d], mas concordar que por seu nascimento da *espuma* (*aphrós*), foi nomeada “*Afrodite*”.

Hermógenes: Mas sendo Ateniense, Sócrates, tu não te esquecerás nem de “*Atena*”, nem de “*Hefesto*” e de “*Ares*”.

Sócrates: Nem seria provável.

Hermógenes: É certo.

Sócrates: Certamente, o outro nome dela não é difícil dizer porque foi colocado.

Hermógenes: Qual?

Sócrates: Nós, em algum lugar, a chamamos “*Palas*”.

Hermógenes: Como não?

Sócrates: [e] Bem, quanto a mim e àqueles que consideram que este nome vem da dança com armas, creio que poderíamos pensar que ele foi estabelecido corretamente, pois o levantar no ar, a si mesmo ou a outro, quer a partir da terra, quer com as mãos[407a], nós chamamos tanto *dançar* (*pállein*) quanto *fazer dançar* (*pállesthai*).

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Por isso a chamamos “*Palas*”.

Hermógenes: E corretamente. Mas o que dizes do outro nome?

Sócrates: O de “Atena”?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Este é mais grave, meu amigo. Parece que os antigos já consideravam “Atena” tal como os de hoje, hábeis acerca de Homero, [b]pois a maioria deles, que explica o pensamento do poeta, diz que ele a considera ter sido feita pensamento e reflexão, e o artesão dos nomes parece ter pensado o mesmo a seu respeito; mas ele ainda diz mais, que ela é a concepção do deus, ao dizer que ela é *theoû nóēsis* – *Inteligência Divina* –, fazendo uso, como os estrangeiros, do *a* no lugar do *e* e retirando o *i* e o *s*. Talvez nem seja por isso, mas, diferentemente dos outros, chamavam-lhe “*Theonóē*”, por seu *conhecimento das coisas divinas* (*tà thēia nooûsa*). Mas nada impede que ele quisesse chamar esta deusa “*Ēthonóē*”, como sendo a *inteligência no caráter* (*en to ethei noesis*). [c]E depois mudou este último, não só ele mas também os outros, como havia dito, para uma forma melhor, e chamaram-na “Atena”.

Hermógenes: E quanto a “Hefesto”, o que dizes?

Sócrates: Perguntas pelo nobre *conhecedor da luz* (*pháeos hístōr*)?

Hermógenes: Provavelmente.

Sócrates: Não é evidente para todos, que este é “*Phaístos*”, *Faiscante*, acrescentando um *e*?

Hermógenes: Arrisca-se a ser isso, Sócrates, se não tiveres ainda, como é provável, uma outra opinião.

Sócrates: Mas para que não haja, pergunte-me por Ares.

Hermógenes: Pergunto.

Sócrates: [d]Então, se desejas, “Ares” seria conforme a *masculinidade* (*árren*) e a virilidade; ou, por outro lado, é chamado o *indestrutível* (*árraton*), por sua dureza e inflexibilidade. Por isso, de todas as maneiras, seria conveniente chamar o deus da guerra “Ares”.

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Assim sendo, pelos deuses, afastemos-nos dos deuses, pois eu temo falar a respeito deles. Mas, se tu desejas, proponha-me acerca de outros nomes, e tu verás “o quanto valem os cavalos de Êutifron”.

Hermógenes: Mas é por isso que eu te farei ainda uma única questão [e] a respeito de “Hermes”, já que Crátilo diz que eu não sou Hermógenes. Tentemos então examinar, e em certa medida refletir sobre o nome “Hermes”, para que vejamos se ele diz algo.

Sócrates: É provável que este nome, “*Hermes*”, se refira ao discurso; de certo, o fato de ser *hermeneuta*, mensageiro,[408a] furtivo, enganador nos discursos, e também negociante, todas essas ocupações estão relacionadas ao poder do discurso; e, como dizíamos anteriormente, o dizer é servir-se do discurso; o outro, aquele que *inventa* (*emésato*), como Homero frequentemente diz, é o *maquinar*. Assim, a partir destes dois termos, para este deus que inventou o discurso e o dizer – pois o *dizer* (*eírein*) é o mesmo que falar – é que o legislador, por assim dizer, nos ordenou:[b] “homens, àquele que *inventou o dizer* (*eírein emésato*), deverá ser chamado por vós, com justiça, de “*Eirémēs*”. Mas agora nós, pensando mudar o nome para algo belo, chamamos “*Hermes*”. E é provável que “*Íris*”, por ser mensageira, também tenha sido nomeada a partir do *dizer* (*eírein*).

Hermógenes: Por Zeus, tenho a impressão que Crátilo tem razão quando fala que Hermógenes não é o meu nome. Certamente eu não sou hábil no discurso.

Sócrates: E que “*Pan*”, filho de Hermes, tenha uma natureza dupla, meu amigo, também é razoável.

Hermógenes: [c]Como assim?

Sócrates: Tu sabes que o discurso significa *o todo* (*pân*), e sempre circula e gira, e há dois tipos, um verdadeiro e um falso.

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Sem dúvida, o verdadeiro, habitando acima com os deuses é afável e divino; quanto ao falso, abaixo com a maioria dos homens é *grosseiro* (*trakhý*), como um *bode* (*tragikón*), pois é aí, no tocante à vida trágica, que estão os mais numerosos mitos e falsidades.

Hermógenes: É certo.

Sócrates: Em tal caso, é correto afirmar que aquele que revela o *todo* (*pân*) e *faz circular sem cessar* (*aeì pólon*)[d] seja “*Pan-caprídeo*” (*Pàn tragoeidēs*), o filho de dupla natureza de Hermes, afável em cima e grosseiro embaixo, assemelhado-se a um bode. E “*Pan*”, uma vez que é filho de Hermes, ou bem é o discurso ou o irmão dele, e em nada é espantoso um irmão assemelhar-se a outro irmão. Mas, como eu dizia, afastemo-nos dos deuses.

Hermógenes: Ao menos destes, Sócrates, se tu desejas. Mas o que te impede de discorrer a respeito dos outros, por exemplo do *sol*, da *lua*, dos *astros*, da *terra*, do *éter*, do *ar*, [e]do *fogo*, da *água* das *estações* e do *ano*?

Sócrates: São numerosos os nomes que me propões, contudo consinto, já que te será agradável.

Hermógenes: De fato me agradarás.

Sócrates: E qual queres em primeiro lugar? Ou, tal como disseste, discorreremos sobre o *sol* (*hélios*)?

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Neste caso, é provável que, [409a] se fizesse uso do nome dórico, o tornasse mais evidente, pois os Dórios o chamam “*hālios*”. Assim, “*hālios*” seria pelo *aliar* (*hālizei*) os homens no mesmo lugar quando raia, e também por *rodar sem cessar* (*aei eileîn*) em torno da terra, ou porque, deslocando-se, *colore* (*poikillei*) de modo variado as coisas que dela nascem, pois o *colorir* e o *matizar* (*aioleîn*) são o mesmo.

Hermógenes: E quanto à *lua*?

Sócrates: Este nome me parece levar particularmente em consideração [b]Anaxágoras.

Hermógenes: Por quê?

Sócrates: Ele parece mostrar algo mais antigo do que aquilo que recentemente dizia, que a *lua* (*seléné*) recebe a luz do sol.

Hermógenes: Como assim?

Sócrates: De certo modo, o *brilho* (*sélas*) e a luz são o mesmo.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Se os discípulos de Anaxágoras estão realmente dizendo a verdade, esta luz em torno da lua é, de certo modo, sempre nova e velha, pois ao girar incessante a sua volta, sempre a reveste com uma cor nova, e a do mês anterior já é velha.

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: E muitos chamam-na “*selānāia*”.

Hermógenes: É certo.

Sócrates: E dado que ela tem um *brilho velho e novo sempre* (*sélas néon te kai hēnon aei*) [c]poderia chamá-la pelo mais justo dos nomes – “*selaenoneoaeia*” – mas, justapondo-os, acabou sendo chamada “*selānāia*”.

Hermógenes: Este nome soa ditirâmico, Sócrates. Mas o que dizes do *mês* e dos *astros*?

Sócrates: O *mês* (*meis*) vem de *diminuir* (*meioústhai*), e poderia ter sido corretamente nomeado “*meies*”; os “*astros*” parecem receber o nome do *lampejo*. E “*lampejo*” (*astrapé*), que *desvia a visão de um lado ao outro* (*tà ðra anastréphe*), seria “*anastrōpé*”, mas acabou sendo chamado “*astrapé*”, para mudá-lo para algo belo.

Hermógenes: E o que diz respeito ao *fogo* e a *água*?

Sócrates: [d]O “fogo” deixa-me em aporia. É possível que, ou a musa de Êutifron tenha me abandonado, ou este nome é algo difícilimo. Observe então a que expediente recorro para todas essas ocasiões que me deixam em aporia.

Hermógenes: Qual?

Sócrates: Eu te direi. Responda-me ao menos: poderias dizer o porquê de chamar-se *fogo*?

Hermógenes: Por Zeus, eu não posso.

Sócrates: Observe então o que eu suponho a respeito dele. De fato, tenho em mente [e] que os Gregos, sobretudo os que vivem submissos aos bárbaros, tomaram destes muitos nomes.

Hermógenes: E então?

Sócrates: Se alguém procurasse como se colocam esses nomes segundo a língua grega, e não segundo aquela a partir da qual o nome por acaso é, tu sabes que encontraria uma aporia.

Hermógenes: É verossímil.

Sócrates: [410a] Bem, veja que este nome, “fogo”, não será um de origem bárbara. Pois nem é fácil vinculá-lo com a língua grega, e é visível que são os Frígios que chamam-no assim, alterando-o um pouco. E também a “água”, o “cão” e muitos outros.

Hermógenes: É isso.

Sócrates: Assim, não é preciso combater com violência a estes nomes, quando tiver algo a dizer sobre eles. Quanto ao “fogo” e a “água” eu os descarto. [b] Mas quanto ao “ar”, Hermógenes, ele tem sido chamado “*āēr*” por *levantar (aírei)* as coisas que estão sobre a terra, ou por que *flui sem cessar (aeì rheì)*? Ou por que um sopro de vento surge dele? Na verdade, alguns poetas, em alguns lugares, chamam os ventos de *aragem (aētai)*; mas talvez ele queira dizer *ventilar (aētórrous)*, tal como se dissesse o que *areja (pneumatórous)* e, por isso, quis chamar-lhe assim, porque é “ar”. Quanto ao “éter” (*aithēr*), sou da seguinte opinião: porque *ele sempre corre (aeì theì)*, fluindo em torno do ar, seria chamado justamente *o sempre circulante (aeitheēr)*. A “terra” (*gē*), indica melhor o seu [c] significado se alguém a nomeasse “*gaîa*”. Pois “*gaîa*”, como diz Homero, seria corretamente chamada a que *engendra (gennēteira)*; pois ele chama “*gegáasi*” ao *ter sido engendrada (gegenēsthai)*. E qual era para nós depois deste?

Hermógenes: As *estações*, Sócrates, a *época* e o *ano*.

Sócrates: Quanto às “*estações*” (*hōrai*) se tu desejas realmente saber, é necessário pronunciá-lo como na antiga língua ática, pois as “*hórai*” – *estações* – são as que *definem (horízousai)* os invernos, o verão, os ventos e os frutos da terra e, por definirem, podem de maneira justa

ser chamadas *hōrai*. A “época” (*enaiutós*) ou “ano” (*étos*) têm a chance de ser algo único, pois aquilo que por sua vez traz[d] à luz cada umas das coisas que nascem e se geram, controlando *ele mesmo e em si mesmo* (*autò en hautōi*), também ele, como atrás dissemos acerca do nome de Zeus, que estava dividido em dois, uns chamando-lhe *Zeni* e outros *Dia*, aqui também,[e] do mesmo modo, será por uns chamado “*eniautón*” (*em si mesmo*) e por outros “*étos*” (*o que controla*).

Hermógenes: Adiante, Sócrates, pois fazes um grande progresso.

Sócrates: Creio que já me mostro avançado na via da sabedoria.

Hermógenes: Absolutamente.

Sócrates: E logo dirás mais.

Hermógenes: [411a] Mas, depois deste gênero de nomes, eu queria examinar com qual correção foram postos aqueles belos nomes referentes à virtude, como a razão, a compreensão, a justiça e todos os outros semelhantes a estes.

Sócrates: Suscitas, meu amigo, um gênero de nomes que não é insignificante, contudo, é provável, que uma vez tendo vestido a pele do leão, não posso intimidar-me, mas devo examinar a *razão*, a *compreensão*, o *conhecimento*, a *ciência*, [b] e todos estes outros que tu dizes que são belos nomes.

Hermógenes: Perfeitamente, e não devemos desistir antes de terminá-los.

Sócrates: Aliás, pelo cão, não penso ter interpretado mal aquilo que há pouco considerei: os homens mais antigos, que estabeleceram os nomes de tudo, tal como agora a maior parte dos sábios, por frequentemente girar à procura de conhecer como são os entes, sofrem vertigens, e logo após, as coisas lhes parecem girar [c] e porem-se completamente em movimento. E não postulam ser a causa desta opinião uma disposição que lhes é interior, mas as coisas mesmas, sendo assim por natureza, não havendo nelas nada fixo nem estável, já que fluem, se deslocam, estão plenas de todo movimento e devêm sempre. E digo isso referente a todos os nomes que consideraste até agora.

Hermógenes: E como é isto, Sócrates?

Sócrates: Talvez não compreendeste o que foi dito até aqui, que os nomes foram colocados às coisas exatamente porque elas se deslocam, fluem e devêm.

Hermógenes: Não pensei precisamente nisso.

Sócrates: [d] Aliás, este que mencionamos primeiramente é absolutamente como os de tais qualidades.

Hermógenes: Qual deles?

Sócrates: A “razão” (*phrónēsis*), pois ela é a *concepção do movimento e do fluxo* (*phorás kai rhoû nóēsis*). Poderia ser também o tomar uma *utilidade do movimento* (*phorás nóēsis*) pois se refere à mobilidade. Mas, se desejares outro, o “juízo” (*gnómē*) expressa absolutamente uma pesquisa e um *exame da geração* (*gonēs nómēsis*), uma vez que o examinar e o observar são o mesmo. E se quiseses outro, o próprio “entendimento” (*nóēsis*) é o *anseio do novo* (*néou hēsis*) e, por serem os seres novos, significa que são sempre gerados;**[e]** e o que atribuiu o nome “*nóēsis*” revela isso que a alma ambiciona, pois outrora não se chamava “*nóēsis*”, mas no lugar do *ē* era necessário dizer dois *e*, “*noesis*”. A “moderação” (*sōphrosýnē*) é a *preservação* (*sōtēria*) daquilo que atrás observávamos, a “razão” (*phrónēsis*). **[412a]**A “ciência” (*epistēmē*) revela que uma alma digna de menção acompanha as coisas em movimento, não sendo deixada para trás e nem correndo adiante e, rejeitando o *e*, é preciso chamá-la “*pistēmē*”. Por sua vez, a “compreensão” (*sýnesis*) há de parecer tal como é o raciocínio, e quando se diz *entender* (*syniēnai*) é absolutamente o mesmo que dizer que *acompanho* (*syneimi*) para conhecer. Pois o “entender” significa que**[b]** a alma acompanha as coisas. E certamente a “sabedoria” (*sophía*) significa um vínculo com o movimento, e este nome é muito obscuro e da maior estranheza, mas é preciso evocar à lembrança os poetas, que muitas vezes dizem acerca das coisas que começam a avançar rapidamente, “que elas se precipitam”. Aliás, existiu um Lacônio de boa reputação cujo nome era *Soos* (*Impulsivo*); e os Lacedemônios chamam a isto o ímpeto, e assim a “sabedoria” significa esta proximidade com o movimento, já que os seres se movem.**[c]** Quanto ao “bom” (*agathón*), este nome foi colocado por tender ao *admirável* (*agastón*) de toda a natureza. Pois, visto que os seres caminham, existe neles a rapidez e a lentidão, não no todo, mas há algo dele – o *rápido* (*thoón*) – que é *admirável* (*agastós*). E é por este admirável que existe esta denominação, o “bom” (*agathón*).

Quanto à “justiça” (*dikaiosýnē*), é fácil explicar porque este nome foi colocado, já que se refere à *compreensão do justo* (*dikaíou sýnesis*). Mas explicar o “justo” (*dikaion*) é difícil. Com efeito, é provável que até o momento, **[d]**muitos concordem com ele, mas em seguida o contestem. Pois aqueles que consideram o universo em seu percurso, acreditam que a maior parte dele não é outra coisa senão um deslocar-se, e que durante todo o tempo é atravessado por algo pelo qual se gera tudo que é gerado ; e ele é o mais ligeiro e o mais tênue, pois, de outro modo, não seria capaz de mover-se através de cada ser, se não fosse o mais tênue, de

modo a jamais contê-lo; nem o mais ligeiro, de modo a ser necessário aos outros que permaneçam imóveis. [e]E visto que governa todas as outras coisas, *transpassando-as* (*diaion*), foi chamado corretamente por este nome “*dikaion*” (*justo*), inserindo-se poder da letra *k* para uma boa pronúncia. Até aqui, como há pouco dizíamos, [413a]muitos concordam que o *justo* é isto, mas eu, Hermógenes, como tenho sido persistente a respeito dele, informando-me no mistério de todas estas coisas, que o justo é também a causa – pois a causa é aquilo pelo que algo é gerado – e, por isso, alguém disse ser correto nomear-lhe com tal característico. Mas depois de ouvir estas coisas, de novo interroguei-lhe docemente: “se isto é assim, caríssimo, o que há de ser enfim o justo?”, ele diz: “já perguntas coisas muito distantes do conveniente e extrapolas os limites”. De fato, [b] por ter-me informado, disseram-me que já havia aprendido o suficiente, e eles, desejando satisfazer-me, tentam atualmente dizer outras coisas, e não estão mais de acordo. Na verdade, um diz o justo é isto, o sol, pois somente ele governa os entes, *transpassando-os* (*diaionta*) e *esquentando-os* (*káonta*). E, uma vez que eu, feliz por ter ouvido algo belo, o digo a outro, este, depois de ouvir-me, faz pouco caso de mim e pergunta se penso que o justo não está entre os homens [c]quando o sol se esconde. E eu, insistindo que ele, por sua vez, diga algo, ele afirma que é o próprio fogo, mas isto não é fácil de compreender; outro diz que não é o fogo em si, mas sim o próprio calor que está no fogo. Outro destes diz rir de todas estas coisas e afirma que o justo é aquilo que declara Anaxágoras, o pensamento, pois este, sendo independente e não sendo misturado a coisa alguma, ordena todas as coisas, deslocando-se através de todas elas; é por isso que eu, meu amigo, encontro-me em plena aporia, mais do que antes de ter tentado aprender a respeito do que é, afinal, o justo. [d] Mas em razão do que observamos, parece ter sido por isto que atribuíram-lhe este nome.

Hermógenes: Dás-me a impressão, Sócrates, de já ter ouvido isto de alguém e de não estar inventando.

Sócrates: E quanto aos outros?

Hermógenes: Nem tanto.

Sócrates: Então escute, pois talvez eu possa induzir-te ao erro quanto aos nomes restantes e te faça crer que não falo por ter ouvido dizer. O que nos resta depois da “*justiça*”? Creio que ainda não discorreremos sobre a “*coragem*”. No entanto, é evidente que a “*injustiça*” (*adikía*) é, de fato, [e]um obstáculo ao que *transpassa* (*diaion*) e “*coragem*” (*andreía*) significa que a coragem tem sua denominação no combate; e existir um combate entre os seres, se é verdade

que fluem, não é outra coisa senão o contrário ao *fluxo* (*rhoé*); e se alguém retira o *d* de *andreia* (*coragem*) o nome significa a mesma ação, o contra-fluxo (*anreia*). Mas é óbvio que a coragem não é fluxo contrário a qualquer fluxo,[414a] mas para o que flui contra o justo, pois, caso contrário, não se elogiaria a coragem. Também o “viril” (*árren*) e o “varão” (*anér*) assemelham-se a este, ao *suprafluxo* (*ánō rhōēi*). A “mulher” (*gynē*) parece-me querer dizer *engendrar* (*goné*). O “feminino” (*thēly*) por sua vez, parece-me ser chamado a partir do *seio* (*thēlē*); e “seio”, Hermógenes, não será porque *faz crescer* (*tethēlénai*), assim como as plantas que são regadas?

Hermógenes: É provável, Sócrates.

Sócrates: E o próprio “florescer” (*thálllein*) parece representar o crescimento das coisas novas, que se geram rápida e repentinamente[b]. Então, como foi imitado pelo nome, ele foi formado a partir do *correr* (*theîn*) e do *saltar* (*hálllesthai*). Mas não vês como me desviei do meu objetivo, uma vez que agarrei um caminho liso, e ainda são numerosos os nomes que nos restam e parecem ser sérios.

Hermógenes: Dizes a verdade.

Sócrates: Dos quais um, afinal, é ver o que significar a “arte” (*tékhnē*).

Hermógenes: Certamente.

Sócrates: Ela significa a *posse da razão* (*héxis nou*), [c]retirando o *t* e inserindo um *o* entre o *kh* e o *n* e outro entre o *n* e o *ē*.

Hermógenes: Este é mais artificioso, Sócrates.

Sócrates: Tu não sabes, caríssimo, que os primeiros nomes estabelecidos já foram encobertos pelos que queriam enfatizá-los, tanto para embelezar-lhes quanto pela ação do tempo, acrescentando e retirando letras para tornar a pronúncia agradável, transpondo-as de todas as maneiras. E depois, não te parece ser absurdo que tenha sido inserida a letra *k* em *kátoptron*, (*espelho*)? Creio que os que fazem tais coisas não se preocupam com a verdade,[d] mas como modelam a boca, de modo que inserem muitas letras nos nomes primitivos acabando por fazer que nem sequer um dentre os homens entenda o que afinal significa o nome. Assim como a *Esfinge*, que a chamam *Sphínx* ao invés de *Phíx* e muitos outros nomes.

Hermógenes: Estas coisas são assim, Sócrates.

Sócrates: E por outro lado, se se permitisse colocar e retirar o que se desejasse nos nomes, seria uma solução muito fácil para que se adaptasse qualquer nome às coisas.

Hermógenes: [e]Dizes a verdade.

Sócrates: Certamente é verdade. Mas creio que é pela justa medida que é preciso observar o que é verossímil, tu que és sábio e hábil.

Hermógenes: Eu desejaria.

Sócrates: E eu também desejo contigo, Hermógenes, mas não seja tão rigoroso, nume, **[415a]**

“não me enfraqueças o espírito”

pois chegarei ao ápice do que venho dizendo, quando houvermos de examinar, após a “*arte*”, a *habilidade*, pois parece-me que “*habilidade*” (*mēkhanē*) é um indício daquele que muito produz (*ánein*), pois *comprimento* (*mēkos*), de algum modo significa o muito, e o nome “*mekhanē*” é formado a partir desses dois, o *mēkous* (*comprimento*) e o *ánein* (*produção*). Mas como disse há pouco, é preciso chegar ao ápice do que venho dizendo: investigar o que quer dizer os nomes “*virtude*” (*aretē*) e “*vício*” (*kakía*). **[b]** Quanto ao primeiro, ainda não me dou conta, mas o segundo me parece ser mais claro, pois concorda em tudo com o precedente. Pois considerando um deslocamento das coisas, tudo o que *se move mal* (*kakōs ión*), seria um “*vício*” (*kakía*). E quando o mover-se mal que se refere às coisas estiver na alma, tem perfeitamente a denominação de “*vício*”. E o que consiste, afinal, o *mover-se mal*, parece-me que está evidente na “*covardia*” (*deilia*), nome que ainda não expusemos, **[c]** mas o deixamos de lado, uma vez que era preciso tê-lo examinado logo após a *coragem*. E parece-me que temos passado por cima de muitos outros. Mas a “*covardia*” (*deilia*), significa que há um forte laço na alma, pois o *excesso* (*lian*) é uma certa força. A “*covardia*” (*deilia*), então, seria um *laço excessivo* (*desmon lian*), e muito grande da alma; e assim como a “*aporia*” é um mal, é provável que tudo que seja um obstáculo ao mover-se e ao *deslocar-se* (*poreuesthai*) também o seja. E este mover-se mal parece revelar que o deslocar-se se faz com retenção e dificuldade, o qual, quando está na alma, se torna plena de vícios. E se “*vício*” é o nome para isto, a “*virtude*” (*aretē*) **[d]** seria o contrário, indicando, primeiramente, a “*boa marcha*” (*euporia*) e, logo após, que o fluxo da boa alma é sempre desobstruído, de modo que o fluir, sempre irresistível e sem impedimento, é provável que tenha recebido por epônimo este nome; e pode ser chamada corretamente *a sempre fluente* (*aeireítē*), ou talvez queira dizer *desejável* (*hairetē*), como sendo aquela de estado *mais desejável* (*airetotēs*) e, tendo sido forjado, é chamada “*virtude*” (*aretē*). Talvez, tu me dirás de novo que invento, mas afirmo que se o que eu anteriormente disse sobre o **[e]** “*vício*” está correto, para este nome, a

“virtude”, também está.

Hermógenes: [416a]E quanto ao “mal”, através do qual disseste muitas dos nomes anteriores, o que quer dizer este nome?

Sócrates: Este, por Zeus, creio que é algo muito insólito e difícil de interpretar. Assim ponho em prática aquele expediente.

Hermógenes: Aquele qual?

Sócrates: O que consiste em mostrar que o nome é de origem bárbara.

Hermógenes: Pareces falar corretamente. Mas se te for bom, deixemos estes nomes e tentemos ver, racionalmente, de que maneira são o *belo* e o *feio*.

Sócrates: Pois bem, parece-me ser bastante evidente [b]o que significa o “feio” (*aiskhrón*), pois este também concorda com os anteriores. Aquele que atribuiu os nomes, na verdade, parece-me continuamente insultar o que sempre impede e retém o fluxo, e deu-lhe este nome, *aeiskhorouîn* (o que sempre impede o fluxo), mas hoje, contraindo-o, chamam-no “*aiskhrón*”, (*feio*).

Hermógenes: E quanto ao *belo*?

Sócrates: Este é mais difícil de compreender. Contudo, é chamado assim por harmonia, sendo alterado pelo alongamento do *o*.

Hermógenes: Como assim?

Sócrates: É possível que nome seja uma denominação da inteligência.

Hermógenes: Que queres dizer?

Sócrates: [c]Veja, o que tu pensas que é a causa de ter-se nomeado cada um dos seres? Não é aquele que estabeleceu os nomes?

Hermógenes: Absolutamente.

Sócrates: Não seria este a inteligência, quer dos homens, quer dos deuses, ou de ambos?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Então aquilo que *nomeou* (*kalésan*) as coisas e que ainda as *nomeia* (*kaloûn*) não é a mesma coisa, a inteligência?

Hermógenes: Parece.

Sócrates: E quantas coisas o pensamento e a inteligência produzirem, estas serão louváveis, as que não, censuráveis?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: [d] Bem, o que diz respeito à medicina produz coisas medicinais, e à arte do

carpinteiro, coisas da carpintaria, ou como dizes?

Hermógenes: Eu ao menos digo desse modo.

Sócrates: E o nomear não produz coisas belas?

Hermógenes: Necessariamente.

Sócrates: E isto é, como dissemos, a inteligência?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Logo, o “belo” (*kalón*) é corretamente esta denominação da inteligência, que produz tais coisas, às quais declaramos serem belas e acolhemos com afeição.

Hermógenes: Parece.

Sócrates: [e]E o que nos resta ainda de tais nomes?

Hermógenes: Os relativos ao bom e ao belo, [417a]as coisas vantajosas, o que é proveitoso e útil, o lucrativo e os seus respectivos contrários.

Sócrates: Certamente, se observares o que foi dito primeiramente, de certo modo descobrirás o “vantajoso” (*symphéron*), pois ele parece um certo irmão do conhecimento, pois não mostra outra coisa do que o movimento concomitante (*háma phorá*) da alma com as coisas, e as coisas produzidas por ele são chamadas vantajosas (*synphéronta*) e concorrentes, (*sýmphora*), a partir do que se move junto e ao redor (*symperiphéresthai*).

Hermógenes: É provável.

Sócrates: O “lucrativo” (*kerdaléon*) vem de [b]lucro (*kérdos*). Mas se em “*kérdos*” colocarmos um *n* no lugar do *d*, ficará evidente o que quer dizer o nome, pois ele nomeia, de um outro modo, o bom. Na verdade, porque mistura-se (*keránnytai*) a todas as coisas, atravessando-as, deram-lhe o nome que designa este poder, mas tendo sido posto um *d* no lugar do *n* pronunciam-no “*kérdos*”.

Hermógenes: E o que é o proveitoso?

Sócrates: Suponho, Hermógenes, que não se deve utilizá-lo como os pequenos comerciantes, quando cobram uma despesa;[c] não creio que o “proveitoso” queira dizer isto, mas que sendo o que há de mais rápido nos seres, não permite às coisas fixarem-se e nem que o movimento tome fim do deslocar-se, ao se fixar e parar, mas sempre o deixa livre, se o fim tenta produzir-se, e torna-o constante e imperecível, e por isso tenho a impressão que se consagrou ao belo o nome “proveitoso”, pois aquele que do movimento, impede o fim (*lýon tò télos*) é chamado “proveitoso” (*lysiteloûn*). O “útil” (*ōphélimon*) é um nome estrangeiro, do qual Homero muitas vezes se vale, como o empolar (*ophéllein*), nome dado ao aumentar e

ao criar.

Hermógenes: [d]E o que serão para nós, os seus respectivos contrários?

Sócrates: Todos aqueles que indicam o contrário, ao que parece, nem é preciso detalhá-los.

Hermógenes: Quais são eles?

Sócrates: Desvantajoso, inútil, desproveitoso e prejuízo.

Hermógenes: Tens razão.

Sócrates: Mas há o *nocivo* e o *danoso*.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: O “*nocivo*” (*blaberón*) quer dizer *o que prejudica o fluxo* (*blápton tôn rhoûn*); [e]por sua vez, *o que prejudica* (*blápton*) significa *o que deseja prender* (*boulómenon háptein*); e o prender é a mesma coisa que amarrar e ele, de todo modo, censura. Então, *o que deseja prender o fluxo* (*tò boulómenon háptein rhoûn*) deveria mais corretamente ser chamado *boulapteroûn*, mas, a meu ver, para torná-lo mais belo, foi chamado “*blaberón*” (*nocivo*).

Hermógenes: Multifacetados, Sócrates, são os nomes que produzes. Pois agora mesmo, ao pronunciar este nome, “*boulapteroûn*”, deste a impressão de que, tal como um canto à Atena, tocarias um prelúdio sobre flauta[418a].

Sócrates: Não sou eu, Hermógenes, o responsável, mas aqueles que estabeleceram o nome.

Hermógenes: Dizes a verdade. Mas o que seria o *prejudicial*?

Sócrates: O que seria afinal o “*prejudicial*” (*zēmiōdes*)? Considere, Hermógenes, que eu falo a verdade ao dizer que inserindo e extraindo letras muito se altera a compreensão dos nomes, tal que às vezes uma alteração muito pequena faz [b]significar o contrário. Por exemplo, o *dever*; de fato, pensei nele por ter-me lembrado disto que há pouco estava para dizer-te: a nova língua, esta bela língua, mudou de tal maneira o sentido de “*dever*” (*déon*), e de “*prejudicial*” (*zēmiōdes*), obscurecendo seu significado, que para nós elas significam o contrário, mas que a antiga língua torna manifesto o que quer dizer um e outro.

Hermógenes: Que queres dizer?

Sócrates: Dir-te-ei. Tu sabes que os nossos ancestrais utilizavam muito as letras *i* e *d*, [c]e sobretudo as mulheres, que preservam mais a antiga língua. Agora, substituem o *i* pelo *e* ou pelo *é*, e no lugar do *d* usam o *z*, por serem mais suntuosas.

Hermógenes: Como assim?

Sócrates: Entre aqueles de antigamente, uns chamavam o *dia* de “*hēméra*”, outros “*himéra*”, mas os de hoje chamam “*heméra*”.

Hermógenes: É assim.

Sócrates: Não sabes que somente este nome antigo mostra o raciocínio daquele que o estabeleceu? Porque eles consentiam de bom grado e *desejavam* (*himeírousin*)[**d**] que a luz surgisse das trevas, chamavam-lhe “*himéra*” (*desejos*).

Hermógenes: É verossímil.

Sócrates: Mas agora, eles o enfatizam, e nem é possível compreender o que quer dizer *dia* (*hēméra*). Entretanto, alguns pensam que *dia* (*hémera*) produz o cultivo (*hēmera*), e por isso o chamam assim.

Hermógenes: Parece-me.

Sócrates: E sabes também que os antigos davam o nome “*dygón*” à *parelha* (*zygón*).

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Se, por um lado, “*zygón*” nada mostra,[**e**] foi justamente chamada “*dyogón*” por emparelhar *dois* (*dýo*), animais para *condução* (*agogen*) e hoje é “*parelha*” (*zygón*), e existem inúmeros nomes que são deste modo.

Hermógenes: Sim, de fato.

Sócrates: Neste caso, de acordo com o primeiro, o *dever* (*déon*), dito dessa forma, significa o contrário a todos os nomes referentes ao bom, pois, sendo uma forma do bom, dá a impressão de ser uma *amarra* (*desmós*) e um impedimento ao movimento, tal como sendo um irmão do que é *nocivo*.

Hermógenes: Parece-me ser assim, Sócrates, e muito.

Sócrates: Mas não parecerás se fizeres uso do nome antigo, que é bem provável que foi colocado[**419a**] mais corretamente que o de agora, e pelo menos concordará com as coisas boas atrás mencionadas, se no lugar do *e* colocares um *i*, tal como outrora. Pois é *diion* (*que transpassa*), que significa o bom, mas não o “*déon*”, que hoje é louvado. Deste modo, o que atribuiu os nomes não se contradiz consigo mesmo, pois o *dever*, o *útil*, o *proveitoso*, o *lucrativo*, o *bom*, o *vantajoso* e a *boa marcha* revelam o mesmo, mas por nomes diferentes[**b**], e podem significar o que ordena, move e, em todos os lugares, são elogiados, enquanto ao que segura e prende, é censurado. Por outro lado, também em “*zēmiōdes*” (*prejudicial*), se colocares um *d* no lugar do *z*, conforme a antiga língua, te parecerá que o nome foi colocado àquilo que *impede o mover-se* (*dyonto ion*), e foi chamado “*dēmiōdes*”.

Hermógenes: E o que dizer de nomes tais como o *prazer*, a *dor* e o *desejo*, Sócrates?

Sócrates: Não me parece que sejam muito difíceis, Hermógenes. De certo, é provável que o

“prazer” (*hēdoné*) seja a tendência à *felicidade* (*hē ónēsis*), e por isto tem este nome – e o *d* é inserido de modo que seja chamado “*hēdoné*”[c] ao invés de “*hēónē*”; a “*dor*” (*lýpē*) parece ser denominada a partir da *prostração* (*diálysis*) que o corpo prova neste estado. Quanto ao “*pesar*” (*aníá*), ele é o que *impede o mover-se* (*an iénai*). A “*dor*” (*algēdōn*), parece-me um nome estrangeiro, e foi denominado a partir do *doloroso* (*algeinón*). A “*aflição*” (*odýnē*), parece ter sido chamada a partir da *penetração* (*éndyses*) da dor. É evidente para todos que a “*preocupação*” (*akhtēdōn*) é o nome que representa o pesar do movimento. É possível que a “*alegria*” (*khará*) tenha sido chamada por conta da facilidade e da *dispersão* (*diákhysis*) do *fluxo* (*rhoé*) na alma. [d]A “*prazeroso*” (*térpsis*) vem do *prazer* (*terpnón*) e “*terpnón*” vem da ação de *mover-se lentamente* (*hérpsis*) através da alma, à imagem de um *sopro* (*pnoé*) e, de maneira justa, poderia chamar-se “*hérpnoun*”, alterado com o passar do tempo. Quanto à “*disposição*” (*euphrosýnē*), não há necessidade de dizer o porquê do nome, já que é evidente a todos que tomou este nome do *bem conciliar* (*eû symphéresthai*) a alma às coisas e com justiça seria “*eupherosýnē*”, contudo, a chamamos “*euphrosýnē*”. Nem o *desejo* (*epithymía*) é difícil, pois, na verdade, é claro que este nome foi dado pelo poder que tende *contra a vontade* (*epì tòn thymón*). [e] A “*vontade*” (*thymós*) teria este nome da *impetuosidade* (*thýsis*) e do estado de grande agitação da alma. No entanto, a “*desejo*” (*hímeros*) foi designada pelo fluxo que violentamente arrasta a alma, pois,[420a] *deslocando-se* (*hiémenos*), *flui* (*rheí*), *dirigindo-se contra as coisas* (*ephiémenos*) e, desse modo, seduz vigorosamente a alma através do movimento e do fluxo, e por causa de todo este poder foi denominado “*desejo*”. A “*ansiedade*” (*póthos*), por sua vez, tem esse nome por significar não o que está presente – na paixão e no fluxo – mas o que está *alhures* (*poú*) e ausente, de onde se denomina “*ansiedade*” (*póthos*) àquilo que outrora se chamava *desejo*, quando algo dela, presente, se foi; mas, por ausentar-se, este mesmo foi chamado “*póthos*”. Quanto ao “*amor*” (*érōs*), é porque *aflui* (*esrein*), e este fluxo não é familiar [b]àquele que o possui, mas estrangeiro aos olhos e, por isso, por *afluir*; que antigamente era chamado “*ésrous* – pois fazíamos uso do *o* no lugar do *ō* – e agora tem sido chamado “*érōs*” pela substituição do *o* em *ō*. Mas o que ainda tu propões que examinemos?

Hermógenes: Como te parece ser a *opinião* e os nomes deste tipo?

Sócrates: A “*opinião*” (*dóxa*) é chamada assim por conta da *perseguição* (*díōxis*) que a alma passa, perseguindo conhecer como as coisas são, ou pelo *lançamento do arco* (*tóxou*), e é possível que seja mais por isso. [c]Ao menos a “*certeza*” (*oíēsis*) está de acordo com isso.

Pois ela mostra ser semelhante ao *levar* (*ōsis*) a alma até a coisa, para ver como é cada um dos seres; tal como também a “*deliberação*” (*boulé*) é, de certa maneira, um *lançamento* (*bolén*), e não somente o *querer* (*boulesthai*), mas também o “*deliberar*” (*bouleúesthai*) significam o *tender para* (*ephiesthai*). Todos estes nomes acompanham a “*opinião*” (*dóxa*) e parecem representações do *lançamento* (*bolé*); assim como o contrário, a “*indeliberação*” (*aboulía*), parece ser um *infortúnio* (*athykhía*), como *o que não lança* (*ou balón*) e *nem atinge*, (*ou týkhon*) aquilo que lançava, aquilo que queria, ou aquilo que deliberava, nem aquilo a que tendia.

Hermógenes: [d]Tu já dás a impressão, Sócrates, de raciocinar nomes numerosos.

Sócrates: De fato, já finda a inspiração divina... Assim, desejo ainda expor a *necessidade*, pois ela segue aqueles, e também o *voluntário*. O “*voluntário*” (*hekoúision*) é o que cede e não oferece resistência, mas, tal como eu digo, seria explicado por este nome, o que *cede ao movimento* (*eíkonto iónti*), sendo gerado conforme a *vontade*. A “*necessidade*” (*anankē*) e o resistente, sendo contrários à vontade, estariam relacionados ao erro e à ignorância, e são comparados ao trajeto *erosivo* (*ánkē*), pois, sendo passagens difíceis e cobertas por vegetação, impedem o deslocar [e]. Talvez tenha sido daí que foi chamada “*necessidade*”, comparada a um trajeto erosivo. Mas, ao passo que a força ainda está presente, não a deixemos fugir, e tu, não te angusties, mas pergunte.

Hermógenes: [421a]Perguntarei pelos mais belos nomes, a *verdade*, a *falsidade*, o *ser* e este mesmo que tem sido o nosso assunto, o “*nome*”, o porquê de tal nome.

Sócrates: Tu chamas algo pesquisar?

Hermógenes: Sim, ao investigar.

Sócrates: Neste caso, o nome parece ter sido forjado a partir de uma sentença, que diz que “*nome*” (*ónoma*) é isso do qual por acaso a investigação é (*ón*). E o reconhecerás melhor naquilo que chamamos *nominável* (*onomastón*), pois aí ele diz claramente que este é *o ser do qual é a procura* (*òn ho máσμα*). [b]Quanto à “*verdade*” (*alētheía*), creio que este, como os outros, também foi forjado, pois o movimento divino do ser parece ter sido chamado por este nome, a “*verdade*” (*alētheía*), como sendo a *errância divina* (*álē theía*). A “*falso*” (*pseûdos*), por sua vez, é o contrário do movimento, pois, se de novo se censura aquilo que se fixa solidamente e o que é forçado a permanecer imóvel, comparando-se *aos que dormem* (*eúdousi*), foi acrescentado o *ps* para esconder significado do nome. O “*ser*” (*ón*) e a “*essência*” (*ousía*) concordam com o verdadeiro, pois o “*ser*” (*ón*) [c]significa *movente* (*ión*)

e o *não-ser* (*ouk ón*), por sua vez, como alguns o nomeiam, significa *não-movente* (*ouk ión*), descartando o *i*.

Hermógenes: Tens o ar, Sócrates, de estar compondo esses nomes com resolução e coragem. Mas, e se alguém perguntasse qual seria a correção desses nomes, *movente, fluente e o que fixa*?

Sócrates: Estás dizendo o que nós lhe responderíamos, ou não?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Ora, há pouco, encontramos um modo de parecer que, ao dizer algo, respondíamos.

Hermógenes: Qual era este?

Sócrates: Dizer, se nós não o conhecêssemos, que era de origem bárbara[**d**]. Talvez fosse com verdade que dissemos alguns deste tipo, já que os nomes primitivos, por serem mais antigos, não podiam ser investigados, pois aqui e ali são cercados; e nem haveria de ser espantoso que a antiga língua, comparada a de hoje, em nada difira da maneira bárbara.

Hermógenes: Não dizes nada de inconveniente.

Sócrates: É que digo algo provável. Todavia, não acredito que o debate aceite desculpas, uma vez que é preciso esforçar-se para examina-los a fundo. Mas tenhamos em mente que, se alguém [**e**]incessantemente perguntar por estes termos, pelos quais o nome é enunciado, e em seguida, inquerir por aqueles que se expressam, e não cessar de fazê-lo, aquele que responde não terminará necessariamente por sucumbir?

Hermógenes: Parece-me que sim.

Sócrates: [**422a**]Em qual momento, então, aquele que renuncia deveria parar e com justiça se negaria? Não será quando surgem aqueles nomes que, por assim dizer, são os elementos dos outros, quer das sentenças quer dos nomes? Não é conveniente que, por serem assim, eles se mostrem como sendo compostos a partir de outros nomes, tal como há pouco dizíamos, que o “*bom*” (*agathón*) era composto a partir de *admirável* (*agastón*) e de *ágil* (*thoón*), e talvez pudéssemos dizer que este vinha de outro e aquele de outros; [**b**]mas, se tomássemos aquele que não é mais composto de quaisquer outros nomes, não haveríamos convenientemente de dizer que já surge um elemento, e não nos é mais preciso remontá-lo a outros nomes.

Hermógenes: Particularmente, Sócrates, tu me pareces falar corretamente.

Sócrates: Ora, então também os nomes que agora perguntas são por acaso elementos, e já é preciso examinar a correção deles por um outro modo qualquer?

Hermógenes: É provável.

Sócrates: De certo é provável, Hermógenes. Neste caso tudo o que anteriormente se mencionou[**c**] retorna a estes nomes. E se isto é assim, como me parece ser, examine comigo para que eu não fale algo irracional ao dizer qual dever ser a correção dos nomes primitivos.

Hermógenes: Basta que digas, que o quanto for possível, eu examinarei contigo.

Sócrates: Neste caso, penso que tu estás de acordo que existe uma única correção para todo nome, quer primitivo, quer derivado, e que nenhum deles é diferente de nenhum outro por ser nome.

Hermógenes: Certamente.

Sócrates:[**d**]No entanto, dos nomes que há pouco expusemos detalhadamente, a correção que alguém desejasse que fosse a sua, seria aquela que revelasse como é cada um dos seres.

Hermógenes: Como não?

Sócrates: Entretanto, é preciso que isto esteja tanto nos primitivos quanto nos derivados, se é verdade que são nomes.

Hermógenes: Com certeza.

Sócrates: Mas suponho que era através dos primitivos que os derivados realizavam isso.

Hermógenes: Parece.

Sócrates: Certo. Os nomes primitivos, que não se baseiam em outros, de que modo tornarão, na medida do possível, [**e**]os seres mais claramente para nós, se realmente hão de ser nomes? Responda-me o seguinte: se não tivéssemos nem a voz nem a língua, e desejássemos mostrar as coisas uns aos outros, não tentaríamos, tal como os mudos, indicar com as mãos, com a cabeça e com o resto do corpo?

Hermógenes: Como, Sócrates, haveria de ser de outra maneira?

Sócrates: [**423a**]E creio que, se desejássemos mostrar o alto e o leve, levantaríamos a mão em direção ao céu, imitando a natureza mesma da coisa; e se o baixo e o pesado, em direção a terra. E se desejássemos mostrar um cavalo correndo ou qualquer outro animal, sabes que faríamos com os nossos corpos os gestos tão semelhantes àqueles deles.

Hermógenes: É necessário ser assim como dizes.

Sócrates: Haveria assim, como é provável, uma indicação de algo com o corpo[**b**], imitando aquilo que se desejava mostrar.

Hermógenes: Sim.

Sócrates: E quando desejarmos mostrar, com a voz, a língua e a boca, não haverá para nós, neste momento, uma indicação de cada um, surgida a partir deles, quando tem lugar uma

imitação através delas sobre qualquer coisa?

Hermógenes: Creio que é necessário.

Sócrates: Então, como é provável, o nome é uma imitação pela voz daquilo que se imita, e aquele que imita nomeia com a voz quando imita.

Hermógenes: Parece.

Sócrates: [c]Mas por Zeus, meu amigo, até aqui não me parece estar dito bem.

Hermógenes: Por quê?

Sócrates: Porque seríamos forçados em concordar que aqueles que imitam as ovelhas, os galos e os outros animais, os nomeiam precisamente quando os imitam.

Hermógenes: Tens razão.

Sócrates: E parece-te ser bem?

Hermógenes: Para mim não. Mas que tipo de imitação, Sócrates, seria o nome?

Sócrates: Primeiramente, como me parece, não deverá ser assim imitando, [d]como imitamos as coisas pela música, mesmo se nesse caso imitamos com a voz. Depois, não me parece que vamos nomear, se nós imitarmos aquilo que a música imita. Eis o que eu digo: existe para cada uma das coisas um som e uma forma, e para muitas também uma cor?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Parece que, neste caso, se alguém imita tais coisas, não é com relação a estas imitações que existe a arte onomástica. Pois estas são a música e a pintura, ou não?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: [e]E o porque disto? Não és da opinião de que existe uma essência para cada coisa, tal como também uma cor e as coisas que há pouco dizíamos? Primeiramente, a própria cor e o som não possuem, eles também, uma certa essência, e também todas as outras, quantas se julgarem dignas desta qualificação, o ser?

Hermógenes: Sou desta opinião.

Sócrates: E então? Se alguém pudesse imitar isso mesmo de cada coisa, a essência, pelas letras e sílabas, não mostraria assim como é cada coisa?

Hermógenes: [424a]Absolutamente.

Sócrates: E que nome darias ao que tem esse poder, tal como disseste aos que antecederam, um músico e outro pintor. Quem seria este?

Hermógenes: Penso que este, Sócrates, é aquele que há tempos procuramos, o que seria hábil em nomear.

Sócrates: Se isto é verdade, é provável que já se deva investigar a respeito daqueles nomes que tu perguntavas, sobre o *fluxo* (*rhoé*), o *mover-se* (*iénai*) e a *retenção*, *skhésis*. Se eles agarram ou não o seu ser pelas letras e pelas sílabas, **[b]** de modo a imitar a sua essência?

Hermógenes: Perfeitamente.

Sócrates: Vejamos então se somente estes são nomes primitivos, ou se existem também muitos outros.

Hermógenes: Creio que existam outros.

Sócrates: É provável. Mas qual seria o modo de divisão de onde aquele que imita começa a imitar? Visto que a imitação da essência se faz por sílabas e por letras, não é mais correto, em primeiro lugar, distinguir os elementos, em seguida das sílabas, **[c]** tal como os que se ocupam dos ritmos distinguem, primeiramente, o poder dos elementos, e assim chegam a examinar os ritmos e não antes?

Hermógenes: Sim.

Sócrates: Assim, é preciso que nós distingamos primeiramente as vogais e, em seguida, dentre elas, segundo a forma, as mudas e as consoantes – pois é desse modo que os que se dedicam ao seu estudo as chamam – e depois, todavia, as que não são vogais e não são mudas? E, dentre as vogais, quantas formas diferentes **[d]** possuem umas das outras? E quando distinguirmos bem estas coisas, será necessário distinguir todos os seres aos quais se colocam nomes, se há os que se relacionam a todos, tais como os elementos, e a partir dos quais seja possível vê-los, e se lhes é possível, do mesmo modo, uma forma, tal como nos elementos. E examinando a fundo todas estas coisas, haveremos de saber como atribuir cada um conforme a semelhança, quer se faça necessário atribuir um elemento a uma coisa, quer mesclando muitos elementos para uma coisa; tal como os pintores, quando desejam produzir uma semelhança, às vezes utilizam somente a cor púrpura, mas, às vezes, uma outra **[e]** substância qualquer, e há aqueles que misturam muitas cores, como quando preparam para pintar uma figura humana ou algo deste tipo – pois eu penso que cada imagem precisa de uma substância – e do mesmo modo, nós também colocaremos os elementos às coisas, e um a outro, que nos pareça ser necessário, ou muitos juntos, que chamamos sílabas; **[425a]** e as sílabas, por sua vez, sendo criadas, será a partir delas que serão formados os nomes e os verbos; e de novo, a partir dos nomes e dos verbos, produziremos doravante algo grande, belo e completo, e tal como lá surgiu uma figura por meio da pintura, aqui surgirá, pela onomástica, pela retórica ou qualquer que seja a arte, o discurso. Mas fui levado pelas palavras, pois, de fato, não fomos

nós, mas os antigos que produziram assim esta composição; nós, contudo, se realmente seremos capazes **[b]**de examinar todas essas coisas de uma forma hábil, deveremos considerar, após distingui-las, se os nomes primitivos e derivados foram colocados do mesmo modo ou se não. Colocá-los de outro modo, caro Hermógenes, temo que seja indolente ou ilógico.

Hermógenes: Por Zeus, Sócrates, talvez seja assim.

Sócrates: E então? Tu próprio acreditas que seria possível distingui-las deste modo? Pois eu não.

Hermógenes: Eu ao menos estou longe disso.

Sócrates: Então renunciaremos, ou desejas que tentemos e assim façamos o que é possível, mesmo que cheguemos a ver uma pequena parte deles, **[c]**tal como há pouco dissemos dos deuses, que nada sabíamos da verdade e fazíamos suposições sobre as opiniões dos homens a respeito deles, e agora vamos assim dizendo a nós mesmos que, se é necessário distinguir os nomes, seja um outro qualquer ou sejamos nós, era preciso distingui-los assim e agora, como se diz, deveremos nos ocupar acerca disso segundo o nosso poder. És desta opinião ou como dizes?

Hermógenes: Parece-me ser absoluta e veementemente assim.

Sócrates: **[d]**Eu penso que é ridículo, Hermógenes, que as coisas se tornem evidentes, sendo imitadas pelas letras e pelas sílabas. Entretanto, isto é necessário, uma vez que não temos algo melhor que isto para referirmos à verdade dos nomes primitivos, exceto, se desejares, tal como os tragediógrafos, quando estão em uma certa aporia, fazem uso de invenções engenhosas para erguerem no ar os deuses, e nós, do mesmo modo, nos livraremos do embaraço dizendo que foram os deuses que estabeleceram os nomes primitivos, e por essa razão eles são corretos. **[e]**Este será, para nós, o mais poderoso dos argumentos? Ou será aquele que nós recebemos dos bárbaros e estes são mais antigos do que nós? Ou que, por sua maior antiguidade, é impossível **[426a]**examiná-los, tal como também os nomes bárbaros? Pois todos esses seriam escapatórias muito sutis aos que não querem explicar como se estabeleceram corretamente os nomes primitivos. Portanto, qualquer que seja o modo que se desconheça a correção dos nomes primitivos, será, de certa maneira, impossível conhecer os derivados, que necessariamente se mostram a partir daqueles, dos quais nada é sabido. Mas é evidente que quem afirma ser hábil nestes nomes**[b]**, precisa ser mais capaz ainda para mostrar os nomes primitivos de modo mais pleno e puro, ou bem saber que doravante falará

tolices sobre os derivados. Ou parece-te de outro modo?

Hermógenes: De nenhum outro modo, Sócrates.

Sócrates: Neste caso, eu já percebo que as coisas a respeito dos nomes primitivos são ultrajantes e ridículas. Contudo, se quiseres, eu as lhe comunicarei. Mas se tu tiveres um caminho melhor, tente comunicá-lo a mim também.

Hermógenes: Eu farei isto, mas dize confiantemente.

Sócrates: [c]Pois bem, em primeiro lugar, o *r* parece ser tal como um instrumento que move todas as coisas, do qual nada dissemos porque ele tem este nome; na verdade, é evidente que ele quer dizer o *deslocar-se* (*iésis*), pois antigamente não utilizávamos o *e*, mas o *é*. E o seu início provem de *kíein* – um nome estrangeiro – que é o mesmo que *mover-se* (*iénai*). Então, se se descobrisse o seu antigo nome, correspondente em nossa língua, chamaria corretamente “*iesis*”. Mas hoje, a partir do nome estrangeiro – *kíein* – da mudança do *e*, e da inserção da letra *n*, tem sido chamado “*kínēsis*” (*movimento*) [mas deveria **d**]ser chamado “*kieínesis*” ou “*eísis*”. A “*estabilidade*” (*stásis*), por sua vez, significa a negação do movimento, mas foi nomeada *estabilidade* para torná-lo belo. Quanto a letra *r*, tal como eu disse, se mostrou um belo instrumento de alteração ao que atribuiu os nomes, por adequar-se ao movimento; sem dúvida, ela muitas vezes é utilizado para este fim. Em primeiro lugar, no próprio *fluir* (*rheîn*) e no *fluxo* (*rhoê*), o movimento é imitado por esta letra[**e**]; logo a seguir, no *tremor* (*trómos*), depois na *rudeza* (*trakhýs*) e ainda nos seguintes verbos, como *impelir* (*krouéin*), *quebrar* (*thraúein*), *repartir* (*ereikein*), *triturar* (*thréptein*), *despedaçar* (*kermatizein*) e *rodar* (*rumbeîn*). Todos esses expressam, quase sempre, o movimento através da letra *r*. Na verdade, creio que já se via que a língua permanecia muito pouco parada, e sobretudo se agitava e, por essa razão, creio que ela foi utilizada em tais nomes. A letra *i*, por sua vez, foi usada para todas as coisas delicadas, as que mais podem se mover através de tudo. [427a]Por essa razão, o *mover-se* (*iénai*), e o *ir* (*hiésthai*) são imitados pela letra *i*; assim como pelas letras que comportam uma aspiração, o *ph*, o *ps*, o *s* e o *z*, são imitadas todas as coisas deste tipo, como por exemplo, o *frio* (*psykhrón*), o *fervente* (*zéon*), o *agitado* (*seíesthai*) e, em uma palavra, a *agitação* (*seismós*). Quando, de algum modo, o que consiste em ventos é imitado, em toda parte e quase sempre, o que atribuiu os nomes emprega tais letras. Por outro lado, ele considerava que para as letras *d* e *t*,[**b**] a ação de comprimir e apoiar a língua era um poder útil para a imitação da *atadura* (*desmós*) e da *estabilidade* (*stásis*). E ao ver que a língua desliza sobretudo na letra *l*, nomeou-lhe tornando semelhante às coisas lisas (*leía*), o próprio

deslizar (olisthánein), o *oleoso (liparós)* e o *colante (kollōdes)*, e todas as coisas deste tipo. E o poder da letra *g*, que retém o deslizamento da língua, imitou o *escorregadiço (gliskhron)*, o *agradável (glukú)* e o *pegajoso (gloiōdes)*. [c]Por outro lado, percebendo a internalidade do *n*, nomeou *dentro (éndon)* e *interior (entós)*, tornando-os semelhantes às letras. A letra *a*, por sua vez, foi dada ao *maior (megálos)* e o *e* ao *comprimento (mēkos)*, por serem letras expansíveis. E necessitando do sinal *o* para o *redondo (gongýlon)*, foi sobretudo ele que inseriu no nome. Deste modo, o legislador, ao fazer para cada um dos seres um sinal e um nome, parece, do mesmo modo, conduziu todas as outras coisas às letras e sílabas, imitando-as por estes mesmos nomes. [427d] Creio que esta, Hermógenes, tende a ser a correção dos nomes, exceto se Crátilo, que cá está, diga outra coisa.

Hermógenes: De fato, Sócrates, tal como eu dizia no início, Crátilo frequentemente causa-me muitos aborrecimentos, quando alega existir uma correção dos nomes, a qual em nada é claro ao dizer, de modo que não me permite saber se está assim disposto ou relutante, cada vez que ele fala obscuramente a respeito dessas coisas. Agora, [e]Crátilo, diz-me na presença de Sócrates, se acaso agrada-te o que ele diz a respeito dos nomes, ou se tens algo melhor a dizer, e se tiveres, dize, de modo que te instruas com Sócrates ou nos ensine a ambos.

Crátilo: O que, Hermógenes? Pensas que é fácil assim aprender e ensinar rapidamente uma coisa qualquer, que longe de ser pequena, está entre as mais importantes?

Hermógenes: [428a] Por Zeus, não! Mas creio que Hesíodo tem razão ao dizer que, se alguém “atribui um pouco ao pouco é proveitoso”. Então, se és capaz de fazer algo mais de um pouco, não fraquejes, mas faz bem a Sócrates, aqui presente, e é justo que também a mim.

Sócrates: Na verdade, Crátilo, nem eu mesmo pude sustentar uma opinião do que já foi dito, mas fui examinar com Hermógenes como me pareceu; em razão disto, se tens algo melhor, fale confiantemente [b], visto que aceitarei. Todavia, se tiveres algo melhor para dizer que isto, não me surpreenderia, pois tu mesmo, ao que parece, tens investigado tais assuntos e foste instruído por outros. Então, se disseres algo melhor, inscreve-me como um de seus discípulos acerca da correção dos nomes.

Crátilo: De certo, Sócrates, tal como tu dizes, eu tenho me interessado por tais assuntos, e talvez eu possa fazer de ti um [c]discípulo. Se bem que temo que ocorra o contrário a tudo isso, pois, de algum modo, ocorre-me dizer-te as palavras que Aquiles, nas Súplicas, dirige a Ajax. Diz ele:

*“Ájax Telamônio, da prole de Zeus, chefe das armadas,
tudo o que dizes está conforme o meu coração”*

e para mim também, Sócrates, tu pareces proferir convenientemente oráculos conforme o pensamento, quer tenhas sido inspirado por Êutifron, quer alguma outra Musa estivesse há tempos em ti e tu a tivesse ignorado.

Sócrates: [d] Meu bom Crátilo, eu mesmo, há tempos, me surpreendo e desconfio de minha sabedoria. Por isso, parece-me necessário reexaminar também o que eu digo, pois o enganar-se completamente por si mesmo é a mais difícil de todas as coisas; e como não é terrível quando o que há de enganar nem um pouco se afasta, mas está sempre presente? É necessário, então, retornar frequentemente às coisas que outrora foram ditas, e tentar pôr à prova aquilo que disse o poeta: ver “ao mesmo tempo adiante e atrás”. Nessas condições, vejamos o que por nós já foi dito[e]: existe, afirmamos, uma correção do nome pela qual mostrará como é a coisa. Podemos afirmar que isto foi dito de modo suficiente?

Crátilo: Parece-me que de forma muito veemente, Sócrates.

Sócrates: E é em vista da instrução que se enunciam os nomes?

Crátilo: Certamente.

Sócrates: Podemos dizer então que existe não somente esta arte, mas também artífices dela?

Crátilo: Certamente.

Sócrates: Quem são eles?

Crátilo: [429a] Aqueles que tu dizias no princípio, os legisladores.

Sócrates: Acaso podemos dizer que esta arte, tal como as outras, se encontra nos homens, ou não? Eu quero dizer o seguinte: dentre os pintores, em algum lugar, uns são piores e outros melhores?

Crátilo: Certamente.

Sócrates: Quanto aos melhores, as obras por eles produzidas, as pinturas, são mais belas, mas quanto aos outros, elas são medíocres? E igualmente os construtores, uns produzem casas belíssimas, e outros, feiíssimas?

Crátilo: Sim.

Sócrates: [b] Ora, os legisladores também produzem, uns, obras belas, outros, obras horríveis?

Crátilo: Não me parece ser isto ainda.

Sócrates: E dentre as leis? Não te parece que umas são melhores e outras insignificantes?

Crátilo: Certamente não.

Sócrates: Nem um nome, como é provável, parece-te ter sido colocado um de um modo pior, e outro melhor?

Crátilo: Certamente não.

Sócrates: Então todos os nomes são colocados corretamente?

Crátilo: Contanto que sejam nomes.

Sócrates: Por quê? Acaso aquilo que há pouco se dizia de Hermógenes, [c] que está aqui, podemos dizer que este nome não lhe foi atribuído, salvo que ele descenda de Hermes, ou lhe foi atribuído, todavia não corretamente?

Crátilo: Penso que nem lhe foi atribuído, Sócrates, mas que parece ter sido atribuído, já que esse nome é de outro, daquele cuja natureza se faz visível no nome.

Sócrates: Acaso não fala falsamente quando se diz que ele é Hermógenes? Pois nem é possível que se diga que ele é Hermógenes, se ele não é?

Crátilo: Que queres dizer?

Sócrates: [d]Que não é absolutamente possível dizer uma falsidade, é isto que significa o teu argumento? Pois são numerosos os que dizem isso, caro Crátilo, tanto agora quanto antigamente.

Crátilo: Como, Sócrates, alguém, dizendo isso, poderia dizer o não ser? Ou isto não é dizer o falso, dizer as coisas que não são?

Sócrates: A questão é deveras sutil, meu amigo, tanto para mim quanto para minha idade. Contudo, diz-me o seguinte: [e]se não não te parece possível dizer falsidades, não te parece possível ao menos afirmá-las?

Crátilo: Não é possível sequer afirmá-las.

Sócrates: Nem enunciá-las, nem dirigi-las a alguém? Por exemplo, se alguém te encontrasse no estrangeiro e acenando dissesse: “Salve, estrangeiro ateniense, Hermógenes, filho de Esmícrion!”; este falaria algo, afirmaria algo, enunciaria algo ou se dirigiria não a ti, mas a Hermógenes que cá está? Ou a ninguém?

Crátilo: Para mim, Sócrates, este estaria inutilmente emitindo sons.

Sócrates: [430a] De fato isto também é satisfatório. E o que emitirá tais sons, quais tipos de sons emitiria, verdadeiros ou falsos? Ou, por um lado, uns seriam verdadeiros e outros falsos? Pois isto também seria suficiente.

Crátilo: Particularmente, eu diria que alguém assim barulha, ele próprio agitando-se em vão,

tal como se agitasse um vaso de bronze, batendo-o.

Sócrates: Vejamos, Crátilo, se de alguma maneira nos conciliamos: tu não poderias afirmar que o nome é algo diferente daquilo do qual é nome?

Crátilo: Poderia.

Sócrates: **[b]** Por consequência, tu também concordas que o nome é uma certa imitação da coisa?

Crátilo: É incontestável.

Sócrates: E as pinturas? Afirmas que elas são, de um outro modo, imitações de certas coisas?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Vejamos então, pois talvez eu não esteja compreendendo o que de certa forma é isto que tu dizes, e talvez tu estejas falando corretamente. É possível atribuir e aplicar ambas imitações, tanto as pinturas quanto os nomes, às coisas das quais são imitações, ou não?

Crátilo: **[c]** É possível.

Sócrates: Tenha em vista, primeiramente, o seguinte: alguém poderia reportar ao homem a imagem de um homem e à mulher a da mulher, e assim também as outras?

Crátilo: Perfeitamente.

Sócrates: E o contrário: a do homem à mulher e a da mulher ao homem?

Crátilo: Também é possível.

Sócrates: Acaso estas duas atribuições são corretas ou apenas uma?

Crátilo: Apenas uma.

Sócrates: Penso que aquela que atribuiria a cada um o que lhe é adequado e semelhante?

Crátilo: Sim.

Sócrates: **[d]** A fim de que tu e eu, sendo amigos, não combatamos com argumentos, esclarecerei o que eu quero dizer. Particularmente, meu amigo, eu chamo tal atribuição, para ambas as imitações, tanto as pinturas quanto os nomes, correta, e com relação ao nome, não somente correta, mas verdadeira. Quanto à outra, à atribuição e à aplicação do dessemelhante, não a chamo correta, mas ela é falsa quando se refere aos nomes.

Crátilo: De qualquer maneira, Sócrates, às pinturas, **[e]** é possível que exista isso, o atribuir incorretamente, mas não com relação aos nomes, pois é necessário que seja sempre de modo correto.

Sócrates: Como dizes? Por que esta difere daquela? Não é possível, ao encontrar-se com um homem qualquer dizer-lhe: “este aqui é o seu retrato”, e porventura mostrar-lhe a imagem

dele ou de uma mulher? E por mostrar digo apresentar ao sentido da visão.

Crátilo: Sim, é possível.

Sócrates: O quê? E retornar para esse mesmo e dizer-lhe: “este aqui é o seu nome”? De certo modo, o nome também é uma imitação, assim como a pintura. Eis o que eu digo: não seria[431a] possível dizer-lhe: “este aqui é o seu nome”, e depois disso, de colocar diante do sentido da audição, seria por acaso a imitação dele, dizendo-lhe que é um homem, ou por acaso seria a imitação do feminino do gênero humano, dizendo-lhe que é uma mulher? Não te parece que isto seja possível e que aconteça algumas vezes?

Crátilo: Quero consentir contigo, Sócrates, que é assim.

Sócrates: E tu fazes bem, meu amigo, se isto é assim; pois agora não é mais preciso lutar energeticamente a respeito disso. [b]Se há uma tal atribuição e neste momento desejamos chamar a uma destas dizer a verdade e a outra dizer falsidade. E se isto é assim, se é possível uma atribuição incorreta dos nomes, e não dar a cada coisa aquilo que lhe é adequado, mas às vezes o que lhe é inadequado, poder-se-ia fazer o mesmo aos enunciados. E se é possível estabelecer deste modo frases e nomes[c], é mister que se faça também aos discursos, pois, como eu penso, os discursos são a combinação destes. Ou como tu dizes, Crátilo?

Crátilo: Assim! De fato, tu pareces falar belamente.

Sócrates: Então, se imaginarmos os nomes primitivos como se fossem retratos, será possível, tal como nas pinturas, dar-lhes todas as cores e formas que lhes são adequadas, não todas, aliás, mas será possível deixar algumas de lado, e também sobrepor algumas, mais numerosas e maiores. Ou não será possível?

Crátilo: Será.

Sócrates: Assim, aquele que atribui todas, produz pinturas e imagens belas, e aquele que insere ou retira, este também produzirá pinturas e imagens por seu trabalho, embora defeituosas?

Crátilo: [d]Sim.

Sócrates: E quanto àquele que imita a essência das coisas através das sílabas e das letras? Segundo o mesmo raciocínio, se ele puder atribuir tudo o que é apropriado, a imagem será bela – e isto é um nome – mas, às vezes, se ele deixar de lado ou acrescentar pequenas coisas, surgirá uma imagem, embora ela não seja bela; deste modo, haverá nomes que são bem produzidos e outros não?

Crátilo: Talvez.

Sócrates: [e] Talvez, então, haverá o bom artesão dos nomes e outro mau?

Crátilo: Sim.

Sócrates: E o nome dele era legislador, não era?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Por Zeus! Talvez também haverá, tal como nas outras artes, um legislador bom e outro mau, se estivermos condizentes com o que foi mencionado atrás.

Crátilo: É isso. Mas vês Sócrates, quando estas letras, o *a* e o *b* e cada um dos caracteres que damos aos nomes pela arte da gramática, se retirarmos, acrescentarmos ou mudarmos algum, o nome já estará escrito para nós [432a], todavia não corretamente, ou sequer estará absolutamente escrito, mas será imediatamente outro, se sofreu alguma destas modificações.

Sócrates: Na verdade, Crátilo, não examinaremos bem, se observarmos assim.

Crátilo: Como então?

Sócrates: Talvez quanto às coisas que necessariamente existem oriundas de um certo número, ou que não existem, aconteceria o que tu dizes. Tal como o próprio dez, ou qualquer que seja o outro que tu prefiras: se suprimires ou acrescentares algo, surgirá [b]imediatamente um outro. Mas quanto à qualidade e às imagens em geral, receio que não seja esta a correção, mas o contrário, e não se deve absolutamente reproduzir tudo como aquilo de que é imagem, se há de ser imagem. Observe se eu digo algo. Não seriam duas coisas, tais como as seguintes, Crátilo e a imagem de Crátilo, se um dentre os deuses, tal como os pintores, imaginasse não somente a sua cor e a sua forma, mas também fizesse tudo o que te é interior, dando a mesma suavidade e [c]calor, e introduzisse nele não somente o movimento, mas também a alma e a inteligência, em suma, tudo aquilo que tu tens, e o colocasse ao lado de ti? Acaso haveria um Crátilo e uma certa imagem de Crátilo, ou dois Crátilos?

Crátilo: Afiguram-se, Sócrates, dois Crátilos.

Sócrates: Não vê então, amigo, que é necessário procurar uma outra correção da imagem, diferente da que há pouco falávamos, e que não deixe necessariamente de ser imagem, se retirar ou inserir algo? Ou tu[d] não percebes o quanto as imagens estão longe de ser o mesmo que aquilo de que são imagens?

Crátilo: Percebo.

Sócrates: Seria ridículo, Crátilo, que os nomes fossem afetados pelos nomes daquelas coisas das quais são nomes, se se assemelhassem a elas em todos os pontos. Pois tudo, de certa maneira, tornar-se-ia duplo, e tu não poderias dizer de nenhum dos dois, qual deles é a coisa

em si e qual é o nome.

Crátilo: Dizes a verdade.

Sócrates: Estando assim confiante, meu nobre, admite que um nome ora seja [e]bem estabelecido, ora não, e não forces como algo necessário que possua todas as letras para que seja perfeitamente tal qual aquilo de que é nome; e admite também que se acrescente uma letra que não lhe seja adequada. E se uma letra, também um nome num enunciado; e se admite um nome, também o faz que um enunciado seja acrescentado a um discurso não adequado às coisas, e a coisa não será menos nomeada e enunciada, até o momento que esteja presente a marca da coisa acerca da qual ela seja o discurso, tal como havia[433a] nos nomes das letras, se estás lembrado daquilo que há pouco eu e Hermógenes dizíamos.

Crátilo: De fato, estou lembrado.

Sócrates: Até aqui está bem. De fato, quando isto está presente, mesmo que não tenha todas as adequadas, a coisa será enunciada, bem, quando todas estiverem presentes, e mal quando poucas. Então, meu caro, admitamos ser dito, de modo que não sejamos punidos, tal como os que vagueiam tarde da noite em algum ponto em Egina, e que não pareçamos ter chegado, na verdade, às coisas [b]mais tarde do que o devido. Ou procura uma outra correção do nome, e não concorde que o nome é uma indicação da coisa pelas sílabas e pelas letras. Pois se disseres as duas coisas, não serás capaz de estar de acordo consigo mesmo.

Crátilo: Dás-me a impressão, Sócrates, de dizer com medida, e assim aceito.

Sócrates: Visto que estamos concordes nisto, examinemos o que vem depois. Dissemos que, se um nome há de ser bem estabelecido, é preciso possuir as letras que lhe são adequadas?

Crátilo: Sim.

Sócrates: [c]E é conveniente que sejam semelhantes às coisas?

Crátilo: Perfeitamente.

Sócrates: Aqueles que são bem estabelecidos, se estabelecem dessa forma; mas se algum não foi bem estabelecido, sua maior parte talvez seria formado a partir de letras semelhantes e adequadas, se é verdade que há de ser imagem, mas ela poderia ter alguma inadequada, pela qual o nome não seria correto e bem produzido. Dizemos assim ou de outro modo?

Crátilo: Penso, Sócrates, que em nada é preciso combater, embora não me agrade dizer que exista um nome, se todavia não foi bem estabelecido.

Sócrates: [d] E que o nome é uma indicação da coisa, acaso isto não te agrada?

Crátilo: Isto sim.

Sócrates: E que dentre os nomes há os que foram formados a partir de nomes mais antigos, e outros são primitivos, não te parece ser dito bem?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Mas se os primitivos vão tornar-se indicações de algo, tu tens algum outro modo melhor de eles tornarem-se indicações do que fazê-los o mais semelhantes [e] àquilo que é preciso indicar? Ou agrada-te mais aquele modo que Hermógenes e muitos outros dizem, que os nomes são convenções e que indicam aos que lhes estabeleceram que eles conheciam de antemão as coisas, e esta é a correção do nome, uma convenção, e em nada difere se alguém os tiverem estabelecidos, tal como agora os são, e também o contrário, se chamar grande ao que agora é pequeno e pequeno ao que é grande? Qual dos dois modos te agrada?

Crátilo: [434a]É completamente diferente, Sócrates, indicar aquilo que se indica pela semelhança e não ao acaso.

Sócrates: Dizes bem. Assim, se o nome será semelhante à coisa, não será necessário que os elementos sejam naturalmente semelhantes às coisas, a partir dos quais se formaram os nomes primitivos? Eu digo deste modo: daquilo que há pouco falávamos, alguém poderia ter formado uma pintura de modo semelhante a um dos seres, se não [b]existissem naturalmente substâncias semelhantes, a partir das quais são formados os quadros, aquelas que a pintura imita; ou é impossível?

Crátilo: É impossível.

Sócrates: E da mesma maneira os nomes também não poderiam nunca se tornar semelhantes a coisa alguma, se não existissem primeiramente aquelas coisas a partir das quais os nomes são formados, que possuem uma certa semelhança com aquelas das quais os nomes são imitações? E estes, a partir dos quais são compostos, são as letras?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Neste caso, tu já toma parte do discurso que há pouco [c] tive com Hermógenes. Dize, temos ou não razão em dizer que a letra *r* convém à alteração, ao movimento e a dureza?

Crátilo: Temos.

Sócrates: E que o *l* convém ao liso, ao mole e ao que atrás dizíamos?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Então sabes que para um mesmo conceito, a “dureza”, nós dizemos *sklērótēs* e os da Erétria, *sklērótēr* ?

Crátilo: Perfeitamente.

Sócrates: Acaso o *r* e o *s* se assemelham ambos ao mesmo, e para aqueles o *r* final indica a mesma coisa que para nós o *s*, ou não indica algo diferente para nós?

Crátilo: [d]Indica em ambos.

Sócrates: E eles são, o *r* e o *s*, na qualidade de semelhantes ou não?

Crátilo: Na qualidade de semelhantes.

Sócrates: E são semelhantes em todos os modos?

Crátilo: Ao menos, talvez, para indicar alteração.

Sócrates: E o *l* que está aí inserido? Ele não indica o contrário da dureza?

Crátilo: Talvez, Sócrates, ele não esteja inserido corretamente. Assim como há pouco tu falavas com Hermógenes, retirando e inserindo letras quando era preciso, a mim davas a impressão de fazê-lo corretamente. Talvez agora, seja preciso dizer um *r* no lugar do *l*.

Sócrates: [e]Dizes bem. E então? Agora, como nós o pronunciamos, não nos compreendemos uns aos outros quando alguém diz “*sklērós*” (*duro*), ou nem agora tu percebes o que eu digo?

Crátilo: Eu ao menos, caríssimo, percebo, mas pelo uso.

Sócrates: Mas ao dizer uso, pensas dizer algo diferente de convenção? Ou tu falas de um outro uso diferente daquele, e eu, quando pronuncio este, tenho em mente aquele, e tu reconheces o que eu tenho em mente? Não é isto que dizes?

Crátilo: [435a]Sim.

Sócrates: Assim, se tu reconheces o que eu pronuncio, é produzida por mim uma indicação em ti?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Por algo dessemelhante do que eu tenho em mente ao pronunciar, já que o *l* é, como tu afirmas, dessemelhante da dureza; e se isto é assim, tu mesmo não fizeste outra do que estabelecer uma convenção contigo mesmo, e a correção do nome se torna para ti uma convenção, visto que indica não somente as letras semelhantes, mas também as dessemelhantes, atingindo um costume e uma convenção? Aliás, para que o [b]costume não seja sobretudo uma convenção, não se poderia ainda dizer, com razão, que a semelhança é uma indicação, mas o costume; pois este, como é provável, indica tanto pela semelhança quanto pela dissemelhança. E visto que concordamos com tais coisas, Crátilo – pois eu tomarei teu silêncio como consentimento – é necessário que tanto a convenção quanto o costume, de algum modo, se prestem para indicar o que temos em mente ao falarmos; por

isso, caríssimo, se quiseres, leve em conta o número: de onde tu pensas que se poderá aplicar nomes semelhantes a cada um dos números, se não admitires que o teu acordo e tua convenção[**c**] tenham pleno poder sobre correção dos nomes? Agrada-me a possibilidade de que os nomes sejam o mais semelhantes às coisas; receio, na verdade, assim como Hermógenes, que a tendência desta semelhança seja tenaz, e seja necessário fazer uso deste expediente vulgar, a convenção, para a correção dos nomes. Visto que, talvez, na medida do possível, sealaria melhor quando se falasse por letras semelhantes[**d**], ou seja, com as que são adequadas, mas do contrário, da pior maneira. Mas depois disto, diz-me ainda: qual é, para nós, o poder que os nomes possuem, e que algo belo diremos que eles perfazem?

Crátilo: Parece-me que é ensinar, Sócrates, e isto é bem simples, pois aquele que conhece os nomes, conhece também as coisas.

Sócrates: O que tu dizes, Crátilo, talvez seja o seguinte: quando alguém conhece o nome como ele é – e ele é precisamente [**e**] como a coisa – será capaz também de conhecer a coisa, já que ela se acha semelhante ao nome, e existe uma única arte, a mesma para todas as coisas semelhantes entre si. É de acordo com isto, parece, que tu afirmas que aquele que conhecer os nomes conhecerá também as coisas.

Crátilo: Dizes absoluta verdade.

Sócrates: Ora, vejamos então. Qual haveria de ser afinal este modo de ensinar aos seres, o qual tu agora dizes, e se há também um outro, todavia melhor do que este, ou não há outro senão este. De que modo tu pensas?

Crátilo: [**436a**]Penso dessa forma, e não existe absolutamente um outro, mas este é o único e o melhor.

Sócrates: Acaso ocorre o mesmo quanto à descoberta dos seres, ao descobrir seus nomes também se terá descoberto aquilo de que são nomes? Ou será necessário um outro modo de investigar e descobrir, e este é aprender?

Crátilo: É absolutamente necessário o mesmo modo de investigar e descobrir conforme as mesmas coisas.

Sócrates: Pensemos o seguinte, Crátilo, se alguém, ao investigar[**b**] as coisas, tem por guia os nomes, observando o que cada um quer dizer, não levas em consideração que existe um risco que não é pequeno de enganar-se completamente?

Crátilo: Como?

Sócrates: O que primeiro estabeleceu os nomes, evidentemente, considerava as coisas como

elas eram e, como dissemos, estabeleceu-lhes tais nomes. Ou não?

Crátilo: Sim.

Sócrates: E se aquele não considerou corretamente, mas os estabeleceu como considerava, tu pensas que nós, tomando-o por guia, seremos por ele persuadido? Ou, de outro modo, nos enganaremos completamente?

Crátilo: Receio que não seja assim, Sócrates, mas que fosse necessário que aquele que estabeleceu os nomes, os tivesse estabelecido com conhecimento. [c]Se não, como eu outrora dissera, nem seriam nomes. E que aquele que estabeleceu os nomes não distanciou-se da verdade será o maior indício para ti, pois, se não fosse assim, não estaria absolutamente de acordo consigo. Ou tu próprio não percebeste, ao falar, que todos os nomes foram gerados segundo o mesmo e sobre o mesmo?

Sócrates: Mas isto, bom Crátilo, nem é uma justificativa. Na verdade, se aquele que estabeleceu os nomes cometeu primeiramente um erro, [d] e imediatamente submeteu os outros, forçando-os a concordar com ele, em nada é absurdo, tal como ocorre, às vezes, com os diagramas: vindo o primeiro a ser falso, por ser pequeno e incerto, os restantes, que são numerosos, já estão a acompanhá-lo, concordando entre si. Mas é preciso que o maior argumento e a maior investigação seja em relação ao princípio de toda coisa, quer tenha sido posto corretamente, quer não; e após tê-lo examinado suficientemente, os restantes se mostrarão acompanhando aquele. Todavia, eu não me [e] surpreenderia se os próprios nomes também concordassem entre si. Mas, observemos novamente o que expusemos a princípio. Dissemos que tudo se desloca, se movimenta e flui, e que os nomes significam para nós a sua essência. Parece-te indicar assim ou de outro modo?

Crátilo: [437a]Muito veementemente, e a significam corretamente.

Sócrates: Observemos então, primeiramente tomando dentre eles este nome, a “ciência” (*epistēmē*), na medida em que é ambíguo, pois ele parece significar mais o que *fixa* (*histēsín*) nossa alma às coisas do que o que se move junto e ao redor delas, e é mais correto falar o seu começo, como agora o fazemos, do que retirar o *e* para falar *pistēmē* [mas fazer a inserção de um *i* no lugar do *e*]. Em seguida o “estável” (*bébaion*), que é uma imitação de uma certa *base* (*básis*) e de uma estabilidade, mas não do movimento. [b]Depois a “narração” (*historía*), de certo modo, significa que ela *fixa o fluxo* (*hístēsi tôn rhoûn*). O “crível” (*pistón*) significa exatamente o *cravar* (*histàn*). Depois a “memória” (*mnēmē*) indica a todos que, de algum modo, há uma *permanência* (*monē*) na alma, mas não o movimento. E se desejas, observemos

o “erro” (*hamartía*) e a “conjuntura” (*symphorá*): se alguém tomar por guia o nome, eles parecerão o mesmo que a “compreensão” (*sýnesis*), a “ciência” (*epistémē*), e todos os outros nomes dignos de serem pesquisados. Já a “ignorância” e o “descomedimento” se mostram quase semelhantes a estes. De fato, um deles, a [c] “ignorância” (*amathía*) parece o trajeto do que vai *simultaneamente com os deuses* (*háma theōi*), e o “descomedimento” (*akolasía*) parece ser o *acompanhamento* (*akolouthía*) das coisas em absoluto. Assim, aqueles que julgamos serem os nomes das piores coisas, se assemelham aos das melhores. Penso também que, se alguém se esforçasse, descobriria muitos outros nomes, a partir dos quais pensaria que quem estabeleceu os nomes indicaria, por outro lado, que as coisas não se deslocavam nem se moviam, mas que permaneciam.

Crátilo: [d]Mas vês, Sócrates, que em sua maior parte, eles queriam dizer outra coisa.

Sócrates : Que é isto então, Crátilo? Enumeraremos os nomes tal como os sufrágios e nisto estará a correção deles? E quantos nomes se mostrarem plenos de significados, será esta a verdade?

Crátilo: Certamente não é natural.

Sócrates: De modo nenhum, meu amigo. Por isso, deixemos isto e retornemos à questão que se falava quando mudamos para cá [438a]. Pois, há pouco, se estás lembrado dos casos precedentes, tu declaraste que quem estabeleceu os nomes haveria de necessariamente conhecer as coisas às quais ele os estabelecia. Acaso ainda te parece assim ou não?

Crátilo: Ainda.

Sócrates: Tu dizes também que quem estabeleceu os nomes primitivos conhecia as coisas?

Crátilo: Conhecia.

Sócrates: Então ele terá aprendido e descoberto as coisas a partir de quais nomes, se os nomes primitivos ainda não tinham sido atribuídos e, por outro lado, dissemos que é impossível descobrir e aprender [b]as coisas de outro modo salvo aprendendo e descobrindo como são os seus nomes?

Crátilo: Pareces dizer-me algo, Sócrates.

Sócrates: De que modo havemos de dizer que eles foram estabelecidos com conhecimento ou que exista um legislador, que antes de ter atribuído qualquer nome ele os conhecia, se não é possível aprender as coisas senão a partir dos nomes?

Crátilo: Penso, Sócrates, que o argumento mais verdadeiro a respeito disso[c], é que o estabelecimento dos nomes primitivos às coisas é um poder mais do que humano, de sorte que

eles estejam necessariamente corretos.

Sócrates: Tu afirmas que quem os estabeleceu, sendo um nume ou um deus, pudesse se contradizer a si mesmo? Ou não parecemos há pouco dizer-te nada?

Crátilo: Receio que um dos dois não sejam nomes.

Sócrates: Qual dos dois, caríssimo, os que conduzem à estabilidade ou os que o fazem com relação ao movimento? Pois há pouco dissemos que não se podia decidir pelo maior número.

Crátilo: Certamente não seria justo, Sócrates[**d**].

Sócrates: Logo, estando os nomes em dissensão, uns, afirmando que eles próprios são semelhantes à verdade, outros que a si mesmos, com o que ainda decidiremos ou a que recorreremos? Pois não será com relação a nomes diferentes destes, pois não existem; é evidente, então, que se deva procurar afora os nomes, aquilo que nos faz ver sem os nomes qual deles é verdadeiro, que nos mostrará, de modo claro, a verdade dos seres.

Crátilo: Parece-me assim[**e**].

Sócrates: Há, então, Crátilo, a possibilidade de aprender os seres sem os nomes, se realmente isto é são assim.

Crátilo: Parece.

Sócrates: Por qual outro modo, então, tu estarias preparado a aprendê-los? Através de qual, senão daquele que é adequado e mais justo, uns através dos outros, se de algum modo são análogos, ou eles mesmos por si mesmos? Pois o que é de certa forma outro e diferente deles significaria também algo outro e diferente, mas não aqueles.

Crátilo: Parece me dizer a verdade.

Sócrates: Por Zeus, espere![**439a**] Não concordamos muitas vezes que os nomes bem atribuídos são semelhantes aos seres dos quais foram atribuídos como nomes, e são imagens das coisas?

Crátilo: Sim.

Sócrates: Se é possível, então, aprender as coisas, sobretudo através de seus nomes, e também o é através delas mesmas, qual das duas instruções seria a mais bela e a mais confiável? Aprender a partir da própria imagem, se ela se assemelha à verdade da qual ela era imagem, ou a partir da verdade, se a sua própria imagem foi[**b**] plenamente produzida?

Crátilo: Parece me ser necessário a partir da verdade.

Sócrates: Assim sendo, conhecer de qual modo é preciso aprender ou descobrir os seres, talvez seja demais, quer para mim, quer para ti. Mas é desejável estarmos de acordo nisto: não

se deve aprender e investigar a partir dos nomes, mas sobretudo das coisas em si.

Crátilo: Parece, Sócrates.

Sócrates: Neste caso, observemos o seguinte, de modo que todos estes nomes, enquanto tendem para o mesmo, não nos enganem completamente, se[c], na verdade, aqueles que os atribuíram tinham em mente, ao estabelecê-los, que tudo se deslocava e fluía sem cessar – pois creio que eles tinham pensado assim – ou se verificou que isto não é assim, mas que eles mesmos, tal como caindo num certo turbilhão, se confundiram e se precipitaram, lançando-se sobre nós? Observe, admirável Crátilo, o que eu muitas vezes tenho sonhado. Acaso podemos dizer que existe algo belo e bom em si, e do mesmo modo para cada um dos seres, ou não?[d]

Crátilo: Para mim, ao menos, parece existir.

Sócrates: Neste caso, examinemos esse em si, não se há uma certa face que é bela ou algo deste tipo, se tudo parece fluir; mas que o belo em si, digamos, não é deste tipo, pois é sempre como ele é?

Crátilo: É necessário.

Sócrates: Ora, como denominá-lo corretamente, se sempre se afasta, dizendo primeiramente que existe e, logo após, é outro? Ou é necessário que nós, ao falarmos, ele se torne imediatamente um outro e secretamente se retire e não é mais assim?

Crátilo: É necessário.

Sócrates: E como algo seria aquilo que nunca é da mesma maneira? [e] Pois, se se comporta da mesma maneira, é evidente que neste mesmo tempo, ele permaneça inalterado; mas se ele está sempre da mesma maneira e é o mesmo, como ele pode alterar-se e mover-se, em nada afastando-se de sua forma?

Crátilo: De modo algum.

Sócrates: Mas nem teria sido conhecido por ninguém. Pois, ao mesmo tempo, aproximando-se daquele que conhece, tornar-se-ia[440a] outro e diferente, de modo que não se poderia conhecer nem de qual tipo é ou como é. Evidentemente, um conhecer não conhece coisa alguma, se o conhece de maneira nenhuma.

Crátilo: É como dizes.

Sócrates: Mas nem é possível falar de conhecer, Crátilo, se todas as coisas mudam de forma e nada permanece. Pois se ele mesmo, o conhecimento, é conhecimento de algo, não muda de forma, e permanecerá sempre conhecimento e será conhecimento. Mas se a forma mesma do conhecimento muda, ao mesmo tempo mudará[b] para uma outra forma de conhecimento e

também não há de ser conhecimento; e se muda de forma sem cessar, não será sempre conhecimento, e partindo desse raciocínio, não haverá aquele que conheça nem aquilo a ser conhecido. Mas se houver sempre quem conhece, haverá aquilo que é conhecido, e existirá o belo, existirá o bom e existirá também cada um dos seres; e não me parece que estes, que agora falamos, sejam semelhantes nem ao fluxo nem ao movimento. [c]Se estas coisas são afinal deste ou daquele modo, como dizem os discípulos de Heráclito e também muitos outros, receio que não seja fácil elucidar, e nem terá muita razão um homem que, legando o cuidado dos nomes a si mesmo e à sua alma, tenha tido confiança neles e naqueles que os estabeleceram, afirmando com veemência que sabem algo e condenando a si mesmo e aos seres que nada de nada é sensato, mas que todas as coisas alteram-se como um vaso de argila, pensando simplesmente como os homens com humores, que consideram que as coisas[d] se dispõem do mesmo modo e que todas se mantêm pelo fluxo e pelo escoamento. Talvez, Crátilo, elas sejam por um lado assim, e talvez, por outro lado, não. É necessário, então, que procures com resolução e coragem e não aceites assim facilmente – pois ainda és jovem e tens tempo de vida – e se ao procurar, descobrires algo, faça-me sabê-lo.

Crátilo: De certo farei isto. Todavia, Sócrates, saiba que nem agora estou sem refletir e eu, tendo examinado as coisas, mais elas me parecem ser da maneira que[e] Heráclito diz.

Sócrates: Neste caso, meu amigo, tu me instruirás mais tarde, quando aqui retornares; mas agora, já que estás disposto, caminhe para o campo e leve consigo também Hermógenes, que cá está.

Crátilo: Farei isso, Sócrates, mas tente ainda, tu também, a partir de agora, refletir sobre essas coisas.

ΚΡΑΤΥΛΟΣ⁴⁹
(ἢ περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος)

ΕΡΜΟΓΕΝΗΣ ΚΡΑΤΥΛΟΣ ΣΩΚΡΑΤΗΣ

[383a] *Ερμογένης*: βούλει οὖν καὶ Σωκράτει τῷδε ἀνακοινωσώμεθα τὸν λόγον;

Κρατύλος: εἴ σοι δοκεῖ.

Ερμογένης: Κρατύλος φησὶν ὅδε, ὃ Σώκρατες, ὀνόματος ὀρθότητα εἶναι ἐκάστῳ τῶν ὄντων φύσει πεφυκυῖαν, καὶ οὐ τοῦτο εἶναι ὄνομα ὃ ἂν τινες συνθέμενοι καλεῖν καλῶσι, τῆς αὐτῶν φωνῆς μόριον ἐπιφωγγόμενοι, ἀλλὰ ὀρθότητά τινα τῶν [383b] ὀνομάτων πεφυκέαι καὶ Ἑλληνσι καὶ βαρβάροις τὴν αὐτὴν ἄπασιν. ἐρωτῶ οὖν αὐτὸν ἐγὼ εἰ αὐτῷ Κρατύλος τῇ ἀληθείᾳ ὄνομα [ἐστὶν ἢ οὐ]: ὁ δὲ ὁμολογεῖ. “τί δὲ Σωκράτει,” ἔφην. “Σωκράτης,” ἦ δ' ὅς. “οὐκοῦν καὶ τοῖς ἄλλοις ἀνθρώποις πᾶσιν, ὅπερ καλοῦμεν ὄνομα ἕκαστον, τοῦτό ἐστὶν ἐκάστῳ ὄνομα;” ὁ δὲ, “οὐκοῦν σοί γε,” ἦ δ' ὅς, “ὄνομα Ἑρμογένης, οὐδὲ ἂν πάντες καλῶσιν ἄνθρωποι.” καὶ ἐμοῦ ἐρωτῶντος καὶ προθυμουμένου εἰδέναι ὅτι ποτὲ [384a] λέγει, οὔτε ἀποσαφεῖ οὐδὲν εἰρωνεύεται τε πρὸς με, προσποιούμενός τι αὐτὸς ἐν ἑαυτῷ διανοεῖσθαι ὡς εἰδῶς περὶ αὐτοῦ, ὃ εἰ βούλοιο σαφῶς εἰπεῖν, ποιήσειεν ἂν καὶ ἐμὲ ὁμολογεῖν καὶ λέγειν ἄπερ αὐτὸς λέγει. εἰ οὖν πῃ ἔχεις συμβαλεῖν τὴν Κρατύλου μαντείαν, ἡδέως ἂν ἀκούσαιμι: μᾶλλον δὲ αὐτῷ σοι ὅπῃ δοκεῖ [ἔχειν] περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος ἔτι ἂν ἥδιον πυθοίμην, εἴ σοι βουλομένῳ [ἐστίν].

Σωκράτης: ὃ παῖ Ἰππονίκου Ἑρμόγενης, παλαιὰ παροιμία ὅτι [384b] χαλεπὰ τὰ καλὰ ἐστὶν ὅπῃ ἔχει μαθεῖν: καὶ δὴ καὶ τὸ περὶ τῶν ὀνομάτων οὐ σμικρὸν τυγχάνει ὄν μάθημα. εἰ μὲν οὖν ἐγὼ ἤδη ἠκηκὴ παρὰ Προδίκου τὴν πεντηκοντάδραχμον ἐπίδειξιν, ἣν ἀκούσαντι ὑπάρχει περὶ τοῦτο πεπαιδεῦσθαι, ὡς φησὶν ἐκεῖνος, οὐδὲν ἂν ἐκώλυέν σε αὐτίκα μάλα εἰδέναι τὴν ἀλήθειαν περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος: νῦν δὲ οὐκ ἀκήκοα, [384c] ἀλλὰ τὴν δραχμιαίαν. οὐκοῦν οἶδα πῇ ποτε τὸ ἀληθὲς ἔχει περὶ τῶν τοιούτων: συζητεῖν μέντοι ἔτοιμός εἰμι καὶ σοὶ καὶ Κρατύλῳ κοινῇ. ὅτι δὲ οὐ φησὶ σοὶ Ἑρμογένῃ ὄνομα εἶναι τῇ ἀληθείᾳ, ὥσπερ ὑποπεύω αὐτὸν σκόπτειν: οἶεται γὰρ ἴσως σε χρημάτων ἐφιέμενον κτήσεως ἀποτυγχάνειν ἐκάστοτε. ἀλλ', ὃ νυνδὴ ἔλεγον, εἰδέναι μὲν τὰ τοιαῦτα χαλεπὸν, εἰς τὸ κοινὸν δὲ καταθέντας χρὴ σκοπεῖν εἴτε ὡς σὺ λέγεις ἔχει εἴτε ὡς Κρατύλος.

Ερμογένης: καὶ μὴν ἔγωγε, ὃ Σώκρατες, πολλάκις δὴ καὶ τούτῳ διαλεχθεὶς καὶ ἄλλοις πολλοῖς, οὐ δύναμαι πεισθῆναι [384d] ὡς ἄλλη τις ὀρθότης ὀνόματος ἢ συνθήκη καὶ ὁμολογία. ἐμοὶ γὰρ δοκεῖ ὅτι ἂν τίς τῷ θῆται ὄνομα, τοῦτο εἶναι τὸ ὀρθόν: καὶ ἂν αὐθίς γε ἕτερον μεταθῆται, ἐκεῖνο δὲ μηκέτι καλῇ,

49 Este texto é baseado na edição: Plato. Platonis Opera, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903.

οὐδὲν ἦττον τὸ ὕστερον ὀρθῶς ἔχειν τοῦ προτέρου, ὡσπερ τοῖς οἰκέταις ἡμεῖς μετατιθέμεθα [οὐδὲν ἦττον τοῦτ' εἶναι ὀρθὸν τὸ μετατεθὲν τοῦ πρότερον κειμένου]: οὐ γὰρ φύσει ἐκάστῳ πεφυκέναι ὄνομα οὐδὲν οὐδενί, ἀλλὰ νόμῳ καὶ ἔθει τῶν ἐθισάντων τε καὶ καλούντων. εἰ δέ πη ἄλλη [384e] ἔχει, ἔτοιμος ἔγωγε καὶ μανθάνειν καὶ ἀκούειν οὐ μόνον παρὰ Κρατύλου, ἀλλὰ καὶ παρ' ἄλλου ὄτουσῶν.

[385a] *Σωκράτης*: ἴσως μέντοι τί λέγεις, ὦ Ἐρμογένες; σκεψώμεθα δέ. ὃ ἂν φῆς καλῆ τις ἕκαστον, τοῦθ' ἐκάστῳ ὄνομα;

Ἐρμογένης: ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης: καὶ ἐὰν ιδιώτης καλῆ καὶ ἐὰν πόλις;

Ἐρμογένης: φημί.

Σωκράτης: τί οὖν; ἐὰν ἐγὼ καλῶ ὅτιοῦν τῶν ὄντων, οἷον ὃ νῦν καλοῦμεν ἄνθρωπον, ἐὰν ἐγὼ τοῦτο ἵππον προσαγορεύω, ὃ δὲ νῦν ἵππον, ἄνθρωπον, ἔσται δημοσία μὲν ὄνομα ἄνθρωπος τῷ αὐτῷ, ἰδίᾳ δὲ ἵππος; καὶ ἰδίᾳ μὲν αὖ ἄνθρωπος, δημοσία δὲ ἵππος; οὕτω λέγεις;

[385b] *Ἐρμογένης*: ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης: φέρε δὴ μοι τόδε εἶπέ: καλεῖς τι ἀληθῆ λέγειν καὶ ψευδῆ;

Ἐρμογένης: ἔγωγε.

Σωκράτης: οὐκοῦν εἴη ἂν λόγος ἀληθῆς, ὃ δὲ ψευδῆς;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν οὗτος ὃς ἂν τὰ ὄντα λέγῃ ὡς ἔστιν, ἀληθῆς; ὃς δ' ἂν ὡς οὐκ ἔστιν, ψευδῆς;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἔστιν ἄρα τοῦτο, λόγῳ λέγειν τὰ ὄντα τε καὶ μὴ;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

[385c] *Σωκράτης*: ὁ λόγος δ' ἐστὶν ὁ ἀληθῆς πότερον μὲν ὅλος ἀληθῆς, τὰ μόρια δ' αὐτοῦ οὐκ ἀληθῆ;

Ἐρμογένης: οὐκ, ἀλλὰ καὶ τὰ μόρια.

Σωκράτης: πότερον δὲ τὰ μὲν μεγάλα μόρια ἀληθῆ, τὰ δὲ σμικρὰ οὐ; ἢ πάντα;

Ἐρμογένης: πάντα, οἶμαι ἔγωγε.

Σωκράτης: ἔστιν οὖν ὅτι λέγεις λόγου σμικρότερον μόριον ἄλλο ἢ ὄνομα;

Ἐρμογένης: οὐκ, ἀλλὰ τοῦτο σμικρότατον.

Σωκράτης: καὶ τοῦτο [ὄνομα] ἄρα τὸ τοῦ ἀληθοῦς λόγου λέγεται;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἀληθές γε, ὡς φῆς.

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: τὸ δὲ τοῦ ψεύδους μόριον οὐ ψεύδος;

Ἐρμογένης: φημί.

Σωκράτης: ἔστιν ἄρα ὄνομα ψεύδος καὶ ἀληθές λέγειν, εἴπερ καὶ λόγον;

[385d] *Ἐρμογένης*: πῶς γὰρ οὐ;

Σωκράτης: ὁ ἄν ἄρα ἕκαστος φῆ τῷ ὄνομα εἶναι, τοῦτό ἐστιν ἕκαστῳ ὄνομα;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἦ καὶ ὀπόσα ἄν φῆ τις ἕκαστῳ ὀνόματα εἶναι, τοσαῦτα ἔσται καὶ τότε ὀπόταν φῆ;

Ἐρμογένης: οὐ γὰρ ἔχω ἔγωγε, ὦ Σώκρατες, ὀνόματος ἄλλην ὀρθότητα ἢ ταύτην, ἐμοὶ μὲν ἕτερον εἶναι καλεῖν ἕκαστῳ ὄνομα, ὃ ἐγὼ ἐθέμην, σοὶ δὲ ἕτερον, ὃ αὖ σύ. οὕτω δὲ καὶ [385e] ταῖς πόλεσιν ὀρῶ ἰδίᾳ [ἕκασταις] ἐνίοις ἐπὶ τοῖς αὐτοῖς κείμενα ὀνόματα, καὶ Ἑλλησι παρὰ τοὺς ἄλλους Ἑλληνας, καὶ Ἑλλησι παρὰ βαρβάρους.

Σωκράτης: φέρε δὴ ἴδωμεν, ὦ Ἐρμόγενης, πότερον καὶ τὰ ὄντα οὕτως ἔχειν σοὶ φαίνεται, ἰδίᾳ αὐτῶν ἢ οὐσία εἶναι ἕκαστῳ, ὥσπερ Πρωταγόρας ἔλεγεν λέγων “πάντων χρημάτων [386a] μέτρον” εἶναι ἄνθρωπον--ὡς ἄρα οἷα μὲν ἄν ἐμοὶ φαίνηται τὰ πράγματα [εἶναι], τοιαῦτα μὲν ἔστιν ἐμοί: οἷα δ' ἄν σοί, τοιαῦτα δὲ σοί--ἢ ἔχειν δοκεῖ σοὶ αὐτὰ αὐτῶν τινα βεβαιότητα τῆς οὐσίας;

Ἐρμογένης: ἦδη ποτὲ ἔγωγε, ὦ Σώκρατες, ἀπορῶν καὶ ἐνταῦθα ἐξηνέχθην εἰς ἅπερ Πρωταγόρας λέγει: οὐ πάνυ τι μέντοι μοι δοκεῖ οὕτως ἔχειν.

Σωκράτης: τί δέ; ἐς τόδε ἦδη ἐξηνέχθης, ὥστε μὴ πάνυ σοὶ [386b] δοκεῖν εἶναι τινα ἄνθρωπον πονηρόν;

Ἐρμογένης: οὐ μὰ τὸν Δία, ἀλλὰ πολλάκις δὴ αὐτὸ πέπονθα, ὥστε μοι δοκεῖν πάνυ πονηροὺς εἶναι τινὰς ἀθρώπους, καὶ μάλα συχνοὺς.

Σωκράτης: τί δέ; πάνυ χρηστοὶ οὕτω σοὶ ἔδοξαν εἶναι [ἄνθρωποι];

Ἐρμογένης: καὶ μάλα ὀ λίγοι.

Σωκράτης: ἔδοξαν δ' οὖν;

Ἐρμογένης: ἔμοιγε.

Σωκράτης: πῶς οὖν τοῦτο τίθεσαι; ἄρ' ὧδε: τοὺς μὲν πάνυ χρηστοὺς πάνυ φρονίμους, τοὺς δὲ πάνυ πονηροὺς πάνυ ἄφρονας;

[386c] *Ἐρμογένης:* ἔμοιγε δοκεῖ οὕτως.

Σωκράτης: οἷόν τε οὖν [ἐστιν], εἰ Πρωταγόρας ἀληθῆ ἔλεγεν καὶ ἔστιν αὕτη ἢ ἀλήθεια, τὸ οἷα ἄν δοκῆ ἕκαστῳ τοιαῦτα καὶ εἶναι, τοὺς μὲν ἡμῶν φρονίμους εἶναι, τοὺς δὲ ἄφρονας;

Ἐρμογένης: οὐ δῆτα.

Σωκράτης: καὶ ταῦτά γε, ὡς ἐγῶμαι, σοὶ πάνυ δοκεῖ, φρονήσεως οὐσης καὶ ἀφροσύνης μὴ πάνυ δυνατὸν εἶναι Πρωταγόραν ἀληθῆ λέγειν: οὐδὲν γὰρ ἄν που τῇ ἀληθείᾳ ὀ ἕτερος τοῦ ἑτέρου φρονιμώτερος εἶη, εἴπερ ἂ ἄν ἕκαστῳ [386d] δοκῆ ἕκαστῳ ἀληθῆ ἔσται.

Ἐρμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: ἀλλὰ μὴν οὐδὲ κατ' Εὐθύδημόν γε οἷμαι σοὶ δοκεῖ πᾶσι πάντα ὀμοίως εἶναι ἅμα καὶ ἀεὶ: οὐδὲ γὰρ ἄν οὕτως εἶεν οἱ μὲν χρηστοί, οἱ δὲ πονηροί, εἰ ὀμοίως ἅπασι καὶ ἀεὶ ἀρετὴ τε καὶ κακία εἶη.

Ἐρμογένης: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: οὐκοῦν εἰ μήτε πᾶσι πάντα ἐστὶν ὀμοίως ἅμα καὶ ἀεὶ, μήτε ἕκαστῳ ἰδίᾳ ἕκαστον [τῶν

ὄντων ἐστίν], δηλον δὴ [386e] ὅτι αὐτὰ αὐτῶν οὐσίαν ἔχοντά τινα βέβαιόν ἐστι τὰ πράγματα, οὐ πρὸς ἡμᾶς οὐδὲ ὑφ' ἡμῶν ἐλκόμενα ἄνω καὶ κάτω τῷ ἡμετέρῳ φαντάσματι, ἀλλὰ καθ' αὐτὰ πρὸς τὴν αὐτῶν οὐσίαν ἔχοντα ἤπερ πέφυκεν.

Ἐρμογένης: δοκεῖ μοι, ὦ Σώκρατες, οὕτω.

Σωκράτης: πότερον οὖν αὐτὰ μὲν ἂν εἴη οὕτω πεφυκότα, αἱ δὲ πράξεις αὐτῶν οὐ κατὰ τὸν αὐτὸν τρόπον; ἢ οὐ καὶ αὐταὶ ἐν τι εἶδος τῶν ὄντων εἰσίν, αἱ πράξεις;

Ἐρμογένης: πάνυ γε καὶ αὐταὶ.

[387a]*Σωκράτης*: κατὰ τὴν αὐτῶν ἄρα φύσιν καὶ αἱ πράξεις πράττονται, οὐ κατὰ τὴν ἡμετέραν δόξαν. οἷον ἐάν τι ἐπιχειρήσωμεν ἡμεῖς τῶν ὄντων τέμνειν, πότερον ἡμῖν τμητέον [ἐστὶν] ἕκαστον ὡς ἂν ἡμεῖς βουλώμεθα καὶ ᾧ ἂν βουληθῶμεν, ἢ ἐάν μὲν κατὰ τὴν φύσιν βουληθῶμεν ἕκαστον τέμνειν τοῦ τέμνειν τε καὶ τέμνεσθαι καὶ ᾧ πέφυκε, τεμοῦμέν τε καὶ πλέον τι ἡμῖν ἔσται καὶ ὀρθῶς πράξομεν τοῦτο, ἐὰν δὲ παρὰ φύσιν, ἐξαμαρτησόμεθά τε καὶ οὐδὲν πράξομεν;

[387b]*Ἐρμογένης*: ἔμοιγε δοκεῖ οὕτω.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ ἐὰν κάειν τι ἐπιχειρήσωμεν, οὐ κατὰ πᾶσαν δόξαν δεῖ κάειν, ἀλλὰ κατὰ τὴν ὀρθήν; αὕτη δ' ἐστὶν ἣ ἐπεφύκει ἕκαστον κάεσθαι τε καὶ κάειν καὶ ᾧ ἐπεφύκει;

Ἐρμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ τᾶλλα οὕτω;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν οὐ καὶ τὸ λέγειν μία τις τῶν πράξεων ἐστίν;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: πότερον οὖν ἢ ἂν τῷ δοκῇ λεκτέον εἶναι, ταύτη [387c] λέγων ὀρθῶς λέξει, ἢ ἐὰν μὲν ἢ πέφυκε τὰ πράγματα λέγειν τε καὶ λέγεσθαι καὶ ᾧ, ταύτη καὶ τούτῳ λέγει, πλέον τέ τι ποιήσει καὶ ἐρεῖ: ἂν δὲ μή, ἐξαμαρτησεται τε καὶ οὐδὲν ποιήσει;

Ἐρμογένης: οὕτω μοι δοκεῖ ὡς λέγεις.

Σωκράτης: οὐκοῦν τοῦ λέγειν μόριον τὸ ὀνομάζειν; διονομάζοντες γάρ που λέγουσι τοὺς λόγους.

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ τὸ ὀνομάζειν πρᾶξις [τίς] ἐστίν, εἴπερ καὶ τὸ λέγειν πρᾶξις τις ἦν περὶ τὰ πράγματα;

Ἐρμογένης: ναί.

[387d]*Σωκράτης*: αἱ δὲ πράξεις ἐφάνησαν ἡμῖν οὐ πρὸς ἡμᾶς οὔσαι, ἀλλ' αὐτῶν τινα ἰδίαν φύσιν ἔχουσαι;

Ἐρμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ ὀνομαστέον [ἐστὶν] ἢ πέφυκε τὰ πράγματα ὀνομάζειν τε καὶ ὀνομάζεσθαι καὶ ᾧ, ἀλλ' οὐχ ἢ ἂν ἡμεῖς βουληθῶμεν, εἴπερ τι τοῖς ἔμπροσθεν μέλλει ὀμολογούμενον εἶναι; καὶ οὕτω μὲν ἂν πλέον τι ποιοῖμεν καὶ ὀνομάζοιμεν, ἄλλως δὲ οὐ;

Ἐρμογένης: φαίνεται μοι.

Σωκράτης: φέρε δὴ, ὃ ἔδει τέμνειν, ἔδει τῷ φαμέν, τέμνειν;

Ἐρμογένης: ναί.

[387e] *Σωκράτης*: καὶ ὃ ἔδει κερκίζειν, ἔδει τῷ κερκίζειν; καὶ ὃ ἔδει τρυπᾶν, ἔδει τῷ τρυπᾶν;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: καὶ ὃ ἔδει δὴ ὀνομάζειν, ἔδει τῷ ὀνομάζειν;

[388a] *Ἐρμογένης*: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: τί δὲ ἦν ἐκεῖνο ᾧ ἔδει τρυπᾶν;

Ἐρμογένης: τρύπανον.

Σωκράτης: τί δὲ ᾧ κερκίζειν;

Ἐρμογένης: κερκίς.

Σωκράτης: τί δὲ ᾧ ὀνομάζειν;

Ἐρμογένης: ὄνομα.

Σωκράτης: εὖ λέγεις. ὄργανον ἄρα τί ἐστὶ καὶ τὸ ὄνομα.

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: εἰ οὖν ἐγὼ ἐροίμην “τί ἦν ὄργανον ἢ κερκίς;” οὐχ ᾧ κερκίζομεν;

Ἐρμογένης: ναί.

[388b] *Σωκράτης*: κερκίζοντες δὲ τί δρῶμεν; οὐ τὴν κρόκην καὶ τοὺς στήμονας συγκεχυμένους διακρίνομεν;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ περὶ τρυπάνου ἔξεις οὕτως εἰπεῖν καὶ περὶ τῶν ἄλλων;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ἔχεις δὴ καὶ περὶ ὀνόματος οὕτως εἰπεῖν; ὄργανῳ ὄντι τῷ ὀνόματι ὀνομάζοντες τί ποιοῦμεν;

Ἐρμογένης: οὐκ ἔχω λέγειν.

Σωκράτης: ἄρ' οὐ διδάσκομέν τι ἀλλήλους καὶ τὰ πράγματα διακρίνομεν ἢ ἔχει;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ὄνομα ἄρα διδασκαλικόν τί ἐστὶν ὄργανον καὶ [388c] διακριτικὸν τῆς οὐσίας ὡςπερ κερκίς ὑφάσματος.

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ὑφαντικὸν δὲ γε ἢ κερκίς;

Ἐρμογένης: πῶς δ' οὐ;

Σωκράτης: ὑφαντικὸς μὲν ἄρα κερκίδι καλῶς χρήσεται, καλῶς δ' ἐστὶν ὑφαντικῶς: διδασκαλικὸς δὲ ὀνόματι, καλῶς δ' ἐστὶ διδασκαλικῶς.

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: τῷ τίνος οὖν ἔργῳ ὁ ὑφάντης καλῶς χρήσεται ὅταν τῇ κερκίδι χρῆται;

Ἐρμογένης: τῷ τοῦ τέκτονος.

Σωκράτης: πᾶς δὲ τέκτων ἢ ὁ τὴν τέχνην ἔχων;

Ἐρμογένης: ὁ τὴν τέχνην.

[388d] *Σωκράτης:* τῷ τίνος δὲ ἔργῳ ὁ τρυπητής καλῶς χρήσεται ὅταν τῷ τρυπάνῳ χρῆται;

Ἐρμογένης: τῷ τοῦ χαλκέως.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν πᾶς χαλκεὺς ἢ ὁ τὴν τέχνην ἔχων;

Ἐρμογένης: ὁ τὴν τέχνην.

Σωκράτης: εἶεν. τῷ δὲ τίνος ἔργῳ ὁ διδασκαλικὸς χρήσεται ὅταν τῷ ὀνόματι χρῆται;

Ἐρμογένης: οὐδὲ τοῦτ' ἔχω.

Σωκράτης: οὐδὲ τοῦτό γ' ἔχεις εἰπεῖν, τίς παραδίδωσιν ἡμῖν τὰ ὀνόματα οἷς χρώμεθα;

Ἐρμογένης: οὐ δῆτα.

Σωκράτης: ἄρ' οὐχὶ ὁ νόμος δοκεῖ σοι [εἶναι] ὁ παραδιδούς αὐτά;

Ἐρμογένης: ἔοικεν.

[388e] *Σωκράτης:* νομοθέτου ἄρα ἔργῳ χρήσεται ὁ διδασκαλικὸς ὅταν ὀνόματι χρῆται;

Ἐρμογένης: δοκεῖ μοι.

Σωκράτης: νομοθέτης δέ σοι δοκεῖ πᾶς εἶναι ἀνὴρ ἢ ὁ τὴν τέχνην ἔχων;

Ἐρμογένης: ὁ τὴν τέχνην.

Σωκράτης: οὐκ ἄρα παντὸς ἀνδρός, ὃ Ἐρμόγενης, ὄνομα θέσθαι [389a] [ἐστίν] ἀλλὰ τινος ὀνοματούργου: οὗτος δ' ἐστίν, ὡς ἔοικεν, ὁ νομοθέτης, ὃς δὴ τῶν δημιουργῶν σπανιώτατος ἐν ἀνθρώποις γίγνεται.

Ἐρμογένης: ἔοικεν.

Σωκράτης: ἴθι δὴ, ἐπίσκειναι ποῖ βλέπων ὁ νομοθέτης τὰ ὀνόματα τίθεται: ἐκ τῶν ἔμπροσθεν δὲ ἀνάσκειναι. ποῖ βλέπων ὁ τέκτων τὴν κερκίδα ποιεῖ; ἄρ' οὐ πρὸς τοιοῦτόν τι ὃ ἐπεφύκει κερκίζειν;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

[389b] *Σωκράτης:* τί δέ; ἂν καταγῆ αὐτῷ ἢ κερκὶς ποιοῦντι, πότερον πάλιν ποιήσει ἄλλην πρὸς τὴν κατεαγυῖαν βλέπων, ἢ πρὸς ἐκεῖνο τὸ εἶδος πρὸς ὅπερ καὶ ἦν κατέαξεν ἐποίει;

Ἐρμογένης: πρὸς ἐκεῖνο, ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης: οὐκοῦν ἐκεῖνο δικαιοτάτ' ἂν αὐτὸ ὃ ἔστιν κερκὶς καλέσαιμεν;

Ἐρμογένης: ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης: οὐκοῦν ἐπειδὴν δέη λεπτῷ ἱματίῳ ἢ παχεῖ ἢ λινοῦ ἢ ἐρεῶ ἢ ὀποιοῦν τι κερκίδα ποιεῖν, πάσας μὲν δεῖ τὸ τῆς κερκίδος ἔχειν εἶδος, οἷα δ' ἐκάστῳ καλλίστη ἐπεφύκει, [389c] ταύτην ἀποδιδόναι τὴν φύσιν εἰς τὸ ἔργον ἕκαστον;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: καὶ περὶ τῶν ἄλλων δὴ ὀργάνων ὁ αὐτὸς τρόπος: τὸ φύσει ἐκάστῳ πεφυκὸς ὄργανον

ἐξευρόντα δεῖ ἀποδοῦναι εἰς ἐκεῖνο ἐξ οὗ ἂν ποιῆ [τὸ ἔργον], οὐχ οἷον ἂν αὐτὸς βουληθῆ, ἀλλ' οἷον ἐπεφύκει. τὸ φύσει γὰρ ἐκάστω, ὡς ἔοικε, τρύπανον πεφυκὸς εἰς τὸν σίδηρον δεῖ ἐπίστασθαι τιθέναι.

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: καὶ τὴν φύσει κερκίδα ἐκάστω πεφυκυῖαν εἰς ξύλον.

Ἐρμογένης: ἔστι ταῦτα.

[389d] *Σωκράτης*: φύσει γὰρ ἦν ἐκάστω εἶδει ὑφάσματος, ὡς ἔοικεν, ἐκάστη κερκίς, καὶ τᾶλλα οὕτως.

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν, ὃ βέλτιστε, καὶ τὸ ἐκάστω φύσει πεφυκὸς ὄνομα τὸν νομοθέτην ἐκεῖνον εἰς τοὺς φθόγγους καὶ τὰς συλλαβὰς δεῖ ἐπίστασθαι τιθέναι, καὶ βλέποντα πρὸς αὐτὸ ἐκεῖνο ὃ ἔστιν ὄνομα, πάντα τὰ ὀνόματα ποιεῖν τε καὶ τίθεσθαι, εἰ μέλλει κύριος εἶναι ὀνομάτων θέτης; εἰ δὲ μὴ εἰς τὰς αὐτὰς συλλαβὰς ἕκαστος ὁ νομοθέτης τίθησιν, οὐδὲν [389e] δεῖ τοῦτο ἀ<μφι>γνοεῖν: οὐδὲ γὰρ εἰς τὸν αὐτὸν σίδηρον ἅπας χαλκεὺς τίθησιν, τοῦ αὐτοῦ ἔνεκα ποιῶν τὸ αὐτὸ ὄργανον: ἀλλ' ὅμως, ἕως ἂν τὴν αὐτὴν ιδέα ἀποδιδῶ, ἔαντε [390a] ἐν ἄλλω σιδήρῳ, ὅμως ὀρθῶς ἔχει τὸ ὄργανον, ἔαντε ἐνθάδε ἔαντε ἐν βαρβάροις τις ποιῆ. ἦ γάρ;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν οὕτως ἀξιώσεις καὶ τὸν νομοθέτην τὸν τε ἐνθάδε καὶ τὸν ἐν τοῖς βαρβάροις, ἕως ἂν τὸ τοῦ ὀνόματος εἶδος ἀποδιδῶ τὸ προσῆκον ἐκάστω ἐν ὁποιασοῦν συλλαβαῖς, οὐδὲν χεῖρω νομοθέτην εἶναι τὸν ἐνθάδε ἢ τὸν ὅπουοῦν ἄλλοθι;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

[390b] *Σωκράτης*: τίς οὖν ὁ γνωσόμενος εἰ τὸ προσῆκον εἶδος κερκίδος ἐν ὀποιοῦν ξύλῳ κεῖται; ὁ ποιήσας, ὁ τέκτων, ἢ ὁ χρησόμενος [ὁ] ὑφάντης;

Ἐρμογένης: εἰκὸς μὲν μᾶλλον, ὃ Σώκρατες, τὸν χρησόμενον.

Σωκράτης: τίς οὖν ὁ τῷ τοῦ λυροποιῦ ἔργῳ χρησόμενος; ἄρ' οὐχ οὗτος ὃς ἐπίσταιτο ἂν ἐργαζομένῳ κάλλιστα ἐπίστατεῖν καὶ εἰργασμένον γνοίη εἴτ' εὖ εἰργασται εἴτε μὴ;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: τίς;

Ἐρμογένης: ὁ κιθαριστής.

Σωκράτης: τίς δὲ ὁ τῷ τοῦ ναυπηγοῦ;

[390c] *Ἐρμογένης*: κυβερνήτης

Σωκράτης: τίς δὲ τῷ τοῦ νομοθέτου ἔργῳ ἐπίστατήσιέ τ' ἂν κάλλιστα καὶ εἰργασμένον κρίνειε καὶ ἐνθάδε καὶ ἐν τοῖς βαρβάροις; ἄρ' οὐχ ὅσπερ χρήσεται;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν οὐχ ὁ ἐρωτᾶν ἐπιστάμενος οὗτός ἐστιν;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ὁ δὲ αὐτὸς καὶ ἀποκρίνεσθαι;

Ερμογένης: ναί.

Σωκράτης: τὸν δὲ ἐρωτᾶν καὶ ἀποκρίνεσθαι ἐπιστάμενον ἄλλο τι σὺ καλεῖς ἢ διαλεκτικόν;

Ερμογένης: οὐκ, ἀλλὰ τοῦτο.

[390d] *Σωκράτης*: τέκτονος μὲν ἄρα ἔργον ἐστὶν ποιῆσαι πηδάλιον ἐπιστατοῦντος κυβερνήτου, εἰ μέλλει καλὸν εἶναι τὸ πηδάλιον.

Ερμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: νομοθέτου δέ γε, ὡς ἔοικεν, ὄνομα, ἐπιστάτην ἔχοντος διαλεκτικὸν ἄνδρα, εἰ μέλλει καλῶς ὀνόματα θήσεσθαι.

Ερμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: κινδυνεύει ἄρα, ὃ Ἑρμόγενης, εἶναι οὐ φαῦλον, ὡς σὺ οἶε, ἢ τοῦ ὀνόματος θέσις, οὐδὲ φαύλων ἀνδρῶν οὐδὲ τῶν ἐπιτυχόντων. καὶ Κρατύλος ἀληθῆ λέγει λέγων φύσει [390e] τὰ ὀνόματα εἶναι τοῖς πράγμασι, καὶ οὐ πάντα δημιουργὸν ὀνομάτων εἶναι, ἀλλὰ μόνον ἐκεῖνον τὸν ἀποβλέποντα εἰς τὸ τῆ φύσει ὄνομα ὃν ἐκάστω καὶ δυνάμενον αὐτοῦ τὸ εἶδος τιθέναι εἰς τε τὰ γράμματα καὶ τὰς συλλαβάς.

Ερμογένης: οὐκ ἔχω, ὃ Σώκρατες, ὅπως χρῆ πρὸς ἃ λέγεις [391a] ἐναντιοῦσθαι. ἴσως μέντοι οὐ ῥάδιόν ἐστιν οὕτως ἐξαίφνης πεισθῆναι, ἀλλὰ δοκῶ μοι ὅδε ἂν μᾶλλον πιθέσθαι σοι, εἰ μοι δείξιαις ἦντινα φῆς εἶναι τὴν φύσει ὀρθότητα ὀνόματος.

Σωκράτης: ἐγὼ μὲν, ὃ μακάριε Ἑρμόγενης, οὐδεμίαν λέγω, ἀλλ' ἐπελάθου γε ὧν ὀλίγον πρότερον ἔλεγον, ὅτι οὐκ εἰδείην ἀλλὰ σκεψοίμην μετὰ σοῦ. νῦν δὲ σκοπούμενοις ἡμῖν, ἐμοί τε καὶ σοί, τοσοῦτον μὲν ἤδη φαίνεται παρὰ τὰ πρότερα, φύσει τέ τινα ὀρθότητα ἔχον εἶναι τὸ ὄνομα καὶ οὐ [391b] παντὸς ἀνδρὸς ἐπίστασθαι [καλῶς] αὐτὸ πράγματι ὁτῶν θέσθαι: ἢ οὐ;

Ερμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν τὸ μετὰ τοῦτο χρῆ ζητεῖν, εἴτερ ἐπιθυμεῖς εἰδέναι, ἥτις ποτ' αὖ ἐστὶν αὐτοῦ ἢ ὀρθότης.

Ερμογένης: ἀλλὰ μὴν ἐπιθυμῶ γε εἰδέναι.

Σωκράτης: σκόπει τοίνυν.

Ερμογένης: πῶς οὖν χρῆ σκοπεῖν;

Σωκράτης: ὀρθοτάτη μὲν τῆς σκέψεως, ὃ ἑταῖρε, μετὰ τῶν ἐπισταμένων, χρήματα ἐκεῖνοις τελούντα καὶ χάριτας κατατιθέμενον. εἰσὶ δὲ οὗτοι οἱ σοφισταί, οἷσπερ καὶ ὁ ἀδελφός [391c] σου Καλλίας πολλὰ τελέσας χρήματα σοφὸς δοκεῖ εἶναι. ἐπειδὴ δὲ οὐκ ἐγκρατὴς εἶ τῶν πατρῶων, λιπαρεῖν χρῆ τὸν ἀδελφὸν καὶ δεῖσθαι αὐτοῦ διδάξαι σε τὴν ὀρθότητα περὶ τῶν τοιούτων ἦν ἔμαθεν παρὰ Πρωταγόρου.

Ερμογένης: ἄτοπος μεντᾶν εἶη μου, ὃ Σώκρατες, ἢ δέησις, εἰ τὴν μὲν ἀλήθειαν τὴν Πρωταγόρου ὅλως οὐκ ἀποδέχομαι, τὰ δὲ τῆ τοιαύτη ἀληθείᾳ ῥηθέντα ἀγαπῶν ὡς του ἄξια.

Σωκράτης: ἀλλ' εἰ μὴ αὖ σε ταῦτα ἀρέσκει, παρ' Ὀμήρου χρῆ [391d] μανθάνειν καὶ παρὰ τῶν ἄλλων ποιητῶν.

Ερμογένης: καὶ τί λέγει, ὦ Σώκρατες, Ὅμηρος περὶ ὀνομάτων, καὶ ποῦ;

Σωκράτης: πολλαχοῦ: μέγιστα δὲ καὶ κάλλιστα ἐν οἷς διορίζει ἐπὶ τοῖς αὐτοῖς ἅ τε οἱ ἄνθρωποι ὀνόματα καλοῦσι καὶ οἱ θεοί. ἢ οὐκ οἶε αὐτὸν μέγα τι καὶ θαυμάσιον λέγειν ἐν τούτοις περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος; δῆλον γὰρ δὴ ὅτι οἱ γε θεοὶ αὐτὰ καλοῦσιν πρὸς ὀρθότητα ἅπερ ἔστι φύσει ὀνόματα: [391e] ἢ σὺ οὐκ οἶε;

Ερμογένης: εὖ οἶδα μὲν οὖν ἔγωγε, εἴπερ καλοῦσιν, ὅτι ὀρθῶς καλοῦσιν. ἀλλὰ ποῖα ταῦτα λέγεις;

Σωκράτης: οὐκ οἶσθα ὅτι περὶ τοῦ ποταμοῦ τοῦ ἐν τῇ Τροίᾳ, ὃς ἐμονομάχει τῷ Ἡφαίστῳ, “ὄν Ξάνθον,” φησί, “καλέουσι θεοί, ἄνδρες δὲ Σκάμανδρον;”

Ερμογένης: ἔγωγε.

[392a]*Σωκράτης*: τί οὖν δῆ; οὐκ οἶε τοῦτο σεμνόν τι εἶναι γινῶναι, ὅπη ποτὲ ὀρθῶς ἔχει ἐκεῖνον τὸν ποταμὸν Ξάνθον καλεῖν μᾶλλον ἢ Σκάμανδρον; εἰ δὲ βούλει, περὶ τῆς ὄρνιθος ἣν λέγει ὅτι--

χαλκίδα κικλήσκουσι θεοί, ἄνδρες δὲ κύμινδιν,

φαῦλον ἠγῆ τὸ μάθημα ὃσφ ὀρθότερόν ἐστι καλεῖσθαι χαλκίς κυμίνδιδος τῷ αὐτῷ ὀρνέφ; ἢ τὴν Βατίειάν τε καὶ Μυρίνην, [392b] καὶ ἄλλα πολλὰ καὶ τούτου τοῦ ποιητοῦ καὶ ἄλλων; ἀλλὰ ταῦτα μὲν ἴσως μείζω ἐστὶν ἢ κατ' ἐμὲ καὶ σὲ ἐξευρεῖν: ὁ δὲ Σκαμάνδριός τε καὶ ὁ Ἀστυάναξ ἀνθρωπινώτερον διασκέπασθαι, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, καὶ ῥᾶον, ἅ φησιν ὀνόματα εἶναι τῷ τοῦ Ἐκτορος υἱεῖ, τίνα ποτὲ λέγει τὴν ὀρθότητα αὐτῶν. οἶσθα γὰρ δῆπου ταῦτα τὰ ἔπη ἐν οἷς ἔνεστιν ἅ ἐγὼ λέγω.

Ερμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: πότερον οὖν οἶε Ὅμηρον ὀρθότερον ἠγεῖσθαι τῶν ὀνομάτων κείσθαι τῷ παιδί, τὸν “Ἀστυάνακτα” ἢ τὸν “Σκαμάνδριον”;

[392c] *Ερμογένης*: οὐκ ἔχω λέγειν.

Σωκράτης: ὧδε δὴ σκόπει. εἴ τις ἔροικό σε πότερον οἶε ὀρθότερον καλεῖν τὰ ὀνόματα τοὺς φρονιμωτέρους ἢ τοὺς ἀφρονεστέρους;

Ερμογένης: δῆλον δὴ ὅτι τοὺς φρονιμωτέρους, φαίην ἄν.

Σωκράτης: πότερον οὖν αἱ γυναῖκες ἐν ταῖς πόλεσιν φρονιμώτεραί σοι δοκοῦσιν εἶναι ἢ οἱ ἄνδρες, ὡς τὸ ὅλον εἰπεῖν γένος;

Ερμογένης: οἱ ἄνδρες.

Σωκράτης: οὐκοῦν οἶσθα ὅτι Ὅμηρος τὸ παιδίον τὸ τοῦ Ἐκτορος [392d] ὑπὸ τῶν Τρώων φησὶν καλεῖσθαι Ἀστυάνακτα, Σκαμάνδριον δὲ δῆλον ὅτι ὑπὸ τῶν γυναικῶν, ἐπειδὴ οἱ γε ἄνδρες αὐτὸν Ἀστυάνακτα ἐκάλουν;

Ερμογένης: ἔοικέ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ Ὅμηρος τοὺς Τρῶας σοφωτέρους ἠγεῖτο ἢ τὰς γυναῖκας αὐτῶν;

Ερμογένης: οἶμαι ἔγωγε.

Σωκράτης: τὸν “Ἀστυάνακτα” ἄρα ὀρθότερον ᾤετο κεῖσθαι τῷ παιδί ἢ τὸν “Σκαμάνδριον”;

Ερμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: σκοπῶμεν δὴ διὰ τί ποτε. ἢ αὐτὸς ἡμῖν κάλλιστα ὑφηγεῖται τὸ διότι; φησὶν γάρ

[392e] οἷος γάρ σφιν ἔρυτο πόλιν καὶ τείχεα μακρά.

διὰ ταῦτα δὴ, ὡς ἔοικεν, ὀρθῶς ἔχει καλεῖν τὸν τοῦ σωτήρος ὕον Ἀστυάνακτα τούτου ὃ ἔσφζεν ὁ πατήρ αὐτοῦ, ὡς φησὶν Ὅμηρος.

Ερμογένης: φαίνεται μοι.

Σωκράτης: τί δὴ ποτε; οὐ γάρ πω οὐδ' αὐτὸς ἔγωγε μανθάνω: ὃ Ἐρμόγενης, σὺ δὲ μανθάνεις;

Ερμογένης: μὰ Δί' οὐκ ἔγωγε.

[393a] *Σωκράτης*: ἀλλ' ἄρα, ὠγαθέ, καὶ τῷ Ἐκτορι αὐτὸς ἔθετο τὸ ὄνομα Ὅμηρος;

Ερμογένης: τί δὴ;

Σωκράτης: ὅτι μοι δοκεῖ καὶ τοῦτο παραπλήσιόν τι εἶναι τῷ Ἀστυάνακτι, καὶ ἔοικεν Ἑλληνικοῖς ταῦτα [τὰ ὀνόματα]. ὁ γὰρ “ἄναξ” καὶ ὁ “Ἐκτωρ” σχεδόν τι ταῦτὸν σημαίνει, βασιλικά ἀμφοτέρω εἶναι τὰ ὀνόματα: οὐ γὰρ ἂν τις “ἄναξ” ἦ, καὶ “Ἐκτωρ” δήπου ἐστὶν τούτου: δῆλον γὰρ ὅτι κρατεῖ [393b] τε αὐτοῦ καὶ κέκτηται καὶ ἔχει αὐτό. ἢ οὐδὲν σοι δοκῶ λέγειν, ἀλλὰ λανθάνω καὶ ἐμαυτὸν οἰόμενός τινας ὥσπερ ἴχνους ἐφάπτεσθαι τῆς Ὀμήρου δόξης περὶ ὀνομάτων ὀρθότητος;

Ερμογένης: μὰ Δί' οὐ σύ γε, ὡς ἐμοὶ δοκεῖς, ἀλλὰ ἴσως τοῦ ἐφάπτη.

Σωκράτης: δίκαιόν γέ τοί ἐστιν, ὡς ἐμοὶ φαίνεται, τὸν λέοντος ἔκγονον λέοντα καλεῖν καὶ τὸν ἵππου ἔκγονον ἵππον. οὐ τι λέγω ἐὰν ὥσπερ τέρας γένηται ἐξ ἵππου ἄλλο τι ἢ ἵππος, [393c] ἀλλ' οὐ ἂν ἦ τοῦ γένους ἔκγονον τὴν φύσιν, τοῦτο λέγω: ἐὰν βοὸς ἔκγονον φύσει ἵππος παρὰ φύσιν τέκη μόσχον, οὐ πῶλον κλητέον ἀλλὰ μόσχον: οὐδ' ἂν ἐξ ἀνθρώπου οἶμαι μὴ τὸ ἀνθρώπου ἔκγονον γένηται, [ἀλλ' ὃ ἂν] τὸ ἔκγονον ἀνθρώπος κλητέος: καὶ τὰ δένδρα ὡσαύτως καὶ τᾶλλα ἅπαντα: ἢ οὐ συνδοκεῖ;

Ερμογένης: συνδοκεῖ.

Σωκράτης: καλῶς λέγεις: φύλαττε γάρ με μὴ πη παρακρούσωμαί σε. κατὰ γὰρ τὸν αὐτὸν λόγον κἂν ἐκ βασιλέως γίγηται τι [393d] ἔκγονον, βασιλεὺς κλητέος: εἰ δὲ ἐν ἐτέραις συλλαβαῖς ἢ ἐν ἐτέραις τὸ αὐτὸ σημαίνει, οὐδὲν πρᾶγμα: οὐδ' εἰ πρόσκειται τι γράμμα ἢ ἀφήρηται, οὐδὲν οὐδὲ τοῦτο, ἕως ἂν ἐγκρατής ἦ ἢ οὐσία τοῦ πράγματος δηλουμένη ἐν τῷ ὀνόματι.

Ερμογένης: πῶς τοῦτο λέγεις;

Σωκράτης: οὐδὲν ποικίλον, ἀλλ' ὥσπερ τῶν στοιχείων οἶσθα ὅτι ὀνόματα λέγομεν ἀλλ' οὐκ αὐτὰ τὰ στοιχεῖα, πλὴν τεττάρων, τοῦ Ε καὶ τοῦ Υ καὶ τοῦ Ο καὶ τοῦ Ω: τοῖς δ' [393e] ἄλλοις φωνήεσί τε καὶ ἀφώνοις οἶσθα ὅτι περιτιθέντες ἄλλα γράμματα λέγομεν, ὀνόματα ποιοῦντες: ἀλλ' ἕως ἂν αὐτοῦ δηλουμένην τὴν δύναμιν ἐντιθῶμεν, ὀρθῶς ἔχει ἐκεῖνο τὸ ὄνομα καλεῖν ὃ αὐτὸ ἡμῖν δηλώσει. οἷον τὸ

“βῆτα”: ὀρθῶς ὅτι τοῦ ἦτα καὶ τοῦ ταῦ καὶ τοῦ ἄλφα προστεθέντων οὐδὲν ἐλύπησεν, ὥστε μὴ οὐχὶ τὴν ἐκείνου τοῦ στοιχείου φύσιν δηλῶσαι ὄλω τῷ ὀνόματι οὗ ἐβούλετο ὁ νομοθέτης: οὕτως ἠπιστήθη καλῶς θέσθαι τοῖς γράμμασι τὰ ὀνόματα.

Ἑρμογένης: ἀληθῆ μοι δοκεῖς λέγειν.

[394a] *Σωκράτης*: οὐκοῦν καὶ περὶ βασιλέως ὁ αὐτὸς λόγος; ἔσται γάρ ποτε ἐκ βασιλέως βασιλεύς, καὶ ἐξ ἀγαθοῦ ἀγαθός, καὶ ἐκ καλοῦ καλός, καὶ ἄλλα πάντα οὕτως, ἐξ ἐκάστου γένους ἕτερον τοιοῦτον ἔκγονον, ἐὰν μὴ τέρας γίγνηται: κλητέον δὴ ταῦτὰ ὀνόματα. ποικίλλειν δὲ ἔξεστι ταῖς συλλαβαῖς, ὥστε δόξαι ἂν τῷ ἰδιωτικῶς ἔχοντι ἕτερα εἶναι ἀλλήλων τὰ αὐτὰ ὄντα: ὥσπερ ἡμῖν τὰ τῶν ἰατρῶν φάρμακα χρώμασιν καὶ ὀσμαῖς πεποικιλμένα ἄλλα φαίνεται τὰ αὐτὰ ὄντα, τῷ δὲ γε [394b] ἰατρῷ, ἅτε τὴν δύναμιν τῶν φαρμάκων σκοπούμεν, τὰ αὐτὰ φαίνεται, καὶ οὐκ ἐκπλήττεται ὑπὸ τῶν προσόντων. οὕτω δὲ ἴσως καὶ ὁ ἐπιστάμενος περὶ ὀνομάτων τὴν δύναμιν αὐτῶν σκοπεῖ, καὶ οὐκ ἐκπλήττεται εἴ τι πρόσκειται γράμμα ἢ μετάκειται ἢ ἀφήρηται, ἢ καὶ ἐν ἄλλοις παντάπασιν γράμμασιν ἔστιν ἢ τοῦ ὀνόματος δύναμις. ὥσπερ ὁ νυνδὴ ἐλέγομεν, “Ἀστυάναξ” τε καὶ “Ἐκτωρ” οὐδὲν τῶν αὐτῶν [394c] γραμμάτων ἔχει πλὴν τοῦ ταῦ, ἀλλ’ ὁμως ταῦτὸν σημαίνει. καὶ “Ἀρχέπολις” γε τῶν μὲν γραμμάτων τί ἐπικοινωνεῖ; δηλοῖ δὲ ὁμως τὸ αὐτό: καὶ ἄλλα πολλά ἔστιν ἃ οὐδὲν ἀλλ’ ἢ βασιλέα σημαίνει: καὶ ἄλλα γε αὖ στρατηγόν, οἶον “Ἄγις” καὶ “Πολέμαρχος” καὶ “Εὐπόλεμος”. καὶ ἰατρικά γε ἕτερα, “Ἰατροκλῆς” καὶ “Ἀκεσίμβροτος”: καὶ ἕτερα ἂν ἴσως συχνὰ εὐροιμεν ταῖς μὲν συλλαβαῖς καὶ τοῖς γράμμασι διαφωνοῦντα, τῇ δὲ δυνάμει ταῦτὸν φθεγγόμενα. φαίνεται οὕτως ἢ οὐ;

[394d] *Ἑρμογένης*: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: τοῖς μὲν δὴ κατὰ φύσιν γιγνομένοις τὰ αὐτὰ ἀποδοτέον ὀνόματα.

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: τί δὲ τοῖς παρὰ φύσιν, οἳ ἂν ἐν τέρατος εἶδει γένωνται; οἶον ὅταν ἐξ ἀνδρὸς ἀγαθοῦ καὶ θεοσεβοῦς ἀσεβῆς γένηται, ἄρ’ οὐχ ὥσπερ ἐν τοῖς ἔμπροσθεν, κὰν ἵππος βοῶς ἔκγονον τέκη, οὐ τοῦ τεκόντος δῆπου ἔδει τὴν ἐπωνυμίαν ἔχειν, ἀλλὰ τοῦ γένους οὗ εἶη;

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

[394e] *Σωκράτης*: καὶ τῷ ἐκ τοῦ εὐσεβοῦς ἄρα γενομένῳ ἀσεβεῖ τὸ τοῦ γένους ὄνομα ἀποδοτέον.

Ἑρμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: οὐ “Θεόφιλον,” ὡς ἔοικεν, οὐδὲ “Μνησίθεον” οὐδὲ τῶν τοιούτων οὐδέν: ἀλλ’ ὅτι τάναντία τοῦτοις σημαίνει, ἐάνπερ τῆς ὀρθότητος τυγχάνη τὰ ὀνόματα.

Ἑρμογένης: παντός γε μᾶλλον, ὃ Σώκρατες.

Σωκράτης: ὥσπερ γε καὶ ὁ “Ορέστης,” ὃ Ἑρμόγενης, κινδυνεύει ὀρθῶς ἔχειν, εἴτε τις τύχη ἔθετο αὐτῷ τὸ ὄνομα εἴτε καὶ ποιητὴς τις, τὸ θηριῶδες τῆς φύσεως καὶ τὸ ἄγριον αὐτοῦ καὶ τὸ ὀρεινὸν ἐνδεικνύμενος τῷ ὀνόματι.

[395a] *Ἑρμογένης*: φαίνεται οὕτως, ὃ Σώκρατες.

Σωκράτης: ἔοικεν δὲ γε καὶ τῷ πατρὶ αὐτοῦ κατὰ φύσιν τὸ ὄνομα εἶναι.

Ἑρμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: κινδυνεύει γὰρ τοιοῦτός τις εἶναι ὁ “Ἀγαμέμνων,” οἷος ἂ δόξειεν αὐτῷ διαπονεῖσθαι καὶ καρτερεῖν τέλος ἐπιτιθεῖς τοῖς δόξασι δι’ ἀρετὴν. σημεῖον δὲ αὐτοῦ ἢ ἐν Τροίᾳ μονὴ τοῦ πάθους τε καὶ καρτερίας. ὅτι οὖν ἀγαστός κατὰ [395b] τὴν ἐπιμονὴν οὗτος ὁ ἀνὴρ ἐνσημαίνει τὸ ὄνομα ὁ “Ἀγαμέμνων.” ἴσως δὲ καὶ ὁ “Ἄτρεὺς” ὀρθῶς ἔχει. ὁ τε γὰρ τοῦ Χρυσίππου αὐτῷ φόνος καὶ ἂ πρὸς τὸν Θυέστην ὡς ὠμὰ διεπράττετο, πάντα ταῦτα ζημιώδη καὶ ἀτηρὰ πρὸς ἀρετὴν. ἢ οὖν τοῦ ὀνόματος ἐπωνυμία σμικρὸν παρακλίνει καὶ ἐπικεκάλυπται, ὥστε μὴ πᾶσι δηλοῦν τὴν φύσιν τοῦ ἀνδρός: τοῖς δ’ ἐπαίουσι περὶ ὀνομάτων ἱκανῶς δηλοῖ ὁ βούλεται ὁ “Ἄτρεὺς.” καὶ γὰρ κατὰ τὸ ἀτειρὲς καὶ [395c] κατὰ τὸ ἄτρεστον καὶ κατὰ τὸ ἀτηρὸν πανταχῆ ὀρθῶς αὐτῷ τὸ ὄνομα κεῖται. δοκεῖ δέ μοι καὶ τῷ Πέλοπι τὸ ὄνομα ἐμμέτρως κεῖσθαι: σημαίνει γὰρ τοῦτο τὸ ὄνομα τὸν τὰ ἐγγὺς ὀρῶντα [ἄξιον εἶναι ταύτης τῆς ἐπωνυμίας].

Ἑρμογένης: πῶς δὴ;

Σωκράτης: οἷόν που καὶ κατ’ ἐκείνου λέγεται τοῦ ἀνδρός ἐν τῷ τοῦ Μυρτίλου φόνῳ οὐδὲν οἴου τε γενέσθαι προνοηθῆναι οὐδὲ προϊδεῖν τῶν πόρρω τῶν εἰς τὸ πᾶν γένος, ὅσης αὐτὸ [395d] δυστυχίας ἐνεπίμπλη, τὸ ἐγγὺς μόνον ὀρῶν καὶ τὸ παραχρῆμα--τοῦτο δ’ ἐστὶ “πέλας” --ἠνίκα προεθυμεῖτο λαβεῖν παντὶ τρόπῳ τὸν τῆς Ἴπποδαμείας γάμον. τῷ δὲ Ταντάλῳ καὶ πᾶς ἂν ἠγήσαιο τοῦνομα ὀρθῶς καὶ κατὰ φύσιν τεθῆναι εἰ ἀληθῆ τὰ περὶ αὐτὸν λεγόμενα.

Ἑρμογένης: τὰ ποῖα ταῦτα;

Σωκράτης: ἃ τέ που ἔτι ζῶντι δυστυχήματα ἐγένετο πολλὰ καὶ δεινὰ, ὧν καὶ τέλος ἢ πατρὶς αὐτοῦ ὅλη ἀνετράπετο, καὶ τελευτήσαντι ἐν Ἄιδου ἢ ὑπὲρ τῆς κεφαλῆς τοῦ λίθου [395e] ταλαντεία θαυμαστὴ ὡς σύμφωνος τῷ ὀνόματι: καὶ ἀτεχνῶς ἔοικεν, ὥσπερ ἂν εἴ τις βουλόμενος ταλάντατον ὀνομάσαι ἀποκρυπτόμενος ὀνομάσειε καὶ εἴποι ἀντ’ ἐκείνου “Τάνταλον,” τοιοῦτόν τι καὶ τούτῳ τὸ ὄνομα ἔοικεν ἐκπορίσαι ἢ τύχη τῆς φήμης. φαίνεται δὲ καὶ τῷ πατρὶ αὐτοῦ λεγομένῳ τῷ Διὶ [396a] παγκάλως τὸ ὄνομα κεῖσθαι: ἔστι δὲ οὐ ῥάδιον κατανοῆσαι. ἀτεχνῶς γὰρ ἐστὶν οἷον λόγος τὸ τοῦ Διὸς ὄνομα, διελόντες δὲ αὐτὸ διχῆ οἱ μὲν τῷ ἐτέρῳ μέρει, οἱ δὲ τῷ ἐτέρῳ χρώμεθα-- οἱ μὲν γὰρ “Ζῆνα,” οἱ δὲ “Δία” καλοῦσιν--συντιθέμενα δ’ εἰς ἐν δηλοῖ τὴν φύσιν τοῦ θεοῦ, ὃ δὴ προσήκειν φαιμέν ὀνόματι οἴω τε εἶναι ἀπεργάζεσθαι. οὐ γὰρ ἔστιν ἡμῖν καὶ τοῖς ἄλλοις πᾶσιν ὅστις ἐστὶν αἴτιος μᾶλλον τοῦ ζῆν ἢ ὁ ἄρχων τε καὶ βασιλεὺς τῶν πάντων. συμβαίνει οὖν ὀρθῶς [396b] ὀνομάζεσθαι οὗτος ὁ θεὸς εἶναι, δι’ ὃν ζῆν ἀεὶ πᾶσι τοῖς ζῶσιν ὑπάρχει: διείληπται δὲ δίχα, ὥσπερ λέγω, ἐν ὃν τὸ ὄνομα, τῷ “Διὶ” καὶ τῷ “Ζηνί.” τοῦτον δὲ Κρόνου ὑὸν ὑβριστικὸν μὲν ἂν τις δόξειεν εἶναι ἀκούσαντι ἐξαίφνης, εὐλογον δὲ μεγάλης τινὸς διανοίας ἔκγονον εἶναι τὸν Δία: κόρον γὰρ σημαίνει οὐ παῖδα, ἀλλὰ τὸ καθαρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκήρατον τοῦ νοῦ. ἔστι δὲ οὗτος Οὐρανοῦ ὑός, ὡς λόγος: ἢ δὲ αὖ ἐς τὸ ἄνω ὄψις καλῶς ἔχει τοῦτο τὸ ὄνομα καλεῖσθαι, [396c] “οὐρανία,” ὀρῶσα τὰ ἄνω, ὅθεν δὴ καὶ φασιν, ὧ Ἑρμόγενες, τὸν καθαρὸν νοῦν παραγίνεσθαι οἱ μετεωρολόγοι, καὶ τῷ οὐρανῷ ὀρθῶς τὸ ὄνομα κεῖσθαι: εἰ δ’ ἐμμενήμην τὴν Ἡσιόδου γενεαλογίαν, τίνας ἔτι τοὺς ἀνωτέρω προγόνους λέγει τούτων, οὐκ ἂν ἐπαυόμην διεξιῶν ὡς

ὀρθῶς αὐτοῖς τὰ ὀνόματα κεῖται, ἕως ἀπεπειράθην τῆς σοφίας ταυτησί τί ποιήσει, εἰ ἄρα ἀπερεῖ ἢ οὐ, ἢ ἐμοὶ ἐξαίφνης νῦν οὕτως [396d] προσπέπτωκεν ἄρτι οὐκ οἶδ' ὀπόθεν.

Ἐρμογένης: καὶ μὲν δὴ, ὦ Σώκρατες, ἀτεχνῶς γέ μοι δοκεῖς ὥσπερ οἱ ἐνθουσιῶντες ἐξαίφνης χρησμοδεῖν.

Σωκράτης: καὶ αἰτιῶμαί γε, ὦ Ἐρμόγετες, μάλιστα αὐτὴν ἀπὸ Εὐθύφρονος τοῦ Προσπαλτίου προσπεπτωκέναι μοι: ἔωθεν γὰρ πολλὰ αὐτῷ συνῆ καὶ παρεῖχον τὰ ὄτα. κινδυνεύει οὖν ἐνθουσιῶν οὐ μόνον τὰ ὄτά μου ἐμπλῆσαι τῆς δαιμονίας σοφίας, ἀλλὰ καὶ τῆς ψυχῆς ἐπειληφθαί. δοκεῖ οὖν μοι [396e] χρῆναι οὕτως ἡμᾶς ποιῆσαι: τὸ μὲν τήμερον εἶναι χρῆσασθαι αὐτῇ καὶ τὰ λοιπὰ περὶ τῶν ὀνομάτων ἐπισκέψασθαι, αὔριον δέ, ἂν καὶ ὑμῖν συνδοκῆ, ἀποδιοπομπησόμεθά τε αὐτὴν καὶ καθαρούμεθα ἐξευρόντες ὅστις τὰ τοιαῦτα δεινὸς [397a] καθαίρειν, εἴτε τῶν ἱερέων τις εἴτε τῶν σοφιστῶν.

Ἐρμογένης: ἀλλ' ἐγὼ μὲν συγχωρῶ: πάνυ γὰρ ἂν ἡδέως τὰ ἐπίλοιπα περὶ τῶν ὀνομάτων ἀκούσαιμι.

Σωκράτης: ἀλλὰ χρὴ οὕτω ποιεῖν. πόθεν οὖν βούλει ἀρξώμεθα διασκοποῦντες, ἐπειδήπερ εἰς τύπον τινὰ ἐμβεβήκαμεν, ἵνα εἰδῶμεν εἰ ἄρα ἡμῖν ἐπιμαρτυρήσει αὐτὰ τὰ ὀνόματα μὴ πάνυ ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου οὕτως ἕκαστα κεῖσθαι, ἀλλ' ἔχειν [397b] τινὰ ὀρθότητα; τὰ μὲν οὖν τῶν ἡρώων καὶ ἀνθρώπων λεγόμενα ὀνόματα ἴσως ἂν ἡμᾶς ἐξαπατήσειεν: πολλὰ μὲν γὰρ αὐτῶν κεῖται κατὰ προγόνων ἐπωνυμίας, οὐδὲν προσῆκον ἐνίοις, ὥσπερ κατ' ἀρχὰς ἐλέγομεν, πολλὰ δὲ ὥσπερ εὐχόμενοι τίθενται, οἷον “Εὐτυχίδην” καὶ “Σωσίαν” καὶ “Θεόφιλον” καὶ ἄλλα πολλά. τὰ μὲν οὖν τοιαῦτα δοκεῖ μοι χρῆναι εἶναι: εἰκὸς δὲ μάλιστα ἡμᾶς εὐρεῖν τὰ ὀρθῶς κείμενα περὶ τὰ ἀεὶ ὄντα καὶ πεφυκότα. ἐσπουδάσθαι γὰρ ἐνταῦθα [397c] μάλιστα πρέπει τὴν θέσιν τῶν ὀνομάτων: ἴσως δ' ἕνια αὐτῶν καὶ ὑπὸ θειοτέρας δυνάμεως ἢ τῆς τῶν ἀνθρώπων ἐτέθη.

Ἐρμογένης: δοκεῖς μοι καλῶς λέγειν, ὦ Σώκρατες.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν οὐ δίκαιον ἀπὸ τῶν θεῶν ἄρχεσθαι, σκοπομένους πῆ ποτε αὐτὸ τοῦτο τὸ ὄνομα οἱ “θεοὶ” ὀρθῶς ἐκλήθησαν;

Ἐρμογένης: εἰκὸς γε.

Σωκράτης: τοιόνδε τοίνυν ἐγωγε ὑποπεύω: φαίνονται μοι οἱ πρῶτοι τῶν ἀνθρώπων τῶν περὶ τὴν Ἑλλάδα τούτους μόνους [397d] [τοὺς θεοὺς] ἡγεῖσθαι οὐσπερ νῦν πολλοὶ τῶν βαρβάρων, ἥλιον καὶ σελήνην καὶ γῆν καὶ ἄστρα καὶ οὐρανόν: ἅτε οὖν αὐτὰ ὀρῶντες πάντα ἀεὶ ἰόντα δρόμῳ καὶ θεόντα, ἀπὸ ταύτης τῆς φύσεως τῆς τοῦ δαίμονος “θεοὺς” αὐτοὺς ἐπονομάσαι: ὕστερον δὲ κατανοοῦντες τοὺς ἄλλους πάντας ἤδη τούτῳ τῷ ὀνόματι προσαγορεύειν. εἰκὸς τι ὃ λέγω τῷ ἀληθεῖ ἢ οὐδέν;

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν ἔοικεν.

Σωκράτης: τί οὖν ἂν μετὰ τοῦτο σκοποῖμεν;

Ἐρμογένης: δῆλον δὴ ὅτι [δαίμονάς τε καὶ ἥρωας καὶ ἀνθρώπους] δαίμονας.

[397e] *Σωκράτης*: καὶ ὡς ἀληθῶς, ὦ Ἐρμόγετες, τί ἂν ποτε νοοῖ τὸ ὄνομα οἱ “δαίμονες”; σκέψαι ἂν τί σοι δόξω εἰπεῖν.

Ἑρμογένης: λέγε μόνον.

Σωκράτης: οἶσθα οὖν τίνας φησὶν Ἡσίοδος εἶναι τοὺς δαίμονας;

Ἑρμογένης: οὐκ ἐννοῶ.

Σωκράτης: οὐδὲ ὅτι χρυσοῦν γένος τὸ πρῶτόν φησιν γενέσθαι τῶν ἀνθρώπων;

Ἑρμογένης: οἶδα τοῦτό γε.

Σωκράτης: λέγει τοίνυν περὶ αὐτοῦ

*αὐτὰρ ἐπειδὴ τοῦτο γένος κατὰ μοῖρ' ἐκάλυπεν,
[398a] οἱ μὲν δαίμονες ἀγνοὶ ὑποχθόνιοι καλέονται,
ἐσθλοί, ἀλεξίκακοι, φύλακες θνητῶν ἀνθρώπων*

Ἑρμογένης: τί οὖν δῆ;

Σωκράτης: ὅτι οἶμαι ἐγὼ λέγειν αὐτὸν τὸ χρυσοῦν γένος οὐκ ἐκ χρυσοῦ πεφυκὸς ἀλλ' ἀγαθὸν τε καὶ καλόν. τεκμήριον δέ μοι ἐστὶν ὅτι καὶ ἡμᾶς φησιν σιδηροῦν εἶναι γένος.

Ἑρμογένης: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ τῶν νῦν οἶε ἂν φάναι αὐτὸν εἶ τις [398b] ἀγαθὸς ἐστὶν ἐκείνου τοῦ χρυσοῦ γένους εἶναι;

Ἑρμογένης: εἰκός γε.

Σωκράτης: οἱ δ' ἀγαθοὶ ἄλλο τι ἢ φρόνιμοι;

Ἑρμογένης: φρόνιμοι.

Σωκράτης: τοῦτο τοίνυν παντὸς μᾶλλον λέγει, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, τοὺς δαίμονας: ὅτι φρόνιμοι καὶ δαίμονες ἦσαν, “δαίμονας” αὐτοὺς ὠνόμασεν: καὶ ἔν γε τῇ ἀρχαίᾳ τῇ ἡμετέρᾳ φωνῇ αὐτὸ συμβαίνει τὸ ὄνομα. λέγει οὖν καλῶς καὶ οὗτος καὶ ἄλλοι ποιηταὶ πολλοὶ ὅσοι λέγουσιν ὡς, ἐπειδὴν τις ἀγαθὸς ὢν τελευτήσῃ, μεγάλην μοῖραν καὶ τιμὴν ἔχει καὶ γίγνεται [398c] δαίμων κατὰ τὴν τῆς φρονήσεως ἐπωνυμίαν. αὐτῇ οὖν τίθεμαι καὶ ἐγὼ [τὸν δαίμονα] πάντ' ἄνδρα ὃς ἂν ἀγαθὸς ἦ, δαιμόνιον εἶναι καὶ ζῶντα καὶ τελευτήσαντα, καὶ ὀρθῶς “δαίμονα” καλεῖσθαι.

Ἑρμογένης: καὶ ἐγὼ μοι δοκῶ, ὦ Σώκρατες, τούτου πάνυ σοὶ σύμψηφος εἶναι. ὁ δὲ δὴ “ἥρωες” τί ἂν εἶη;

Σωκράτης: τοῦτο δὲ οὐ πάνυ χαλεπὸν ἐννοῆσαι. σμικρὸν γὰρ παρήκται αὐτῶν τὸ ὄνομα, δηλοῦν τὴν ἐκ τοῦ ἔρωτος γένεσιν.

Ἑρμογένης: πῶς λέγεις;

Σωκράτης: οὐκ οἶσθα ὅτι ἡμίθεοι οἱ ἥρωες;

Ἑρμογένης: τί οὖν;

[398d]*Σωκράτης*: πάντες δήπου γεγόνασιν ἐρασθέντος ἢ θεοῦ θνητῆς ἢ θνητοῦ θεῶς. ἐὰν οὖν σκοπῆς καὶ τοῦτο κατὰ τὴν Ἀττικὴν τὴν παλαιὰν φωνήν, μᾶλλον εἴση: δηλώσει γὰρ σοὶ ὅτι παρὰ τὸ τοῦ

ἔρωτος ὄνομα, ὅθεν γεγόνασιν οἱ ἥρωες, σμικρὸν παρηγμένον ἐστὶν ἰόνόματος† χάριν. καὶ ἦτοι τοῦτο λέγει τοὺς ἥρωας, ἢ ὅτι σοφοὶ ἦσαν καὶ ῥήτορες [καὶ] δεινοὶ καὶ διαλεκτικοί, ἐρωτᾶν ἱκανοὶ ὄντες: τὸ γὰρ “εἴρειν” λέγειν ἐστίν. ὅπερ οὖν ἄρτι λέγομεν, ἐν τῇ Ἀττικῇ φωνῇ λεγόμενοι [398e] οἱ ἥρωες ῥήτορες τινες καὶ ἐρωτητικοὶ συμβαίνουσιν, ὥστε ῥητόρων καὶ σοφιστῶν γένος γίγνεται τὸ ἥρωικὸν φύλον. ἀλλὰ οὐ τοῦτο χαλεπὸν ἐστὶν ἐννοῆσαι, ἀλλὰ μᾶλλον τὸ τῶν ἀνθρώπων, διὰ τί ποτε “ἄνθρωποι” καλοῦνται: <ἦ> σὺ ἔχεις εἰπεῖν;

Ἐρμογένης: πόθεν, ὦγαθέ, ἔχω; οὐδ' εἴ τι οἷός τ' ἂν εἶην εὐρεῖν, οὐ συντείνω διὰ τὸ ἠγεῖσθαι σὲ μᾶλλον εὐρήσειν ἢ ἐμαυτόν.

[399a] *Σωκράτης*: τῇ τοῦ Εὐθύφρονος ἐπιπνοίᾳ πιστεύεις, ὡς ἔοικας.

Ἐρμογένης: δῆλα δῆ.

Σωκράτης: ὀρθῶς γε σὺ πιστεύων: ὡς καὶ νῦν γέ μοι φαίνομαι κομψῶς ἐννενοηκέναι, καὶ κινδυνεύσω, ἐὰν μὴ εὐλαβῶμαι, ἔτι τήμερον σοφώτερος τοῦ δέοντος γενέσθαι. σκόπει δὴ ὁ λέγω. πρῶτον μὲν γὰρ τὸ τοιόνδε δεῖ ἐννοῆσαι περὶ ὀνομάτων, ὅτι πολλάκις ἐπεμβάλλομεν γράμματα, τὰ δ' ἐξαιροῦμεν, παρ' ὃ βουλόμεθα ὀνομάζοντες, καὶ τὰς ὀξύτητας μεταβάλλομεν. οἷον “Διὶ φίλος” --τοῦτο ἵνα [399b] ἀντὶ ῥήματος ὄνομα ἡμῖν γένηται, τό τε ἕτερον αὐτόθεν ἰῶτα ἐξείλομεν καὶ ἀντὶ ὀξείας τῆς μέσης συλλαβῆς βαρεῖαν ἐφθεγξάμεθα. ἄλλων δὲ τούναντίον ἐμβάλλομεν γράμματα, τὰ δὲ βαρύτερα <ὀξύτερα> φθεγγόμεθα.

Ἐρμογένης: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: τούτων τοίνυν ἐν καὶ τὸ τῶν ἀνθρώπων ὄνομα πέπονθεν, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ. ἐκ γὰρ ῥήματος ὄνομα γέγονεν, ἑνὸς γράμματος τοῦ ἄλφα ἐξαιρεθέντος καὶ βαρυτέρας τῆς τελευτῆς γενομένης.

Ἐρμογένης: πῶς λέγεις;

[399c] *Σωκράτης*: ὧδε. σημαίνει τοῦτο τὸ ὄνομα ὁ “ἄνθρωπος” ὅτι τὰ μὲν ἄλλα θηρία ὦν ὀρᾶ οὐδὲν ἐπισκοπεῖ οὐδὲ ἀναλογίζεται οὐδὲ ἀναθρεῖ, ὁ δὲ ἄνθρωπος ἅμα ἐώρακεν--τοῦτο δ' ἐστὶ [τὸ] “ὄπωπε” --καὶ ἀναθρεῖ καὶ λογίζεται τοῦτο ὃ ὄπωπεν. ἐντεῦθεν δὴ μόνον τῶν θηρίων ὀρθῶς ὁ ἄνθρωπος “ἄνθρωπος” ὀνομάσθη, ἀναθρῶν ἂ ὄπωπε.

Ἐρμογένης: τί οὖν τὸ μετὰ τοῦτο; ἔρωμαί σε ὃ ἠδέως ἂν πυθοίμην;

Σωκράτης: πάνυ γε.

[399d] *Ἐρμογένης*: ὥσπερ τοίνυν μοι δοκεῖ τούτοις ἐξῆς εἶναι τι χρῆμα. “ψυχὴν” γάρ που καὶ “σῶμα” καλοῦμεν τοῦ ἀνθρώπου.

Σωκράτης: πῶς γὰρ οὐ;

Ἐρμογένης: πειρώμεθα δὴ καὶ ταῦτα διελεῖν ὥσπερ τὰ ἐμπροσθεν.

Σωκράτης: ψυχὴν λέγεις ἐπισκέψασθαι ὡς εἰκότως τούτου τοῦ ὀνόματος τυγχάνει, ἔπειτ' αὖ τὸ σῶμα;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ὡς μὲν τοίνυν ἐκ τοῦ παραχρῆμα λέγειν, οἶμαί τι τοιοῦτον νοεῖν τοὺς τὴν ψυχὴν ὀνομάσαντας, ὡς τοῦτο ἄρα, ὅταν παρῇ τῷ σώματι, αἰτιὸν ἐστὶ τοῦ ζῆν αὐτῷ, τὴν τοῦ [399e] ἀναπνεῖν

δύναμιν παρέχον καὶ ἀναψύχον, ἅμα δὲ ἐκλείποντος τοῦ ἀναψύχοντος τὸ σῶμα ἀπόλλυται τε καὶ τελευτᾷ: ὅθεν δὴ μοι δοκοῦσιν αὐτὸ “ψυχὴν” καλέσαι. εἰ δὲ βούλει --ἔχε ἡρέμα: δοκῶ γάρ μοι τι καθορᾶν πιθανώτερον τούτου [400a] τοῖς ἀμφὶ Εὐθύφρονα. τούτου μὲν γάρ, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, καταφρονήσαιεν ἂν καὶ ἡγήσαιντο φορτικὸν εἶναι: τότε δὲ σκόπει ἐὰν ἄρα καὶ σοὶ ἀρέσῃ.

Ἐρμογένης: λέγε μόνον.

Σωκράτης: τὴν φύσιν παντὸς τοῦ σώματος, ὥστε καὶ ζῆν καὶ περιεῖναι, τί σοὶ δοκεῖ ἔχειν τε καὶ ὀχεῖν ἄλλο ἢ ψυχὴ;

Ἐρμογένης: οὐδὲν ἄλλο.

Σωκράτης: τί δέ; καὶ τὴν τῶν ἄλλων ἀπάντων φύσιν οὐ πιστεύεις Ἀναξαγόρα νοῦν καὶ ψυχὴν εἶναι τὴν διακοσμοῦσαν καὶ ἔχουσαν;

Ἐρμογένης: ἔγωγε.

[400b]*Σωκράτης:* καλῶς ἄρα ἂν τὸ ὄνομα τοῦτο ἔχοι τῇ δυνάμει ταύτῃ ἢ φύσιν ὀχεῖ καὶ ἔχει “φυσέχην” ἐπονομάζειν. ἔξεστι δὲ καὶ “ψυχὴν” κομψευόμενον λέγειν.

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν, καὶ δοκεῖ γέ μοι τοῦτο ἐκείνου τεχνικώτερον εἶναι.

Σωκράτης: καὶ γὰρ ἔστιν: γελοῖον μὲντοι φαίνεται ὡς ἀληθῶς ὀνομαζόμενον ὡς ἐτέθη.

Ἐρμογένης: ἀλλὰ δὴ τὸ μετὰ τοῦτο πῶς φῶμεν ἔχειν;

Σωκράτης: τὸ σῶμα λέγεις;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: πολλαχῇ μοι δοκεῖ τοῦτό γε: ἂν μὲν καὶ σμικρόν [400c] τις παρακλίνῃ, καὶ πάνυ. καὶ γὰρ σῆμά τινές φασιν αὐτὸ εἶναι τῆς ψυχῆς, ὡς τεθαμμένης ἐν τῷ νῦν παρόντι: καὶ διότι αὐτὸ τούτῳ σημαίνει ἂν σημαίνῃ ἢ ψυχῇ, καὶ ταύτῃ “σῆμα” ὀρθῶς καλεῖσθαι. δοκοῦσι μὲντοι μοι μάλιστα θέσθαι οἱ ἀμφὶ Ὀρφέα τοῦτο τὸ ὄνομα, ὡς δίκην διδούσης τῆς ψυχῆς ὧν δὴ ἔνεκα δίδωσιν, τοῦτον δὲ περίβολον ἔχειν, ἵνα σφίζῃται, δεσμοτηρίου εἰκόνα: εἶναι οὖν τῆς ψυχῆς τοῦτο, ὥσπερ αὐτὸ ὀνομάζεται, ἕως ἂν ἐκτείσῃ τὰ ὀφειλόμενα, [τὸ] “σῶμα,” καὶ οὐδὲν δεῖν παράγειν οὐδ' ἐν γράμμα.

[400d]*Ἐρμογένης:* ταῦτα μὲν μοι δοκεῖ ἰκανῶς, ὃ Σώκρατες, εἰρήσθαι: περὶ δὲ τῶν θεῶν τῶν ὀνομάτων, οἷον καὶ περὶ τοῦ “Διὸς” νυνδὴ ἔλεγες, ἔχομεν ἂν που κατὰ τὸν αὐτὸν τρόπον ἐπισκέψασθαι κατὰ τίνα ποτὲ ὀρθότητα αὐτῶν τὰ ὀνόματα κεῖται;

Σωκράτης: ναὶ μὰ Δία ἡμεῖς γε, ὃ Ἐρμογένες, εἴπερ γε νοῦν ἔχομεν, ἕνα μὲν τὸν κάλλιστον τρόπον, ὅτι περὶ θεῶν οὐδὲν ἴσμεν, οὔτε περὶ αὐτῶν οὔτε περὶ τῶν ὀνομάτων, ἅττα ποτὲ ἑαυτοὺς καλοῦσιν: δῆλον γὰρ ὅτι ἐκεῖνοί γε τάλῃθι καλοῦσι. [400e] δεύτερος δ' αὖ τὸς ὀρθότητος, ὥσπερ ἐν ταῖς εὐχαῖς νόμος ἐστὶν ἡμῖν εὐχεσθαι, οἵτινες τε καὶ ὀπόθεν χαίρουσιν ὀνομαζόμενοι, ταῦτα καὶ ἡμᾶς αὐτοὺς καλεῖν, ὡς ἄλλο μηδὲν [401a] εἰδότας: καλῶς γὰρ δὴ ἔμοιγε δοκεῖ νενομίσθαι. εἰ οὖν βούλει, σκοπῶμεν ὥσπερ προειπόντες τοῖς θεοῖς ὅτι περὶ αὐτῶν οὐδὲν ἡμεῖς σκεψόμεθα--οὐ γὰρ ἀξιοῦμεν οἷοι τ' ἂν εἶναι σκοπεῖν--ἀλλὰ περὶ τῶν ἀνθρώπων, ἦν ποτὲ τίνα δόξαν ἔχοντες ἐτίθεντο αὐτοῖς τὰ ὀνόματα: τοῦτο γὰρ ἀνεμέσητον.

Ερμογένης: ἀλλά μοι δοκεῖς, ὦ Σώκρατες, μετρίως λέγειν, καὶ οὕτω ποιῶμεν.

[401b] *Σωκράτης*: ἄλλο τι οὖν ἀφ' Ἑστίας ἀρχώμεθα κατὰ τὸν νόμον;

Ερμογένης: δίκαιον γοῦν.

Σωκράτης: τί οὖν ἂν τις φαίη διανοούμενον τὸν ὀνομάσαντα Ἑστίαν ὀνομάσαι;

Ερμογένης: οὐ μὰ τὸν Δία οὐδὲ τοῦτο οἶμαι ῥάδιον εἶναι.

Σωκράτης: κινδυνεύουσι γοῦν, ὠγαθέ Ἑρμόγενης, οἱ πρῶτοι τὰ ὀνόματα τιθέμενοι οὐ φαῦλοι εἶναι ἀλλὰ μετεωρολόγοι καὶ ἀδολέσχει τινές.

Ερμογένης: τί δὴ;

Σωκράτης: καταφαίνεται μοι ἡ θέσις τῶν ὀνομάτων τοιούτων [401c] τινῶν ἀνθρώπων, καὶ ἐάν τις τὰ ξενικὰ ὀνόματα ἀνασκοπῆ, οὐχ ἥττον ἀνευρίσκεται ὁ ἕκαστον βούλεται. οἷον καὶ ἐν τούτῳ ὁ ἡμεῖς “οὐσίαν” καλοῦμεν, εἰσὶν οἱ “ἐσσίαν” καλοῦσιν, οἱ δ' αὖ “ὠσίαν.” πρῶτον μὲν οὖν κατὰ τὸ ἕτερον ὄνομα τούτων ἢ τῶν πραγμάτων οὐσία “Ἑστία” καλεῖσθαι ἔχει λόγον, καὶ ὅτι γε αὖ ἡμεῖς τὸ τῆς οὐσίας μετέχον “ἔστιν” φαμέν, καὶ κατὰ τοῦτο ὀρθῶς ἂν καλοῖτο “Ἑστία”: εἰκόκαμεν γὰρ καὶ ἡμεῖς τὸ παλαιὸν “ἐσσίαν” καλεῖν τὴν οὐσίαν. ἔτι δὲ καὶ κατὰ τὰς θυσίας ἂν τις [401d] ἐννοήσας ἠγήσαιο οὕτω νοεῖν ταῦτα τοὺς τιθεμένους: τὸ γὰρ πρὸ πάντων θεῶν τῇ Ἑστία πρώτη προθύειν εἰκὸς ἐκείνους οἵτινες τὴν πάντων οὐσίαν “ἐσσίαν” ἐπωνόμασαν. ὅσοι δ' αὖ “ὠσίαν,” σχεδὸν τι αὖ οὗτοι καθ' Ἡράκλειτον ἂν ἠγοῖντο τὰ ὄντα ἰέναι τε πάντα καὶ μένειν οὐδέν: τὸ οὖν αἴτιον καὶ τὸ ἀρχηγὸν αὐτῶν εἶναι τὸ ὠθοῦν, ὅθεν δὴ καλῶς ἔχειν αὐτὸ “ὠσίαν” ὀνομάσθαι. καὶ ταῦτα [401e] μὲν δὴ ταύτη ὡς παρὰ μηδὲν εἰδότην εἰρήσθω: μετὰ δ' Ἑστίαν δίκαιον ῥέαν καὶ Κρόνον ἐπισκέψασθαι. καίτοι τό γε τοῦ Κρόνου ὄνομα ἤδη διήλθομεν. ἴσως μέντοι οὐδὲν λέγω.

Ερμογένης: τί δὴ, ὦ Σώκρατες;

Σωκράτης: ὠγαθέ, ἐννεόηκά τι σμῆνος σοφίας.

Ερμογένης: ποῖον δὴ τοῦτο;

[402a] *Σωκράτης*: γελοῖον μὲν πάνυ εἶπεῖν, οἶμαι μέντοι τινὰ πιθανότητα ἔχον.

Ερμογένης: τίνα ταύτην;

Σωκράτης: τὸν Ἡράκλειτόν μοι δοκῶ καθορᾶν παλαιὰ ἄττα σοφὰ λέγοντα, ἀτεχνῶς τὰ ἐπὶ Κρόνου καὶ ῥέας, ἃ καὶ Ὅμηρος ἔλεγεν.

Ερμογένης: πῶς τοῦτο λέγεις;

Σωκράτης: λέγει που Ἡράκλειτος ὅτι “πάντα χωρεῖ καὶ οὐδὲν μένει,” καὶ ποταμοῦ ῥοῆ ἀπεικάζων τὰ ὄντα λέγει ὡς “δις ἐς τὸν αὐτὸν ποταμὸν οὐκ ἂν ἐμβαίης.”

Ερμογένης: ἔστι ταῦτα.

[402b] *Σωκράτης*: τί οὖν; δοκεῖ σοι ἀλλοιότερον Ἡρακλείτου νοεῖν ὁ τιθέμενος τοῖς τῶν ἄλλων θεῶν προγόνοις “ῥέαν” τε καὶ “Κρόνον”; ἄρα οἶει ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου αὐτὸν ἀμφοτέροις ῥευμάτων ὀνόματα θέσθαι; ὥσπερ αὖ Ὅμηρος “Ὠκεανόν τε θεῶν γένεσίν” φησιν “καὶ μητέρα Τηθύν:” οἶμαι δὲ καὶ Ἡσίοδος. λέγει δὲ που καὶ Ὀρφεὺς ὅτι

Ωκεανὸς πρῶτος καλλίρροος ἤρξε γάμοιο,

[402c] ὅς ῥα κασιγνήτην ὁμομήτορα Τηθὺν ὄπυιεν ταῦτ' οὖν σκόπει ὅτι καὶ ἀλλήλοις συμφωνεῖ καὶ πρὸς τὰ τοῦ Ἡρακλείτου πάντα τείνει.

Ἐρμογένης: φαίνει τί μοι λέγειν, ὦ Σώκρατες: τὸ μέντοι τῆς Τηθύος οὐκ ἐννοῶ ὄνομα τί βούλεται.

Σωκράτης: ἀλλὰ μὴν τοῦτό γε ὀλίγου αὐτὸ λέγει ὅτι πηγῆς ὄνομα ἐπικεκρυμμένον ἐστίν. τὸ γὰρ διαττώμενον καὶ [402d] τὸ ἠθούμενον πηγῆς ἀπεικασμὰ ἐστίν: ἐκ δὲ τούτων ἀμφοτέρων τῶν ὀνομάτων ἢ “Τηθύς” τὸ ὄνομα σύγκειται.

Ἐρμογένης: τοῦτο μὲν, ὦ Σώκρατες, κομψόν.

Σωκράτης: τί δ' οὐ μέλλει; ἀλλὰ τί τὸ μετὰ τοῦτο; τὸν μὲν Δία εἶπομεν.

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: τοὺς ἀδελφοὺς δὴ αὐτοῦ λέγωμεν, τὸν τε Ποσειδῶ καὶ τὸν Πλούτωνα καὶ τὸ ἕτερον ὄνομα ὃ ὀνομάζουσιν αὐτόν.

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: τὸ μὲν τοίνυν τοῦ Ποσειδῶνός μοι φαίνεται ὀνομάσθαι [402e] [τοῦ πρώτου ὀνομάσαντος], ὅτι αὐτὸν βαδίζοντα ἐπέσχεν ἢ τῆς θαλάττης φύσις καὶ οὐκέτι εἶασεν προελθεῖν, ἀλλ' ὥσπερ δεσμὸς τῶν ποδῶν αὐτῷ ἐγένετο. τὸν οὖν ἄρχοντα τῆς δυνάμεως ταύτης θεὸν ὠνόμασεν “Ποσειδῶνα,” ὡς “ποσίδεσμον” ὄντα: τὸ δὲ Εἶσεται ἴσως εὐπρεπείας ἕνεκα. τάχα δὲ οὐκ ἂν τοῦτο λέγοι, ἀλλ' ἀντὶ τοῦ σῆγμα [403a] δύο λάβδα τὸ πρῶτον ἐλέγετο, ὡς πολλὰ εἰδότης τοῦ θεοῦ. ἴσως δὲ ἀπὸ τοῦ σείειν “ὁ σείων” ὠνόμασται: πρόσκειται δὲ τὸ πεῖ καὶ τὸ δέλτα. τὸ δὲ Πλούτωνος, τοῦτο μὲν κατὰ τὴν τοῦ πλούτου δόσιν, ὅτι ἐκ τῆς γῆς κάτωθεν ἀνίεται ὁ πλοῦτος, ἐπωνομάσθη: ὁ δὲ “Αἰδης,” οἱ πολλοὶ μὲν μοι δοκοῦσιν ὑπολαμβάνειν τὸ αἰδὲς προσειρησθαι τῷ ὀνόματι τούτῳ, καὶ φοβούμενοι τὸ ὄνομα “Πλούτωνα” καλοῦσιν αὐτόν.

[403b] *Ἐρμογένης:* σοὶ δὲ πῶς φαίνεται, ὦ Σώκρατες;

Σωκράτης: πολλαχῆ ἔμοιγε δοκοῦσιν ἄνθρωποι διημαρτηκέναι περὶ τούτου τοῦ θεοῦ τῆς δυνάμεως καὶ φοβεῖσθαι αὐτόν οὐκ ἄξιον <ὄν>. ὅτι τε γάρ, ἐπειδὴν ἅπαξ τις ἡμῶν ἀποθάνῃ, αἰεὶ ἐκεῖ ἐστίν, φοβοῦνται, καὶ ὅτι ἡ ψυχὴ γυμνὴ τοῦ σώματος παρ' ἐκεῖνον ἀπέρχεται, καὶ τοῦτο πεφόβηται: τὰ δ' ἐμοὶ δοκεῖ πάντα ἐς ταυτόν τι συντείνειν, καὶ ἡ ἀρχὴ τοῦ θεοῦ καὶ τὸ ὄνομα.

Ἐρμογένης: πῶς δὴ;

[403c] *Σωκράτης:* ἐγὼ σοὶ ἐρῶ ἃ γέ μοι φαίνεται. εἰπέ γάρ μοι, δεσμὸς ζῶψ ὀφθοῦν ὥστε μένειν ὀφθοῦν, πότερος ἰσχυρότερός ἐστιν, ἀνάγκη ἢ ἐπιθυμία;

Ἐρμογένης: πολὺ διαφέρει, ὦ Σώκρατες, ἢ ἐπιθυμία.

Σωκράτης: οἶει οὖν τὸν Ἄϊδην οὐκ ἂν πολλοὺς ἐκφεύγειν, εἰ μὴ τῷ ἰσχυροτάτῳ δεσμῷ ἔδει τοὺς ἐκεῖσε ἰόντας;

Ἑρμογένης: δῆλα δῆ.

Σωκράτης: ἐπιθυμία ἄρα τινὶ αὐτοῦς, ὡς ἔοικε, δεῖ, εἴπερ τῷ μεγίστῳ δεσμῷ δεῖ, καὶ οὐκ ἀνάγκη.

Ἑρμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: οὐκοῦν ἐπιθυμίας αὖ πολλαί εἰσιν;

Ἑρμογένης: ναί.

[403d] *Σωκράτης*: τῆ μεγίστη ἄρα ἐπιθυμία τῶν ἐπιθυμιῶν δεῖ αὐτοῦς, εἴπερ μέλλει τῷ μεγίστῳ δεσμῷ κατέχειν.

Ἑρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἔστιν οὖν τις μείζων ἐπιθυμία ἢ ὅταν τίς τῷ συνῶν οἴηται δι' ἐκεῖνον ἔσσεσθαι ἀμείνων ἀνὴρ;

Ἑρμογένης: μὰ Δί' οὐδ' ὅπωςτιοῦν, ὦ Σώκρατες.

Σωκράτης: διὰ ταῦτα ἄρα φῶμεν, ὦ Ἑρμογένες, οὐδένα δεῦρο ἐθελῆσαι ἀπελθεῖν τῶν ἐκεῖθεν, οὐδὲ αὐτὰς τὰς Σειρήνας, [403e] ἀλλὰ κατακεκληῆσθαι ἐκείνας τε καὶ τοὺς ἄλλους πάντας: οὕτω καλοῦς τινας, ὡς ἔοικεν, ἐπίσταται λόγους λέγειν ὁ Ἄιδης, καὶ ἔστιν, ὡς γ' ἐκ τοῦ λόγου τούτου, ὁ θεὸς [οὗτος] τέλειος σοφιστής τε καὶ μέγας εὐεργέτης τῶν παρ' αὐτῷ, ὅς γε καὶ τοῖς ἐνθάδε τοσαῦτα ἀγαθὰ ἀνίησιν: οὕτω πολλὰ αὐτῷ τὰ περιόντα ἐκεῖ ἔστιν, καὶ τὸν “Πλούτωνα” ἀπὸ τούτου ἔσχε τὸ ὄνομα. καὶ τὸ αὖ μὴ ἐθέλειν συνεῖναι τοῖς ἀνθρώποις ἔχουσι τὰ σώματα, ἀλλὰ τότε συγγίγνεσθαι, [404a] ἐπειδὴν ἡ ψυχὴ καθαρὰ ἦ πάντων τῶν περὶ τὸ σῶμα κακῶν καὶ ἐπιθυμιῶν, οὐ φιλοσόφου δοκεῖ σοι εἶναι καὶ εὖ ἐντεθυμημένου ὅτι οὕτω μὲν ἂν κατέχοι αὐτοῦς δῆσας τῆ περι' ἀρετὴν ἐπιθυμία, ἔχοντας δὲ τὴν τοῦ σώματος πτοίησιν καὶ μανίαν οὐδ' ἂν ὁ Κρόνος δύναίτο ὁ πατὴρ συγκατέχειν αὐτῷ ἐν τοῖς δεσμοῖς δῆσας τοῖς αὐτοῦ λεγομένοις;

Ἑρμογένης: κινδυνεύεις τί λέγειν, ὦ Σώκρατες.

[404b] *Σωκράτης*: καὶ τό γε ὄνομα ὁ “Ἄιδης,” ὦ Ἑρμογένες, πολλοῦ δεῖ ἀπὸ τοῦ αἰδοῦς ἐπωνομάσθαι, ἀλλὰ πολὺ μᾶλλον ἀπὸ τοῦ πάντα τὰ καλὰ εἰδέναί, ἀπὸ τούτου ὑπὸ τοῦ νομοθέτου “Ἄιδης” ἐκλήθη.

Ἑρμογένης: εἶεν: τί δὲ Δήμητρά τε καὶ Ἥραν καὶ Ἀπόλλω καὶ Ἀθηνᾶν καὶ Ἥφαιστον καὶ Ἄρη καὶ τοὺς ἄλλους θεούς, πῶς λέγομεν;

Σωκράτης: Δημήτηρ μὲν φαίνεται κατὰ τὴν δόσιν τῆς ἐδωδῆς διδοῦσα ὡς μήτηρ “Δημήτηρ” κεκληῆσθαι, Ἥρα δὲ ἐρατὴ [404c] τις, ὥσπερ οὖν καὶ λέγεται ὁ Ζεὺς αὐτῆς ἐρασθεὶς ἔχειν. ἴσως δὲ μετεωρολογῶν ὁ νομοθέτης τὸν ἄερα “Ἥραν” ὠνόμασεν ἐπικρυπτόμενος, θεὸς τὴν ἀρχὴν ἐπὶ τελευτῆν: γνοίης δ' ἂν, εἰ πολλάκις λέγοις τὸ τῆς Ἥρας ὄνομα. “Φερρέφαττα” δέ: πολλοὶ μὲν καὶ τοῦτο φοβοῦνται τὸ ὄνομα καὶ τὸν “Ἀπόλλω,” ὑπὸ ἀπειρίας, ὡς ἔοικεν, ὀνομάτων ὀρθότητος. καὶ γὰρ μεταβάλλοντες σκοποῦνται τὴν “Φερσεφόνην,” καὶ δεινὸν αὐτοῖς φαίνεται: τὸ δὲ μηνύει [404d] σοφὴν εἶναι τὴν θεόν. ἄτε γὰρ φερομένων τῶν πραγμάτων τὸ ἐφαπτόμενον καὶ ἐπαφῶν καὶ δυνάμενον ἐπακολουθεῖν σοφία ἂν εἴη. “Φερέπαφα” οὖν διὰ τὴν σοφίαν καὶ τὴν ἐπαφήν τοῦ φερομένου ἢ θεοῦ ἂν ὀρθῶς καλοῖτο, ἢ τοιοῦτόν τι--δι' ὅπερ καὶ σύνεστιν αὐτῇ ὁ Ἄιδης σοφὸς ὢν, διότι τοιαυτὴ ἐστίν--νῦν

δὲ αὐτῆς ἐκκλίνουσι τὸ ὄνομα εὐστομίαν περὶ πλείονος ποιούμενοι τῆς ἀληθείας, ὥστε “Φερρέφατταν” αὐτὴν καλεῖν. ταῦτὸν δὲ καὶ περὶ τὸν [404e] Ἀπόλλω, ὅπερ λέγω, πολλοὶ πεφόβηται περὶ τὸ ὄνομα τοῦ θεοῦ, ὡς τι δεινὸν μηνύοντος: ἢ οὐκ ἦσθησαι;

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν, καὶ ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: τὸ δὲ γ' ἐστίν, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, κάλλιστα κείμενον πρὸς τὴν δύναμιν τοῦ θεοῦ.

Ἐρμογένης: πῶς δὴ;

Σωκράτης: ἐγὼ πειράσομαι φράσαι ὃ γέ μοι φαίνεται: οὐ γὰρ [405a] ἔστιν ὅτι ἂν μᾶλλον ὄνομα ἤρμοσεν ἐν ὄν τέτταρσι δυνάμεσι ταῖς τοῦ θεοῦ, ὥστε πασῶν ἐφάπτεσθαι καὶ δηλοῦν τρόπον τινὰ μουσικὴν τε καὶ μαντικὴν καὶ ἰατρικὴν καὶ τοξικὴν.

Ἐρμογένης: λέγε δὴ: ἄτοπον γὰρ τί μοι λέγεις τὸ ὄνομα εἶναι.

Σωκράτης: εὐάρμοστον μὲν οὖν, ἅτε μουσικοῦ ὄντος τοῦ θεοῦ. πρῶτον μὲν γὰρ ἡ κάθαρσις καὶ οἱ καθαρμοὶ καὶ κατὰ τὴν ἰατρικὴν καὶ κατὰ τὴν μαντικὴν καὶ αἱ τοῖς ἰατρικοῖς [405b] φαρμάκοις καὶ αἱ τοῖς μαντικοῖς περιθειώσεις τε καὶ τὰ λουτρὰ τὰ ἐν τοῖς τοιούτοις καὶ αἱ περιρράνσεις, πάντα ἐν τι ταῦτα δύναται ἂν, καθαρὸν παρέχειν τὸν ἄνθρωπον καὶ κατὰ τὸ σῶμα καὶ κατὰ τὴν ψυχὴν: ἢ οὐ;

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: οὐκοῦν ὁ καθαίρων θεὸς καὶ ὁ ἀπολούων τε καὶ ἀπολύων τῶν τοιούτων κακῶν οὗτος ἂν εἴη;

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: κατὰ μὲν τοίνυν τὰς ἀπολύσεις τε καὶ ἀπολούσεις, [405c] ὡς ἰατρὸς ὢν τῶν τοιούτων, “Ἀπολούων” ἂν ὀρθῶς καλοῖτο: κατὰ δὲ τὴν μαντικὴν καὶ τὸ ἀληθές τε καὶ τὸ ἀπλοῦν-- ταῦτὸν γὰρ ἐστίν--ὡσπερ οὖν οἱ Θετταλοὶ καλοῦσιν αὐτόν, ὀρθότατ' ἂν καλοῖτο: “Ἀπλουν” γὰρ φασὶ πάντες Θετταλοὶ τοῦτον τὸν θεόν. διὰ δὲ τὸ αἰεὶ βολῶν ἐγκρατὴς εἶναι τοξικῆ “Ἀειβάλλον” ἐστίν. κατὰ δὲ τὴν μουσικὴν δεῖ ὑπολαβεῖν [ὡσπερ τὸν ἀκόλουθόν τε καὶ τὴν ἄκοιτιν] ὅτι τὸ ἄλφα σημαίνει πολλαχού τὸ ὄμοῦ, καὶ ἐνταῦθα τὴν ὄμοῦ πόλησιν καὶ περὶ τὸν οὐρανόν, οὓς δὴ “πόλους” καλοῦσιν, καὶ [τὴν] περὶ [405d] τὴν ἐν τῇ ᾠδῇ ἁρμονίαν, ἣ δὴ συμφωνία καλεῖται, ὅτι ταῦτα πάντα, ὡς φασὶν οἱ κομψοὶ περὶ μουσικὴν καὶ ἀστρονομίαν, ἁρμονία τινὶ πολεῖ ἅμα πάντα: ἐπιστατεῖ δὲ οὗτος ὁ θεὸς τῇ ἁρμονίᾳ ὁμοπολῶν αὐτὰ πάντα καὶ κατὰ θεοῦς καὶ κατ' ἀνθρώπους: ὡσπερ οὖν τὸν ὁμοκέλευθον καὶ ὁμόκοιτιν “ἀκόλουθον” καὶ “ἄκοιτιν” ἐκαλέσαμεν, μεταβαλόντες ἀντὶ τοῦ “ὄμο-” “ἄ-,” οὕτω καὶ “Ἀπόλλωνα” ἐκαλέσαμεν [405e] ὃς ἦν “ὁμοπολῶν,” ἕτερον λάβδα ἐμβαλόντες, ὅτι ὁμώνυμον ἐγένετο τῷ χαλεπῷ ὀνόματι. ὅπερ καὶ νῦν ὑποπτεύοντές τινες διὰ τὸ μὴ ὀρθῶς σκοπεῖσθαι τὴν δύναμιν τοῦ ὀνόματος φοβοῦνται αὐτὸ ὡς σημαῖνον φθοράν τινα: τὸ [406a] δὲ [πολύ], ὡσπερ ἄρτι ἐλέγετο, πασῶν ἐφαπτόμενον κεῖται τῶν τοῦ θεοῦ δυνάμεων, ἀπλοῦ, αἰεὶ βάλλοντος, ἀπολούοντος, ὁμοπολοῦντος. τὰς δὲ “Μούσας” τε καὶ ὅλως τὴν μουσικὴν ἀπὸ τοῦ μῶσθαι, ὡς ἔοικεν, καὶ τῆς ζητήσεώς τε καὶ φιλοσοφίας τὸ ὄνομα τοῦτο ἐπωνόμασεν. Λητῶ δὲ ἀπὸ τῆς πραότητος τῆς θεοῦ, κατὰ τὸ ἐθελήμονα εἶναι ὢν ἂν τις δέχεται. ἴσως δὲ ὡς οἱ ξένοι καλοῦσιν-- πολλοὶ γὰρ “Ληθῶ” καλοῦσιν--ἔοικεν οὖν πρὸς

τὸ μὴ τραχὺ τοῦ ἦθους ἀλλ' ἡμερόν τε καὶ λειόν “Ληθῶ” [406b] κεκληῖσθαι ὑπὸ τῶν τοῦτο καλούντων. “Ἄρτεμις” δὲ <διὰ> τὸ ἄρτεμὲς φαίνεται καὶ τὸ κόσμιον, διὰ τὴν τῆς παρθενίας ἐπιθυμίαν: ἴσως δὲ ἀρετῆς ἴστορα τὴν θεὸν ἐκάλεσεν ὁ καλέσας, τάχα δ' ἂν καὶ ὡς τὸν ἄροτον μισησάσης τὸν ἀνδρὸς ἐν γυναικί: ἢ διὰ τούτων τι ἢ διὰ πάντα ταῦτα τὸ ὄνομα τοῦτο ὁ τιθέμενος ἔθετο τῇ θεῷ.

Ἐρμογένης: τί δὲ ὁ “Διόνυσός” τε καὶ ἡ “ἀφροδίτη”;

Σωκράτης: μεγάλα, ὦ παῖ Ἴπποκίτου, ἐρωτᾷς. ἀλλὰ ἔστι γὰρ καὶ σπουδαίως εἰρημένος ὁ τρόπος τῶν ὀνομάτων τούτοις [406c] τοῖς θεοῖς καὶ παιδικῶς. τὸν μὲν οὖν σπουδαῖον ἄλλους τινὰς ἐρώτα, τὸν δὲ παιδικὸν οὐδὲν κωλύει διελεῖν: φιλοπαίσμονες γὰρ καὶ οἱ θεοί. ὃ τε γὰρ Διόνυσος εἴη ἂν ὁ διδοὺς τὸν οἶνον “Διδόινυσος” ἐν παιδιᾷ καλούμενος, οἶνος δ', ὅτι οἶεσθαι νοῦν ἔχειν ποιεῖ τῶν πινόντων τοὺς πολλοὺς οὐκ ἔχοντας, “οἶόνους” δικαιοτάτ' ἂν καλούμενος. περὶ δὲ ἀφροδίτης οὐκ ἄξιον Ἡσιόδῳ ἀντιλέγειν, ἀλλὰ [406d] συγχωρεῖν ὅτι διὰ τὴν <ἐκ> τοῦ ἀφροῦ γένεσιν “ἀφροδίτη” ἐκλήθη.

Ἐρμογένης: ἀλλὰ μὴν οὐδ' Ἀθηναῖς Ἀθηναῖός γ' ὦν, ὦ Σώκρατες, ἐπιλήση, οὐδ' Ἡφαίστου τε καὶ Ἄρεως.

Σωκράτης: οὐδὲ εἰκός γε.

Ἐρμογένης: οὐ γάρ.

Σωκράτης: οὐκοῦν τὸ μὲν ἕτερον ὄνομα αὐτῆς οὐ χαλεπὸν εἰπεῖν δι' ὃ κεῖται.

Ἐρμογένης: τὸ ποῖον;

Σωκράτης: “Παλλάδα” που αὐτὴν καλοῦμεν.

Ἐρμογένης: πῶς γὰρ οὐ;

Σωκράτης: τοῦτο μὲν τοίνυν ἀπὸ τῆς ἐν τοῖς ὄπλοις ὀρχήσεως [406e] ἠγούμενοι τεθῆναι ὀρθῶς ἂν, ὡς ἐγῶμαι, ἠγοίμεθα: τὸ γὰρ που ἢ αὐτὸν ἢ τι ἄλλο μετεωρίζειν ἢ ἀπὸ τῆς γῆς ἢ ἐν ταῖς [407a] χερσὶν “πάλλειν” τε καὶ “πάλλεσθαι” καὶ ὀρχεῖν καὶ ὀρχεῖσθαι καλοῦμεν.

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: “Παλλάδα” μὲν τοίνυν ταύτη.

Ἐρμογένης: καὶ ὀρθῶς γε. ἀλλὰ δὴ τὸ ἕτερον πῶς λέγεις;

Σωκράτης: τὸ τῆς Ἀθηναῖς;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: τοῦτο ἐμβριθέστερον, ὦ φίλε. εἰκότασι δὴ καὶ οἱ παλαιοὶ τὴν Ἀθηναῖαν νομίζουσιν ὥσπερ οἱ νῦν περὶ Ὀμηρον [407b] δεινοί. καὶ γὰρ τούτων οἱ πολλοὶ ἐξηγούμενοι τὸν ποιητὴν φασὶ τὴν Ἀθηναῖαν αὐτὸν νοῦν τε καὶ διάνοιαν πεποικέναι, καὶ ὁ τὰ ὀνόματα ποιῶν ἔοικε τοιοῦτόν τι περὶ αὐτῆς διανοεῖσθαι, ἔτι δὲ μειζρόνως λέγων θεοῦ νόησιν ὥσπερ εἰ λέγει ὅτι “ἄ θεονόα” ἐστὶν αὕτη, τῷ ἄλφα ξενικῶς ἀντὶ τοῦ ἦτα χρησάμενος καὶ τὸ ἰῶτα καὶ τὸ σῖγμα ἀφελών. ἴσως δὲ οὐδὲ ταύτη, ἀλλ' ὡς τὰ θεῖα νοούσης αὐτῆς διαφερόντως τῶν ἄλλων “Θεονόη” ἐκάλεσεν. οὐδὲν δὲ ἀπέχει καὶ τὴν ἐν τῷ ἦθει νόησιν ὡς οὔσαν τὴν θεὸν ταύτην “Ἡθονόη” μὲν [407c] βούλεσθαι προσεῖπεῖν: παραγαγὼν δὲ ἢ αὐτὸς ἢ τινες ὕστερον ἐπὶ τὸ κάλλιον ὡς ᾤοντο, “Ἀθηνάαν” ἐκάλεσαν.

Ἑρμογένης: τί δὲ δὴ τὸν Ἥφαιστον, πῆ λέγεις;

Σωκράτης: ἦ τὸν γενναῖον τὸν “φάεος ἵστορα” ἐρωτᾷς;

Ἑρμογένης: ἔοικα.

Σωκράτης: οὐκοῦν οὗτος μὲν παντὶ δῆλος “Φαῖστος” ὢν, τὸ ἦτα προσελκυσάμενος;

Ἑρμογένης: κινδυνεύει, ἐὰν μὴ πῆ σοι, ὡς ἔοικεν, ἔτι ἄλλη δόξη.

Σωκράτης: ἀλλ’ ἵνα μὴ δόξη, τὸν Ἄρη ἐρώτα.

Ἑρμογένης: ἐρωτῶ.

[407d] *Σωκράτης*: οὐκοῦν, εἰ μὲν βούλει, κατὰ τὸ ἄρρεν τε καὶ κατὰ τὸ ἀνδρεῖον “Ἄρης” ἂν εἴη: εἰ δ’ αὖ κατὰ τὸ σκληρόν τε καὶ ἀμετάστροφον, ὃ δὴ “ἄρρατον” καλεῖται, καὶ ταύτη ἂν πανταχῆ πολεμικῶ θεῶ πρέποι “Ἄρη” καλεῖσθαι.

Ἑρμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: ἐκ μὲν οὖν τῶν θεῶν πρὸς θεῶν ἀπαλλαγῶμεν, ὡς ἐγὼ δέδοικα περὶ αὐτῶν διαλέγεσθαι: περὶ δὲ ἄλλων <ῶν> τινων βούλει προβαλλέ μοι, “ὄφρα ἴδῃαι οἴοι” Εὐθύφρονος “ἵπποι.”

[407e] *Ἑρμογένης*: ἀλλὰ ποιήσω ταῦτα, ἔτι γε ἐν ἐρόμένός σε περὶ Ἑρμοῦ, ἐπειδὴ με καὶ οὐ φησιν Κρατύλος Ἑρμογένη εἶναι. πειρώμεθα οὖν τὸν “Ἑρμῆν” σκέψασθαι τί καὶ νοεῖ τὸ ὄνομα, ἵνα καὶ εἰδῶμεν εἰ τί ὅδε λέγει.

Σωκράτης: ἀλλὰ μὴν τοῦτό γε ἔοικε περὶ λόγον τι εἶναι ὃ “Ἑρμῆς,” καὶ τὸ ἐρμηνέα εἶναι καὶ τὸ ἄγγελον καὶ τὸ [408a] κλοπικόν τε καὶ τὸ ἀπατηλὸν ἐν λόγοις καὶ τὸ ἀγοραστικόν, περὶ λόγου δυνάμιν ἐστὶν πᾶσα αὕτη ἢ πραγματεία: ὅπερ οὖν καὶ ἐν τοῖς πρόσθεν ἐλέγομεν, τὸ “εἶρειν” λόγου χρεία ἐστί, τὸ δέ, οἶον καὶ Ὅμηρος πολλαχοῦ λέγει, “ἐμήσατό” φησιν, τοῦτο δὲ μηχανήσασθαι ἐστὶν. ἐξ ἀμφοτέρων οὖν τούτων τὸν τὸ λέγειν τε καὶ τὸν λόγον μΗΣάμενον--τὸ δὲ λέγειν δὴ ἐστὶν εἶρειν-- τοῦτον τὸν θεὸν ὡςπερ εἰ ἐπιτάττει [408b] ἡμῖν ὁ νομοθέτης: “ὦ ἄνθρωποι, ὃς τὸ εἶρειν ἐμήσατο, δικαίως ἂν καλοῖτο ὑπὸ ὑμῶν εἰρέμης”: νῦν δὲ ἡμεῖς, ὡς οἰόμεθα, καλλωπίζοντες τὸ ὄνομα “Ἑρμῆν” καλοῦμεν. [καὶ ἦ γε Ἴρις ἀπὸ τοῦ εἶρειν ἔοικεν κεκλημένη, ὅτι ἄγγελος ἦν.]

Ἑρμογένης: νῆ τὸν Δία, εἴ ἄρα μοι δοκεῖ Κρατύλος λέγειν τὸ ἐμὲ μὴ εἶναι Ἑρμογένη: οὐκ οὐκ εὐμήχανός γέ εἰμι λόγου.

Σωκράτης: καὶ τό γε τὸν Πᾶνα τοῦ Ἑρμοῦ εἶναι ὅν διφυῆ ἔχει τὸ εἶδος, ὃ ἑταῖρε.

[408c] *Ἑρμογένης*: πῶς δὴ;

Σωκράτης: οἶσθα ὅτι ὁ λόγος τὸ πᾶν σημαίνει καὶ κυκλεῖ καὶ πολεῖ ἀεὶ, καὶ ἔστι διπλοῦς, ἀληθῆς τε καὶ ψευδής.

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν τὸ μὲν ἀληθές αὐτοῦ λείον καὶ θεῖον καὶ ἄνω οἰκοῦν ἐν τοῖς θεοῖς, τὸ δὲ ψεῦδος κάτω ἐν τοῖς πολλοῖς τῶν ἀνθρώπων καὶ τραχὺ καὶ τραγικόν: ἐνταῦθα γὰρ πλεῖστοι οἱ μῦθοι τε καὶ τὰ ψεύδη ἐστίν, περὶ τὸν τραγικὸν βίον.

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ὀρθῶς ἄρ' <ἄν> ὁ πᾶν μηνύων καὶ ἀεὶ πολλῶν [408d] “Πᾶν αἰπόλος” εἶη, διφυῆς Ἑρμοῦ ὑός, τὰ μὲν ἄνωθεν λείος, τὰ δὲ κάτωθεν τραχὺς καὶ τραγοειδής. καὶ ἔστιν ἥτοι λόγος ἢ λόγου ἀδελφός ὁ Πᾶν, εἴπερ Ἑρμοῦ ὑός ἐστιν: ἀδελφῶ δὲ εἰκέναι ἀδελφὸν οὐδὲν θαυμαστόν. ἀλλ' ὅπερ ἐγὼ ἔλεγον, ὦ μακάριε, ἀπαλλαγῶμεν ἐκ τῶν θεῶν.

Ἑρμογένης: τῶν γε τοιούτων, ὦ Σώκρατες, εἰ βούλει. περὶ τῶν τοιῶνδε δὲ τί σε κωλύει διελθεῖν, οἶον ἡλίου τε καὶ σελήνης καὶ ἄστρον καὶ γῆς καὶ αἰθέρος καὶ ἀέρος καὶ πυρὸς [408e] καὶ ὕδατος καὶ ὠρῶν καὶ ἐνιαυτοῦ;

Σωκράτης: συχνὰ μὲν μοι προστάττεις, ὅμως δέ, εἴπερ σοι κεχαρισμένον ἔσται, ἐθέλω.

Ἑρμογένης: καὶ μὴν χαριῆ.

Σωκράτης: τί δὴ οὖν πρῶτον βούλει; ἢ ὅσπερ εἶπες τὸν ἥλιον διέλθωμεν;

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: εἴκει τοίνυν κατάδηλον γενόμενον ἂν μᾶλλον εἰ [409a] τῷ Δωρικῷ τις ὀνόματι χρῶτο-- “ἄλιον” γὰρ καλοῦσιν οἱ Δωριῆς-- “ἄλιος” οὖν εἶη μὲν ἂν κατὰ τὸ ἀλίζειν εἰς ταῦτόν τοὺς ἀνθρώπους ἐπειδὰν ἀνατείλῃ, εἶη δ' ἂν καὶ τῷ περὶ τὴν γῆν ἀεὶ εἰλεῖν ἰών, εἴκοι δ' ἂν καὶ ὅτι ποικίλλει ἰών τὰ γιγνόμενα ἐκ τῆς γῆς: τὸ δὲ ποικίλλειν καὶ αἰολεῖν ταῦτόν.

Ἑρμογένης: τί δὲ ἢ “σελήνη”;

Σωκράτης: τοῦτο δὲ τὸ ὄνομα φαίνεται τὸν Ἀναξαγόραν πιέζειν.

Ἑρμογένης: τί δὴ;

Σωκράτης: εἴκει δηλοῦντι παλαιότερον ὃ ἐκεῖνος νεωστὶ ἔλεγεν, [409b] ὅτι ἡ σελήνη ἀπὸ τοῦ ἡλίου ἔχει τὸ φῶς.

Ἑρμογένης: πῶς δὴ;

Σωκράτης: τὸ μὲν που “σέλας” καὶ τὸ “φῶς” ταῦτόν.

Ἑρμογένης: ναί.

Σωκράτης: νέον δὲ που καὶ ἕνον ἀεὶ ἐστὶ περὶ τὴν σελήνην τοῦτο τὸ φῶς, εἴπερ ἀληθῆ οἱ Ἀναξαγόρειοι λέγουσιν: κύκλω γὰρ που ἀεὶ αὐτὴν περιῶν νέον ἀεὶ ἐπιβάλλει, ἕνον δὲ ὑπάρχει τὸ τοῦ προτέρου μηνός.

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: “Σελαναίαν” δὲ γε καλοῦσιν αὐτὴν πολλοί.

Ἑρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ὅτι δὲ σέλας νέον καὶ ἕνον ἔχει ἀεὶ, “Σελαενοεοάεια” [409c] μὲν δικαιοτάτ' ἂν [τῶν] ὀνομάτων καλοῖτο, συγκεκριημένον δὲ “Σελαναία” κέκληται.

Ἑρμογένης: διθυραμβῶδές γε τοῦτο τοῦνομα, ὦ Σώκρατες. ἀλλὰ τὸν μῆνα καὶ τὰ ἄστρα πῶς λέγεις;

Σωκράτης: ὁ μὲν “μεῖς” ἀπὸ τοῦ μειοῦσθαι εἶη ἂν “μείης” ὀρθῶς κεκλημένος, τὰ δ' “ἄστρα” εἴκει τῆς ἀστραπῆς ἐπωνυμίαν ἔχειν. ἢ δὲ “ἀστραπή,” ὅτι τὰ ὄπα ἀναστρέφει, “ἀναστρωπή” ἂν εἶη, νῦν δὲ “ἀστραπή” καλλωπισθεῖσα κέκληται.

Ερμογένης: τί δὲ τὸ πῦρ καὶ τὸ ὕδωρ;

[409d]*Σωκράτης*: τὸ “πῦρ” ἀπορῶ: καὶ κινδυνεύει ἤτοι ἢ τοῦ Εὐθύφρονός με μοῦσα ἐπιλελοιπέναι, ἢ τοῦτο τι παργάλεπον εἶναι. σκέψαι οὖν ἦν εἰσάγω μηχανὴν ἐπὶ πάντα τὰ τοιαῦτα ἃ ἂν ἀπορῶ.

Ερμογένης: τίνα δὴ;

Σωκράτης: ἐγὼ σοι ἐρῶ. ἀπόκριναι γάρ μοι: ἔχοις ἂν εἰπεῖν πῦρ κατὰ τίνα τρόπον καλεῖται;

Ερμογένης: μὰ Δί’ οὐκ ἔγωγε.

Σωκράτης: σκέψαι δὴ ὃ ἐγὼ ὑποπτεύω περὶ αὐτοῦ. ἐννοῶ γὰρ [409e] ὅτι πολλὰ οἱ Ἕλληνες ὀνόματα ἄλλως τε καὶ οἱ ὑπὸ τοῖς βαρβάροις οἰκοῦντες παρὰ τῶν βαρβάρων εἰλήφασιν.

Ερμογένης: τί οὖν δὴ;

Σωκράτης: εἴ τις ζητοῖ ταῦτα κατὰ τὴν Ἑλληνικὴν φωνὴν ὡς εἰκότως κεῖται, ἀλλὰ μὴ κατ’ ἐκείνην ἐξ ἧς τὸ ὄνομα τυγχάνει ὄν, οἴσθα ὅτι ἀποροῖ ἄν.

Ερμογένης: εἰκότως γε.

[410a]*Σωκράτης*: ὄρα τοίνυν καὶ τοῦτο τὸ ὄνομα τὸ “πῦρ” μὴ τι βαρβαρικὸν ἦ. τοῦτο γὰρ οὔτε ῥάδιον προσάψαι ἐστὶν Ἑλληνικῇ φωνῇ, φανεροί τ’ εἰσὶν οὕτως αὐτὸ καλοῦντες Φρύγες σμικρόν τι παρακλίνοντες: καὶ τό γε “ὑδωρ” καὶ τὰς “κύνας” καὶ ἄλλα πολλὰ.

Ερμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: οὐ τοίνυν δεῖ ταῦτα προσβιάζεσθαι, ἐπεὶ ἔχοι γ’ ἂν τις εἰπεῖν περὶ αὐτῶν. τὸ μὲν οὖν πῦρ καὶ τὸ ὕδωρ ταύτη [410b] ἀπωθοῦμαι: ὁ δὲ δὴ ἀήρ ἄρα γε, ὃ Ἑρμόγενης, ὅτι αἶρει τὰ ἀπὸ τῆς γῆς, “ἀήρ” κέκληται; ἢ ὅτι αἰεὶ ρεῖ; ἢ ὅτι πνεῦμα ἐξ αὐτοῦ γίγνεται ῥέοντος; οἱ γὰρ ποιηταὶ που τὰ πνεύματα “ἀήτας” καλοῦσιν: ἴσως οὖν λέγει, ὡσπερ ἂν εἰ εἴποι πνευματόρρουν, “ἀητόρρουν” [ὄθεν δὴ βούλεται αὐτὸν οὕτως εἰπεῖν, ὅτι ἐστὶν ἀήρ]. τὸν δὲ αἰθέρα τῆδέ πη ὑπολαμβάνω, ὅτι αἰεὶ θεῖ περὶ τὸν ἀέρα ῥέων “ἀειθεῖρ” δικαίως ἂν καλοῖτο. γῆ δὲ μᾶλλον σημαίνει ὃ βούλεται εἰάν τις [410c] “γαῖαν” ὀνομάσῃ: γαῖα γὰρ γεννήτειρα ἂν εἴη ὀρθῶς κεκλημένη, ὡς φησὶν Ὅμηρος: τὸ γὰρ “γεγάσιν” γεγενῆσθαι λέγει. εἶεν: τί οὖν ἡμῖν ἦν τὸ μετὰ τοῦτο;

Ερμογένης: ὦραι, ὃ Σώκρατες, καὶ ἐνιαυτὸς καὶ ἔτος.

Σωκράτης: αἰ μὲν δὴ ὦραι Ἀττικιστὶ ὡς τὸ παλαιὸν ῥητέον, εἶπερ βούλει τὸ εἰκὸς εἰδέναι: ΗΟΡΑΙ γὰρ εἰσι διὰ τὸ ὀρίζειν χειμῶνάς τε καὶ θέρη καὶ πνεύματα καὶ τοὺς καρποὺς τοὺς ἐκ τῆς γῆς: ὀρίζουσαι δὲ δικαίως ἂν “ὄραι” καλοῖντο. [410d] ἐνιαυτὸς δὲ καὶ ἔτος κινδυνεύει ἔν τι εἶναι. τὸ γὰρ τὰ φύομενα καὶ τὰ γιγνώμενα ἐν μέρει ἕκαστον προάγον εἰς φῶς καὶ αὐτὸ ἐν αὐτῷ ἐξετάζον, τοῦτο, ὡσπερ ἐν τοῖς πρόσθεν τὸ τοῦ Διὸς ὄνομα δίχα διηρημένον οἱ μὲν Ζῆνα, οἱ δὲ Δία ἐκάλουν, οὕτω καὶ ἐνταῦθα οἱ μὲν “ἐνιαυτόν,” ὅτι ἐν ἑαυτῷ, οἱ δὲ “ἔτος,” ὅτι ἐτάζει: ὁ δὲ ὅλος λόγος ἐστὶν τὸ “ἐν ἑαυτῷ ἐτάζον” τοῦτο προσαγορευέσθαι ἐν ὄν δίχα, ὥστε δύο ὀνόματα γεγονέναι, “ἐνιαυτόν” τε καὶ [410e] “ἔτος,” ἐξ ἑνὸς λόγου.

Ερμογένης: ἀλλὰ δῆτα, ὃ Σώκρατες, πολὺ ἐπιδίδως.

Σωκράτης: πόρρω ἤδη οἶμαι φαίνομαι σοφίας ἐλαύνειν.

Ερμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: τάχα μᾶλλον φήσεις.

[411a] *Ερμογένης*: ἀλλὰ μετὰ τοῦτο τὸ εἶδος ἔγωγε ἠδέως ἂν θεασαίμην ταῦτα τὰ καλὰ ὀνόματα τίνι ποτὲ ὀρθότητι κεῖται, τὰ περὶ τὴν ἀρετὴν, οἷον “φρόνησις” τε καὶ “σύνεσις” καὶ “δικαιοσύνη” καὶ τᾶλλα τὰ τοιαῦτα πάντα.

Σωκράτης: ἐγείρεις μὲν, ὦ ἐταῖρε, οὐ φαῦλον γένος ὀνομάτων: ὅμως δὲ ἐπειδήπερ τὴν λεοντὴν ἐνδέδουκα, οὐκ ἀποδεικνύεται ἀλλ’ ἐπισκεπτέον, ὡς ἔοικε, φρόνησιν καὶ σύνεσιν καὶ γνώμην καὶ ἐπιστήμην καὶ τᾶλλα δὴ ἃ φῆς πάντα ταῦτα τὰ [411b] καλὰ ὀνόματα.

Ερμογένης: πάνυ μὲν οὖν οὐ δεῖ ἡμᾶς προαποστῆναι.

Σωκράτης: καὶ μὴν, νῆ τὸν κύνα, δοκῶ γέ μοι οὐ κακῶς μαντεύεσθαι, ὃ καὶ νυνδὴ ἐνενόησα, ὅτι οἱ πάνυ παλαιοὶ ἄνθρωποι οἱ τιθέμενοι τὰ ὀνόματα παντὸς μᾶλλον, ὥσπερ καὶ τῶν νῦν οἱ πολλοὶ τῶν σοφῶν ὑπὸ τοῦ πυκνὰ περιστρέφεσθαι ζητοῦντες ὅπῃ ἔχει τὰ ὄντα εἰλιγγιῶσιν, κάπειτα αὐτοῖς φαίνεται περιφέρεσθαι τὰ πράγματα καὶ πάντως [411c] φέρεσθαι. αἰτιῶνται δὴ οὐ τὸ ἔνδον τὸ παρὰ σφίσι πάθος αἴτιον εἶναι ταύτης τῆς δόξης, ἀλλὰ αὐτὰ τὰ πράγματα οὕτω πεφυκέναι, οὐδὲν αὐτῶν μόνιμον εἶναι οὐδὲ βέβαιον, ἀλλὰ ρεῖν καὶ φέρεσθαι καὶ μεστὰ εἶναι πάσης φορᾶς καὶ γενέσεως ἀεὶ. λέγω δὴ ἐννοήσας πρὸς πάντα τὰ νυνδὴ ὀνόματα.

Ερμογένης: πῶς δὴ τοῦτο, ὦ Σώκρατες;

Σωκράτης: οὐ κατενόησας ἴσως τὰ ἄρτι λεγόμενα ὅτι παντάπασιν ὡς φερομένοις τε καὶ ρέουσι καὶ γιγνομένοις τοῖς πράγμασι τὰ ὀνόματα ἐπίκειται.

Ερμογένης: οὐ πάνυ ἐνεθυμήθην.

[411d] *Σωκράτης*: καὶ μὴν πρῶτον μὲν τοῦτο ὃ πρῶτον εἶπομεν παντάπασιν ὡς ἐπὶ τοιούτων ἐστίν.

Ερμογένης: τὸ ποῖον;

Σωκράτης: ἡ “φρόνησις”: φορᾶς γὰρ ἐστὶ καὶ ῥοῦ νόησις. εἴη δ’ ἂν καὶ ὄνησιν ὑπολαβεῖν φορᾶς: ἀλλ’ οὖν περὶ γε τὸ φέρεσθαι ἐστίν. εἰ δὲ βούλει, ἡ “γνώμη” παντάπασιν δηλοῖ γονῆς σκέψιν καὶ νόμησιν: τὸ γὰρ “νωμᾶν” καὶ τὸ “σκοπεῖν” ταυτόν. εἰ δὲ βούλει, αὐτὸ ἡ “νόησις” τοῦ νέου ἐστὶν ἔσις, τὸ δὲ νέα εἶναι τὰ ὄντα σημαίνει [411e] γιγνόμενα ἀεὶ εἶναι: τούτου οὖν ἐφίεσθαι τὴν ψυχὴν μὴνύει τὸ ὄνομα ὁ θέμενος τὴν “νεόεσιν.” οὐ γὰρ “νόησις” τὸ ἀρχαῖον ἐκαλεῖτο, ἀλλ’ ἀντὶ τοῦ ἦτα εἶ ἔδει λέγειν δύο, “νοέεσιν.” “σωφροσύνη” δὲ σωτηρία οὗ νυνδὴ ἐσκέμμεθα, [412a] φρονήσεως. καὶ μὴν ἢ γε ἐπιστήμη μὴνύει ὡς φερομένοις τοῖς πράγμασιν ἐπομένης τῆς ψυχῆς τῆς ἀξίας λόγου, καὶ οὔτε ἀπολειπομένης οὔτε προθεούσης: διὸ δὴ ἐμβάλλοντας δεῖ τὸ εἶ “ἐπιστήμην” αὐτὴν ὀνομάζειν. “σύνεσις” δ’ αὖ οὕτω μὲν δόξειεν ἂν ὥσπερ συλλογισμὸς εἶναι, ὅταν δὲ συνιέναι λέγη, ταυτόν παντάπασιν τῷ ἐπίστασθαι συμβαίνει λεγόμενον: συμπορεύεσθαι γὰρ λέγει [412b] τὴν ψυχὴν τοῖς πράγμασι τὸ “συνιέναι.” ἀλλὰ μὴν ἢ γε “σοφία” φορᾶς ἐφάπτεσθαι σημαίνει. σκοτωδέστερον δὲ τοῦτο καὶ ξενικώτερον: ἀλλὰ δεῖ ἐκ τῶν ποιητῶν ἀναμιμνήσκεσθαι ὅτι πολλαχοῦ λέγουσιν περὶ ὅτου ἂν τύχωσιν τῶν ἀρχομένων ταχὺ προιέναι “ἐσύθη” φασίν. Λακωνικῶ δὲ ἀνδρὶ τῶν εὐδοκίμων καὶ ὄνομα ἦν “Σοῦς”: τὴν γὰρ ταχεῖαν

ὄρμην οἱ Λακεδαιμόνιοι τοῦτο καλοῦσιν. ταύτης οὖν τῆς φορᾶς ἐπαφήν σημαίνει ἡ σοφία, ὡς φερομένων τῶν ὄντων. [412c] καὶ μὴν τό γε “ἀγαθόν,” τοῦτο τῆς φύσεως πάσης τῷ ἀγαστῷ βούλεται τὸ ὄνομα ἐπικεῖσθαι. ἐπειδὴ γὰρ πορεύεται τὰ ὄντα, ἓν μὲν ἄρ' αὐτοῖς τάχος, ἓν δὲ βραδυτής. ἔστιν οὖν οὐ πᾶν τὸ ταχὺ ἀλλὰ τι αὐτοῦ ἀγαστόν. τοῦ θοοῦ δὴ τῷ ἀγαστῷ αὕτη ἡ ἐπωνυμία ἐστίν, “τάγαθόν.”

“δικαιοσύνη” δέ, ὅτι μὲν ἐπὶ τῇ τοῦ δικαίου συνέσει τοῦτο κεῖται τὸ ὄνομα, ῥάδιον συμβαλεῖν: αὐτὸ δὲ τὸ “δίκαιον” χαλεπόν. καὶ γὰρ δὴ καὶ ἔοικε μέχρι μὲν του ὁμολογεῖσθαι [412d] παρὰ πολλῶν, ἔπειτα δὲ ἀμφισβητεῖσθαι. ὅσοι γὰρ ἡγοῦνται τὸ πᾶν εἶναι ἐν πορείᾳ, τὸ μὲν πολὺ αὐτοῦ ὑπολαμβάνουσιν τοιοῦτόν τι εἶναι οἷον οὐδὲν ἄλλο ἢ χωρεῖν, διὰ δὲ τούτου παντὸς εἶναι τι διεξιόν, δι' οὗ πάντα τὰ γινόμενα γίγνεσθαι: εἶναι δὲ τάχιστον τοῦτο καὶ λεπτότατον. οὐ γὰρ ἂν δύνασθαι ἄλλως διὰ τοῦ ὄντος ἰέναι παντός, εἰ μὴ λεπτότατόν τε ἦν ὥστε αὐτὸ μηδὲν στέγειν, καὶ τάχιστον ὥστε χρῆσθαι ὥσπερ ἐστῶσι τοῖς ἄλλοις. ἐπεὶ δ' οὖν ἐπιτροπεύει τὰ [412e] ἄλλα πάντα διαίον, τοῦτο τὸ ὄνομα ἐκλήθη ὀρθῶς “δίκαιον,” εὐστομίας ἕνεκα τὴν τοῦ κάππα δύναμιν προσλαβόν. μέχρι μὲν οὖν ἐνταῦθα, ὃ νυνδὴ ἐλέγομεν, παρὰ πολλῶν ὁμολογεῖται [413a] τοῦτο εἶναι τὸ δίκαιον: ἐγὼ δέ, ὃ Ἑρμογένες, ἄτε λιπαρῆς ὢν περὶ αὐτοῦ, ταῦτα μὲν πάντα διαπέψυμαι ἐν ἀπορρήτοις, ὅτι τοῦτό ἐστι τὸ δίκαιον καὶ τὸ αἴτιον--δι' ὃ γὰρ γίγνεται, τοῦτ' ἔστι τὸ αἴτιον--καὶ “Δία” καλεῖν ἔφη τις τοῦτο ὀρθῶς ἔχειν διὰ ταῦτα. ἐπειδὴ δ' ἡρέμα αὐτοῦς ἐπανερωτῶ ἀκούσας ταῦτα μηδὲν ἤττον: “τί οὖν ποτ' ἔστιν, ὃ ἄριστε, δίκαιον, εἰ τοῦτο οὕτως ἔχει;” δοκῶ τε ἤδη μακρότερα τοῦ προσήκοντος ἐρωτᾶν καὶ ὑπὲρ τὰ ἐσκαμμένα [413b] ἄλλεσθαι. ἰκανῶς γὰρ μέ φασι πεπύσθαι [ἀκηκοέναι] καὶ ἐπιχειροῦσιν, βουλόμενοι ἀποπιμπλάναι με, ἄλλος ἄλλα ἤδη λέγειν, καὶ οὐκέτι συμφωνοῦσιν. ὁ μὲν γὰρ τίς φησιν τοῦτο εἶναι δίκαιον, τὸν ἥλιον: τοῦτον γὰρ μόνον διαιόντα καὶ κάοντα ἐπιτροπεύειν τὰ ὄντα. ἐπειδὴ οὖν τῷ λέγω αὐτὸ ἄσμενος ὡς καλόν τι ἀκηκοώς, καταγελαῖ μου οὗτος ἀκούσας καὶ ἐρωτᾷ εἰ οὐδὲν δίκαιον οἶμαι εἶναι ἐν τοῖς ἀνθρώποις ἐπειδὴν [413c] ὁ ἥλιος δύη. λιπαροῦντος οὖν ἐμοῦ ὅτι αὐτὸς ἐκεῖνος λέγει αὐτό, τὸ πῦρ φησιν: τοῦτο δὲ οὐ ῥάδιόν ἐστιν εἰδέναι. ὁ δὲ οὐκ αὐτὸ τὸ πῦρ φησιν, ἀλλ' αὐτὸ τὸ θερμὸν τὸ ἐν τῷ πυρὶ ἐνόν. ὁ δὲ τούτων μὲν πάντων καταγελαῖν φησιν, εἶναι δὲ τὸ δίκαιον ὃ λέγει Ἀναξαγόρας, νοῦν εἶναι τοῦτο: αὐτοκράτορα γὰρ αὐτὸν ὄντα καὶ οὐδενὶ μμειγμένον πάντα φησιν αὐτὸν κοσμεῖν τὰ πράγματα διὰ πάντων ἰόντα. ἐνταῦθα δὴ ἐγὼ, ὃ φίλε, πολὺ ἐν πλείονι ἀπορία εἰμὶ ἢ πρὶν ἐπιχειρῆσαι μανθάνειν [413d] περὶ τοῦ δικαίου ὅτι ποτ' ἔστιν. ἀλλ' οὖν οὐδὲν ἕνεκα ἐσκοποῦμεν, τό γε ὄνομα τοῦτο φαίνεται αὐτῷ διὰ ταῦτα κεῖσθαι.

Ἑρμογένης: φαίνη μοι, ὃ Σώκρατες, ταῦτα μὲν ἀκηκοέναι του καὶ οὐκ αὐτοσχεδιάζειν.

Σωκράτης: τί δὲ τᾶλλα;

Ἑρμογένης: οὐ πάνυ.

Σωκράτης: ἄκουε δὴ: ἴσως γὰρ ἂν σε καὶ τὰ ἐπίλοιπα ἐξαπατήσαιμι ὡς οὐκ ἀκηκοώς λέγω. μετὰ γὰρ δικαιοσύνην τί ἡμῖν λείπεται; ἀνδρείαν οἶμαι οὐπω διήλθομεν. ἀδικία μὲν γὰρ [413e] δῆλον ὅτι ἐστὶν ὄντος ἐμπόδισμα τοῦ διαιόντος, ἀνδρεία δὲ σημαίνει ὡς ἐν μάχῃ ἐπονομαζομένης τῆς ἀνδρείας--μάχην

δ' εἶναι ἐν τῷ ὄντι, εἴπερ ῥεῖ, οὐκ ἄλλο τι ἢ τὴν ἐναντίαν ῥοήν--ἐὰν οὖν τις ἐξέλη τὸ δέλτα τοῦ ὀνόματος τῆς ἀνδρείας, αὐτὸ μὴνυεῖ τὸ ἔργον τὸ ὄνομα ἢ “ἀνρεία.” δῆλον οὖν ὅτι οὐ πάση ῥοῇ ἢ ἐναντία ῥοῇ ἀνδρεία ἐστίν, ἀλλὰ τῇ παρὰ [414a] τὸ δίκαιον ῥεοῦση: οὐ γὰρ ἂν ἐπηρεῖτο ἢ ἀνδρεία. καὶ τὸ “ἄρρεν” καὶ ὁ “ἀνήρ” ἐπὶ παραπλησίῳ τινὶ τούτῳ ἐστί, τῇ ἄνω ῥοῇ. “γυνή” δὲ γονὴ μοι φαίνεται βούλεσθαι εἶναι. τὸ δὲ “θηλυ” ἀπὸ τῆς θηλῆς τι φαίνεται ἐπωνομάσθαι: ἢ δὲ “θηλή” ἄρα γε, ὧς Ἑρμογένες, ὅτι τεθλημένοι ποιεῖ ὡσπερ τὰ ἀρδόμενα;

Ἑρμογένης: ἔοικέν γε, ὧς Σώκρατες.

Σωκράτης: καὶ μὴν αὐτὸ γε τὸ “θάλλειν” τὴν αὔξιν μοι δοκεῖ ἀπεικάζειν τὴν τῶν νέων, ὅτι ταχεῖα καὶ ἐξαιφνιδία γίγνεται. [414b] οἷόνπερ οὖν μεμίμηται τῷ ὀνόματι, συναρμόσας ἀπὸ τοῦ θεῖν καὶ ἄλλεσθαι τὸ ὄνομα. ἀλλ' οὐ γὰρ ἐπισκοπεῖς με ὡσπερ ἐκτὸς δρόμου φερόμενον ἐπειδὴν λείου ἐπιλάβωμαι: ἐπίλοιπα δὲ ἡμῖν ἔτι συχνὰ τῶν δοκούντων σπουδαίων εἶναι.

Ἑρμογένης: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: ὧν γ' ἔστιν ἐν καὶ “τέχνην” ἰδεῖν ὅτι ποτὲ βούλεται εἶναι.

Ἑρμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: οὐκοῦν τοῦτό γε ἔξιν νοῦ σημαίνει, τὸ μὲν ταῦ [414c] ἀφελόντι, ἐμβαλόντι δὲ οὗ μεταξὺ τοῦ χεῖ καὶ τοῦ νῦ καὶ <τοῦ νῦ καὶ> τοῦ ἦτα;

Ἑρμογένης: καὶ μάλα γε γλίσχρως, ὧς Σώκρατες.

Σωκράτης: ὧ μακάριε, οὐκ οἶσθ' ὅτι τὰ πρῶτα ὀνόματα τεθέντα κατακέχωσται ἤδη ὑπὸ τῶν βουλομένων τραγωδεῖν αὐτά, περιτιθέντων γράμματα καὶ ἐξαιρούντων εὐστομίας ἕνεκα καὶ πανταχῆ στρεφόντων, καὶ ὑπὸ καλλωπισμοῦ καὶ ὑπὸ χρόνου. ἐπεὶ ἐν τῷ “κατόπτρῳ” οὐ δοκεῖ [σοι] ἄτοπον εἶναι τὸ ἐμβεβληθῆσθαι τὸ ῥῶ; ἀλλὰ τοιαῦτα οἶμαι ποιοῦσιν οἱ τῆς μὲν [414d] ἀληθείας οὐδὲν φροντίζοντες, τὸ δὲ στόμα πλάττοντες, ὥστ' ἐπεμβάλλοντες πολλὰ ἐπὶ τὰ πρῶτα ὀνόματα τελευτῶντες ποιοῦσιν μὴδ' ἂν ἕνα ἀνθρώπων συνεῖναι ὅτι ποτὲ βούλεται τὸ ὄνομα: ὡσπερ καὶ τὴν Σφίγγα ἀντὶ “φικὸς” “σφίγγα” καλοῦσιν, καὶ ἄλλα πολλά.

Ἑρμογένης: ταῦτα μὲν ἔστιν οὕτως, ὧς Σώκρατες.

Σωκράτης: εἰ δ' αὖ τις ἐάσει καὶ ἐντιθέναι καὶ ἐξαιρεῖν ἅττ' ἂν βούληται τις εἰς τὰ ὀνόματα, πολλὴ εὐπορία ἔσται καὶ πᾶν ἂν παντί τις ὄνομα πράγματι προσαρμόσειεν.

[414e] *Ἑρμογένης:* ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: ἀληθῆ μέντοι. ἀλλὰ τὸ μέτριον οἶμαι δεῖ φυλάττειν καὶ τὸ εἰκὸς σὲ τὸν σοφὸν ἐπιστάτην.

Ἑρμογένης: βουλοίμην ἄν.

Σωκράτης: καὶ ἐγὼ σοι συμβούλομαι, ὧς Ἑρμογένες. ἀλλὰ μὴ [415a] λῖαν, ὧς δαιμόνιε, ἀκριβολογοῦ, “μή μ' ἀπογυιώσης μένεος.”⁵ ἔρχομαι γὰρ ἐπὶ τὴν κορυφὴν ὧν εἴρηκα, ἐπειδὴν μετὰ τέχνην μηχανὴν ἐπισκεψώμεθα. “μηχανή” γὰρ μοι δοκεῖ τοῦ ἄνειν ἐπὶ πολὺ σημεῖον εἶναι: τὸ γὰρ “μῆκός” πως τὸ πολὺ σημαίνει: ἐξ ἀμφοῖν οὖν τούτοις σύγκειται, “μήκους” τε καὶ τοῦ “ἄνειν,” τὸ ὄνομα ἢ “μηχανή.” ἀλλ', ὅπερ νυνδὴ εἶπον, ἐπὶ τὴν κορυφὴν δεῖ τῶν εἰρημένων ἐλθεῖν: “ἀρετὴ” γὰρ

καὶ “κακία” ὅτι βούλεται τὰ ὀνόματα [415b] ζητητέα. τὸ μὲν οὖν ἕτερον οὐπω καθορῶ, τὸ δ' ἕτερον δοκεῖ μοι κατάδηλον εἶναι. συμφωνεῖ γὰρ τοῖς ἔμπροσθεν πᾶσιν. ἄτε γὰρ ἰόντων τῶν πραγμάτων, πᾶν τὸ κακῶς ἰὸν “κακία” ἂν εἴη: τοῦτο δὲ ὅταν ἐν ψυχῇ ᾗ, τὸ κακῶς ἰέναι ἐπὶ τὰ πράγματα, μάλιστα τὴν τοῦ ὅλου ἐπωνυμίαν ἔχει τῆς κακίας. τὸ δὲ κακῶς ἰέναι ὅτι ποτ' ἔστιν, δοκεῖ μοι δηλοῦν καὶ ἐν τῇ “δειλία,” ὃ οὐπω διήλθομεν ἀλλ' [415c] ὑπερέβημεν, δέον αὐτὸ μετὰ τὴν ἀνδρείαν σκέψασθαι: δοκοῦμεν δὲ μοι καὶ ἄλλα πολλὰ ὑπερβεβηκέναι. ἢ δ' οὖν δειλία τῆς ψυχῆς σημαίνει δεσμὸν εἶναι ἰσχυρόν: τὸ γὰρ “λίαν” ἰσχύς τις ἔστιν. δεσμὸς οὖν ὁ λίαν καὶ ὁ μέγιστος τῆς ψυχῆς ἢ δειλία ἂν εἴη: ὥσπερ γε καὶ ἡ ἀπορία κακόν, καὶ πᾶν, ὡς ἔοικεν, ὅτι ἂν ἐμποδῶν ᾗ τῷ ἰέναι καὶ πορεύεσθαι. τοῦτ' οὖν φαίνεται τὸ κακῶς ἰέναι δηλοῦν, τὸ ἰσχυμένως τε καὶ ἐμποδιζόμενως πορεύεσθαι, ὃ δὴ ψυχὴ ὅταν ἔχη, κακία μεστὴ γίγνεται. εἰ δ' ἐπὶ τοιούτοις ἢ “κακία” ἔστιν τοῦνομα, τὸναντίον τούτου ἢ “ἀρετὴ” ἂν εἴη, σημαῖνον πρῶτον [415d] μὲν εὐπορίαν, ἔπειτα δὲ λελυμένην τὴν ῥοὴν τῆς ἀγαθῆς ψυχῆς εἶναι ἀεὶ, ὥστε τὸ ἀσχέτως καὶ τὸ ἀκωλύτως ἀεὶ ῥέον ἐπωνυμίαν εἴληφεν, ὡς ἔοικε, τοῦτο τοῦνομα, <δ> ὀρθῶς μὲν ἔχει “ἀειρείτην” καλεῖν, [ἴσως δὲ αἰρετὴν λέγει, ὡς οὐσης ταύτης τῆς ἔξω αἰρετωτάτης,] συγκεκριμένη δὲ καὶ καλεῖται “ἀρετὴ.” καὶ ἴσως με αὐτὴ φήσεις πλάττειν: ἐγὼ δὲ φημι, εἴπερ ὃ ἔμπροσθεν εἶπον ὀρθῶς ἔχει, ἢ “κακία,” [415e] καὶ τοῦτο τὸ ὄνομα τὴν “ἀρετὴν” ὀρθῶς ἔχειν.

[416a] *Ἐρμογένης*: τὸ δὲ δὴ “κακόν,” δι' οὗ πολλὰ τῶν ἔμπροσθεν εἴρηκας, τί ἂν νοοῖ τοῦνομα;

Σωκράτης: ἄτοπὸν τι νῆ Δία ἔμοιγε δοκεῖ καὶ χαλεπὸν συμβαλεῖν. ἐπάγω οὖν καὶ τούτῳ ἐκείνην τὴν μηχανήν.

Ἐρμογένης: ποίαν ταύτην;

Σωκράτης: τὴν τοῦ βαρβαρικόν τι καὶ τοῦτο φάναι εἶναι.

Ἐρμογένης: καὶ ἔοικας γε ὀρθῶς λέγοντι. ἀλλ' εἰ δοκεῖ, ταῦτα μὲν ἐῶμεν, τὸ δὲ “καλόν” καὶ [τὸ] “αἰσχροὺν” πειρώμεθα ἰδεῖν πῇ εὐλόγως ἔχει.

Σωκράτης: τὸ μὲν τοῖνον “αἰσχροὺν” καὶ δὴ κατάδηλόν μοι [416b] φαίνεται ὃ νοεῖ: καὶ τοῦτο γὰρ τοῖς ἔμπροσθεν ὁμολογεῖται. τὸ γὰρ ἐμποδίζον καὶ ἴσχον τῆς ῥοῆς τὰ ὄντα λοιδορεῖν μοι φαίνεται διὰ παντὸς ὃ τὰ ὀνόματα τιθεῖς, καὶ νῦν τῷ ἀεὶ ἴσχοντι τὸν ῥοῦν τοῦτο τὸ ὄνομα ἔθετο <τὸ> “ἀεισχροῦν”: νῦν δὲ συγκροτήσαντες “αἰσχροὺν” καλοῦσιν.

Ἐρμογένης: τί δὲ τὸ “καλόν”;

Σωκράτης: τοῦτο χαλεπώτερον κατανοῆσαι. καίτοι λέγει γε αὐτό: ἀρμονία μόνον καὶ μήκει τοῦ οὗ παρῆκται.

Ἐρμογένης: πῶς δὴ;

Σωκράτης: τῆς διανοίας τις ἔοικεν ἐπωνυμία εἶναι τοῦτο τὸ ὄνομα.

Ἐρμογένης: πῶς λέγεις;

[416c] *Σωκράτης*: φέρε, τί οἶε σὺ εἶναι τὸ αἴτιον κληθῆναι ἐκάστῳ τῶν ὄντων; ἄρ' οὐκ ἐκεῖνο τὸ τὰ ὀνόματα θέμενον;

Ἐρμογένης: πάντως που.

Σωκράτης: οὐκοῦν διάνοια ἂν εἴη τοῦτο ἢτοι θεῶν ἢ ἀνθρώπων ἢ ἀμφοτέρων;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: οὐκοῦν τὸ καλέσαν τὰ πράγματα καὶ τὸ καλοῦν ταῦτόν ἐστιν τοῦτο, διάνοια;

Ἐρμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ ὅσα μὲν ἂν νοῦς τε καὶ διάνοια ἐργάσῃται, ταῦτά ἐστι τὰ ἐπαινετά, ἃ δὲ μή, ψεκτά;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

[416d] *Σωκράτης*: τὸ οὖν ἰατρικὸν ἰατρικὰ ἐργάζεται καὶ τὸ τεκτονικὸν τεκτονικά; ἢ πῶς λέγεις;

Ἐρμογένης: οὕτως ἔγωγε.

Σωκράτης: καὶ τὸ καλοῦν ἄρα καλά;

Ἐρμογένης: δεῖ γέ τοι.

Σωκράτης: ἔστι δέ γε τοῦτο, ὡς φαμεν, διάνοια;

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ὀρθῶς ἄρα φρονήσεως αὕτη ἢ ἐπωνυμία ἐστὶν τὸ “καλὸν” τῆς τὰ τοιαῦτα ἀπεργαζομένης, ἃ δὴ καλὰ φάσκοντες εἶναι ἀσπαζόμεθα.

Ἐρμογένης: φαίνεται.

[416e] *Σωκράτης*: τί οὖν ἔτι ἡμῖν λοιπὸν τῶν τοιούτων;

Ἐρμογένης: ταῦτα τὰ περὶ τὸ ἀγαθὸν τε καὶ καλόν, συμφέροντά [417a] τε καὶ λυσιτελοῦντα καὶ ὠφέλιμα καὶ κερδαλέα καὶ τάναντία τούτων.

Σωκράτης: οὐκοῦν τὸ μὲν “συμφέρον” ἤδη που κἂν σὺ εὔροις ἐκ τῶν πρότερον ἐπισκοπῶν: τῆς γὰρ ἐπιστήμης ἀδελφόν τι φαίνεται. οὐδὲν γὰρ ἄλλο δηλοῖ ἢ τὴν ἅμα φορὰν τῆς ψυχῆς μετὰ τῶν πραγμάτων, καὶ τὰ ὑπὸ τοῦ τοιούτου πραττόμενα “συμφέροντά” τε καὶ “σύμφορα” κεκληῖσθαι ἀπὸ τοῦ συμπεριφέρεσθαι ἔοικε, τὸ δέ γε “κερδαλέον” ἀπὸ τοῦ [417b] κέρδους. “κέρδος” δὲ νῦν ἀντὶ τοῦ δέλτα ἀποδιδόντι ἐς τὸ ὄνομα δηλοῖ ὃ βούλεται: τὸ γὰρ ἀγαθὸν κατ’ ἄλλον τρόπον ὀνομάζει. ὅτι γὰρ κεράννυται ἐς πάντα διεξίον, ταύτην αὐτοῦ τὴν δύναμιν ἐπονομάζων ἔθετο τοῦνομα: δέλτα <δ> ἐνθεῖς ἀντὶ τοῦ νῦν “κέρδος” ἐφθέγγετο.

Ἐρμογένης: “Λυσιτελοῦν” δὲ τί δὴ;

Σωκράτης: ἔοικεν, ὃ Ἐρμόγενης, οὐχὶ καθάπερ οἱ κάπηλοι αὐτῷ χρῶνται, ἐὰν τὸ ἀνάλωμα ἀπολύῃ, οὐ ταύτη λέγειν [417c] μοι δοκεῖ τὸ “λυσιτελοῦν,” ἀλλ’ ὅτι τάχιστον ὄν τοῦ ὄντος ἴστασθαι οὐκ ἔῃ τὰ πράγματα, οὐδὲ τέλος λαβοῦσαν τὴν φορὰν τοῦ φέρεσθαι στήναί τε καὶ παύσασθαι, ἀλλ’ αἰεὶ λύει αὐτῆς ἂν τι ἐπιχειρῇ τέλος ἐγγίγνεσθαι, καὶ παρέχει ἄπαυστον καὶ ἀθάνατον αὐτήν, ταύτη μοι δοκεῖ ἐπιφημίσαι τὸ ἀγαθὸν λυσιτελοῦν: τὸ γὰρ τῆς φορᾶς λύον τὸ τέλος “λυσιτελοῦν” καλέσαι. “ὠφέλιμον” δὲ ξενικὸν τοῦνομα, ὃ καὶ Ὅμηρος πολλαχοῦ κέχρηται, τῷ “ὀφέλλειν”: ἔστι δὲ τοῦτο τοῦ αὔξειν καὶ ἴποιεῖν ἐπωνυμία.

[417d] *Ἐρμογένης*: τὰ δὲ δὴ τούτων ἐναντία πῶς ἔχει ἡμῖν;

Σωκράτης: ὅσα μὲν ἀπόφησιν αὐτῶν, ὡς γέ μοι δοκεῖ, οὐδὲν δεῖ ταῦτα διεξιέναι.

Ἐρμογένης: ποῖα ταῦτα;

Σωκράτης: “ἀσύμφορον” καὶ “ἀνωφελές” καὶ “ἀλυσιτελές” καὶ “ἀκερδές.”

Ἐρμογένης: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: ἀλλὰ “βλαβερόν” γε καὶ “ζημιῶδες.”

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: καὶ τὸ μὲν γε “βλαβερόν” τὸ [417e] βλάπτων τὸν ῥοῦν εἶναι λέγει: τὸ δὲ “βλάπτων” αὐτὸ σημαίνει βουλόμενον ἄπτειν: τὸ δὲ “ἄπτειν” καὶ δεῖν ταυτόν ἐστι, τοῦτο δὲ πανταχοῦ ψέγει. τὸ βουλόμενον οὖν ἄπτειν ῥοῦν ὀρθότατα μὲν ἂν εἴη “βουλαπτεροῦν,” καλλωπισθὲν δὲ καλεῖσθαι μοι φαίνεται “βλαβερόν.”

Ἐρμογένης: ποικίλα γέ σοι, ὦ Σώκρατες, ἐκβαίνει τὰ ὀνόματα. καὶ γὰρ νῦν μοι ἔδοξας ὡσπερ τοῦ τῆς Ἀθηνάας νόμου προαύλιον στομαυλῆσαι, τοῦτο τὸ ὄνομα προειπὼν τὸ [418a] “βουλαπτεροῦν.”

Σωκράτης: οὐκ ἐγώ, ὦ Ἐρμόγενης, αἴτιος, ἀλλ’ οἱ θέμενοι τὸ ὄνομα.

Ἐρμογένης: ἀληθῆ λέγεις: ἀλλὰ δὴ τὸ “ζημιῶδες” τί ἂν εἴη;

Σωκράτης: τί δ’ ἂν εἴη ποτὲ “ζημιῶδες”; θέασαι, ὦ Ἐρμόγενης, ὡς ἐγὼ ἀληθῆ λέγω λέγων ὅτι προστιθέντες γράμματα καὶ ἐξαίρουσιν σφόδρα ἀλλοιοῦσι τὰς τῶν ὀνομάτων διανοίας, οὕτως ὥστε σμικρὰ πάνυ παραστρέφοντες ἐνίοτε τὰναντία [418b] ποιεῖν σημαίνειν. οἷον καὶ ἐν τῷ “δέοντι”: ἐνενόησα γὰρ αὐτὸ καὶ ἀνεμνήσθην ἄρτι ἀπὸ τοῦδε ὃ ἐμελλόν σοι ἐρεῖν ὅτι ἢ μὲν νέα φωνὴ ἡμῖν ἢ καλὴ αὐτῇ καὶ τοῦναντίον περιέτρεψε μηνύειν τὸ “δέον” καὶ τὸ “ζημιῶδες,” ἀφανίζουσα ὅτι νοεῖ, ἢ δὲ παλαιὰ ἀμφοτέρων δηλοῖ ὃ βούλεται τοῦνομα.

Ἐρμογένης: πῶς λέγεις;

Σωκράτης: ἐγὼ σοι ἐρῶ. οἶσθα ὅτι οἱ παλαιοὶ οἱ ἡμέτεροι τῷ ἰῶτα καὶ τῷ δέλτα εὖ μάλα ἐχρῶντο, καὶ οὐχ ἤκιστα [418c] αἱ γυναῖκες, αἵπερ μάλιστα τὴν ἀρχαίαν φωνὴν σφύζουσι. νῦν δὲ ἀντὶ μὲν τοῦ ἰῶτα ἢ εἰ ἢ ἦτα μεταστρέφουσιν, ἀντὶ δὲ τοῦ δέλτα ζῆτα, ὡς δὴ μεγαλοπρεπέστερα ὄντα.

Ἐρμογένης: πῶς δὴ;

Σωκράτης: οἷον οἱ μὲν ἀρχαιότατοι “ἡμέραν” τὴν ἡμέραν ἐκάλουν, οἱ δὲ “ἐμέραν,” οἱ δὲ νῦν “ἡμέραν.”

Ἐρμογένης: ἔστι ταῦτα.

Σωκράτης: οἶσθα οὖν ὅτι μόνον τούτων δηλοῖ τὸ ἀρχαῖον ὄνομα τὴν διάνοιαν τοῦ θεμένου; ὅτι γὰρ ἀσμένους τοῖς [418d] ἀνθρώποις καὶ ἰμεῖρουσιν ἐκ τοῦ σκότους τὸ φῶς ἐγίγνετο, ταύτη ὠνόμασαν “ἡμέραν.”

Ἐρμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: νῦν δὲ γε τετραγωδημένον οὐδ’ ἂν κατανοήσῃς ὅτι βούλεται ἢ “ἡμέρα.” καίτοι τινὲς οἴονται, ὡς δὴ ἢ ἡμέρα ἢ μερα ποιεῖ, διὰ ταῦτα ὠνομάσθαι αὐτὴν οὕτως.

Ἐρμογένης: δοκεῖ μοι.

Σωκράτης: καὶ τό γε “ζυγόν” οἶσθα ὅτι “δυογόν” οἱ παλαιοὶ ἐκάλουν.

Ερμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: καὶ τὸ μὲν γε “ζυγόν” οὐδὲν δηλοῖ, τὸ δὲ τοῖν [418e] δυοῖν ἔνεκα τῆς δέσεως ἐς τὴν ἀγωγὴν ἐπωνόμασται “δυογόν” δικαίως: νῦν δὲ “ζυγόν.” καὶ ἄλλα πάμπολλα οὕτως ἔχει.

Ερμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: κατὰ ταυτὰ τοίνυν πρῶτον μὲν τὸ “δέον” οὕτω λεγόμενον τὸναντίον σημαίνει πᾶσι τοῖς περὶ τὸ ἀγαθὸν ὀνόμασιν: ἀγαθοῦ γὰρ ἰδέα οὔσα τὸ δέον φαίνεται δεσμὸς εἶναι καὶ κώλυμα φορᾶς, ὥσπερ ἀδελφὸν ὄν τοῦ βλαβεροῦ.

Ερμογένης: καὶ μάλα, ὦ Σώκρατες, οὕτω φαίνεται.

Σωκράτης: ἀλλ’ οὐκ ἐὰν τῷ ἀρχαίῳ ὀνόματι χρῆ, ὃ πολὺ [419a] μᾶλλον εἰκὸς ἐστὶν ὀρθῶς κεῖσθαι ἢ τὸ νῦν, ἀλλ’ ὁμολογήσει τοῖς πρόσθεν ἀγαθοῖς, ἐὰν ἀντὶ τοῦ εἶ τὸ ἰῶτα ἀποδιδῶς, ὥσπερ τὸ παλαιόν: διὶδὸν γὰρ αὖ σημαίνει, ἀλλ’ οὐ δέον, τὰγαθόν, ὅπερ δὴ ἐπαινεῖ. καὶ οὕτω οὐκ ἐναντιοῦται αὐτὸς αὐτῷ ὁ τὰ ὀνόματα τιθέμενος, ἀλλὰ “δέον” καὶ “ὠφέλιμον” καὶ “λυσιτελοῦν” καὶ “κερδαλέον” καὶ “ἀγαθόν” καὶ “συμφέρον” καὶ “εὐπορον” τὸ αὐτὸ φαίνεται, ἑτέροις ὀνόμασι σημαῖνον τὸ διακοσμοῦν καὶ ἰὸν πανταχοῦ ἐγκεκωμισμένον, [419b] τὸ δὲ ἴσχον καὶ δοῦν ψεγόμενον. καὶ δὴ καὶ τὸ “ζημιῶδες,” ἐὰν κατὰ τὴν ἀρχαίαν φωνὴν ἀποδῶς ἀντὶ τοῦ ζῆτα δέλτα, φανεῖται σοι κεῖσθαι τὸ ὄνομα ἐπὶ τῷ δοῦντι τὸ ἰόν, ἐπωνομασθὲν “δημιῶδες.”

Ερμογένης: τί δὲ δὴ “ἡδονή” καὶ “λύπη” καὶ “ἐπιθυμία” καὶ τὰ τοιαῦτα, ὦ Σώκρατες;

Σωκράτης: οὐ πάνυ χαλεπά μοι φαίνεται, ὦ Ἑρμόγενης. ἢ τε γὰρ “ἡδονή,” ἢ πρὸς τὴν ὄνησιν ἔοικε τείνουσα πρᾶξις τοῦτο ἔχειν τὸ ὄνομα--τὸ δέλτα δὲ ἔγκειται, ὥστε “ἡδονή” [419c] ἀντὶ “ἡονῆς” καλεῖται--ἢ τε “λύπη” ἀπὸ τῆς διαλύσεως τοῦ σώματος ἔοικεν ἐπωνομάσθαι ἢ ἐν τούτῳ τῷ πάθει ἴσχει τὸ σῶμα. καὶ ἢ γε “ἀνία” τὸ ἐμποδίζον τοῦ ἰέναι. ἢ δὲ “ἀλγηδών” ξενικόν τι φαίνεται μοι ἀπὸ τοῦ ἀλγεινοῦ ὀνομασμένον. “ὀδύνη” δὲ ἀπὸ τῆς ἐνδύσεως τῆς λύπης κεκλημένη ἔοικεν. “ἀχθηδών” δὲ καὶ παντὶ δῆλον ἀπεικασμένον τὸ ὄνομα τῷ τῆς φορᾶς βάρει. “χαρὰ” δὲ τῇ διαχύσει καὶ εὐπορίᾳ τῆς ροῆς τῆς ψυχῆς ἔοικε κεκλημένη. [419d] “τέρψις” δὲ ἀπὸ τοῦ τερπνοῦ: τὸ δὲ “τερπνόν” ἀπὸ τῆς διὰ τῆς ψυχῆς ἔρψεως πνοῇ ἀπεικασθὲν κέκληται, ἐν δίκῃ μὲν ἂν “ἔρπνου” καλούμενον, ὑπὸ χρόνου δὲ “τερπνόν” παρηγμένον. “εὐφροσύνη” δὲ οὐδὲν προσδεῖται τοῦ διότι ῥηθῆναι: παντὶ γὰρ δῆλον ὅτι ἀπὸ τοῦ εὖ τοῖς πράγμασι τὴν ψυχὴν συμφέρεσθαι τοῦτο ἔλαβε τὸ ὄνομα, “εὐφεροσύνην” τό γε δίκαιον: ὅμως δὲ αὐτὸ καλοῦμεν “εὐφροσύνην.” οὐδ’ “ἐπιθυμία” χαλεπὸν: τῇ γὰρ ἐπὶ τὸν θυμὸν ἰούση [419e] δυνάμει δῆλον ὅτι τοῦτο ἐκλήθη τὸ ὄνομα. “θυμὸς” δὲ ἀπὸ τῆς θύσεως καὶ ζέσεως τῆς ψυχῆς ἔχει ἂν τοῦτο τὸ ὄνομα. ἀλλὰ μὴν “ἡμερός” γε τῷ μάλιστα ἔλκοντι τὴν ψυχὴν ῥῶ [420a] ἐπωνομάσθη: ὅτι γὰρ ἰέμενος ῥεῖ καὶ ἐφίεμενος τῶν πραγμάτων, καὶ οὕτω δὴ ἐπισπᾶ σφόδρα τὴν ψυχὴν διὰ τὴν ἔσιν τῆς ροῆς, ἀπὸ ταύτης οὖν πάσης τῆς δυνάμεως “ἡμερος” ἐκλήθη. καὶ μὴν “πόθος” αὖ καλεῖται σημαίνων οὐ τοῦ παρόντος εἶναι [ἡμέρου τε καὶ ρεύματος] ἀλλὰ τοῦ ἄλλοθί που ὄντος καὶ ἀπόντος, ὅθεν “πόθος” ἐπωνόμασται ὃς τότε, ὅταν παρῆ οὔ τις ἐφίετο, “ἡμερος” ἐκαλεῖτο: ἀπογενομένου δὲ ὁ αὐτὸς οὗτος “πόθος” ἐκλήθη. “ἔρω” δέ, ὅτι εἰσρεῖ ἔξωθεν καὶ οὐκ οἰκεία ἐστὶν ἢ ροῇ [420b] αὕτη τῷ ἔχοντι ἀλλ’

ἐπέισακτος διὰ τῶν ὀμμάτων, διὰ ταῦτα ἀπὸ τοῦ ἐσρεῖν “ἔσρος” τό γε παλαιὸν ἐκαλεῖτο-- τῷ γὰρ οὗ ἄντι τοῦ ὃ ἐχρώμεθα--νῦν δ' “ἔρωσ” κέκληται διὰ τὴν τοῦ ὃ ἄντι τοῦ οὗ μεταλλαγὴν. ἀλλὰ τί ἐτι σὺ λέγεις ὅτι σκοπῶμεν;

Ἐρμογένης: “δόξα” καὶ τὰ τοιαῦτα πῆ σοι φαίνεται;

Σωκράτης: “δόξα” δὴ ἦτοι τῇ διώξει ἐπωνόμασται, ἦν ἡ ψυχὴ διώκουσα τὸ εἰδέναι ὅπῃ ἔχει τὰ πράγματα πορεύεται, ἢ τῇ ἀπὸ τοῦ τόξου βολῇ. ἔοικε δὲ τούτῳ μᾶλλον. ἢ [420c] γοῦν “οἴσις” τούτῳ συμφωνεῖ. “οἴσιν” γὰρ τῆς ψυχῆς ἐπὶ πᾶν πρᾶγμα, οἷόν ἐστιν ἕκαστον τῶν ὄντων, δηλοῦση προσέοικεν, ὥσπερ γε καὶ ἡ “βουλή” πῶς τὴν βολὴν, καὶ τὸ “βούλεσθαι” τὸ ἐφίεσθαι σημαίνει καὶ <τὸ> “βουλευέσθαι”: πάντα ταῦτα δόξη ἐπόμεν' ἄττα φαίνεται τῆς βολῆς ἀπεικάσματα, ὥσπερ αὖ καὶ τὸναντίον ἢ “ἀβουλία” ἀτυχία δοκεῖ εἶναι, ὡς οὐ βαλόντος οὐδὲ τυχόντος οὗ τ' ἔβαλλε καὶ ὁ ἐβούλετο καὶ περὶ οὗ ἐβουλεύετο καὶ οὗ ἐφίετο.

[420d] *Ἐρμογένης*: ταῦτα ἤδη μοι δοκεῖς, ὃ Σώκρατες, πυκνότερα ἐπάγειν.

Σωκράτης: τέλος γὰρ ἤδη θέω. “ἀνάγκη” δ' οὗν ἐτι βούλομαι διαπερᾶναι, ὅτι τούτοις ἐξῆς ἐστι, καὶ τὸ “ἐκούσιον.” τὸ μὲν οὗν “ἐκούσιον,” τὸ εἶκον καὶ μὴ ἀντιτυποῦν ἀλλ', ὥσπερ λέγω, εἶκον τῷ ἰόντι δεδηλωμένον ἂν εἶη τούτῳ τῷ ὀνόματι, τῷ κατὰ τὴν βούλησιν γιγνομένῳ: τὸ δὲ “ἀναγκαῖον” καὶ ἀντίτυπον, παρὰ τὴν βούλησιν ὄν, τὸ περὶ τὴν ἀμαρτίαν ἂν εἶη καὶ ἀμαθίαν, ἀπεικάσται δὲ τῇ κατὰ τὰ [420e] ἄγκη πορεία, ὅτι δύσπορα καὶ τραχέα καὶ λάσια ὄντα ἴσχει τοῦ ἰέναι. ἐντεῦθεν οὗν ἴσως ἐκλήθη “ἀναγκαῖον,” τῇ διὰ τοῦ ἄγκους ἀπεικασθὲν πορεία. ἕως δὲ πάρεστιν ἡ ῥώμη, μὴ ἀνιῶμεν αὐτήν: ἀλλὰ καὶ σὺ μὴ ἀνίει, ἀλλὰ ἐρώτα.

[421a] *Ἐρμογένης*: ἐρωτῶ δὴ τὰ μέγιστα καὶ τὰ κάλλιστα, τὴν τε “ἀλήθειαν” καὶ τὸ “ψευδος” καὶ τὸ “ὄν” καὶ αὐτὸ τοῦτο περὶ ὧν νῦν ὁ λόγος ἡμῖν ἐστιν, “ὄνομα,” δι' ὅτι τὸ ὄνομα ἔχει.

Σωκράτης: μαίεσθαι οὗν καλεῖς τι;

Ἐρμογένης: ἔγωγε, τό γε ζητεῖν.

Σωκράτης: ἔοικε τοίνυν ἐκ λόγου ὀνόματι συγκεκριημένῳ, λέγοντος ὅτι τοῦτ' ἔστιν ὄν, οὗ τυγχάνει ζήτημα <ὄν>, [τὸ] “ὄνομα.” μᾶλλον δὲ ἂν αὐτὸ γνοιῆς ἐν ᾧ λέγομεν τὸ “ὀνομαστόν”: ἐνταῦθα γὰρ σαφῶς λέγει τοῦτο εἶναι ὄν οὗ μᾶσμα ἐστίν. [421b] ἢ δ' “ἀλήθεια,” καὶ τοῦτο τοῖς ἄλλοις ἔοικε [συγκεκριηθῆσθαι]: ἢ γὰρ θεία τοῦ ὄντος φορὰ ἔοικε προσειρηθῆσθαι τούτῳ τῷ ῥήματι, τῇ “ἀληθεία,” ὡς θεία οὐσα ἄλη. τὸ <δὲ> “ψευδος” τὸναντίον τῇ φορᾷ: πάλιν γὰρ αὖ λοιδορούμενον ἦκει τὸ ἰσχύμενον καὶ τὸ ἀναγκαζόμενον ἡσυχάζειν, ἀπεικάσται δὲ τοῖς καθεύδουσι: τὸ ψεῖ δὲ προσγενόμενον ἐπικρύπτει τὴν βούλησιν τοῦ ὀνόματος. τὸ δὲ “ὄν” καὶ ἡ “οὐσία” ὁμολογεῖ τῷ ἀληθεῖ, τὸ ἰῶτα ἀπολαβόν: ἰὸν γὰρ [421c] σημαίνει, καὶ τὸ “οὐκ ὄν” αὖ, ὡς τινες καὶ ὀνομάζουσιν αὐτό, “οὐκ ἰόν.”

Ἐρμογένης: ταῦτα μὲν μοι δοκεῖς, ὃ Σώκρατες, ἀνδρείως πάνυ διακεκοτηκένας: εἰ δὲ τίς σε ἔροιτο τοῦτο τὸ “ἰόν” καὶ τὸ “ῥέον” καὶ τὸ “δοῦν,” τίνα ἔχει ὀρθότητα ταῦτα τὰ ὀνόματα--

Σωκράτης: “τί ἂν αὐτῷ ἀποκριναιόμεθα;” λέγεις; ἢ γάρ;

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὗν.

Σωκράτης: ἔν μὲν τοίνυν ἄρτι που ἐπορισάμεθα ὥστε δοκεῖν τι λέγειν ἀποκρινόμενοι.

Ἐρμογένης: τὸ ποῖον τοῦτο;

Σωκράτης: φάναι, ὃ ἂν μὴ γινώσκωμεν, βαρβαρικόν τι τοῦτ' [421d] εἶναι. εἴη μὲν οὖν ἴσως ἂν τι τῇ ἀληθείᾳ καὶ τοιοῦτον αὐτῶν, εἴη δὲ κἂν ὑπὸ παλαιότητος τὰ πρῶτα τῶν ὀνομάτων ἀνεύρετα εἶναι: διὰ γὰρ τὸ πανταχῇ στρέφεσθαι τὰ ὀνόματα, οὐδὲν θαυμαστὸν [ἂν] εἰ ἡ παλαιὰ φωνὴ πρὸς τὴν νυνὶ βαρβαρικῆς μηδὲν διαφέρει.

Ἐρμογένης: καὶ οὐδὲν γε ἀπὸ τρόπου λέγεις.

Σωκράτης: λέγω γὰρ οὖν εἰκότα. οὐ μέντοι μοι δοκεῖ προφάσεις ἀγῶν δέχεσθαι, ἀλλὰ προθυμητέον ταῦτα διασκέψασθαι. ἐνθυμηθῶμεν δέ, εἴ τις ἀεί, δι' ὧν ἂν λέγηται τὸ [421e] ὄνομα, ἐκεῖνα ἀνερήσεται τὰ ῥήματα, καὶ αὐθις αὖ δι' ὧν ἂν τὰ ῥήματα λεχθῆ, ἐκεῖνα πεύσεται, καὶ τοῦτο μὴ παύσεται ποιῶν, ἄρ' οὐκ ἀνάγκη τελευτῶντα ἀπειπεῖν τὸν ἀποκρινόμενον;

Ἐρμογένης: ἔμοιγε δοκεῖ.

[422a]*Σωκράτης:* πότε οὖν ἀπειπὼν ὁ ἀπαγορεύων δικαίως παύοιτο ἂν; ἄρ' οὐκ ἐπειδὴν ἐπ' ἐκείνοις γένηται τοῖς ὀνόμασιν, ἃ ὡσπερὶ στοιχεῖα τῶν ἄλλων ἐστὶ καὶ λόγων καὶ ὀνομάτων; ταῦτα γὰρ που οὐκέτι δίκαιον φανῆναι ἐξ ἄλλων ὀνομάτων συγκείμενα, ἂν οὕτως ἔχη. οἷον νυνδὴ τὸ “ἀγαθόν” ἔφαμεν ἐκ τοῦ ἀγαστοῦ καὶ ἐκ τοῦ θοοῦ συγκεῖσθαι, τὸ δὲ “θοόν” ἴσως φαῖμεν ἂν ἐξ ἐτέρων, ἐκεῖνα δὲ ἐξ ἄλλων: [422b] ἀλλ' ἐάν ποτέ γε λάβωμεν ὃ οὐκέτι ἐκ τινων ἐτέρων σύγκεται ὀνομάτων, δικαίως ἂν φαῖμεν ἐπὶ στοιχείῳ τε ἤδη εἶναι καὶ οὐκέτι τοῦτο ἡμᾶς δεῖν εἰς ἄλλα ὀνόματα ἀναφέρειν.

Ἐρμογένης: ἔμοιγε δοκεῖς ὀρθῶς λέγειν.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν καὶ νῦν ἃ γ' ἐρωτᾷς τὰ ὀνόματα στοιχεῖα ὄντα τυγχάνει, καὶ δεῖ αὐτῶν ἄλλω τινὶ τρόπῳ ἤδη τὴν ὀρθότητα ἐπισκέψασθαι ἥτις ἐστίν;

Ἐρμογένης: εἰκὸς γε.

Σωκράτης: εἰκὸς δῆτα, ὃ Ἐρμόγενης: πάντα γοῦν φαίνεται τὰ [422c] ἔμπροσθεν εἰς ταῦτα ἀνεληλυθέναι. εἰ δὲ τοῦτο οὕτως ἔχει, ὥς μοι δοκεῖ ἔχειν, δεῦρο αὖ συνεπίσκειν μετ' ἐμοῦ μή τι παραληρήσω λέγων οἷαν δεῖ τὴν τῶν πρώτων ὀνομάτων ὀρθότητα εἶναι.

Ἐρμογένης: λέγε μόνον, ὡς ὅσον γε δυνάμεως παρ' ἐμοί ἐστὶν συνεπισκέψομαι.

Σωκράτης: ὅτι μὲν τοίνυν μία γέ τις ἡ ὀρθότης παντὸς ὀνόματος καὶ πρώτου καὶ ὑστάτου, καὶ οὐδὲν διαφέρει τῷ ὀνόματι εἶναι οὐδὲν αὐτῶν, οἶμαι καὶ σοὶ συνδοκεῖ.

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

[422d]*Σωκράτης:* ἀλλὰ μὴν ὧν γε νυν<δὴ> διεληλύθαμεν τῶν ὀνομάτων ἡ ὀρθότης τοιαύτη τις ἐβούλετο εἶναι, οἷα δηλοῦν οἷον ἕκαστόν ἐστι τῶν ὄντων.

Ἐρμογένης: πῶς γὰρ οὐ;

Σωκράτης: τοῦτο μὲν ἄρα οὐδὲν ἦττον καὶ τὰ πρῶτα δεῖ ἔχειν καὶ τὰ ὑστερα, εἴπερ ὀνόματα ἔσται.

Ἐρμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ἀλλὰ τὰ μὲν ὑστερα, ὡς ἔοικε, διὰ τῶν προτέρων οἷά τε ἦν τοῦτο ἀπεργάζεσθαι.

Ερμογένης: φαίνεται.

Σωκράτης: εἶεν· τὰ δὲ δὴ πρῶτα, οἷς οὐπω ἕτερα ὑπόκειται, τίνι τρόπῳ κατὰ τὸ δυνατὸν ὅτι μάλιστα φανερὰ ἡμῖν [422e] ποιήσει τὰ ὄντα, εἴπερ μέλλει ὀνόματα εἶναι; ἀπόκριναι δέ μοι τόδε: εἰ φωνὴν μὴ εἶχομεν μηδὲ γλωτταν, ἐβουλόμεθα δὲ δηλοῦν ἀλλήλοις τὰ πράγματα, ἄρ' οὐκ ἂν, ὥσπερ νῦν οἱ ἐνεοί, ἐπεχειροῦμεν ἂν σημαίνειν ταῖς χερσὶ καὶ κεφαλῇ καὶ τῷ ἄλλῳ σώματι;

Ερμογένης: πῶς γὰρ ἂν ἄλλως, ὦ Σώκρατες;

[423a]*Σωκράτης*: εἰ μὲν γ' οἶμαι τὸ ἄνω καὶ τὸ κοῦφον ἐβουλόμεθα δηλοῦν, ἤρομεν ἂν πρὸς τὸν οὐρανὸν τὴν χεῖρα, μιμούμενοι αὐτὴν τὴν φύσιν τοῦ πράγματος: εἰ δὲ τὰ κάτω καὶ τὰ βαρέα, πρὸς τὴν γῆν. καὶ εἰ ἵππον θέοντα ἢ τι ἄλλο τῶν ζώων ἐβουλόμεθα δηλοῦν, οἴσθα ὅτι ὡς ὁμοιότατ' ἂν τὰ ἡμέτερα αὐτῶν σώματα καὶ σχήματα ἐποιοῦμεν ἐκείνοις.

Ερμογένης: ἀνάγκη μοι δοκεῖ ὡς λέγεις ἔχειν.

Σωκράτης: οὕτω γὰρ ἂν οἶμαι δῆλωμά του [σώματος] ἐγίνετο, [423b] μιμησαμένου, ὡς ἔοικε, τοῦ σώματος ἐκεῖνο ὃ ἐβούλετο δηλῶσαι.

Ερμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἐπειδὴ δὲ φωνὴ τε καὶ γλώττη καὶ στόματι βουλόμεθα δηλοῦν, ἄρ' οὐ τότε ἐκάστου δῆλωμα ἡμῖν ἔσται τὸ ἀπὸ τούτων γιγνόμενον, ὅταν μίμημα γένηται διὰ τούτων περὶ ὅτιον;

Ερμογένης: ἀνάγκη μοι δοκεῖ.

Σωκράτης: ὄνομ' ἄρ' ἐστίν, ὡς ἔοικε, μίμημα φωνῆ ἐκείνου ὃ μιμεῖται, καὶ ὀνομάζει ὁ μιμούμενος τῆ φωνῆ ὃ ἂν μιμῆται.

Ερμογένης: δοκεῖ μοι.

[423c] *Σωκράτης*: μὰ Δί' ἄλλ' οὐκ ἐμοί πω δοκεῖ καλῶς λέγεσθαι, ὦ ἑταῖρε.

Ερμογένης: τί δῆ;

Σωκράτης: τοὺς τὰ πρόβατα μιμουμένους τούτους καὶ τοὺς ἀλεκτρυόνας καὶ τὰ ἄλλα ζῶα ἀναγκαζοίμεθ' ἂν ὁμολογεῖν ὀνομάζειν ταῦτα ἄπερ μιμοῦνται.

Ερμογένης: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: καλῶς οὖν ἔχειν δοκεῖ σοι;

Ερμογένης: οὐκ ἔμοιγε. ἀλλὰ τίς ἂν, ὦ Σώκρατες, μίμησις εἴη τὸ ὄνομα;

Σωκράτης: πρῶτον μὲν, ὡς ἐμοί δοκεῖ, οὐκ ἐὰν καθάπερ τῆ [423d] μουσικῆ μιμούμεθα τὰ πράγματα οὕτω μιμούμεθα, καίτοι φωνῆ γε καὶ τότε μιμούμεθα: ἔπειτα οὐκ ἐὰν ἄπερ ἡ μουσικὴ μιμεῖται καὶ ἡμεῖς μιμούμεθα, οὗ μοι δοκοῦμεν ὀνομάσειν. λέγω δέ τοι τοῦτο: ἔστι τοῖς πράγμασι φωνὴ καὶ σχῆμα ἐκάστῳ, καὶ χρῶμά γε πολλοῖς;

Ερμογένης: πάνυ γε.

Σωκράτης: ἔοικε τοίνυν οὐκ ἐὰν τις ταῦτα μιμῆται, οὐδὲ περὶ ταύτας τὰς μιμήσεις ἢ τέχνη ἢ ὀνομαστικὴ εἶναι. αὐταὶ μὲν γὰρ εἰσιν ἢ μὲν μουσικὴ, ἢ δὲ γραφικὴ: ἢ γάρ;

Ερμογένης: ναί.

[423e] *Σωκράτης*: τί δὲ δὴ τόδε; οὐ καὶ οὐσία δοκεῖ σοι εἶναι ἐκάστω, ὥσπερ καὶ χρῶμα καὶ ἄ νυνδὴ ἐλέγομεν; πρῶτον αὐτῷ τῷ χρώματι καὶ τῇ φωνῇ οὐκ ἔστιν οὐσία τις ἐκατέρῳ αὐτῶν καὶ τοῖς ἄλλοις πᾶσιν ὅσα ἠξίωται ταύτης τῆς προσρήσεως, τοῦ εἶναι;

Ἐρμογένης: ἔμοιγε δοκεῖ.

Σωκράτης: τί οὖν; εἴ τις αὐτὸ τοῦτο μιμεῖσθαι δύναίτο ἐκάστου, τὴν οὐσίαν, γράμμασί τε καὶ συλλαβαῖς, ἄρ' οὐκ ἂν δηλοῖ ἕκαστον ὃ ἔστιν; ἢ οὐ;

[424a] *Ἐρμογένης*: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: καὶ τί ἂν φαίης τὸν τοῦτο δυνάμενον, ὥσπερ τοὺς προτέρους τὸν μὲν μουσικὸν ἔφησθα, τὸν δὲ [τινα] γραφικόν. τοῦτον δὲ τίνα;

Ἐρμογένης: τοῦτο ἔμοιγε δοκεῖ, ὃ Σώκρατες, ὅπερ πάλαι ζητοῦμεν, οὗτος ἂν εἶναι ὁ ὀνομαστικός.

Σωκράτης: εἰ ἄρα τοῦτο ἀληθές, ἡδὴ ἔοικεν ἐπισκεπτέον περὶ ἐκείνων τῶν ὀνομάτων ὧν σὺ ἤρου, περὶ “ῥοῆς” τε καὶ τοῦ “ἰέναι” καὶ “σχέσεως,” εἰ τοῖς γράμμασι καὶ ταῖς συλλαβαῖς [424b] τοῦ ὄντος ἐπιλαμβάνεται αὐτῶν ὥστε ἀπομιμεῖσθαι τὴν οὐσίαν, εἴτε καὶ οὐ;

Ἐρμογένης: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: φέρε δὴ ἴδωμεν πότερον ἄρα ταῦτα μόνα ἐστὶ τῶν πρώτων ὀνομάτων ἢ καὶ ἄλλα πολλά.

Ἐρμογένης: οἴμαι ἔγωγε καὶ ἄλλα.

Σωκράτης: εἰκὸς γάρ. ἀλλὰ τίς ἂν εἴη ὁ τρόπος τῆς διαιρέσεως ὅθεν ἄρχεται μιμεῖσθαι ὁ μιμούμενος; ἄρα οὐκ ἐπέπερ συλλαβαῖς τε καὶ γράμμασιν ἢ μίμησις τυγχάνει οὕσα τῆς οὐσίας, ὀρθότατόν ἐστι διελέσθαι τὰ στοιχεῖα πρῶτον, ὥσπερ [424c] οἱ ἐπιχειροῦντες τοῖς ῥυθμοῖς τῶν στοιχείων πρῶτον τὰς δυνάμεις διείλοντο, ἔπειτα τῶν συλλαβῶν, καὶ οὕτως ἡδὴ ἔρχονται ἐπὶ τοὺς ῥυθμοὺς σκεψόμενοι, πρότερον δ' οὐ;

Ἐρμογένης: ναί.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν καὶ ἡμᾶς οὕτω δεῖ πρῶτον μὲν τὰ φωνήεντα διελέσθαι, ἔπειτα τῶν ἐτέρων κατὰ εἶδη τὰ τε ἄφωνα καὶ ἄφθογα--οὕτως γάρ που λέγουσιν οἱ δεινοὶ περὶ τούτων-- καὶ τὰ αὖ φωνήεντα μὲν οὐ, οὐ μέντοι γε ἄφθογα; καὶ αὐτῶν τῶν φωνηέντων ὅσα διάφορα εἶδη ἔχει ἀλλήλων; καὶ [424d] ἐπειδὴν ταῦτα διελώμεθα [τὰ ὄντα] εὖ πάντα αὖ οἷς δεῖ ὀνόματα ἐπιθεῖναι, εἰ ἔστιν εἰς ἃ ἀναφέρεται πάντα ὥσπερ τὰ στοιχεῖα, ἐξ ὧν ἔστιν ἰδεῖν αὐτά τε καὶ εἰ ἐν αὐτοῖς ἔνεστιν εἶδη κατὰ τὸν αὐτὸν τρόπον ὥσπερ ἐν τοῖς στοιχείοις; ταῦτα πάντα καλῶς διαθεασαμένους ἐπίστασθαι ἐπιφέρειν ἕκαστον κατὰ τὴν ὁμοιότητα, ἐάντε ἐν ἐνὶ δέῃ ἐπιφέρειν, ἐάντε συγκεραννύντα πολλά [ἐνί], ὥσπερ οἱ ζωγράφοι βουλόμενοι ἀφομοιοῦν ἐνίοτε μὲν ὄστρεον μόνον ἐπήνεγκαν, ἐνίοτε δὲ [424e] ὀτιοῦν ἄλλο τῶν φαρμάκων, ἔστι δὲ ὅτε πολλά συγκεράσαντες, οἷον ὅταν ἀνδρείκελον σκευάζωσιν ἢ ἄλλο τι τῶν τοιούτων--ὡς ἂν οἴμαι δοκῇ ἐκάστη ἢ εἰκὼν δεῖσθαι ἐκάστου φαρμάκου--οὕτω δὴ καὶ ἡμεῖς τὰ στοιχεῖα ἐπὶ τὰ πράγματα ἐποίσομεν, καὶ ἐν ἐπὶ ἓν, οὗ ἂν δοκῇ δεῖν, καὶ σύμπολλα, ποιοῦντες ὃ δὴ συλλαβὰς καλοῦσιν, καὶ συλλαβὰς αὖ συντιθέντες, [425a] ἐξ ὧν τὰ τε ὀνόματα καὶ τὰ ῥήματα συντίθενται: καὶ πάλιν ἐκ τῶν ὀνομάτων καὶ ῥημάτων μέγα ἡδὴ τι καὶ καλὸν καὶ ὄλον συστήσομεν,

ὥσπερ ἐκεῖ τὸ ζῶον τῇ γραφικῇ, ἐνταῦθα τὸν λόγον τῇ ὀνομαστικῇ ἢ ῥητορικῇ ἢ ἥτις ἐστὶν ἡ τέχνη. μᾶλλον δὲ οὐχ ἡμεῖς, ἀλλὰ λέγων ἐξηγέθη. συνέθεσαν μὲν γὰρ οὕτως ἥπερ σύγκειται οἱ παλαιοί: ἡμᾶς δὲ δεῖ, εἴπερ τεχνικῶς ἐπιστησόμεθα σκοπεῖσθαι αὐτὰ πάντα, [425b] οὕτω διελομένους, εἴτε κατὰ τρόπον τὰ τε πρῶτα ὀνόματα κεῖται καὶ τὰ ὕστερα εἴτε μή, οὕτω θεᾶσθαι: ἄλλως δὲ συνείρειν μὴ φαῦλον ἢ καὶ οὐ καθ' ὁδόν, ὃ φίλε Ἑρμογένες.

Ἑρμογένης: ἴσως νῆ Δί', ὃ Σώκρατες.

Σωκράτης: τί οὖν; σὺ πιστεύεις σαυτῶ οἴός τ' ἂν εἶναι ταῦτα οὕτω διελέσθαι; ἐγὼ μὲν γὰρ οὐ.

Ἑρμογένης: πολλοῦ ἄρα δέω ἔγωγε.

Σωκράτης: ἐάσομεν οὖν, ἢ βούλει οὕτως ὅπως ἂν δυνώμεθα, καὶ ἂν σμικρόν τι αὐτῶν οἴοι τ' ὧμεν κατιδεῖν, ἐπιχειρῶμεν, [425c] προειπόντες, ὥσπερ ὀλίγον πρότερον τοῖς θεοῖς, ὅτι οὐδὲν εἰδότες τῆς ἀληθείας τὰ τῶν ἀνθρώπων δόγματα περὶ αὐτῶν εικάζομεν, οὕτω δὲ καὶ νῦν αὖ εἰπόντες [ἡμῖν] αὐτοῖς ἴωμεν, ὅτι εἰ μὲν τι χρῆν [ἔδει] αὐτὰ διελέσθαι εἴτε ἄλλον ὄντιν οὖν εἴτε ἡμᾶς, οὕτως ἔδει αὐτὰ διαιρεῖσθαι, νῦν δὲ τὸ λεγόμενον κατὰ δύναμιν δεήσει ἡμᾶς περὶ αὐτῶν πραγματεύεσθαι; δοκεῖ ταῦτα, ἢ πῶς λέγεις;

Ἑρμογένης: πάνυ μὲν οὖν σφόδρα ἔμοιγε δοκεῖ.

[425d]*Σωκράτης*: γελοῖα μὲν οἶμαι φανεῖσθαι, ὃ Ἑρμογένες, γράμμασι καὶ συλλαβαῖς τὰ πράγματα μεμιμημένα κατάδηλα γινόμενα: ὅμως δὲ ἀνάγκη. οὐ γὰρ ἔχομεν τούτου βέλτιον εἰς ὅτι ἐπανενέγκωμεν περὶ ἀληθείας τῶν πρώτων ὀνομάτων, εἰ μὴ ἄρα <βού>λει, ὥσπερ οἱ τραγωδοποιοὶ ἐπειδάν τι ἀπορῶσιν ἐπὶ τὰς μηχανὰς καταφεύγουσι θεοὺς αἴροντες, καὶ ἡμεῖς οὕτως εἰπόντες ἀπαλλαγῶμεν, ὅτι τὰ πρῶτα ὀνόματα οἱ θεοὶ ἔθεσαν καὶ διὰ ταῦτα ὀρθῶς ἔχει. ἄρα [425e] καὶ ἡμῖν κράτιστος οὗτος τῶν λόγων; ἢ ἐκεῖνος, ὅτι παρὰ βαρβάρων τινῶν αὐτὰ παρελήφαμεν, εἰσὶ δὲ ἡμῶν ἀρχαιότεροι βάρβαροι; ἢ ὅτι ὑπὸ παλαιότητος ἀδύνατον αὐτὰ [426a] ἐπισκέψασθαι, ὥσπερ καὶ τὰ βαρβαρικά; αὐταὶ γὰρ ἂν πᾶσαι ἐκδύσεις εἶεν καὶ μάλα κομψαὶ τῷ μὴ ἐθέλοντι λόγον διδόναι περὶ τῶν πρώτων ὀνομάτων ὡς ὀρθῶς κεῖται. καίτοι ὅτω τις τρόπῳ τῶν πρώτων ὀνομάτων τὴν ὀρθότητα μὴ οἶδεν, ἀδύνατόν ποῦ τῶν γε ὑστέρων εἰδέναι, ἃ ἐξ ἐκείνων ἀνάγκη δηλοῦσθαι ὧν τις πέρι μηδὲν οἶδεν: ἀλλὰ δῆλον ὅτι τὸν φάσκοντα περὶ αὐτῶν τεχνικὸν εἶναι περὶ τῶν πρώτων [426b] ὀνομάτων μάλιστα τε καὶ καθαρῶτα δεῖ ἔχειν ἀποδείξαι, ἢ εὖ εἰδέναι ὅτι τὰ γε ὕστερα ἤδη φλυαρήσει. ἢ σοὶ ἄλλως δοκεῖ;

Ἑρμογένης: οὐδ' ὅπωςτιοῦν, ὃ Σώκρατες, ἄλλως.

Σωκράτης: ἃ μὲν τοίνυν ἐγὼ ἥσθημαι περὶ τῶν πρώτων ὀνομάτων πάνυ μοι δοκεῖ ὑβριστικὰ εἶναι καὶ γελοῖα. τούτων οὖν σοὶ μεταδώσω, ἂν βούλη: σὺ δ' ἂν τι ἔχης βέλτιόν ποθεν λαβεῖν, πειρᾶσθαι καὶ ἐμοὶ μεταδιδόναι.

Ἑρμογένης: ποιήσω ταῦτα. ἀλλὰ θαρρῶν λέγε.

[426c]*Σωκράτης*: πρῶτον μὲν τοίνυν τὸ ῥῶ ἔμοιγε φαίνεται ὥσπερ ὄργανον εἶναι πάσης τῆς κινήσεως, ἣν οὐδ' εἴπομεν δι' ὅτι ἔχει τοῦτο τοῦνομα: ἀλλὰ γὰρ δῆλον ὅτι ἕσις βούλεται εἶναι: οὐ γὰρ ἦτα

ἐχρώμεθα ἀλλὰ εἶ τὸ παλαιόν. ἡ δὲ ἀρχὴ ἀπὸ τοῦ “κίειν” --ξενικὸν δὲ τοῦνομα--τοῦτο δ' ἐστὶν ἰέναι. εἰ οὖν τις τὸ παλαιὸν αὐτῆς εὐροι ὄνομα εἰς τὴν ἡμετέραν φωνὴν συμβαῖνον, “ἔσις” ἂν ὀρθῶς καλοῖτο: νῦν δὲ ἀπὸ τε τοῦ ξενικοῦ τοῦ κίειν καὶ ἀπὸ τῆς τοῦ ἦτα μεταβολῆς καὶ τῆς τοῦ νῦ ἐνθέσεως “κίνησις” κέκληται, ἔδει [426d] δὲ “κίειν” καλεῖσθαι [ἢ εἶσιν]. ἡ δὲ στάσις ἀπόφασις τοῦ ἰέναι βούλεται εἶναι, διὰ δὲ τὸν καλλωπισμὸν “στάσις” ὠνόμασται. τὸ δὲ οὖν ῥῶ τὸ στοιχεῖον, ὥσπερ λέγω, καλὸν ἔδοξεν ὄργανον εἶναι τῆς κινήσεως τῶ τὰ ὀνόματα τιθεμένων πρὸς τὸ ἀφομοιοῦν τῇ φορᾷ, πολλαχοῦ γοῦν χρῆται αὐτῶ εἰς αὐτήν: πρῶτον μὲν ἐν αὐτῶ τῶ “ῥεῖν” καὶ “ῥοῆ” διὰ τούτου τοῦ γράμματος τὴν φορὰν μιμεῖται, εἶτα ἐν τῶ [426e] “τρόμω,” εἶτα ἐν τῶ “τρέχειν,” ἔτι δὲ ἐν τοῖς τοιοῖσδε ῥήμασιν οἶον “κρούειν,” “θραύειν,” “ἔρείκειν,” “θρύπτειν,” “κερματίζειν,” “ῥυμβεῖν,” πάντα ταῦτα τὸ πολὺ ἀπεικάζει διὰ τοῦ ῥῶ. ἐώ<ρα> γὰρ οἶμαι τὴν γλῶτταν ἐν τούτῳ ἦκιστα μένουσαν, μάλιστα δὲ σειομένην: διὸ φαίνεται μοι τούτῳ πρὸς ταῦτα κατακεχρησθαι. τῶ δὲ αὖ ἰῶτα πρὸς τὰ λεπτά πάντα, ἃ δὴ μάλιστα διὰ πάντων ἴοι ἄν. διὰ ταῦτα τὸ [427a] “ἰέναι” καὶ τὸ “ἴεσθαι” διὰ τοῦ ἰῶτα ἀπομιμεῖται, ὥσπερ γε διὰ τοῦ φεῖ καὶ τοῦ ψεῖ καὶ τοῦ σῖγμα καὶ τοῦ ζῖγμα, ὅτι πνευματώδη τὰ γράμματα, πάντα τὰ τοιαῦτα μεμίμηται αὐτοῖς ὀνομάζων, οἶον τὸ “ψυχρὸν” καὶ τὸ “ζέον” καὶ τὸ “σειεσθαι” καὶ ὅλως σεισμόν. καὶ ὅταν πού τὸ φυσῶδες μιμῆται, πανταχοῦ ἐνταῦθα ὡς τὸ πολὺ τὰ τοιαῦτα γράμματα ἐπιφέρειν φαίνεται ὁ τὰ ὀνόματα τιθέμενος. τῆς δ' αὖ τοῦ δέλτα συμπίεσεως καὶ τοῦ ταῦ καὶ ἀπερείσεως τῆς γλώττης [427b] τὴν δύναμιν χρῆσιμον φαίνεται ἠγήσασθαι πρὸς τὴν μίμησιν τοῦ “δεσμοῦ” καὶ τῆς “στάσεως.” ὅτι δὲ ὀλισθάνει μάλιστα ἐν τῶ λάβδα ἢ γλῶττα κατιδῶν, ἀφομοιοῦν ὠνόμασε τὰ τε “λεῖα” καὶ αὐτὸ τὸ “ὀλισθάνειν” καὶ τὸ “λιπαρὸν” καὶ τὸ “κολλῶδες” καὶ ἄλλα πάντα τὰ τοιαῦτα. ἡ δὲ ὀλισθανούσης τῆς γλώττης ἀντιλαμβάνεται ἡ τοῦ γάμμα δύναμις, τὸ “γλίσχρον” ἀπεμιμήσατο καὶ “γλυκὺ” καὶ “γλοιῶδες.” [427c] τοῦ δ' αὖ νῦ τὸ εἶσω αἰσθόμενος τῆς φωνῆς, τὸ “ἔνδον” καὶ τὰ “ἐντὸς” ὠνόμασεν, ὡς ἀφομοιοῦν τοῖς γράμμασι τὰ ἔργα. τὸ δ' αὖ ἄλφα τῶ “μεγάλω” ἀπέδωκε, καὶ τῶ “μήκει” τὸ ἦτα, ὅτι μεγάλα τὰ γράμματα. εἰς δὲ τὸ “γογγύλον” τοῦ οὔ δεόμενος σημείου, τοῦτο πλεῖστον αὐτῶ εἰς τὸ ὄνομα ἐνεκέρασεν. καὶ ἄλλα οὕτω φαίνεται προσβιβάζειν καὶ κατὰ γράμματα καὶ κατὰ συλλαβὰς ἐκάστῳ τῶν ὄντων σημείον τε καὶ ὄνομα ποιῶν ὁ νομοθέτης, ἐκ δὲ τούτων τὰ λοιπὰ ἤδη αὐτοῖς τούτοις συντιθέναι ἀπομιμούμενος. αὕτη [427d] μοι φαίνεται, ὃ Ἑρμόγενης, βούλεσθαι εἶναι ἢ τῶν ὀνομάτων ὀρθότης, εἰ μὴ τι ἄλλο Κρατύλος ὅδε λέγει.

Ἑρμογένης: καὶ μὴν, ὃ Σώκратες, πολλά γέ μοι πολλάκις πράγματα παρέχει Κρατύλος, ὥσπερ κατ' ἀρχὰς ἔλεγον, φάσκων μὲν εἶναι ὀρθότητα ὀνομάτων, ἥτις δ' ἐστὶν οὐδὲν σαφὲς λέγων, ὥστε με μὴ δύνασθαι εἰδέναι πότερον ἐκὼν ἢ ἄκων οὕτως ἀσαφῶς ἐκάστοτε περὶ αὐτῶν λέγει. νῦν οὖν [427e] μοι, ὃ Κρατύλε, ἐναντίον Σωκράτους εἰπέ πότερον ἀρέσκει σοι ἢ λέγει Σωκράτης περὶ ὀνομάτων, ἢ ἔχεις πῃ ἄλλη κάλλιον λέγειν; καὶ εἰ ἔχεις, λέγε, ἵνα ἦτοι μάθῃς παρὰ Σωκράτους ἢ διδάξῃς ἡμᾶς ἀμφοτέρους.

Κρατύλος: τί δέ, ὃ Ἑρμόγενης; δοκεῖ σοι ῥάδιον εἶναι οὕτω ταχὺ μαθεῖν τε καὶ διδάξαι ὅτιοῦν πρᾶγμα, μὴ ὅτι τοσοῦτον, ὃ δὴ δοκεῖ ἐν τοῖς [μεγίστοις] μέγιστον εἶναι;

[428a] *Ερμογένης*: μὰ Δί', οὐκ ἔμοιγε. ἀλλὰ τὸ τοῦ Ἡσιόδου καλῶς μοι φαίνεται ἔχειν, τὸ εἰ καὶ τις σμικρὸν ἐπὶ σμικρῷ καταθείη, προὔργου εἶναι. εἰ οὖν καὶ σμικρὸν τι οἷός τ' εἶ πλεον ποιῆσαι, μὴ ἀπόκαμνε ἀλλ' εὐεργέτει καὶ Σωκράτη τόνδε--δίκαιος δ' εἶ--καὶ ἐμέ.

Σωκράτης: καὶ μὲν δὴ ἔγωγε καὶ αὐτός, ὦ Κρατύλε, οὐδὲν ἂν ἰσχυρισάμην ὧν εἴρηκα, ἧ δέ μοι ἐφαίνετο μεθ' Ἑρμογένους ἐπεσκεψάμην, ὥστε τούτου γε ἔνεκα θαρρῶν λέγε, εἴ τι [428b] ἔχεις βέλτιον, ὡς ἐμοῦ ἐνδεξομένου. εἰ μέντοι ἔχεις τι σὺ κάλλιον τούτων λέγειν, οὐκ ἂν θαυμάζοιμι· δοκεῖς γάρ μοι αὐτός τε ἐσκέφθαι τὰ τοιαῦτα καὶ παρ' ἄλλων μεμαθηκέναι. ἐὰν οὖν λέγῃς τι κάλλιον, ἓνα τῶν μαθητῶν περὶ ὀρθότητος ὀνομάτων καὶ ἐμὲ γράφου.

Κρατύλος: ἀλλὰ μὲν δὴ, ὦ Σώκρατες, ὥσπερ σὺ λέγεις, μεμέληκέν τέ μοι περὶ αὐτῶν καὶ ἴσως ἂν σε ποιησαίμην [428c] μαθητήν. φοβοῦμαι μέντοι μὴ τούτου πᾶν τούναντίον ἧ, ὅτι μοί πως ἐπέρχεται λέγειν πρὸς σὲ τὸ τοῦ Ἀχιλλέως, ὃ ἐκεῖνος ἐν Λιταῖς πρὸς τὸν Αἴαντα λέγει. φησὶ δὲ

*Αἴαν διογενὲς Τελαμώνιε, κοίρανε λαῶν,
πάντα τί μοι κατὰ θυμὸν εἴσω μυθήσασθαι*

καὶ ἐμοὶ σὺ, ὦ Σώκρατες, ἐπεικῶς φαίνη κατὰ νοῦν χρησιμωδεῖν, εἴτε παρ' Εὐθύφρονος ἐπίπνους γενόμενος, εἴτε καὶ ἄλλη τις Μοῦσα πάλαι σε ἐνοῦσα ἐλελήθει.

[428d] *Σωκράτης*: ὠγαθὲ Κρατύλε, θαυμάζω καὶ αὐτὸς πάλαι τὴν ἐμαυτοῦ σοφίαν καὶ ἀπιστῶ. δοκεῖ οὖν μοι χρῆναι ἐπανασκέψασθαι τί καὶ λέγω. τὸ γὰρ ἐξαπατᾶσθαι αὐτὸν ὑφ' αὐτοῦ πάντων χαλεπώτατον: ὅταν γὰρ μηδὲ σμικρὸν ἀποστατῇ ἀλλ' αἰεὶ παρῆ ὁ ἐξαπατήσων, πῶς οὐ δεινόν; δεῖ δὴ, ὡς ἔοικε, θαμὰ μεταστρέφεσθαι ἐπὶ τὰ προειρημένα, καὶ πειρᾶσθαι, τὸ ἐκεῖνου τοῦ ποιητοῦ, βλέπειν “ἅμα πρόσσω καὶ ὀπίσσω.” καὶ δὴ καὶ νυνὶ ἡμεῖς ἴδωμεν τί ἡμῖν εἴρηται. [428e] ὀνόματος, φαμέν, ὀρθότης ἐστὶν αὕτη, ἧτις ἐνδείξεται οἷόν ἐστι τὸ πρᾶγμα: τοῦτο φῶμεν ἰκανῶς εἰρησθαι;

Κρατύλος: ἐμοὶ μὲν δοκεῖ πάνυ σφόδρα, ὦ Σώκρατες.

Σωκράτης: διδασκαλίας ἄρα ἔνεκα τὰ ὀνόματα λέγεται;

Κρατύλος: πάνυ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν φῶμεν καὶ ταύτην τέχνην εἶναι καὶ δημιουργοὺς αὐτῆς;

Κρατύλος: πάνυ γε.

Σωκράτης: τίνας;

[429a] *Κρατύλος*: οὐσπερ σὺ κατ' ἀρχὰς ἔλεγες, τοὺς νομοθέτας.

Σωκράτης: πότερον οὖν καὶ ταύτην φῶμεν τὴν τέχνην ἐν τοῖς ἀνθρώποις ἐγγίγνεσθαι ὥσπερ καὶ τὰς ἄλλας ἢ μή; βούλομαι δὲ λέγειν τὸ τοιόνδε. ζωγράφοι εἰσὶν που οἱ μὲν χεῖρους, οἱ δὲ ἀμείνους;

Κρατύλος: πάνυ γε.

Σωκράτης: οὐκοῦν οἱ μὲν ἀμείνους τὰ αὐτῶν ἔργα καλλίω παρέχονται, τὰ ζῶα, οἱ δὲ φαυλότερα; καὶ

οικοδόμοι ὡσαύτως οἱ μὲν καλλίους τὰς οἰκίας ἐργάζονται, οἱ δὲ αἰσχίους;

Κρατύλος: ναί.

[429b] *Σωκράτης*: ἄρ' οὖν καὶ νομοθέται οἱ μὲν καλλίω τὰ [ἔργα] αὐτῶν παρέχονται, οἱ δὲ αἰσχίω;

Κρατύλος: οὐ μοι δοκεῖ τοῦτο ἔτι.

Σωκράτης: οὐκ ἄρα δοκοῦσί σοι νόμοι οἱ μὲν βελτίους, οἱ δὲ φαυλότεροι εἶναι;

Κρατύλος: οὐ δῆτα.

Σωκράτης: οὐδὲ δὴ ὄνομα, ὡς ἔοικε, δοκεῖ σοι κεῖσθαι τὸ μὲν χειρόν, τὸ δὲ ἄμεινον;

Κρατύλος: οὐ δῆτα.

Σωκράτης: πάντα ἄρα τὰ ὀνόματα ὀρθῶς κεῖται;

Κρατύλος: ὅσα γε ὀνομάτα ἐστίν.

Σωκράτης: τί οὖν; ὃ καὶ ἄρτι ἐλέγετο, Ἑρμογένει τῷδε πότερον [429c] μηδὲ ὄνομα τοῦτο κεῖσθαι φῶμεν, εἰ μὴ τι αὐτῷ Ἑρμοῦ γενέσεως προσήκει, ἢ κεῖσθαι μὲν, οὐ μέντοι ὀρθῶς γε;

Κρατύλος: οὐδὲ κεῖσθαι ἔμοιγε δοκεῖ, ὃ Σώκρατες, ἀλλὰ δοκεῖν κεῖσθαι, εἶναι δὲ ἐτέρου τοῦτο τοῦνομα, οὐδὲρ καὶ ἡ φύσις [ἢ τὸ ὄνομα δηλοῦσα].

Σωκράτης: πότερον οὐδὲ ψεύδεται ὅταν τις φῇ Ἑρμογένη αὐτὸν εἶναι; μὴ γὰρ οὐδὲ τοῦτο αὖ ἦ, τὸ τοῦτον φάναι Ἑρμογένη εἶναι, εἰ μὴ ἔστιν;

Κρατύλος: πῶς λέγεις;

[429d] *Σωκράτης*: ἄρα ὅτι ψευδῆ λέγειν τὸ παράπαν οὐκ ἔστιν, ἄρα τοῦτό σοι δύναται ὁ λόγος; συχνοὶ γὰρ τινες οἱ λέγοντες, ὃ φίλε Κρατύλε, καὶ νῦν καὶ πάλοι.

Κρατύλος: πῶς γὰρ ἂν, ὃ Σώκρατες, λέγων γέ τις τοῦτο ὃ λέγει, μὴ τὸ ὄν λέγοι; ἢ οὐ τοῦτό ἐστιν τὸ ψευδῆ λέγειν, τὸ μὴ τὰ ὄντα λέγειν;

Σωκράτης: κομψότερος μὲν ὁ λόγος ἢ κατ' ἐμὲ καὶ κατὰ τὴν ἐμὴν ἡλικίαν, ὃ ἑταῖρε. ὅμως μέντοι εἰπέ μοι τοσόνδε: [429e] πότερον λέγειν μὲν οὐ δοκεῖ σοι εἶναι ψευδῆ, φάναι δέ;

Κρατύλος: οὐ μοι δοκεῖ οὐδὲ φάναι.

Σωκράτης: οὐδὲ εἰπεῖν οὐδὲ προσεῖπεῖν; οἷον εἴ τις ἀπαντήσας σοι ἐπὶ ξενίας, λαβόμενος τῆς χειρὸς εἶποι: “χαῖρε, ὃ ξένη Ἀθηναῖε, ὑὲ Σμικρίωνος Ἑρμογένες,” οὗτος λέξειεν ἂν ταῦτα ἢ φαίη ἂν ταῦτα ἢ εἶποι ἂν ταῦτα ἢ προσεῖποι ἂν οὕτω σὲ μὲν οὐ, Ἑρμογένη δὲ τόνδε; ἢ οὐδένα;

Κρατύλος: ἐμοὶ μὲν δοκεῖ, ὃ Σώκρατες, ἄλλως ἂν οὗτος ταῦτα φθέγξασθαι.

[430a] *Σωκράτης*: ἀλλ' ἀγαπητὸν καὶ τοῦτο. πότερον γὰρ ἀληθῆ ἂν φθέγξαιτο ταῦτα ὁ φθεγξάμενος ἢ ψευδῆ; ἢ τὸ μὲν τι αὐτῶν ἀληθές, τὸ δὲ ψεῦδος; καὶ γὰρ ἂν καὶ τοῦτο ἐξαρκοῖ.

Κρατύλος: ψοφεῖν ἔγωγ' ἂν φαίην τὸν τοιοῦτον, μάτην αὐτὸν ἑαυτὸν κινουῦντα, ὥσπερ ἂν εἴ τις χαλκίον κινήσειε κρούσας.

Σωκράτης: φέρε δὴ, ἐάν πη διαλλαχθῶμεν, ὃ Κρατύλε: ἄρ' οὐκ ἄλλο μὲν ἂν φαίης τὸ ὄνομα εἶναι, ἄλλο δὲ ἐκεῖνο οὐ τὸ ὄνομά ἐστιν;

Κρατύλος: ἔγωγε.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ τὸ ὄνομα ὁμολογεῖς μίμημά τι εἶναι τοῦ [430b] πράγματος;

Κρατύλος: πάντων μάλιστα.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ τὰ ζωγραφήματα τρόπον τινὰ ἄλλον λέγεις μιμήματα εἶναι πραγμάτων τινῶν;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: φέρε δὴ--ἴσως γὰρ ἐγὼ οὐ μανθάνω ἄττα ποτ' ἔστιν ἅ λέγεις, σὺ δὲ τάχ' ἂν ὀρθῶς λέγοις-- ἔστι διανεῖμαι καὶ προσενεγκεῖν ταῦτα ἀμφοτέρω τὰ μιμήματα, τὰ τε ζωγραφήματα κάκεινα τὰ ὀνόματα, τοῖς πράγμασιν ὧν μιμήματά ἐστιν, ἢ οὐ;

[430c] *Κρατύλος*: ἔστιν.

Σωκράτης: πρῶτον μὲν δὴ σκόπει τόδε. ἄρ' ἂν τις τὴν μὲν τοῦ ἀνδρὸς εἰκόνα τῷ ἀνδρὶ ἀποδοίη, τὴν δὲ τῆς γυναικὸς τῇ γυναικί, καὶ τᾶλλα οὕτως;

Κρατύλος: πάνυ μὲν οὖν.

Σωκράτης: οὐκοῦν καὶ τοῦναντίον τὴν μὲν τοῦ ἀνδρὸς τῇ γυναικί, τὴν δὲ τῆς γυναικὸς τῷ ἀνδρὶ;

Κρατύλος: ἔστι καὶ ταῦτα.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν αὐταὶ αἱ διανομαὶ ἀμφοτέρω ὀρθαί, ἢ ἡ ἕτερα;

Κρατύλος: ἡ ἕτερα.

Σωκράτης: ἢ ἂν ἐκάστῳ οἶμαι τὸ προσῆκόν τε καὶ τὸ ὅμοιον ἀποδιδῶ.

Κρατύλος: ἔμοιγε δοκεῖ.

[430d] *Σωκράτης*: ἵνα τοίνυν μὴ μαχόμεθα ἐν τοῖς λόγοις ἐγὼ τε καὶ σὺ φίλοι ὄντες, ἀπόδεξάι μου ὃ λέγω. τὴν τοιαύτην γὰρ, ὃ ἑταῖρε, καλῶ ἔγωγε διανομὴν ἐπ' ἀμφοτέροις μὲν τοῖς μιμήμασιν, τοῖς τε ζώοις καὶ τοῖς ὀνόμασιν, ὀρθὴν, ἐπὶ δὲ τοῖς ὀνόμασι πρὸς τῷ ὀρθῆν καὶ ἀληθῆ: τὴν δ' ἕτεραν, τὴν τοῦ ἀνομοίου δόσιν τε καὶ ἐπιφοράν, οὐκ ὀρθὴν, καὶ ψευδῆ ὅταν ἐπ' ὀνόμασιν ᾗ.

Κρατύλος: ἀλλ' ὅπως μὴ, ὃ Σώκρατες, ἐν μὲν τοῖς ζωγραφήμασιν [430e] ᾗ τοῦτο, τὸ μὴ ὀρθῶς διανεμεῖν, ἐπὶ δὲ τοῖς ὀνόμασιν οὐ, ἀλλ' ἀναγκαῖον ᾗ αἰεὶ ὀρθῶς.

Σωκράτης: πῶς λέγεις; τί τοῦτο ἐκείνου διαφέρει; ἄρ' οὐκ ἔστι προσελθόντα ἀνδρὶ τῷ εἰπεῖν ὅτι “τουτί ἐστι σὸν γράμμα,” καὶ δεῖξαι αὐτῷ, ἂν μὲν τύχη, ἐκείνου εἰκόνα, ἂν δὲ τύχη, γυναικός; τὸ δὲ δεῖξαι λέγω εἰς τὴν τῶν ὀφθαλμῶν αἴσθησιν καταστῆσαι.

Κρατύλος: πάνυ γε.

Σωκράτης: τί δέ; πάλιν αὐτῷ τούτῳ προσελθόντα εἰπεῖν ὅτι “τουτί ἐστιν σὸν ὄνομα”; ἔστι δέ που καὶ τὸ ὄνομα μίμημα ὡσπερ τὸ ζωγράφημα. τοῦτο δὴ λέγω: ἄρ' οὐκ ἂν εἶη αὐτῷ [431a] εἰπεῖν ὅτι “τουτί ἐστι σὸν ὄνομα,” καὶ μετὰ τοῦτο εἰς τὴν τῆς ἀκοῆς αὐτῷ αἴσθησιν καταστῆσαι, ἂν μὲν τύχη, τὸ ἐκείνου μίμημα, εἰπόντα ὅτι ἀνὴρ, ἂν δὲ τύχη, τὸ τοῦ θήλεος τοῦ ἀνθρωπίνου γένους, εἰπόντα ὅτι γυνή; οὐ δοκεῖ σοι τοῦτο οἷόν τ' εἶναι καὶ γίγνεσθαι ἐνίοτε;

Κρατύλος: ἐθέλω σοι, ὃ Σώκρατες, συγχωρῆσαι καὶ ἔστω οὕτως.

Σωκράτης: καλῶς γε σὺ ποιῶν, ὃ φίλε, εἰ ἔστι τοῦτο οὕτως; οὐδὲν γὰρ δεῖ νῦν πάνυ διαμάχεσθαι περὶ αὐτοῦ. εἰ δ' οὖν [431b] ἔστι τοιαύτη τις διανομὴ καὶ ἐνταῦθα, τὸ μὲν ἕτερον τούτων ἀληθεύειν

βουλόμεθα καλεῖν, τὸ δ' ἕτερον ψεύδεσθαι. εἰ δὲ τοῦτο οὕτως ἔχει, καὶ ἔστι μὴ ὀρθῶς διανέμειν τὰ ὀνόματα μηδὲ ἀποδιδόναι τὰ προσήκοντα ἐκάστῳ, ἀλλ' ἐνίοτε τὰ μὴ προσήκοντα, εἴη ἂν καὶ ῥήματα ταῦτόν τοῦτο ποιεῖν. εἰ δὲ ῥήματα καὶ ὀνόματα ἔστιν οὕτω τιθέναι, ἀνάγκη καὶ λόγους: [431c] λόγοι γάρ που, ὡς ἐγῶμαι, ἢ τούτων σύνθεσις ἔστιν: ἢ πῶς λέγεις, ὦ Κρατύλε;

Κρατύλος: οὕτω: καλῶς γάρ μοι δοκεῖς λέγειν.

Σωκράτης: οὐκοῦν εἰ γράμμασιν αὖ τὰ πρῶτα ὀνόματα ἀπεικάζομεν, ἔστιν ὥσπερ ἐν τοῖς ζωγραφήμασιν καὶ πάντα τὰ προσήκοντα χρώματά τε καὶ σχήματα ἀποδοῦναι, καὶ μὴ πάντα αὖ, ἀλλ' ἔνια ἐλλείπειν, ἔνια δὲ καὶ προστιθέναι, καὶ πλείω καὶ μείζω: ἢ οὐκ ἔστιν;

Κρατύλος: ἔστιν.

Σωκράτης: οὐκοῦν ὁ μὲν ἀποδιδούς πάντα καλὰ τὰ γράμματά τε καὶ τὰς εἰκόνας ἀποδίδωσιν, ὁ δὲ ἢ προστιθεὶς ἢ ἀφαιρῶν γράμματα μὲν καὶ εἰκόνας ἐργάζεται καὶ οὗτος, ἀλλὰ πονηράς;

[431d] *Κρατύλος*: ναί.

Σωκράτης: τί δὲ ὁ διὰ τῶν συλλαβῶν τε καὶ γραμμάτων τὴν οὐσίαν τῶν πραγμάτων ἀπομιμούμενος; ἄρα οὐ κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον, ἂν μὲν πάντα ἀποδῶ τὰ προσήκοντα, καλὴ ἢ εἰκὼν ἔσται--τοῦτο δ' ἔστιν ὄνομα--ἐὰν δὲ σμικρὰ ἐλλείπη ἢ προστιθῆ ἔνιοτε, εἰκὼν μὲν γενήσεται, καλὴ δὲ οὐ; ὥστε τὰ μὲν καλῶς εἰργασμένα ἔσται τῶν ὀνομάτων, τὰ δὲ κακῶς;

Κρατύλος: ἴσως.

[431e] *Σωκράτης*: ἴσως ἄρα ἔσται ὁ μὲν ἀγαθὸς δημιουργὸς ὀνομάτων, ὁ δὲ κακός;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: οὐκοῦν τούτῳ ὁ “νομοθέτης” ἦν ὄνομα.

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: ἴσως ἄρα νῆ Δί' ἔσται, ὥσπερ ἐν ταῖς ἄλλαις τέχναις, καὶ νομοθέτης ὁ μὲν ἀγαθός, ὁ δὲ κακός, ἐάνπερ τὰ ἔμπροσθεν ἐκεῖνα ὁμολογηθῆ ἡμῖν.

Κρατύλος: ἔστι ταῦτα. ἀλλ' ὄρα, ὦ Σώκρατες, ὅταν ταῦτα τὰ γράμματα, τό τε ἄλφα καὶ τὸ βῆτα καὶ ἕκαστον τῶν στοιχείων, τοῖς ὀνόμασιν ἀποδιδῶμεν τῇ γραμματικῇ τέχνῃ, [432a] ἐάν τι ἀφέλωμεν ἢ προσθῶμεν ἢ μεταθῶμεν τι, <οὐ> γέγραπται μὲν ἡμῖν τὸ ὄνομα, οὐ μέντοι ὀρθῶς, ἀλλὰ τὸ παράπαν οὐδὲ γέγραπται, ἀλλ' εὐθὺς ἕτερόν ἐστιν ἐάν τι τούτων πάθῃ.

Σωκράτης: μὴ γὰρ οὐ καλῶς σκοπῶμεν οὕτω σκοποῦντες, ὦ Κρατύλε.

Κρατύλος: πῶς δὴ;

Σωκράτης: ἴσως ὅσα ἕκ τινος ἀριθμοῦ ἀναγκαῖον εἶναι ἢ μὴ εἶναι πάσχοι ἂν τοῦτο ὁ σὺ λέγεις, ὥσπερ καὶ αὐτὰ τὰ δέκα ἢ ὅστις βούλει ἄλλος ἀριθμὸς, ἐὰν ἀφέλῃς τι ἢ [432b] προσθῆς, ἕτερος εὐθὺς γέγονε: τοῦ δὲ ποιοῦ τινος καὶ συμπάσης εἰκόνας μὴ οὐχ αὕτη <ἦ> ἢ ὀρθότης, ἀλλὰ τὸ ἐναντίον οὐδὲ τὸ παράπαν δέη πάντα ἀποδοῦναι οἷόν ἐστιν ὅτι εἰκάζει, εἰ μέλλει εἰκὼν εἶναι. σκοπεῖ δὲ εἰ τι λέγω. ἄρ' ἂν δύο πράγματα εἴη τοιάδε, οἷον Κρατύλος καὶ Κρατύλου εἰκὼν, εἴ τις θεῶν μὴ μόνον τὸ σὸν χρῶμα καὶ σχῆμα ἀπεικάζειεν ὥσπερ οἱ ζωγράφοι, ἀλλὰ καὶ τὰ ἐντὸς πάντα τοιαῦτα ποιήσειεν οἷάπερ τὰ σά, καὶ

μαλακότητος [432c] καὶ θερμότητος τὰς αὐτὰς ἀποδοίη, καὶ κίνησιν καὶ ψυχὴν καὶ φρόνησιν οἷα περ ἢ παρὰ σοὶ ἐνθεῖα αὐτοῖς, καὶ ἐνὶ λόγῳ πάντα ἄπερ σὺ ἔχεις, τοιαῦτα ἕτερα καταστήσειεν πλησίον σου; πότερον Κρατύλος ἂν καὶ εἰκὼν Κρατύλου τότε εἴη τὸ τοιοῦτον, ἢ δύο Κρατύλοι;

Κρατύλος: δύο ἔμοιγε δοκοῦσιν, ὦ Σώκρατες, Κρατύλοι.

Σωκράτης: ὁρᾷς οὖν, ὦ φίλε, ὅτι ἄλλην χρῆ εἰκόνοσ ὀρθότητα ζητεῖν καὶ ὧν νυνδὴ ἐλέγομεν, καὶ οὐκ ἀναγκάζειν, ἐάν τι [432d] ἀπὴ ἢ προσῆ, μηκέτι αὐτὴν εἰκόνα εἶναι; ἢ οὐκ αἰσθάνη ὅσου ἐνδέουσιν αἱ εἰκόνες τὰ αὐτὰ ἔχειν ἐκείνοισ ὧν εἰκόνες εἰσίν;

Κρατύλος: ἔγωγε.

Σωκράτης: γελοῖα γοῦν, ὦ Κρατύλε, ὑπὸ τῶν ὀνομάτων πάθοι ἂν ἐκεῖνα ὧν ὀνόματά ἐστιν τὰ ὀνόματα, εἰ πάντα πανταχῆ αὐτοῖς ὁμοιωθεῖη. διττὰ γὰρ ἂν που πάντα γένοιτο, καὶ οὐκ ἂν ἔχοι αὐτῶν εἰπεῖν <οὐδεῖς> οὐδέτερον ὀπότερόν ἐστι τὸ μὲν αὐτό, τὸ δὲ ὄνομα.

Κρατύλος: ἀληθῆ λέγεις.

Σωκράτης: θαρρῶν τοίνυν, ὦ γενναῖε, ἔα καὶ ὄνομα τὸ μὲν εὖ [432e] κείσθαι, τὸ δὲ μή, καὶ μὴ ἀνάγκασε πάντ' ἔχειν τὰ γράμματα, ἵνα κομιδῆ ἢ τοιοῦτον οἷόν περ οὗ ὄνομά ἐστιν, ἀλλ' ἔα καὶ τὸ μὴ προσῆκον γράμμα ἐπιφέρειν. εἰ δὲ γράμμα, καὶ ὄνομα ἐν λόγῳ: εἰ δὲ ὄνομα, καὶ λόγον ἐν λόγῳ μὴ προσήκοντα τοῖς πράγμασιν ἐπιφέρεσθαι, καὶ μηδὲν ἦττον ὀνομάζεσθαι τὸ πρᾶγμα καὶ λέγεσθαι, ἕως ἂν ὁ τύπος ἐνῆ τοῦ πράγματος περὶ οὗ ἂν ὁ λόγος ἦ, ὥσπερ ἐν τοῖς [433a] τῶν στοιχείων ὀνόμασιν, εἰ μέμνησαι ἃ νυνδὴ ἐγὼ καὶ Ἑρμογένης ἐλέγομεν.

Κρατύλος: ἀλλὰ μέμνημαι.

Σωκράτης: καλῶς τοίνυν. ὅταν γὰρ τοῦτο ἐνῆ, κἂν μὴ πάντα τὰ προσήκοντα ἔχη, λέξεταί γε τὸ πρᾶγμα, καλῶς ὅταν πάντα, κακῶς δὲ ὅταν ὀλίγα: λέγεσθαι δ' οὖν, ὦ μακάριε, ἐῶμεν, ἵνα μὴ ὀφλωμεν ὥσπερ οἱ ἐν Αἰγίνῃ νύκτωρ περιόντες ὄψε ὁδοῦ, καὶ ἡμεῖς ἐπὶ τὰ πράγματα δόξωμεν αὖ [433b] τῆ ἀληθείᾳ οὕτω πως ἐληλυθέναι ὀψιαίτερον τοῦ δέοντος, ἢ ζητεῖ τινὰ ἄλλην ὀνόματος ὀρθότητα, καὶ μὴ ὁμολογεῖ δῆλωμα συλλαβαῖς καὶ γράμμασι πράγματος ὄνομα εἶναι. εἰ γὰρ ταῦτα ἀμφοτέρω ἐρεῖς, οὐκ οἷός τ' ἔσῃ συμφωνεῖν σαυτῷ.

Κρατύλος: ἀλλὰ μοι δοκεῖς γε, ὦ Σώκρατες, μετρίως λέγειν, καὶ οὕτω τίθεμαι.

Σωκράτης: ἐπειδὴ τοίνυν ταῦτα ἡμῖν συνδοκεῖ, μετὰ ταῦτα τάδε σκοπῶμεν: εἰ μέλλει φαμὲν καλῶς κείσθαι τὸ ὄνομα, τὰ προσήκοντα δεῖ αὐτὸ γράμματα ἔχειν;

Κρατύλος: ναί.

[433c] *Σωκράτης*: προσήκει δὲ τὰ ὅμοια τοῖς πράγμασιν;

Κρατύλος: πάνυ γε.

Σωκράτης: τὰ μὲν ἄρα καλῶς κείμενα οὕτω κείται: εἰ δὲ μή τι καλῶς ἐτέθη, τὸ μὲν ἂν πολὺ ἴσως ἐκ προσηκόντων εἴη γραμμάτων καὶ ὁμοίων, εἴπερ ἔσται εἰκὼν, ἔχοι δ' ἂν τι καὶ οὐ προσῆκον, δι' ὃ οὐκ ἂν καλὸν εἴη οὐδὲ καλῶς εἰργασμένον τὸ ὄνομα. οὕτω φαμὲν ἢ ἄλλως;

Κρατύλος: οὐδὲν δεῖ οἷμαι διαμάχεσθαι, ὦ Σώκρατες: ἐπεὶ οὐκ ἀρέσκει γέ με τὸ φάναι ὄνομα μὲν

εἶναι, μὴ μέντοι καλῶς γε κείσθαι.

[433d] *Σωκράτης*: πότερον τοῦτο οὐκ ἀρέσκει σε, τὸ εἶναι τὸ ὄνομα δήλωμα τοῦ πράγματος;

Κρατύλος: ἔμοιγε.

Σωκράτης: ἀλλὰ τὸ εἶναι τῶν ὀνομάτων τὰ μὲν ἐκ προτέρων συγκείμενα, τὰ δὲ πρῶτα, οὐ καλῶς σοι δοκεῖ λέγεσθαι;

Κρατύλος: ἔμοιγε.

Σωκράτης: ἀλλὰ τὰ πρῶτα εἰ μέλλει δηλώματά τινων γίνεσθαι, ἔχεις τινὰ καλλίω τρόπον τοῦ δηλώματα αὐτὰ γενέσθαι [433e] ἄλλον ἢ αὐτὰ ποιῆσαι ὅτι μάλιστα τοιαῦτα οἶα ἐκεῖνα ἃ δεῖ δηλοῦν αὐτά; ἢ ὅδε μᾶλλον σε ἀρέσκει ὁ τρόπος ὃν Ἑρμογένης λέγει καὶ ἄλλοι πολλοί, τὸ συνθήματα εἶναι τὰ ὀνόματα καὶ δηλοῦν τοῖς συνθεμένοις προειδόσι δὲ τὰ πράγματα, καὶ εἶναι ταύτην ὀρθότητα ὀνόματος, συνθήκην, διαφέρειν δὲ οὐδὲν ἕντατι τις συνθῆται ὥσπερ νῦν σύγκειται, ἕντατι καὶ τούναντίον ἐπὶ μὲν ᾧ νῦν σμικρόν, μέγα καλεῖν, ἐπὶ δὲ ᾧ μέγα, σμικρόν; πότερός σε ὁ τρόπος ἀρέσκει; [434a] *Κρατύλος*: ὄλω καὶ παντὶ διαφέρει, ὃ Σώκρατες, τὸ ὀμοιώματι δηλοῦν ὅτι ἂν τις δηλοῖ ἀλλὰ μὴ τῷ ἐπιτυχόντι.

Σωκράτης: καλῶς λέγεις. οὐκοῦν εἴπερ ἔσται τὸ ὄνομα ὄμοιον τῷ πράγματι, ἀναγκαῖον πεφυκέναι τὰ στοιχεῖα ὄμοια τοῖς πράγμασιν, ἐξ ὧν τὰ πρῶτα ὀνόματά τις συνθήσει; ὃδε δὲ λέγω: ἄρα ποτ' ἂν τις συνέθηκεν ὁ νυνδὴ ἐλέγομεν ζωγράφημα ὄμοιον τῷ τῶν ὄντων, εἰ μὴ φύσει ὑπῆρχε [434b] φαρμακεῖα ὄμοια ὄντα, ἐξ ὧν συντίθεται τὰ ζωγραφούμενα, ἐκείνοις ἃ μιμεῖται ἢ γραφικῆ: ἢ ἀδύνατον;

Κρατύλος: ἀδύνατον.

Σωκράτης: οὐκοῦν ὡσαύτως καὶ ὀνόματα οὐκ ἂν ποτε ὄμοια γένοιτο οὐδενί, εἰ μὴ ὑπάρξει ἐκεῖνα πρῶτον ὀμοιότητά τινα ἔχοντα, ἐξ ὧν συντίθεται τὰ ὀνόματα, ἐκείνοις ὧν ἔστι τὰ ὀνόματα μιμήματα; ἔστι δέ, ἐξ ὧν συνθετέον, στοιχεῖα;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: ἤδη τοίνυν καὶ σὺ κοινῶν τοῦ λόγου οὔτε ἄρτι [434c] Ἑρμογένης. φέρε, καλῶς σοι δοκοῦμεν λέγειν ὅτι τὸ ῥῶ τῇ φορᾷ καὶ κινήσει καὶ σκληρότητι προσέοικεν, ἢ οὐ καλῶς;

Κρατύλος: καλῶς ἔμοιγε.

Σωκράτης: τὸ δὲ λάβδα τῷ λείφ καὶ μαλακῷ καὶ οἷς νυνδὴ ἐλέγομεν;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: οἶσθα οὖν ὅτι ἐπὶ τῷ αὐτῷ ἡμεῖς μὲν φάμεν “σκληρότης,” Ἑρετριῆς δὲ “σκληροτήρ”;

Κρατύλος: πάνυ γε.

Σωκράτης: πότερον οὖν τό τε ῥῶ καὶ τὸ σῖγμα εἰσὶν ἀμφοτέρω τῷ αὐτῷ, καὶ δηλοῖ ἐκείνοις τε τὸ αὐτὸ τελευτῶντος τοῦ ῥῶ καὶ ἡμῖν τοῦ σῖγμα, ἢ τοῖς ἑτέροις ἡμῶν οὐ δηλοῖ;

[434d] *Κρατύλος*: δηλοῖ μὲν οὖν ἀμφοτέρω.

Σωκράτης: πότερον ἢ ὄμοια τυγχάνει ὄντα τὸ ῥῶ καὶ τὸ σῖγμα, ἢ ἢ μή;

Κρατύλος: ἢ ὄμοια.

Σωκράτης: ἢ οὖν ὁμοία ἐστὶ πανταχῆ;

Κρατύλος: πρὸς γε τὸ ἴσως φορὰν δηλοῦν.

Σωκράτης: ἢ καὶ τὸ λάβδα ἐγκείμενον; οὐ τὸ ἐναντίον δηλοῖ σκληρότητος;

Κρατύλος: ἴσως γὰρ οὐκ ὀρθῶς ἐγκείται, ὃ Σώκρατες: ὥσπερ καὶ ἅ νυνδὴ σὺ πρὸς Ἑρμογένη ἔλεγες ἐξαιρῶν τε καὶ ἐντιθεὶς γράμματα οὗ δέοι, καὶ ὀρθῶς ἐδόκεις ἔμοιγε. καὶ νῦν ἴσως ἀντὶ τοῦ λάβδα ῥῶ δεῖ λέγειν.

[434e] *Σωκράτης:* εὖ λέγεις. τί οὖν; νῦν ὡς λέγομεν, οὐδὲν μανθάνομεν ἀλλήλων, ἐπειδάν τις φῆ “σκληρόν,” οὐδὲ οἴσθα σὺ νῦν ὅτι ἐγὼ λέγω;

Κρατύλος: ἔγωγε, διὰ γε τὸ ἔθος, ὃ φίλτατε.

Σωκράτης: ἔθος δὲ λέγων οἶει τι διάφορον λέγειν συνθήκης; ἢ ἄλλο τι λέγεις τὸ ἔθος ἢ ὅτι ἐγώ, ὅταν τοῦτο φθέγγωμαι, διανοοῦμαι ἐκεῖνο, σὺ δὲ γινώσκεις ὅτι ἐκεῖνο διανοοῦμαι; οὐ τοῦτο λέγεις;

[435a] *Κρατύλος:* ναί.

Σωκράτης: οὐκοῦν εἰ γινώσκεις ἐμοῦ φθεγγομένου, δῆλωμα σοι γίγνεται παρ' ἐμοῦ;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: ἀπὸ τοῦ ἀνομοίου γε ἢ ὁ διανοούμενος φθέγγωμαι, εἴπερ τὸ λάβδα ἀνόμοιον ἐστὶ τῆ ἢ φῆς σὺ σκληρότητι: εἰ δὲ τοῦτο οὕτως ἔχει, τί ἄλλο ἢ αὐτὸς σαυτῶ συνέθου καὶ σοι γίγνεται ἢ ὀρθότητος τοῦ ὀνόματος συνθήκη, ἐπειδὴ γε δηλοῖ καὶ τὰ ὅμοια καὶ τὰ ἀνόμοια γράμματα, ἔθους τε καὶ συνθήκης τυχόντα; εἰ δ' ὅτι μάλιστα μὴ ἐστὶ τὸ ἔθος [435b] συνθήκη, οὐκ ἂν καλῶς ἔτι ἔχοι λέγειν τὴν ὁμοιότητα δῆλωμα εἶναι, ἀλλὰ τὸ ἔθος: ἐκεῖνο γάρ, ὡς εἴοικε, καὶ ὁμοίῳ καὶ ἀνομοίῳ δηλοῖ. ἐπειδὴ δὲ ταῦτα συγχωροῦμεν, ὃ Κρατύλε--τὴν γὰρ σιγὴν σου συγχώρησιν θήσω--ἀναγκαῖον που καὶ συνθήκην τι καὶ ἔθος συμβάλλεσθαι πρὸς δῆλωσιν ὧν διανοούμενοι λέγομεν: ἐπεὶ, ὃ βέλτιστε, εἰ 'θέλεις ἐπὶ τὸν ἀριθμὸν ἐλθεῖν, πόθεν οἶει ἔξιν ὀνόματα ὅμοια ἐνὶ ἐκάστῳ τῶν ἀριθμῶν ἐπενεγκεῖν, ἐὰν μὴ ἔἴς τι [435c] τὴν σὴν ὁμολογίαν καὶ συνθήκην κῦρος ἔχουν τῶν ὀνομάτων ὀρθότητος πέρι; ἐμοὶ μὲν οὖν καὶ αὐτῶ ἀρέσκει μὲν κατὰ τὸ δυνατόν ὅμοια εἶναι τὰ ὀνόματα τοῖς πράγμασιν: ἀλλὰ μὴ ὡς ἀληθῶς, τὸ τοῦ Ἑρμογένους, γλίσχρα ἢ ἡ ὀλκὴ αὕτη τῆς ὁμοιότητος, ἀναγκαῖον δὲ ἢ καὶ τῶ φορτικῶ τούτῳ προσχρῆσθαι, τῆ συνθήκη, εἰς ὀνομάτων ὀρθότητα. ἐπεὶ ἴσως κατὰ γε τὸ δυνατόν κάλλιστ' ἂν λέγοιτο ὅταν ἢ πᾶσιν ἢ ὡς πλείστοις ὁμοίοις λέγηται, τοῦτο δ' ἐστὶ προσήκουσιν, [435d] αἰσχιστα δὲ τοῦναντίον. τόδε δέ μοι ἔτι εἶπε μετὰ ταῦτα, τίνα ἡμῖν δύναμιν ἔχει τὰ ὀνόματα καὶ τί φῶμεν αὐτὰ καλὸν ἀπεργάζεσθαι;

Κρατύλος: διδάσκειν ἔμοιγε δοκεῖ, ὃ Σώκρατες, καὶ τοῦτο πάνυ ἀπλοῦν εἶναι, ὅς ἂν τὰ ὀνόματα ἐπίσθηται, ἐπίστασθαι καὶ τὰ πράγματα.

Σωκράτης: ἴσως γάρ, ὃ Κρατύλε, τὸ τοιόνδε λέγεις, ὡς ἐπειδάν τις εἰδῆ τὸ ὄνομα οἷόν ἐστιν--ἐστὶ δὲ οἷόνπερ τὸ πᾶγμα-- [435e] εἴσεται δὴ καὶ τὸ πᾶγμα, ἐπεὶπερ ὅμοιον τυγχάνει ὄν τῶ ὀνόματι, τέχνη δὲ μία ἄρ' ἐστὶν ἢ αὐτὴ πάντων τῶν ἀλλήλοις ὁμοίων. κατὰ τοῦτο δὴ μοι δοκεῖς λέγειν ὡς ὅς ἂν τὰ ὀνόματα εἰδῆ εἴσεται καὶ τὰ πράγματα.

Κρατύλος: ἀληθέστατα λέγεις.

Σωκράτης: ἔχε δὴ, ἴδωμεν τίς ποτ' ἂν εἴη ὁ τρόπος οὗτος τῆς διδασκαλίας τῶν ὄντων ὃν σὺ λέγεις νῦν, καὶ πότερον ἔστι μὲν καὶ ἄλλος, οὗτος μέντοι βελτίων, ἢ οὐδ' ἔστιν ἄλλος ἢ οὗτος. ποτέρως οἶει;

[436a] *Κρατύλος*: οὕτως ἔγωγε, οὐ πάνυ τι εἶναι ἄλλον, τοῦτον δὲ καὶ μόνον καὶ βέλτιστον.

Σωκράτης: πότερον δὲ καὶ εὔρεσιν τῶν ὄντων τὴν αὐτὴν ταύτην εἶναι, τὸν τὰ ὀνόματα εὐρόντα καὶ ἐκεῖνα ἠύρηκέναι ὧν ἔστι τὰ ὀνόματα: ἢ ζητεῖν μὲν καὶ εὐρίσκειν ἕτερον δεῖν τρόπον, μαθάνειν δὲ τοῦτον;

Κρατύλος: πάντων μάλιστα καὶ ζητεῖν καὶ εὐρίσκειν τὸν αὐτὸν τρόπον τοῦτον κατὰ ταυτά.

Σωκράτης: φέρε δὴ ἐννοήσωμεν, ὃ Κρατύλε, εἴ τις ζητῶν τὰ [436b] πράγματα ἀκολουθοῖ τοῖς ὀνόμασι, σκοπῶν οἷον ἕκαστον βούλεται εἶναι, ἄρ' ἐννοεῖς ὅτι οὐ μικρὸς κίνδυνός ἐστιν ἐξαπατηθῆναι;

Κρατύλος: πῶς;

Σωκράτης: δῆλον ὅτι ὁ θέμενος πρῶτος τὰ ὀνόματα, οἷα ἠγεῖτο εἶναι τὰ πράγματα, τοιαῦτα ἐτίθετο καὶ τὰ ὀνόματα, ὡς φαμεν. ἢ γάρ;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: εἰ οὖν ἐκεῖνος μὴ ὀρθῶς ἠγεῖτο, ἔθετο δὲ οἷα ἠγεῖτο, τί οἶει ἡμᾶς τοὺς ἀκολουθοῦντας αὐτῷ πείσεσθαι; ἄλλο τι ἢ ἐξαπατηθῆσεσθαι;

Κρατύλος: ἀλλὰ μὴ οὐχ οὕτως ἔχει, ὃ Σώκρατες, ἀλλ' ἀναγκαῖον [436c] ἢ εἰδῶτα τίθεσθαι τὸν τιθέμενον τὰ ὀνόματα: εἰ δὲ μὴ, ὅπερ πάσαι ἐγὼ ἔλεγον, οὐδ' ἂν ὀνόματα εἴη. μέγιστον δὲ σοι ἔστω τεκμήριον ὅτι οὐκ ἔσφαλται τῆς ἀληθείας ὁ τιθέμενος: οὐ γὰρ ἂν ποτε οὕτω σύμφωνα ἦν αὐτῷ ἅπαντα. ἢ οὐκ ἐνενόεις αὐτὸς λέγων ὡς πάντα κατὰ ταυτὸν καὶ ἐπὶ ταυτὸν ἐγένετο τὰ ὀνόματα;

Σωκράτης: ἀλλὰ τοῦτο μὲν, ὡγαθὲ Κρατύλε, οὐδὲν ἔστιν ἀπολόγημα. εἰ γὰρ τὸ πρῶτον σφαλῆς ὁ τιθέμενος ἄλλα ἢδη [436d] πρὸς τοῦτ' ἐβιάζετο καὶ αὐτῷ συμφωνεῖν ἠνάγκαζεν, οὐδὲν ἄτοπον, ὥσπερ τῶν διαγραμμάτων ἐνίοτε τοῦ πρώτου μικροῦ καὶ ἀδήλου ψεύδους γενομένου, τὰ λοιπὰ πάμπολλα ἢδη ὄντα ἐπόμενα ὁμολογεῖν ἀλλήλοις. δεῖ δὴ περὶ τῆς ἀρχῆς παντὸς πράγματος παντὶ ἀνδρὶ τὸν πολὺν λόγον εἶναι καὶ τὴν πολλὴν σκέψιν εἴτε ὀρθῶς εἴτε μὴ ὑπόκειται: ἐκείνης δὲ ἐξετασθείσης ἰκανῶς, τὰ λοιπὰ φαίνεσθαι ἐκείνη ἐπόμενα. οὐ μέντοι ἀλλὰ [436e] θαυμάζοιμι ἂν εἰ καὶ τὰ ὀνόματα συμφωνεῖ αὐτὰ αὐτοῖς. πάλιν γὰρ ἐπισκεψώμεθα ἃ τὸ πρότερον διήλθομεν. ὡς τοῦ παντὸς ἰόντος τε καὶ φερομένου καὶ ῥεοντός φαμεν σημαίνειν ἡμῖν τὴν οὐσίαν τὰ ὀνόματα. ἄλλο τι οὕτω σοι δοκεῖ δηλοῦν;

[437a] *Κρατύλος*: πάνυ σφόδρα, καὶ ὀρθῶς γε σημαίνει.

Σωκράτης: σκοπῶμεν δὴ ἐξ αὐτῶν ἀναλαβόντες πρῶτον μὲν τοῦτο τὸ ὄνομα, τὴν “ἐπιστήμην,” ὡς ἀμφίβολόν [ἔστι], καὶ μᾶλλον ἔοικε σημαίνοντι ὅτι ἴστησιν ἡμῶν ἐπὶ τοῖς πράγμασι τὴν ψυχὴν ἢ ὅτι συμπεριφέρεται, καὶ ὀρθότερόν ἐστιν ὥσπερ νῦν αὐτοῦ τὴν ἀρχὴν λέγειν μᾶλλον ἢ ἐμβάλλοντας τὸ εἶ “ἐπεῖστίμην,” ἀλλὰ τὴν ἐμβολὴν ποιήσασθαι ἀντὶ τῆς ἐν τῷ εἶ ἐν τῷ ἰῶτα. ἔπειτα τὸ “βέβαιον,” ὅτι

βάσεως τινός ἐστὶν καὶ στάσεως μίμημα ἀλλ' οὐ φορᾶς. [437b] ἔπειτα ἡ “ἱστορία” αὐτό που σημαίνει ὅτι ἴστησι τὸν ῥοῦν. καὶ τὸ “πιστὸν” ἰστὰν παντάπασι σημαίνει. ἔπειτα δὲ ἡ “μνήμη” παντί που μνηύει ὅτι μονή ἐστὶν ἐν τῇ ψυχῇ ἀλλ' οὐ φορά. εἰ δὲ βούλει, ἡ “ἀμαρτία” καὶ ἡ “συμφορά,” εἰ κατὰ τὸ ὄνομά τις ἀκολουθήσει, φανεῖται ταῦτὸν τῇ “συνέσει” ταύτη καὶ “ἐπιστήμη” καὶ τοῖς ἄλλοις πᾶσι τοῖς περὶ τὰ σπουδαῖα ὀνόμασιν. ἔτι τοίνυν ἡ “ἀμαθία” καὶ ἡ “ἀκολασία” παραπλησία τούτοις φαίνεται. ἡ μὲν [437c] γὰρ τοῦ ἅμα θεῶ ἰόντος πορεία φαίνεται, ἡ “ἀμαθία,” ἡ δ' “ἀκολασία” παντάπασιν ἀκολουθία τοῖς πράγμασι φαίνεται. καὶ οὕτως, ἃ νομίζομεν ἐπὶ τοῖς κακίστοις ὀνόματα εἶναι, ὁμοιότατ' ἂν φαίνοιτο τοῖς ἐπὶ τοῖς καλλίστοις. οἴμαι δὲ καὶ ἄλλα πόλλ' ἂν τις εὖροι εἰ πραγματεύοιτο, ἐξ ὧν οἰηθεῖ ἂν αὖ πάλιν τὸν τὰ ὀνόματα τιθέμενον οὐχὶ ἰόντα οὐδὲ φερόμενα ἀλλὰ μένοντα τὰ πράγματα σημαίνειν.

[437d] *Κρατύλος*: ἀλλ', ὦ Σώκρατες, ὁρᾶς ὅτι τὰ πολλὰ ἐκείνως ἐσήμαινεν.

Σωκράτης: τί οὖν τοῦτο, ὦ Κρατύλε; ὥσπερ ψήφους διαριθμησόμεθα τὰ ὀνόματα, καὶ ἐν τούτῳ ἔσται ἡ ὀρθότης; ὁπότερα ἂν πλείω φαίνοιται τὰ ὀνόματα σημαίνοντα, ταῦτα δὴ ἔσται ἀληθῆ;

Κρατύλος: οὐκ οὐκ εἰκός γε.

Σωκράτης: οὐδ' ὅπως οὖν, ὦ φίλε. καὶ ταῦτα μὲν γε αὐτοῦ [438a] ἐάσωμεν, ἐπανέλθωμεν δὲ πάλιν ὅθεν δεῦρο μετέβημεν. ἄρτι γὰρ ἐν τοῖς πρόσθεν, εἰ μέμνησαι, τὸν τιθέμενον τὰ ὀνόματα ἀναγκαῖον ἔφησθα εἶναι εἰδῶτα τίθεσθαι οἷς ἐτίθετο. πότερον οὖν ἔτι σοι δοκεῖ οὕτως ἢ οὐ;

Κρατύλος: ἔτι.

Σωκράτης: ἦ καὶ τὸν τὰ πρῶτα τιθέμενον εἰδῶτα φησὶ τίθεσθαι;

Κρατύλος: εἰδῶτα.

Σωκράτης: ἐκ ποίων οὖν ὀνομάτων ἢ μεμαθηκῶς ἢ ἠύρηκῶς ἦν [438b] τὰ πράγματα, εἴπερ τὰ γε πρῶτα μήπω ἔκειτο, μαθεῖν δ' αὖ φαμεν τὰ πράγματα καὶ εὖρεῖν ἀδύνατον εἶναι ἄλλως ἢ τὰ ὀνόματα μαθόντας ἢ αὐτοὺς ἐξευρόντας οἷά ἐστι;

Κρατύλος: δοκεῖς τί μοι λέγειν, ὦ Σώκρατες.

Σωκράτης: τίνα οὖν τρόπον φῶμεν αὐτοὺς εἰδῶτας θέσθαι ἢ νομοθέτας εἶναι, πρὶν καὶ ὅτι οὖν ὄνομα κεῖσθαι τε καὶ ἐκείνους εἰδέναί, εἴπερ μὴ ἔστι τὰ πράγματα μαθεῖν ἀλλ' ἢ ἐκ τῶν ὀνομάτων;

[438c] *Κρατύλος*: οἴμαι μὲν ἐγὼ τὸν ἀληθέστατον λόγον περὶ τούτων εἶναι, ὦ Σώκρατες, μείζω τινὰ δύναμιν εἶναι ἢ ἀνθρωπείαν τὴν θεμένην τὰ πρῶτα ὀνόματα τοῖς πράγμασιν, ὥστε ἀναγκαῖον εἶναι αὐτὰ ὀρθῶς ἔχειν.

Σωκράτης: εἶτα οἶε ἐναντία ἂν ἐτίθετο αὐτὸς αὐτῷ ὁ θεός, ὦν δαίμων τις ἢ θεός; ἢ οὐδὲν σοι ἐδοκοῦμεν ἄρτι λέγειν;

Κρατύλος: ἀλλὰ μὴ οὐκ ἦν τούτων τὰ ἕτερα ὀνόματα.

Σωκράτης: πότερα, ὦ ἄριστε, τὰ ἐπὶ τὴν στάσιν ἄγοντα ἢ τὰ ἐπὶ τὴν φορᾶν; οὐ γὰρ που κατὰ τὸ ἄρτι λεχθὲν πλήθει κριθήσεται.

[438d] *Κρατύλος*: οὗτοι δὴ δίκαιόν γε, ὦ Σώκρατες.

Σωκράτης: ὀνομάτων οὖν στασιασάντων, καὶ τῶν μὲν φασκόντων ἑαυτὰ εἶναι τὰ ὅμοια τῇ ἀληθείᾳ, τῶν δ' ἑαυτὰ, τίνι ἔτι διακρινοῦμεν, ἢ ἐπὶ τί ἐλθόντες; οὐ γάρ που ἐπὶ ὀνόματά γε ἕτερα ἄλλα τούτων; οὐ γὰρ ἔστιν, ἀλλὰ δῆλον ὅτι ἄλλ' ἄττα ζητητέα πλὴν ὀνομάτων, ἃ ἡμῖν ἐμφανιεῖ ἄνευ ὀνομάτων ὁπότερα τούτων ἐστὶ τάληθῆ, δεῖξαντα δῆλον ὅτι τὴν ἀλήθειαν τῶν ὄντων.

[438e]*Κρατύλος*: δοκεῖ μοι οὕτω.

Σωκράτης: ἔστιν ἄρα, ὡς ἔοικεν, ὦ Κρατύλε, δυνατὸν μαθεῖν ἄνευ ὀνομάτων τὰ ὄντα, εἴπερ ταῦτα οὕτως ἔχει.

Κρατύλος: φαίνεται.

Σωκράτης: διὰ τίνος ἄλλου οὖν ἔτι προσδοκᾷς ἂν ταῦτα μαθεῖν; ἄρα δι' ἄλλου του ἢ οὐπὲρ εἰκός τε καὶ δικαιοτάτον, δι' ἀλλήλων γε, εἴ πη συγγενῆ ἐστίν, καὶ αὐτὰ δι' αὐτῶν; τὸ γάρ που ἕτερον ἐκείνων καὶ ἄλλοιον ἕτερον ἂν τι καὶ ἄλλοιον σημαῖνοι ἄλλ' οὐκ ἐκεῖνα.

Κρατύλος: ἀληθῆ μοι φαίνη λέγειν.

[439a]*Σωκράτης*: ἔχε δὴ πρὸς Διός: τὰ δὲ ὀνόματα οὐ πολλάκις μέντοι ὁμολογήσαμεν τὰ καλῶς κείμενα εὐκότα εἶναι ἐκείνοις ὧν ὀνόματα κεῖται, καὶ εἶναι εἰκόνας τῶν πραγμάτων;

Κρατύλος: ναί.

Σωκράτης: εἰ οὖν ἔστι μὲν ὅτι μάλιστα δι' ὀνομάτων τὰ πράγματα μαθάνειν, ἔστι δὲ καὶ δι' αὐτῶν, ποτέρα ἂν εἴη καλλίων καὶ σαφεστέρα ἢ μάθησις; ἐκ τῆς εἰκόνας μαθάνειν αὐτὴν τε αὐτὴν εἰ καλῶς εἴκασται, καὶ τὴν ἀλήθειαν ἧς ἦν εἰκόν, [439b] ἢ ἐκ τῆς ἀληθείας αὐτὴν τε αὐτὴν καὶ τὴν εἰκόνα αὐτῆς εἰ πρεπόντως εἴργασται;

Κρατύλος: ἐκ τῆς ἀληθείας μοι δοκεῖ ἀνάγκη εἶναι.

Σωκράτης: ὄντινα μὲν τοίνυν τρόπον δεῖ μαθάνειν ἢ εὐρίσκειν τὰ ὄντα, μείζον ἴσως ἐστὶν ἐγνωκέναι ἢ κατ' ἐμὲ καὶ σέ: ἀγαπητὸν δὲ καὶ τοῦτο ὁμολογήσασθαι, ὅτι οὐκ ἐξ ὀνομάτων ἀλλὰ πολὺ μᾶλλον αὐτὰ ἐξ αὐτῶν καὶ μαθητέον καὶ ζητητέον ἢ ἐκ τῶν ὀνομάτων.

Κρατύλος: φαίνεται, ὦ Σώκρατες.

Σωκράτης: ἔτι τοίνυν τόδε σκεψώμεθα, ὅπως μὴ ἡμᾶς τὰ [439c] πολλὰ ταῦτα ὀνόματα ἐς ταῦτὸν τείνοντα ἐξαπατᾷ, εἰ τῷ ὄντι μὲν οἱ θέμενοι αὐτὰ διανοηθέντες γε ἔθεντο ὡς ἰόντων ἀπάντων ἀεὶ καὶ ῥεόντων--φαίνονται γὰρ ἔμοιγε καὶ αὐτῷ οὕτω διανοηθῆναι--τὸ δ', εἰ ἔτυχεν, οὐχ οὕτως ἔχει, ἀλλ' οὗτοι αὐτοὶ τε ὥσπερ εἰς τινὰ δίνην ἐμπεσόντες κυκῶνται καὶ ἡμᾶς ἐφελκόμενοι προσεμβάλλουσιν. σκέψαι γάρ, ὦ θαυμάσιε Κρατύλε, ὃ ἐγωγε πολλάκις ὀνειρώττω. πότερον φῶμέν τι εἶναι αὐτὸ καλὸν καὶ ἀγαθὸν καὶ ἐν ἕκαστον τῶν [439d] ὄντων οὕτω, ἢ μή;

Κρατύλος: ἔμοιγε δοκεῖ, ὦ Σώκρατες, [εἶναι].

Σωκράτης: αὐτὸ τοίνυν ἐκεῖνο σκεψώμεθα, μὴ εἰ πρόσωπόν τι ἐστὶν καλὸν ἢ τι τῶν τοιούτων, καὶ δοκεῖ ταῦτα πάντα ῥεῖν: ἀλλ' αὐτό, φῶμεν, τὸ καλὸν οὐ τοιοῦτον ἀεὶ ἐστὶν οἷόν ἐστιν;

Κρατύλος: ἀνάγκη.

Σωκράτης: ἄρ' οὖν οἷόν τε προσεπειεῖν αὐτὸ ὀρθῶς, εἰ ἀεὶ ὑπεξέρχεται, πρῶτον μὲν ὅτι ἐκεῖνό ἐστιν,

ἔπειτα ὅτι τοιοῦτον, ἢ ἀνάγκη ἅμα ἡμῶν λεγόντων ἄλλο αὐτὸ εὐθὺς γίγνεσθαι καὶ ὑπεξίεναι καὶ μηκέτι οὕτως ἔχειν;

Κρατύλος: ἀνάγκη.

[439e]*Σωκράτης*: πῶς οὖν ἂν εἴη τι ἐκεῖνο ὃ μηδέποτε ὡσαύτως ἔχει, εἰ γάρ ποτε ὡσαύτως ἴσχει, ἔν γ' ἐκείνῳ τῷ χρόνῳ δῆλον ὅτι οὐδὲν μεταβαίνει: εἰ δὲ ἀεὶ ὡσαύτως ἔχει καὶ τὸ αὐτὸ ἐστὶ, πῶς ἂν τοῦτο γε μεταβάλλοι ἢ κινῶιτο, μηδὲν ἐξιστάμενον τῆς αὐτοῦ ιδέας;

Κρατύλος: οὐδαμῶς.

Σωκράτης: ἀλλὰ μὴν οὐδ' ἂν γνωσθεῖη γε ὑπ' οὐδενός. ἅμα [440a] γὰρ ἂν ἐπιόντος τοῦ γνωσομένου ἄλλο καὶ ἄλλοιον γίγνοιτο, ὥστε οὐκ ἂν γνωσθεῖη ἔτι ὁποῖόν γέ τί ἐστὶν ἢ πῶς ἔχον: γνῶσις δὲ δήπου οὐδεμία γινώσκει ὃ γινώσκει μηδαμῶς ἔχον.

Κρατύλος: ἔστιν ὡς λέγεις.

Σωκράτης: ἀλλ' οὐδὲ γνῶσιν εἶναι φάναι εἰκός, ὃ Κρατύλε, εἰ μεταπίπτει πάντα χρήματα καὶ μηδὲν μένει. εἰ μὲν γὰρ αὐτὸ τοῦτο, ἢ γνῶσις, τοῦ γνῶσις εἶναι μὴ μεταπίπτει, μένοι τε ἂν ἀεὶ ἢ γνῶσις καὶ εἴη γνῶσις. εἰ δὲ καὶ αὐτὸ τὸ εἶδος [440b] μεταπίπτει τῆς γνώσεως, ἅμα τ' ἂν μεταπίπτει εἰς ἄλλο εἶδος γνώσεως καὶ οὐκ ἂν εἴη γνῶσις: εἰ δὲ ἀεὶ μεταπίπτει, ἀεὶ οὐκ ἂν εἴη γνῶσις, καὶ ἐκ τούτου τοῦ λόγου οὔτε τὸ γνωσόμενον οὔτε τὸ γνωσθησόμενον ἂν εἴη. εἰ δὲ ἔστι μὲν ἀεὶ τὸ γιγνώσκον, ἔστι δὲ τὸ γιγνώσκόμενον, ἔστι δὲ τὸ καλόν, ἔστι δὲ τὸ ἀγαθόν, ἔστι δὲ ἐν ἕκαστον τῶν ὄντων, οὐ μοι φαίνεται ταῦτα ὅμοια ὄντα, ἃ νῦν ἡμεῖς λέγομεν, ῥοῆ [440c] οὐδὲν οὐδὲ φορᾶ. ταῦτ' οὖν πότερόν ποτε οὕτως ἔχει ἢ ἐκείνως ὡς οἱ περὶ Ἡράκλειτον τε λέγουσιν καὶ ἄλλοι πολλοί, μὴ οὐ ῥάδιον ἢ ἐπισκέψασθαι, οὐδὲ πάνυ νοῦν ἔχοντος ἀνθρώπου ἐπιτρέψαντα ὀνόμασιν αὐτὸν καὶ τὴν αὐτοῦ ψυχὴν θεραπεύειν, πεπιστευκότα ἐκείνοις καὶ τοῖς θεμένοις αὐτά, δυσχυρίζεσθαι ὡς τι εἰδότα, καὶ αὐτοῦ τε καὶ τῶν ὄντων καταγιγνώσκειν ὡς οὐδὲν ὑγιὲς οὐδενός, ἀλλὰ πάντα ὥσπερ κεράμια ῥεῖ, καὶ ἀτεχνῶς ὥσπερ οἱ κατάρρω νοσοῦντες [440d] ἄνθρωποι οὕτως οἶεσθαι καὶ τὰ πράγματα διακεῖσθαι, ὑπὸ ρεύματός τε καὶ κατάρρου πάντα [τὰ] χρήματα ἔχεσθαι. ἴσως μὲν οὖν δὴ, ὃ Κρατύλε, οὕτως ἔχει, ἴσως δὲ καὶ οὐ σκοπεῖσθαι οὖν χρὴ ἀνδρείως τε καὶ εὖ, καὶ μὴ ῥαδίως ἀποδέχεσθαι--ἔτι γὰρ νέος εἶ καὶ ἡλικίαν ἔχεις--σκεψάμενον δέ, ἐὰν εὖρης, μεταδιδόναι καὶ ἐμοί.

Κρατύλος: ἀλλὰ ποιήσω ταῦτα. εὖ μέντοι ἴσθι, ὃ Σώκρατες, ὅτι οὐδὲ νυνὶ ἀσκέπτως ἔχω, ἀλλὰ μοι σκοπούμενῳ καὶ [440e] πράγματα ἔχοντι πολὺ μᾶλλον ἐκείνως φαίνεται ἔχειν ὡς Ἡράκλειτος λέγει.

Σωκράτης: εἰς αὐθις τοίνυν με, ὃ ἑταῖρε, διδάξεις, ἐπειδὴν ἤκης: νῦν δέ, ὥσπερ παρεσκευάσαι, πορεύου εἰς ἀγρόν: προπέμψει δέ σε καὶ Ἑρμογένης ὄδε.

Κρατύλος: ταῦτ' ἔσται, ὃ Σώκρατες, ἀλλὰ καὶ σὺ πειρῶ ἔτι ἐννοεῖν ταῦτα ἤδη.

BIBLIOGRAFIA

Edições e traduções

PLATÃO, *Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Editora da Universidade Federal do Pará, 1988.

_____, *Crátilo*. Tradução de Maria José Figueiredo, precedida de estudo introdutório de José Trindade Santos, Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

PLATO, *Cratylus*. Tradução inglesa de B. Jowett. In: *The Dialogues of Plato*, Oxford, vol.I, 1892.

PLATON. *Cratyle*. Tradução francesa e texto estabelecido por Louis Méridier, Paris, Les Belles Lettres, 1931 (reed. 1989).

_____. *Cratyle*. Tradução francesa e notas de L. Robin. In: *Platon: Oeuvres complètes*, Paris, 1950.

_____. *Cratyle*. Tradução francesa, Introdução e notas por Catherine Dalimier, Paris, GF-Flamarion, 1998.

PLATÓN, *Cratilo*. Edición electrónica de www.philosophia.cl/ Escuela de Filosofía Universidad ARCIS.

Obras de referência

ADRADOS, F. (ed.). *Diccionario griego-español*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1980.

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris, Librairie Hachette, 1894.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris, Éditions Klincksieck, 1968/1980.

GRIMAL, P. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1951.

LIDDEL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English lexicon*. 2 vols. Oxford, The Clarendon Press, 1843.

Obras gerais sobre Platão

BRANDWOOD, L. *The Chronology of Plato's Dialogues*. Cambridge, 1990.

CROMBIE, I. M. *An examination of Plato's Doctrines: Plato on Knowledge and Reality*. Routledge & Kegan Paul. London, 1963.

DIXSAUT, M. *Le naturel philosophie: Essai sur les Dialogues de Platon*. Paris: Vrin, 1985.

GAUDIN, C. *Platon et l'alphabet*. Paris, P.U.F., 1990.

GOLDSCHMIDT, V. *Les Dialogues de Platon: Structure et méthode dialectique*. Paris, P.U.F. (1971) (3ª ed.). Tradução brasileira de Dion Davi Macedo. São Paulo, Loyola, 2002.

_____. *Questions Platoniciennes*. Paris, Vrin. 1970.

_____. *Les paradigmes dans la dialectique platonicienne*. Paris, P.U.F., 1971.

GROTE, G. *Plato and the Other Companions of Socrates*. London, 1865.

KAHN, C. H. *Plato and the Socratic dialogue: The philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

KRAUT, R. *The Cambridge Companion to Plato. Chronology*. Cambridge, 1992

PARIN, B. *Essai sur le logos Platonicien*. Gallimard, Paris, 1942.

WATANABE, L. *Platão, por hipóteses e mitos*. São Paulo, Editora Moderna, 1996.

Estudos sobre o Crátilo

ACKRILL, J.L. "Language and Reality in Plato's *Cratylus*". In: *Essays on Plato and Aristotle*. Oxford, Clarendon Press, 1977, p.125-174.

ADOMENAS, M. "Discipleship theme in Plato's *Cratylus*". *Literatūra* 2006, p.22-33.

ALLAN, D.J. "The problem of *Cratylus*". *The American Journal of Philosophy*, Oxford, v. 75, n. 73, 1954, p.271-287.

ANAGNOSTOPOULOS, G. "Plato's *Cratylus*: two theories of correctness of names". *Review of Metaphysics* 25, 1972, p. 691-736.

_____. "The significance of Plato's *Cratylus*". *Review of Metaphysics* 27, 1973, p. 318-345.

ANNAS, J. "Knowledge and Language: the *Thaetetus* and the *Cratylus*". In: SCHOFIELD, M.; NUSSBAUM, M. (ed.). *Language and Logos: Studies in Ancient Greek Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 95-114.

ARONADIO, F. "Il *Cratilo*, il linguaggio e la sintassi dell'eidos". *Elenchus* 8, 1987, p. 329-362.

_____. "Sèmeinein et deloun: ontologie e langage chez Héraclite et Platon". In: DIXSAUT, M. & BRANCACCI (org.), *Platon source des présocratiques: Exploration*. Vrin: Paris, 2002, p. 47-66.

BARNEY, R. "Plato on Conventionalism". *Phronesis* 42/2, 1997, p. 143-162.

_____. "Socrates Agonistes. The case of the *Cratylus* etymologies". *Oxford Studies in Ancient Philosophy*. v. 15, 1998.

BAXTER, T. M. S. "The *Cratylus*: Plato's critic of name". *Philosophia Antiqua*, Leiden, 1992.

_____. "The *Cratylus*". *APH LXXIII, Phronesis* 38.

BERNADETE, S. "Physics and tragedy. On Plato's *Cratylus*". *Ancient Philosophy*. Pittsburg, 1980-81, p. 127-140.

BESTOR, W. "Plato's semantic and Plato's *Cratylus*". *Phronesis* 25, 1980, p. 306-330.

BOLLACK J. "L'en-deça infini. L'aporie du *Cratyle*". *Poétique*, 11, 1972.

_____. "Language, Plato and Logic". In: *Essays in Ancient Greek Philosophy*. Edited by John p. L Anton with George L. Kustas. Albany, State of University of New York Press, 1972.

BOYANCÉ, P. "La doctrine d' Euthyphron dans le *Cratyle*". *Revue des Études Grecques*, 54, 1941, p. 141-175.

BRUMBAUGH, R. "Plato's *Cratylus*: the order of etymologies". *Review of Metaphysics* 11, 1957-58, p. 502-510.

BURKERT, W. "La genèse des choses et des mots. Le papyre de Derveni entre Anaxagore et *Cratyle*". *Les Études Philosophiques* 25, 1970, p. 443-455.

CALVERT, B. "Forms and flux in Plato's *Cratylus*". *Phronesis* 15, 1970, p. 26-47.

CANTO, M. "Le semeion dans le *Cratyle*". *Revue de Philosophie Ancienne* V, 1987, p. 139-150.

CASSIN, B. "O dedo de *Crátilo*". Tradução de J.G. Trindade Santos. *Análise*. Lisboa, 7, 1987, p. 3-14.

- CHURCHILL, S.L. "Nancy Demand on the Nomothetes of the *Cratylus*". *Apeiron* 17, 1983, p. 92-93.
- CUCUEL, C. "L'origine du langage dans le *Cratyle* du Platon". *Annales de Faculté de Lettres de Bordeaux*, 1980.
- DELATRE, C. "HMIΘEOΣ en question: l'homme, le héros et le demi-dieu". *Révue des Études Grecques* 120, 2007/2, p. 481-510.
- DELIBES, F. S. "Hermogenes Socraticus". *Faventia* 21/2, 1999. p. 57-64.
- DEMAND, N. "The Nomothetes of the *Cratylus*". *Phronesis* 20, 1975, p. 106-109.
- DEMOS, R. "Plato's theory of language", *Journal of Philosophy*, 1964, p. 595-610.
- DENYER, N. *Language, Thought and Falsehood in Ancient Greek Philosophy*. London, 1991.
- DE VRIES, G.J. "Notes on some passages of the *Cratylus*". *Mnemosyne* IV, 8, 1955, p. 290-297.
- DIXSAUT, M. "La rationalité projetée à l'origine, ou: de l'étymologie". In: *Platon et la question de la pensée. Études Platoniciennes I*. Paris: VRIN, 2000. p.155-174.
- DUPRÉEL, E. "Le '*Cratyle*' et les origines de l'Aristotelisme". In: *La légende socratique et les sources de Platon*. Bruxelles, les éditions Robert Sand, 1922, p. 214-255
- FATTAL, M. "Vérité et fausseté de l'*onoma* et du *logos* dans le *Cratyle* de Platon", p. 13-31.
- FERWERDA, R. "The meaning of the word SWMA in Plato's *Cratylus*". *Hermes*. CXIII, 1985, p. 266-279.
- FINE, G. "Plato on naming". *The Philosophical Quarterly*, v. 27, n. 109, October 1977.
- _____. "Le devenir-signes des noms dans le *Cratyle*. Kairos kai logos". *Cahiers du Centre d'Études sur la Pensée Antique*, 5. Aix-en-Provence, 1996, p. 1-20.
- GENNETE, G. "Avatars du Cratylisme". *Poétique*, 11, 1972.
- _____. "Mimologiques". *Voyage en Cratyle*. Paris, Éditions du Seuil, 1976.
- GOULD, J.B. "The ambiguity of 'Name' in Plato's *Cratylus*". *Philosophical Studies* 34. n. 40 s/d.
- _____. "Plato: about language: The *Cratylus* reconsidered". *Apeiron*, 3, 1969, p.19- 31.
- GOLDSCHMIDT, V. *Essai sur le Cratyle: Contribution à l'histoire de la pensée de Platon*. Vrin, Paris, 1940.

- GOULD, J.B. "Plato: about language: the *Cratylus* reconsidered". *Apeiron* 3, 1969, p. 19-31.
- GUTHRIE, W.K.C. "Cratylus". In: *A History of Greek Philosophy: The later Plato and the Academy*. v. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 1-31.
- IRWIN, T. "Plato's Heracliteanism". *Philosophical Quarterly* 27, 1977, p. 1-17.
- JACQUINOD, B. "Le *Cratyle* et l'origine des noms. L'aspect dans les verbes de dénomination". In: *Études sur l'aspect verbal chez Platon*. p. 317-338.
- JOLY, H. "Platon entre les maître d'école et le fabricant de mots. Remarques sur le '*grammata*'". In: *Philosophie et Grammaire dans l'Antiquité*. (org. Henri Joly). Bruxelles, OUSIA, 1986, p. 105-136.
- KAHN, C. H. "Les mots et les forms dans le *Cratyle* de Platon". In: *Philosophie et Grammaire dans l'Antiquité*. (org. Henri Joly). Bruxelles: OUSIA, 1986.
- _____. "Language and ontology in the *Cratylus*". *Exegesis and Argument*, NY, 1973.
- KELLER, S. "An interpretation of Plato's *Cratylus*". *Phronesis* 45/4, 2000, p. 284-305.
- KETCHUM, R.J. "Names, forms and conventionalism: *Cratylus* 383-395". *Phronesis* 24, 1979, p. 133-147.
- KIRK, G. S. "The problem of *Cratylus*". *The American Journal of Philology*, v. 72, n. 3. 1951, p. 225-253.
- KRAUT, R. (ed.). *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge University Press. 1992.
- KRETZMANN, N. "Plato on the correctness of names". *American Philosophical Quarterly* 8, 1971, p. 126-138.
- LALLOT, J. "Le etymologie chez les grammariens grecs: principes et pratique". *Revue de Philologie* LXV, fasc 1, 1991, p. 135-148.
- LEROY, M. "Etymologie et linguistique chez Platon". *Bulletin de l'Académie Royale de Belgique*. Classe des Lettres et Sciences Morales et Politiques 54, 1968.
- _____. "Sur un emploi de *PHONE* chez Platon". *Revue des Études Grecques* 80, 1967, p. 243-241.
- LEVIN, S. "What's in a name? A reconsideration of the *Cratylus*' historical sources and topics". *Ancient Philosophy* 15, 1995, p. 91-115.
- _____. "Greek conceptions of naming: three forms of appropriateness in Plato and the literary tradition". *Classical Philology*, v. 92, n. 1, 1997, p. 46-57.
- LEVINSON, R.B. "Language and the *Cratylus*: four questions". *Review of Metaphysics*. 11,

1957, p. 28-41.

_____. "Language, Plato and logic". in: *Essay in Ancient Greek Philosophy*, University of New York Press, 1972.

LORAUX, N. "Cratyle à l'épreuve de stasis". In: *Revue de Philosophie Ancienne* 5, 1987, p. 49-69.

LORENZ, K. & MITTELSTRASS, J. "On rational philosophy of language: the program of *Cratylus* reconsidered". *Mind* 76, n. 301, 1967, p. 1-20.

LUCE, J.V. "The theory of ideas in the *Cratylus*". *Phronesis* 10, 1965, p. 21-36.

_____. "Plato on truth and falsity in names". *The Classical Quarterly* (New Series), v. 19, n. 2, nov. 1969, p. 222-232.

_____. "The date of the *Cratylus*". *The American Journal of Philology*, v. 85, 2, april 1964, p. 136-154.

MACKENZIE, M. M. "Putting *Cratylus* in his place". *The Classical Quarterly* (New Series) v. 36, n. 1, 1986, p. 124-150.

MALISSOF, W. M. "*Cratylus* or an essay of silence". *Philosophy of Science*, v. 11, 1944, p. 3-8.

MORRIS, M. "Le *Cratyle* de Platon et la base semantique de la theorie des formes". *Revue de Philosophie Ancienne*, 1987.

NARCY, M. "*Cratyle* par lui-même". *Revue de Philosophie Ancienne* 5, 1987.

PALMER, M.D. "Names, reference and correctness in Plato's *Cratylus*". *American Univers. Stud. Serv.* 55, Bern Lang, 1989.

PAVIANI, J. "*Escrita e linguagem em Platão*". Porto Alegre, Edipucrs, 1993.

PEREIRA, J.A. "Da Filosofia da Linguagem no *Crátilo* de Platão. 2008. In: www.lusofia.net , p. 1-16.

PFEIFER, W.M. "True and false speech in Plato's *Cratylus* 385b-c". *Canadian Journal of Philosophy* 2, 1972.

PRUDENCIO, J.B. Nominadores bárbaros y el nome de los dioses: uma glosa al *Crátilo* de Platón. *Revista e Ciencias de las Religiones* 12, 2007, p. 29-53.

PULLEYN, S. "The power of names in classical greek religion". *The Classical Quarterly*, New Series, v. 44, n. 1, 1994, p. 17-25.

REDONDO, J.M. "Las travessuras de Hermes: ¿Conocimiento más allá del lenguaje?".

Revista Digital Universitaria, v.9, n° 12. UNAM, 2008, p. 1-13.

REED, N.H. "Plato on flux, perception and language". In: *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, N.S. 21, 1975, p. 65-81.

RICHARDSON, M. "True and false names in *Cratylus*". *Phronesis* 21, 1976, p. 135-145.

ROBINSON, R. "A criticism of Plato's *Cratylus*". *The Philosophical Review*, vol. 65, n°3, 1956, 324-341. ou *Essays in Greek Philosophy*, Oxford, 1969, p. 324-341.

_____. "The theory of names in Plato's *Cratylus*". In: *Revue Internationale de Philosophie (Études Platoniciennes)* 32, 1955.

_____. "Κρόνον, Κορόννο and Κρονούον in Plato's *Cratylus*". In: AYRES, L. (org). *The Passionate Intellect*, New Brunswick and London, 1955, p. 57-66.

ROSE, L.E. "On hypothesis in the *Cratylus* as an indication of the place of the dialogue in the sequence of dialogues". *Phronesis* 9, 1964, p. 114-116.

ROSENSTOCK, B. "Fathers and Sons, irony in the *Cratylus*". *Arethusa* 25, 1992, p. 385-417.

ROSS, D. "The date of Plato's *Cratylus*". *Revue Internationale de Philosophie* 9, 1955, p. 187-196.

RUMSAY, W. "Plato in the *Cratylus* on speaking, language and learning", HPHQ IV, 1987.

RUSTEN, J.S. "Interim notes on the papyrus from Derveni". *Harvard Studies in Classical Philology*, 89, 1985, p. 121-140.

SACHS, J. "Observations on Plato's *Cratylus*". *Transactions of the American Philological Association*, 1869-1896, v. 9, 1898, p. 59-68.

SAMBURSKY, S. "A Democritean metaphor in Plato's *Cratylus*". *Phronesis* 4, 1959, 1-4.

SCHOFIELD, M. "A displacement in the text of the *Cratylus*". *Classical Quarterly*, 22, 1972, p. 246-253.

SEDLEY, D. "Plato's *Cratylus*. *Cambridge Studies in the Dialogues of Plato*. Cambridge, 2003.

_____. "The etymologies in Plato's *Cratylus*". *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 118, 1998, p. 140-154.

SHOREY, "On Plato's *Cratylus* 389d". *Classical Philology*, vol.14, jan.1919.

SILVERMAN, A. "Plato's *Cratylus*. The naming of nature and the nature of naming". *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, X, 1992, p. 25-71.

- SLINGS, S.R. Plato, "Cratylus", 417c. *Mnemosyne*, v. 29, n. 1, 1976, p. 42-51.
- SONTAS, F. "The Platonist concept of language". *The Journal of Philosophy* 51, 1954.
- SOULEZ, A. *La grammaire philosophique chez Platon*. P.U.F. , Paris, 1991.
- THAYER, H.S. Plato: the theory and language of function. *The Philosophical Quarterly*, v. 14, n. 57, 1964, p. 303-318.
- THOMAS, C.J. "The case of etymologies in Plato's *Cratylus*". *Philosophy Compass* 2/2, 2007, p. 218-226.
- THORTON, M.T. "Knowledge and flux in Plato's *Cratylus*". *Dialogue* VIII, 1970, p. 581-591.
- VALLEJO, C.A. "La convencionalidad de lenguaje de los presocraticos al Cratilo de Platon". Granada. 1980.
- VANDEVELD, P. "Le statut de l'etymologie dans le *Cratyle* de Platon". In: *Les Études Classiques*. Tomo 55, v. 2, 1987.
- VRIES, J.G. "Notes on some passages of the *Cratylus*". *Mnemosyne*. 5, IV, VIII, 1955, p. 209-297.
- WEINGARTEN, R. "Making sense of the *Cratylus*". *Phronesis* 15, 1970, p. 5-25.
- WHITE, F.C. "On essences in the *Cratylus*". *The Southern Journal of Philosophy* 16, 1978, p. 259-274.
- WILLIAMS, B. "'Cratylus' theory of names and its refutation". In: *Language and Logos*, Cambridge, 1982.